

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE ARTES – CEART
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

JUSSARA BELCHIOR SANTOS

INVESTIGAÇÕES PESADAS:
MAIS DE 100 QUILOS DE EXPERIÊNCIAS, CONTRADIÇÕES E CRIAÇÕES DE
SABERES GORDO NA DANÇA

FLORIANÓPOLIS
2022

JUSSARA BELCHIOR SANTOS

**INVESTIGAÇÕES PESADAS:
MAIS DE 100 QUILOS DE EXPERIÊNCIAS, CONTRADIÇÕES E CRIAÇÕES DE
SABERES GORDO NA DANÇA**

Tese de Doutorado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Artes
Cênicas, no Centro de Artes da
Universidade do Estado de Santa Catarina
como requisito para obtenção do título de
Doutora em Artes Cênicas.
Orientadora: Dr^a Fátima Costa de Lima

**FLORIANÓPOLIS
2022**

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da
Biblioteca Central/UDESC,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

Belchior Santos, Jussara

Investigações pesadas : mais de 100 quilos de experiências,
contradições e criações de saberes gordo na dança / Jussara Belchior
Santos. -- 2022.

216 p.

Orientadora: Fatima Costa de Lima

Tese (doutorado) -- Universidade do Estado de Santa Catarina,
Centro de Artes, Design e Moda, Programa de Pós-Graduação em
Teatro, Florianópolis, 2022.

1. Bailarina gorda. 2. Ativismo gordo. 3. Saber gordo. 4. Peso
Bruto. 5. Manada. I. Lima, Fatima Costa de. II. Universidade do
Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Design e Moda,
Programa de Pós-Graduação em Teatro. III. Título.

JUSSARA BELCHIOR SANTOS

**INVESTIGAÇÕES PESADAS:
MAIS DE 100 QUILOS DE EXPERIÊNCIAS, CONTRADIÇÕES E CRIAÇÕES DE
SABERES GORDO NA DANÇA**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, no Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina como requisito para obtenção do título de Doutora em Artes Cênicas.

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Prof^a Dr^a Fátima Costa de Lima
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membros:

Prof^a Dr^a Maria Luisa Jimenez Jimenez
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof^a. Dr^a Ana Maria Alonso Krischke
Universidade Federal de Goiás

Prof^a. Dr^a Daiane Dordete Steckert Jacobs
Universidade do Estado de Santa Catarina

Prof^a. Dr^a Zilá Maria Muniz
Universidade do Estado de Santa Catarina

Dedico este trabalho à todas as pessoas gordas.
Que nossa experiência pese pelo mundo, que
nossas dores sejam contrapeso para o impulso
de nossos saberes e posicionamentos gordos.

AGRADECIMENTOS DE PESO

Escrevo aqui um agradecimento bem pesado. Um peso que não significa uma culpa da qual quero me livrar, mas sim uma sensação corporal que gostaria de mostrar. Sinto-me pesadíssima, carregada de ensinamentos, provocações e afetos.

Agradeço à minha mãe por ter me colocado nas aulas de balé quando eu ainda era sua princesinha, por me apoiar mesmo quando ela achava que viver de dança seria viver no conto de fadas e por me ensinar a construir e gerir meu próprio castelo. Agradeço a meu pai por ter me mostrado que poderia ser uma princesa ao revés, quando cantava para mim “era uma vez, uma princesinha, que beijou o sapo e virou rãzinha” - canção *Era uma vez* (1979), de Décio Marques. Eu tenho muita saudade pai. Agradeço também a meu irmão Jorge e minha madrinha Onilda, pela convivência, acolhimento e carinho constante.

Agradeço à minha orientadora Dra. Fátima Costa de Lima, por despertar um senso crítico mais apurado no meu modo de pesquisar, desde quando fui sua aluna durante o Mestrado até as escolhas na escrita desta tese.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo recurso financeiro que possibilitou essa pesquisa e

Agradeço às pessoas que compõem a banca de avaliação desse trabalho, Daiane Dordete, Zilá Muniz, Malu Jimenez e Ana Alonso, pelo respeito e incentivo; pelos professores suplentes Anderson do Carmo e Everton Lampe, pela parceria e ao professor Ivan Delmato pelo acompanhamento no dia da defesa.

Agradeço à minha orientadora durante a graduação Gaby Imparato, a quem tenho a impressão de nunca ter agradecido devida ou suficientemente. Comecei a formular meu projeto de Iniciação Científica enquanto assistia sua defesa de doutorado, fiquei tão impactada que quando fui parabenizá-la soltei um “obrigada” ao invés de “parabéns”. Depois, ela me acolheu como sua orientanda e foi absolutamente generosa em suas leituras, sugestões e correções. Apresentou-me o gosto umami da pesquisa artístico-acadêmica.

Agradeço a Marcos Klann pela amizade duradoura, as parcerias de trabalho, as cervejas de fim de tarde e os comentários francos.

Agradeço a Anderson do Carmo (novamente) pela parceria pesada e pela influência com seu jeito destemido, debochado e inteligente.

Agradeço a Dimitri Camorliga, Joana Kretzer Brandenburg, Cassiana dos Reis Lopes e Soraya Portela pela colaboração determinada no momento que minha vida deu uma grande reviravolta.

Agradeço ao coletivo MANADA: Alisson Feuser, Bruna Puntel, Everton Lampe, Gaia Colzani, Geruza Bandeira, Noam Scapin, Thaís Putti e Uila Roldan; por todas as conversas sobre ser uma pessoa gorda – tanto nos aspectos mais íntimos como nos mais públicos – e incentivo pela constante invenção sobre o que é estar em coletivo.

Agradeço ao coletivo Escrita Performativa pelos estímulos, pelas risadas e por me reconectarem com minha paixão pela escrita. À Ines Saber por todas as horas de estudos compartilhadas e por me lembrar que não vou “salvar o mundo das cáries”, à Franciele Aguiar pela escuta atenta e paciente e comentários elucidativos e generosos, e à Luane Pedroso pela praticidade nos momentos necessários e pelo plano de dançar juntas com bambolês.

Agradeço a todas as parcerias de trabalho que venho fazendo nos últimos anos, nas partilhas em processos criativos, nas trocas em rodas de conversa e nas críticas que fazem a gente não se acomodar.

Agradeço ao Grupo Cena 11 Cia de Dança por ter sido minha segunda casa durante dez anos da minha vida.

Agradeço a artistas que trabalham a partir da gordura de seus corpos lutando para que pessoas gordas deixem de ser excluídas e humilhadas.

Agradeço às pessoas que cruzaram minha formação artística, colegas gordas e não gordas, professoras e professores da infância e adolescência, com quem entendi que dançar apenas nas apresentações de final do ano não era suficiente. Às colegas, professoras e professores no Núcleo de criação e difusão em Dança (atual Escola Livre de Dança de Santo André) e da graduação em Comunicação e Artes do Corpo na PUC/SP, com quem percebi a dança contemporânea como prática de pesquisa e posicionamento no mundo e não um estilo a ser seguido; e também as pessoas do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Udesc, da secretária, até o corpo docente e discente, pelos encontros, soluções e debates.

Agradeço à Shiro e ao Zuko, que me lembram todos os dias sobre cuidado, paciência e prazer nas pequenas coisas.

Agradeço a André Scaff por me ensinar um outro olhar para o tempo-espço, pelo impulso de perceber o passado com orgulho, pelo convite a estar no presente com paixão e por se lançar comigo para um futuro planejado e inesperado.

RESUMO

O presente trabalho investiga o ativismo gordo a partir das experiências em arte da bailarina gorda Jussara Belchior Santos, autora da tese. Por ser uma pessoa gorda desde a infância, sua história também faz parte das narrativas que compõem esta escrita. A tese atravessa diferentes questões pertinentes a discussão do ativismo gordo como a acessibilidade, a representatividade e a despatologização do corpo gordo a partir de ações cênicas. São narradas as experiências de conversa com o público após as apresentações dos espetáculos *Peso Bruto* (2017), *SOB Medida* (2017), o trabalho com o coletivo artístico gordo MANADA e com o artista Anderson do Carmo. Tanto as obras quanto as discussões que elas proporcionam são tidas como modos de combater a gordofobia. Pesquisadoras gordas de diversos campos do conhecimento são referências para esse debate, como: Maria Luiza Jimenez-Jimenez, Natália Rangel, Charlotte Cooper, Virgie Tovar, Kelly Jean Drinkwater entre outras. Nesta reflexão, as estratégias de ação desenvolvidas frente as situações opressoras e violentas do dia a dia transformam dor em posicionamento crítico, visando assim dismantelar a normatividade que regula como os corpos devem ser e se comportar. O objetivo é apresentar a noção de saber gordo que se constrói na vivência de uma pessoa gorda.

Palavras-chave: Bailarina gorda; Ativismo Gordo, Saber Gordo; *Peso Bruto*, MANADA.

ABSTRACT

The present work investigates Fat Activism from the art experiences of the fat ballerina Jussara Belchior Santos, author of the thesis. For being a fat person since childhood, her story is also part of the narratives that composes this writing. The thesis goes through different issues relevant to the discussion of fat activism such as accessibility, representativeness and the depathologization of the fat body from the perspective of live arts. The experiences of conversation with the public after the performances *Peso Bruto* (2017), *SOB Medida* (2017), the work with the fat artistic collective MANADA and the partnership with artist Anderson do Carmo are narrated. Both the art pieces and the discussions they provide are seen as ways of fighting fatphobia. Fat researchers from different fields of knowledge are references for this debate, such as: Maria Luiza Jimenez-Jimenez, Natália Rangel, Charlotte Cooper, Virgie Tovar, Kelly Jean Drinkwater, among others. In this reflection, the strategies developed in the face of oppressive and violent situations of everyday life transforming pain into a critical positioning, thus aiming to dismantle the normativity that regulates how bodies should be or behave. The objective is to present the concept of Fat Knowledge that is built in the experience of a fat person.

Keywords: Fat Ballerina; Fat Activism; Fat Knowledge; MANADA; *Peso Bruto*.

Índice de Imagens

Imagem 1 - <i>Peso Bruto</i> (2017), de Jussara Belchior. Foto de Nityama Macrini, 2018. Fonte: acervo da autora.....	18
Imagem 2 - <i>SOB Medida</i> (2017), de Gaia Colzani. Com Jussara Belchior e Bruna Puntel. Foto de Uila Roldan, 2019. Fonte: acervo da autora.	20
Imagem 3 - <i>reparar arquivos - ¡T.R.A! (trabalho remoto adiposo [ou] técnicas para retardar a antecipação)</i> (2021), de Jussara Belchior e Anderson do Carmo. Fonte: <i>print screen</i> elaborado pela autora.....	22
Imagem 4 - Ensaio de <i>MOPP (manuseio operacional de produtos perigosos)</i> (2018), de Bruna Puntel. Da esquerda para direita: Geruza Bandeira, Everton Lampe, Uila Roldan, Thaís Putti, Jussara Belchior e Noam Scapin. Foto de Bruna Puntel, 2018. Fonte: acervo da autora.....	23
Imagem 5 - <i>Gastar você - ¡T.R.A! (trabalho remoto adiposo [ou] técnicas para retardar a antecipação)</i> (2021), de Jussara Belchior e Anderson do Carmo. Fonte: elaborado pela autora.	24
Imagem 6 - <i>Peso Bruto</i> (2017) de Jussara Belchior. Foto de Elenize Dezgeniski, 2018. Fonte: acervo da autora.....	25
Imagem 7 - <i>MOPP (manuseio operacional de produtos perigosos)</i> (2018), de Bruna Puntel. Da esquerda para direita: Thaís Putti, Jussara Belchior, Uila Roldan, Everton Lampe, Geruza Bandeira e Noam Scapin. Foto de Jerusa Mary. Fonte: acervo da autora.	26
Imagem 8 - Ensaio de <i>Peso Bruto</i> (2017), solo de Jussara Belchior. Foto de Cassiana dos Reis Lopes, 2017. Fonte: acervo da autora.....	27
Imagem 9.....	38
Imagem 10 - <i>Gordofobia verbete</i> (2021). Fonte: elaborado pela autora.	47
Imagem 11 - Programa de estreia de <i>Peso Bruto</i> , Sesc Prainha, abril de 2017. Designer: Marcos Klann. Fonte: acervo da autora da tese.....	56
Imagem 12 - <i>Dançar uma pausa</i> , colagem com imagens de <i>Peso Bruto</i> . Proposição visual: Jussara Belchior (2020). Fonte: arquivo pessoal da autora da tese.	61
Imagem 13 - <i>Marcar a pele</i> , colagem de imagens da cena de escrita na pele, 2021. Arte visual: Jussara Belchior. Fonte: arquivo pessoal da autora da tese.	82
Imagem 14 - <i>Reflexões diárias</i> (2021). Fonte: elaborado pela autora.	88
Imagem 15 - <i>Norma verbete</i> (2022). Fonte: elaborado pela autora.....	97
Imagem 16 - <i>Baleia</i>	114

Imagem 17 - Baleal, colagem de imagens de ensaio de M.O.P.P, Coletivo MANADA, 2018	
Arte visual: Jussara Belchior. Fotógrafa: Bruna Puntel. Fonte: arquivo pessoal da autora ...	137
Imagem 18 - Desnudar-se: colagem de imagens que destacam os figurinos em <i>Peso Bruto</i> . Arte visual: Jussara Belchior. Fonte: acervo pessoal da autora.....	156
Imagem 19 - <i>Estação da Vênus</i> , em <i>Luxuosas ficções para o fracasso</i> (2019), de Gabriel Machado, Gustavo Bitencourt, Jussara Belchior, Mari Paula, Princesa Ricardo, Ricardo Nolasco e Rubia Romani. Foto de Cibelle Gaidus, 2019. Fonte: acervo da autora	162
Imagem 20 - Medidas 1992. Foto de Maria Belchior, 2021. Acervo da autora.....	179
Imagem 21 - Convivência aliada 1 (2021). Fonte: elaborado pela autora.....	191
Imagem 22 - Convivência aliada 2 (2021). Fonte: elaborado pela autora.....	192
Imagem 23 - <i>Siga pessoas gordas</i> (2022). Fonte: elaborado pela autora.....	183
Imagem 24 - <i>Saber gordo verbete</i> , 2022. Fonte: elaborado pela autora.	208

Sumário

1kg Mapa engordurado	15
2kg Zonas engorduradas	18
3kg Bailarina gorda	27
4kg Panorama	28
5kg Temática do peso	29
6kg <i>Teaser</i> e vídeo completo.....	31
7kg Escrita em quilos	32
8kg Encontros que pesam e reverberam	33
9kg Metodologias e epistemologias gordas.....	34
10kg Aproximações com autoetnografia	36
11kg Pesadas.....	37
12kg Pesando com teorias feministas	39
13kg Para uma escrita bruta.....	41
14kg Narrativas de peso	43
15kg Fragmentos pesados para uma dança inacabada.....	45
16kg Gordofobia - verbete.....	47
17kg Você conhece o conceito de gordofobia?	48
18kg Gordofobia X pressão estética	49
19kg Quem define os padrões corporais?	51
20kg Vigias do peso	53
21kg Mas afinal, o que é ativismo gordo?.....	55
22kg Peso Bruto.....	56
23kg Descrição pesada	57
24kg Dançar uma pausa.....	61
25kg Silêncio	62

26kg Dançar as contradições	64
27kg Criança gorda.....	67
28kg E se?.....	70
29kg Aceitar-se?	71
30kg Ativismo gordo x movimento <i>body positive</i>	74
31kg Palatável.....	76
32kg Medidas de diálogo.....	78
33kg Marcar a pele	81
34kg nossa história contada por nós mesmas	83
35kg Falta representatividade	84
36kg Representatividade importa	86
37kg Não dá para ir sozinha	88
38kg Protagonismo e suas lógicas perversas	89
39kg Sobre lugar de fala	91
40kg Era você sim!	92
41kg Gordas experiências.....	93
42kg Lista fora da norma.....	95
43kg Norma – verbete	97
44kg Quanto mais perto da norma, mais privilégios	98
45kg Princesa.....	100
46kg Peso x leveza	102
47kg Carta pesada.....	104
48kg Talvez a leveza seja o meu demônio	107
49kg Bruta	109
50kg Baleia.....	112
51kg <i>Pe(n)sar</i>	115
52kg A dança é subjetiva?	117

53kg Na ponta dos pés.....	118
54kg Leve e romântica	120
55kg Exercício para percepção do peso	123
56kg Poder me mover.....	124
57kg Banha em movimento.....	126
58kg Desafiar a norma.....	127
59kg Papo plástico.....	129
60kg O pavor do banquinho de plástico	132
61kg Normatividade capacitista	134
62kg Questões de fazer tremer	135
63kg Baleal	137
64kg Qual a sua reação?	138
65kg Quem ri das nossas histórias?	139
66kg Qual a graça?	142
67kg Corpo gordo em festa	143
68kg Corpos desobedientes	144
69kg Fofa.....	147
70kg Boa ou má.....	149
71kg O amigo gordo.....	151
72kg Hipervisíveis.....	153
73kg Gordas sem culpa	155
74kg Desnudar-se	156
75kg Nudez gorda.....	157
76kg Vênus	161
77kg Sensualidade flácida	163
78kg Mila.....	165
79kg O zêlo e a gula	166

80kg Magra ou gorda!!!???	168
81kg <i>Plus</i>	170
82kg Consumidora <i>plus size</i>	172
83kg Gorda sou.....	173
84kg É gorda mesmo	175
85kg Percepção e empoderamento	176
86kg Empoderadas	177
87kg Medo da balança	179
88kg Ter corpo x ser corpo.....	181
89kg Siga pessoas gordas	183
90kg Desabafo ou Esbarrando com o inimigo ou criando meios de resistir na coletividade .	184
91kg O caso Jô Soares	186
92kg Urgência aliada	187
93kg Um espelho	188
94kg Diálogos de peso.....	189
95kg Convivência aliada	191
96kg Peso, pesadelo da pandemia	193
97kg Dialética do peso	195
98kg Vocabulário de peso	196
99kg Arte leve	197
100kg Tensão e relaxamento	200
101kg Exercício para a percepção da gordura.....	202
102kg Carta a artistas gordas.....	203
103kg Futuro gordo	205
104kg Arquivo gordo.....	206
105kg Saber gordo.....	208
106kg Pesagem	209

REFERÊNCIAS	211
-------------------	-----

1kg Mapa engordurado

O presente *mapa engordurado* é uma outra forma de apresentar os textos que compõem esta tese. Penso que o sumário tradicional exposto acima, com a listagem dos subtítulos e suas respectivas páginas, não parece ser suficiente para ajudar as pessoas que vão ler este trabalho a encontrar as temáticas específicas de cada trecho. Proponho, então, este *mapa engordurado*, com o objetivo de apresentar os fragmentos que compõem esta tese a partir de temáticas específicas que estão relacionadas com a luta gorda e o fazer artístico.

Para tanto, crio agrupamentos de fragmentos a partir de uma organização que chamo de *zonas de gordura*. Cada uma dessas zonas é um campo temático que pode ser acessado de forma independente. Esse mapeamento se faz necessário também porque essas temáticas estão emaranhadas ao longo da tese e não separadas em capítulos específicos. Além disso, os títulos dos fragmentos são às vezes mais poéticos que explicativos – dependendo muito da natureza e temática de cada fragmento – até porque os fragmentos são, em certa medida, curtos e não combinam com subtítulos longos e explicativos.

Desde o início do doutoramento, o plano foi escrever mais de cem fragmentos e cada um desses representa um quilo do meu corpo. No final, a tese tem um peso muito próximo ao meu, isto é, 105 fragmentos-quilo. Ao longo desta escrita, decidi também por não me comprometer em escrever uma tese que pese exatamente o mesmo que eu, pois o peso do corpo é, geralmente, algo fluido e transitório e essa oscilação pode ser decorrente de muitos fatores, como: genéticos, emocionais, econômicos, culturais e geográficos. Bem sei que durante esses últimos quatro anos meu peso variou bastante e seria frustrante limitar minha escrita a um número exato de quilos quando o que pretendo é apresentar o peso como uma categoria movente e impulsionadora e não como algo fixo e paralisante. Também não quis criar para mim uma experiência traumática de ficar vigiando meu peso subindo em balanças de farmácias quaisquer. Muitas pessoas, em especial pessoas gordas, sabem como isso pode ser um gatilho para ansiedades, desconfortos e desequilíbrios emocionais. Além disso, a tensão de escrever uma tese já é grande o suficiente.

Para mapear as *zonas de gordura* proponho as temáticas:

#dança gorda;
#metodologias e estratégias de peso;
#conceitos pesados;
#gordofobia na infância e adolescência;
#criticar a norma;
#acessibilidade e mobilidade;
#coletividade gorda.

Assim, quem se interessar por uma zona específica pode escolher um outro caminho de leitura da tese. Ao final de cada fragmento-quilo tem uma lista de *hashtags* das *zonas de gordura* ali interseccionadas, permitindo a quem lê retornar ao mapeamento dessas zonas e buscar por fragmentos-quilo que se aproximam da discussão ali presente.

Alguns fragmentos-quilo trabalhados na tese cruzam mais de uma temática, ou seja, ocupam mais de uma *zona de gordura*. Dessa forma, este mapeamento, acaba se tornando mais pesado que eu, o que me parece coerente com a temática do peso que é ampla e interdisciplinar e, assim como a gordura, tende a expandir os limites os quais ela parecia estar confinada. No entanto, reforço que nesta proposta cada fragmento-quilo tem o mesmo peso, independentemente de seu tamanho, formato ou quantidade de zonas que ocupa. Isso implica que não há um fragmento-quilo mais pesado com sentido de mais importante que outro, e sim que a interseccionalidade das discussões faz tal fragmento-quilo pesar para uma ou várias direções.

Acredito também, que a proposta deste mapa apresenta uma forma de escrita acadêmica performativa¹, que aposta em outras lógicas de leitura e organização do pensamento além da lógica da continuidade linear na organização sequencial em páginas. A leitura linear, da primeira até a última página concebida aqui não é aleatória, mas acarreta um tipo de experiência diferente de quem se interessar por ler esta tese aos bocados, comendo pelas beiradas ou começando pelo recheio. Não é uma linearidade no sentido dramático de início, clímax e resolução final, nem historicista, começando pelos relatos do início do movimento gordo

¹ Desde 2019 faço parte do Coletivo Escrita Performativa em parceria com Franciele Aguiar, Ines Saber e Luane Pedroso. Temos organizado oficinas e projetos de editoração a partir de nosso interesse em pesquisar modos de escritas que integram forma e conteúdo de seus processos artísticos nas publicações acadêmicas. Mais informações disponíveis em: <https://www.instagram.com/escritaperformativa/>, acesso em 06 dez. 2021.

ativista até as pautas mais atuais ou da minha infância até a fase adulta, mas sim um outro tipo de organização, que se faz no cruzamento entre temáticas e temporalidades. Nota-se, contudo, que a sucessão de fragmentos-quilo está posta em uma sequência numérica ordinal, uma escolha arbitrária que facilita a organização do conteúdo.

Os estudos da gordura corporal têm se construído em diferentes campos do saber, assim, oferecer outras formas de acessá-los permite que esta não seja uma escrita apenas para pessoas acadêmicas. A luta gorda precisa ser feita em parceria com os diversos saberes gordos e esta escrita se molda na direção de encontrar parcerias em diferentes campos do conhecimento. Meu desejo é deixar flácidas as paredes da universidade, assim como a gordura deixa flácida a pele da minha barriga, e ocupar outros espaços, assim como a gordura invade as brechas que encontra (ou fabrica) no caminho podendo assim, ser útil na luta antigordofobia que se faz contra um sistema opressor.

#metodologias e estratégias de peso

2kg Zonas engorduradas

#dança gorda

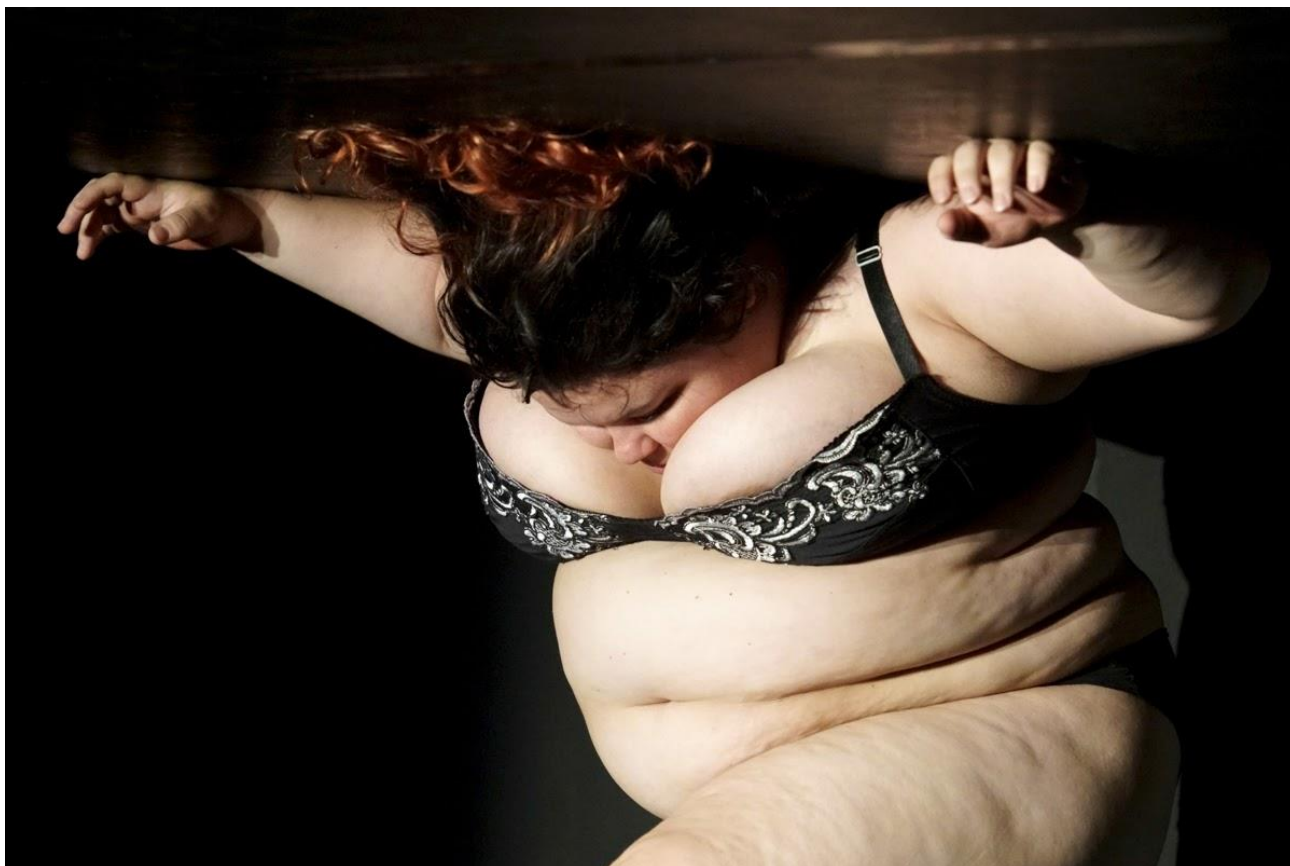


Imagem 1 - *Peso Bruto* (2017), de Jussara Belchior. Foto de Nityama Macrini, 2018. Fonte: acervo da autora

[3kg Bailarina gorda](#)

[5kg Temática do peso](#)

[6kg Teaser e vídeo completo](#)

[7kg Escrita em quilos](#)

[11kg Pesadas](#)

[15kg Fragmentos pesados para uma dança](#)

[inacabada](#)

[22kg Peso Bruto](#)

[23kg Descrição pesada](#)

[24kg Dançar uma pausa](#)

[25kg Silêncio](#)

[26kg Dançar as contradições](#)

[29kg Aceitar-se?](#)

[32kg Medidas de diálogo](#)

[33kg Marcar a pele](#)

[34kg nossa história contada por nós mesmas](#)

[35kg Falta representatividade](#)

[37kg Não dá para ir sozinha](#)

[47kg Carta pesada](#)

[49kg Bruta](#)

[50kg Baleia](#)

[51kg Pe\(n\)sar](#)

[52kg A dança é subjetiva?](#)

[53kg Na ponta dos pés](#)
[54kg Leve e romântica](#)
[55kg Exercício para percepção do peso](#)
[56kg Poder me mover](#)
[57kg Banha em movimento](#)
[59kg Papo plástico](#)
[60kg O pavor do banquinho de plástico](#)
[61kg Normatividade capacitista](#)
[63kg Baleal](#)
[67kg Corpo gordo em festa](#)
[72kg Hipervisíveis](#)
[74kg Desnudar-se](#)

[75kg Nudez gorda](#)
[76kg Vênus](#)
[77kg Sensualidade flácida](#)
[78kg Mila](#)
[79kg O zelo e a gula](#)
[85kg Percepção e empoderamento](#)
[89kg Siga pessoas gordas](#)
[100kg Tensão e relaxamento](#)
[101kg Exercício para a percepção da
gordura](#)
[104kg Arquivo gordo](#)
[106kg Pesagem](#)

#metodologias e estratégias de peso



Imagem 2 - *SOB Medida* (2017), de Gaia Colzani. Com Jussara Belchior e Bruna Puntel. Foto de Uila Roldan, 2019. Fonte: acervo da autora.

[1kg Mapa engordurado](#)

[5kg Temática do peso](#)

[7kg Escrita em quilos](#)

[8kg Encontros que pesam e reverberam](#)

[9kg Metodologias e epistemologias gordas](#)

[10kg Aproximações com autoetnografia](#)

[12kg Pesando com teorias feministas](#)

[13kg Para uma escrita bruta](#)

[14kg Narrativas de peso](#)

[15kg Fragmentos pesados para uma dança inacabada](#)

[17kg Você conhece o conceito de gordofobia?](#)

[21kg Mas afinal, o que é ativismo gordo?](#)

[26kg Dançar as contradições](#)

[34kg nossa história contada por nós mesmas](#)

[37kg Não dá para ir sozinha](#)

[39kg Sobre lugar de fala](#)

[41kg Gordas experiências](#)

[42kg Lista fora da norma](#)

[44kg Quanto mais perto da norma, mais privilégios](#)

[45kg Princesa](#)

[47kg Carta pesada](#)

[48kg Talvez a leveza seja o meu demônio](#)

[55kg Exercício para percepção do peso](#)

[58kg Desafiar a norma](#)

[65kg Quem ri das nossas histórias?](#)

[66kg Qual a graça?](#)

[67kg Corpo gordo em festa](#)

[71kg O amigo gordo](#)

[77kg Sensualidade flácida](#)

[78kg Mila](#)

[79kg O zêlo e a gula](#)

[80kg Magra ou gorda!!!???](#)

[85kg Percepção e empoderamento](#)

[86kg Empoderadas](#)

[89kg Siga pessoas gordas](#)

[88kg O caso Jô Soares](#)

[91kg Diálogos de peso](#)

[92kg Convivência aliada](#)

[100kg Tensão e relaxamento](#)

[101kg Exercício para a percepção da
gordura](#)

[104kg Arquivo gordo](#)

[106kg Pesagem](#)

#conceitos pesados



Imagem 3 - *reparar arquivos - jT.R.A! (trabalho remoto adiposo [ou] técnicas para retardar a antecipação)* (2021), de Jussara Belchior e Anderson do Carmo. Fonte: print screen elaborado pela autora.

[16kg Gordofobia - verbete](#)

[17kg Você conhece o conceito de gordofobia?](#)

[18kg Gordofobia X pressão estética](#)

[21kg Mas afinal, o que é ativismo gordo?](#)

[30kg Ativismo gordo x movimento body positive](#)

[31kg Palatável](#)

[35kg Falta representatividade](#)

[36kg Representatividade importa](#)

[38kg Protagonismo e suas lógicas perversas](#)

[43kg Norma – verbete](#)

[46kg Peso x leveza](#)

[47kg Carta pesada](#)

[48kg Talvez a leveza seja o meu demônio](#)

[50kg Baleia](#)

[51kg Pe\(n\)sar](#)

[52kg A dança é subjetiva?](#)

[64kg Qual a sua reação?](#)

[68kg Corpos desobedientes](#)

[69kg Fofa](#)

[72kg Hipervisíveis](#)

[73kg Gorda sem culpa](#)

[80kg Magra ou gorda!!!!???](#)

[81kg Plus](#)

[83kg Gorda sou](#)

[84kg É gorda mesmo](#)

[86kg Empoderadas](#)

[88 kg Ter corpo x ser corpo](#)

[94kg Diálogos de peso](#)

[97kg Dialética do peso](#)

[98kg Vocabulário de peso](#)

[99kg Arte leve](#)

[103kg Futuro gordo](#)

[104kg Arquivo gordo](#)

[105kg Saber gordo](#)

[106kg Pesagem](#)

#infancia_adolescencia



Imagem 4 - Ensaio de *MOPP (manuseio operacional de produtos perigosos)* (2018), de Bruna Puntel. Da esquerda para direita: Geruza Bandeira, Everton Lampe, Uila Roldan, Thaís Putti, Jussara Belchior e Noam Scapin. Foto de Bruna Puntel, 2018. Fonte: acervo da autora.

[26kg Dançar as contradições](#)

[27kg Criança gorda](#)

[28kg E se?](#)

[29kg Aceitar-se?](#)

[32kg Medidas de diálogo](#)

[53kg Na ponta dos pés](#)

[68kg Corpos desobedientes](#)

[69kg Fofa](#)

[71kg O amigo gordo](#)

[87kg Medo da balança](#)

[93kg Um espelho](#)

[104kg Arquivo gordo](#)

[106kg Pesagem](#)

#criticar a norma



Imagem 5 - *Gastar você - ;T.R.A! (trabalho remoto adiposo [ou] técnicas para retardar a antecipação)* (2021), de Jussara Belchior e Anderson do Carmo. Fonte: elaborado pela autora.

[4kg Panorama](#)

[16kg Gordofobia - verbete](#)

[19kg Quem define os padrões corporais?](#)

[20kg Vigias do peso](#)

[34kg nossa história contada por nós mesmas](#)

[38kg Protagonismo e suas lógicas perversas](#)

[39kg Sobre lugar de fala](#)

[40kg Era você sim!](#)

[41kg Gordas experiências](#)

[42kg Lista fora da norma](#)

[43kg Norma – verbete](#)

[44kg Quanto mais perto da norma, mais privilégios](#)

[45kg Princesa](#)

[46kg Peso x leveza](#)

[47kg Carta pesada](#)

[51kg Pe\(n\)sar](#)

[54kg Leve e romântica](#)

[57kg Banha em movimento](#)

[58kg Desafiar a norma](#)

[61kg Normatividade capacitista](#)

[65kg Quem ri das nossas histórias?](#)

[66kg Qual a graça?](#)

[70kg Boa ou má](#)

[74kg Desnudar-se](#)

[75kg Nudez gorda](#)

[77kg Sensualidade flácida](#)

[79kg O zelo e a gula](#)

[81kg Plus](#)

[82kg Consumidora plus size](#)

[84kg É gorda mesmo](#)

[87kg Medo da balança](#)

[88 kg Ter corpo x ser corpo](#)

[92kg Urgência aliada](#)

[96kg Peso, pesadelo da pandemia](#)

[98kg Vocabulário de peso](#)

[99kg Arte leve](#)

[100kg Tensão e relaxamento](#)

[103kg Futuro gordo](#)

[104kg Arquivo gordo](#)

[106kg Pesagem](#)

#acessibilidade e mobilidade



Imagem 6 - *Peso Bruto* (2017) de Jussara Belchior. Foto de Elenize Dezgeniski, 2018. Fonte: acervo da autora.

[46kg Peso x leveza](#)

[49kg Bruta](#)

[55kg Exercício para percepção do peso](#)

[56kg Poder me mover](#)

[57kg Banha em movimento](#)

[59kg Papo plástico](#)

[60kg O pavor do banquinho de plástico](#)

[61kg Normatividade capacitista](#)

[62kg Questões de fazer tremer](#)

[72kg Hipervisíveis](#)

[82kg Consumidora plus size](#)

[85kg Percepção e empoderamento](#)

[96kg Peso, pesadelo da pandemia](#)

[100kg Tensão e relaxamento](#)

[101kg Exercício para a percepção da gordura](#)

[104kg Arquivo gordo](#)

[106kg Pesagem](#)

#coletividade gorda



Imagem 7 - MOPP (*manuseio operacional de produtos perigosos*) (2018), de Bruna Puntel. Da esquerda para direita: Thaís Putti, Jussara Belchior, Uila Roldan, Everton Lampe, Geruza Bandeira e Noam Scapin. Foto de Jerusa Mary. Fonte: acervo da autora.

[8kg Encontros que pesam e reverberam](#)

[11kg Pesadas](#)

[14kg Narrativas de peso](#)

[17kg Você conhece o conceito de gordofobia?](#)

[30kg Ativismo gordo x movimento body positive](#)

[31kg Palatável](#)

[32kg Medidas de diálogo](#)

[33kg Marcar a pele](#)

[34kg nossa história contada por nós mesmas](#)

[35kg Falta representatividade](#)

[36kg Representatividade importa](#)

[37kg Não dá para ir sozinha](#)

[54kg Leve e romântica](#)

[58kg Desafiar a norma](#)

[62kg Questões de fazer tremer](#)

[63kg Baleal](#)

[65kg Quem ri das nossas histórias?](#)

[66kg Qual a graça?](#)

[72kg Hipervisíveis](#)

[75kg Nudez gorda](#)

[89kg Siga pessoas gordas](#)

[90kg Desabafo ou Esbarrando com o inimigo ou criando meios de resistir na coletividade](#)

[95kg Convivência aliada](#)

[102kg Carta a artistas gordas](#)

[104kg Arquivo gordo](#)

[106kg Pesagem](#)

3kg Bailarina gorda



Imagem 8 - Ensaio de *Peso Bruto* (2017), solo de Jussara Belchior. Foto de Cassiana dos Reis Lopes, 2017.
Fonte: acervo da autora.

Site: jussarabelchior.com

[#dança gorda](#)

4kg Panorama

Sentada de frente para a tela do computador ela contempla o arquivo de pouco mais de duzentas páginas. Suspira. Um misto de preguiça, cansaço e orgulho de ver seu trabalho ali tomando corpo, ficando pesado. Pensou nos últimos dois anos trancafiada em casa, foram só dois anos mesmo? Parece uma eternidade sentada nessa mesma cadeira, de frente para a tela, essa já não mais a mesma, o computador precisou ser trocado no início do ano. Lembrou-se do primeiro mês de distanciamento físico, aquele que parece ter sido o início da pandemia de Covid-19, quando achou que estar em casa seria ótimo para focar na tese, ledô engano.

Coloca como meta ler cada linha, conferir cada palavra e encorpar o trabalho. Finalizar com aquela sensação de dever cumprido. Aquela qual mesmo? São muitas cobranças, principalmente as que faz a si mesma. Respira fundo e repete uma espécie de mantra. Fui e estou sendo honesta comigo mesma e respeitosa com meu tempo. Veio na cabeça um dos primeiros textos que escreveu no início do doutorado – que foi publicado um tempo depois – desde sempre as estratégias de organização, os malabarismos entre vida acadêmica e vida artista e a rotina de estudos quando frequentava a biblioteca da Universidade.

O que está faltando aqui mesmo? São tantas histórias, tantas questões atravessadas. Mas não é um trabalho atemporal. Não, isso não é mesmo. A gordofobia está marcada na linha do tempo, ela faz parte de um projeto estrutural de controle e segregação de corpos. Ela não entrou mesmo em discussões sobre o desmonte das políticas públicas culturais, nem relatou o medo dos cortes nas bolsas de pesquisa do governo de Bolsonaro, nem tantos outros medos que se instauraram em nossas vidas com a ascensão fascista bolsonarista. Mas o contexto está presente, a luta contra o ódio a mobiliza. Tem uma ação política nessa escrita.

Acende a luz do quarto e digita com a calma de quem sabe que as palavras estão fixadas na página, mas se movendo nos corpos de quem escreve e de quem lê. O texto dança com a precisão de quem sabe o tamanho do passo, com a desenvoltura de quem aproveita o escorregão no final da pisada para se lançar para o desconhecido e com o prazer de quem continua mesmo que o ritmo tenha mudado.

[#criticar a norma](#)

5kg Temática do peso

A temática do peso do corpo com abordagens não pejorativas é recente no Brasil. No campo das Artes Cênicas são poucos os trabalhos² que abordam as especificidades e possibilidades dos corpos pesados, tanto em cena como na academia. No presente trabalho, a pesquisa sobre o peso faz parte da trajetória de desconstrução do olhar depreciativo que é lançado sobre os corpos das pessoas gordas.

Sou uma bailarina gorda, uma mulher de corpo pesado. Desde a infância sinto que meu peso influencia no modo como sou tratada e no que esperam e cobram de mim. Corpos grandes, como o meu, são vistos como corpos errados, que precisam se esforçar para se enquadrar no modelo de corpo hegemônico. Na minha prática em dança passei por essas exigências de adequação desde o início (com seis anos de idade) e de forma muito intensa na adolescência. Ser uma bailarina gorda sempre foi uma questão muito contraditória, tanto pela não autorização de corpos gordos para a dança, quanto pela noção do senso comum de que os corpos gordos têm pouca mobilidade.

Desde o início da minha formação como bailarina, até me tornar bailarina profissional, percebo que acabo provocando o questionamento sobre as possibilidades do corpo gordo. Quando, em 2016, comecei a pesquisar a temática do peso era por causa de uma urgência muito forte, que eu não sabia explicar racionalmente de onde vinha. Afinal, desde sempre sou uma bailarina gorda. Até então, meu peso nunca tinha sido a temática de minha dança. Em abril de 2017 estreei *Peso Bruto*³, trabalho que marca uma virada em minha trajetória artística, direcionando meus interesses para a discussão antigordofobia.

Após a estreia reparei que essa urgência parecia ser coletiva. As pessoas se interessavam em continuar a conversa desencadeada pela dança tanto em questionamentos sobre meu corpo e minha história, como em relatos e reflexões sobre seus próprios corpos e os corpos de pessoas gordas próximas a elas. Esses debates acontecem nas conversas que seguem algumas das apresentações, assim como também em comentários que escuto de espectadores pessoalmente ou que leio nas minhas páginas de redes sociais⁴.

² Algumas referências de artistas que trabalham a partir de sua gordura corporal são a artista visual brasileira Fernanda Magalhães, o performer brasileiro Miro Spinelli, a fotógrafa estadunidense Laura Aguilar e o coletivo brasileiro de dança de mulheres gordas e pretas Zona Agbara.

³ *Peso Bruto* (2017) é o trabalho solo da bailarina gorda Jussara Belchior, autora desta tese. Ao longo deste trabalho será possível se familiarizar com as questões que envolvem esse processo.

⁴ São estas: a página de *Facebook* de *Peso Bruto* e minhas páginas pessoais no *Facebook* e *Instagram*.

Esses debates me marcam muito. Até então, em toda minha experiência como artista eu nunca tinha vivido o reverberar tão intenso de um assunto dançado. Percebi que faço parte de um movimento relativamente recente no Brasil que levanta a onda da discussão antigordofobia e senti que precisava me dedicar a isso. A pesquisa apresentada aqui é de um trabalho que é interdependente da minha pesquisa artística.

Essa sensação de responsabilidade motivou algumas ações como o afastamento do Grupo Cena 11 Cia de Dança⁵, o qual integrei por dez anos, e outras que serão debatidas no decorrer desta tese, como: a proposta da oficina *Dança contemporânea: percepção e empoderamento* – que tenho ministrado tanto presencialmente quanto *online*; a união com outras artistas pesquisadoras gordas em Florianópolis, no coletivo MANADA⁶; o desenvolvimento do projeto *¡T.R.A! (trabalho remoto adiposo [ou] técnicas para retardar a antecipação)*⁷ em parceria com Anderson do Carmo⁸; a aproximação com artistas gordas e gordos de outros países a partir do coletivo Fat Performance Network⁹ e o contato (principalmente online) com outras pesquisadoras gordas¹⁰ de diversos campos do saber.

[#metodologias e estratégias de peso](#)

[#dança gorda](#)

⁵ O Grupo Cena 11 Cia de Dança surgiu e é radicada na cidade de Florianópolis - SC desde 1991. Seus trabalhos de pesquisa e formação confluem teoria e prática no entendimento de dança e atravessam as definições de corpo tratando tecnologia como extensão e expansão do corpo. Mais informações disponíveis em: <https://www.cena11.com.br/>. Acesso em: março de 2020.

⁶ O coletivo MANADA é formado atualmente pelas artistas Bruna Puntel, Gaia Colzani, Jussara Belchior, Thaís Putti e Uila Roldan e desenvolve ações artísticas e debates como a *Mesa redonda, gorda e pesada*. Mais informações disponíveis em: <https://www.instagram.com/manadatreme/>. Acesso em: outubro de 2020.

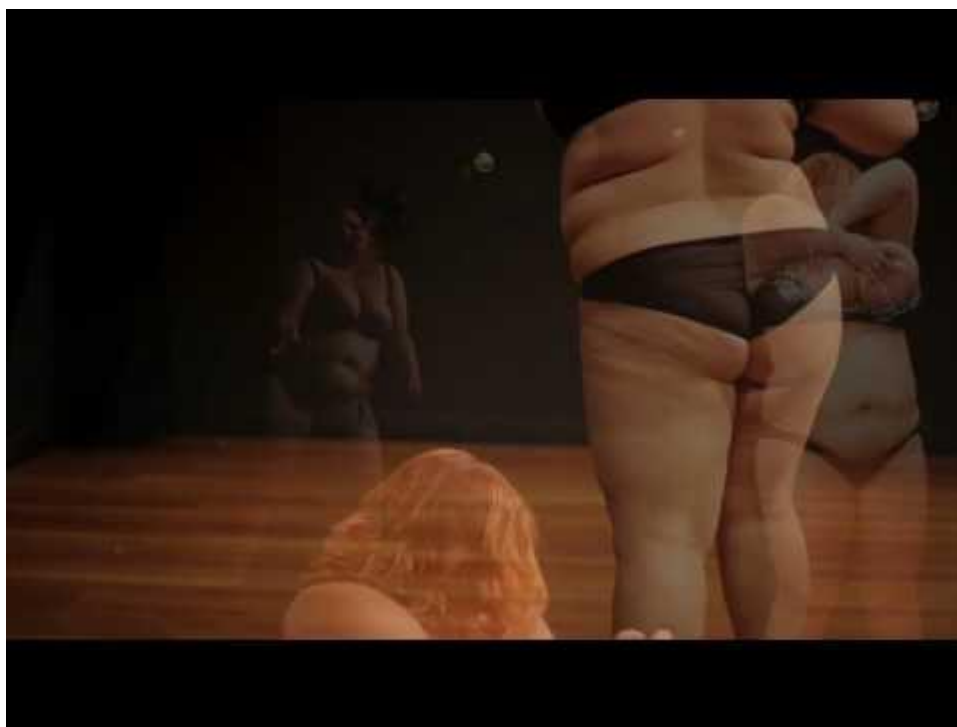
⁷ O projeto *¡T.R.A! (trabalho remoto adiposo [ou] técnicas para retardar a antecipação)* foi desenvolvido durante o ano de 2021 como resposta a onda gordofóbica que se apresentou no início da pandemia de Covid-19 quando medidas de isolamento e distanciamento físico foram adotadas como prevenção da doença e o medo de engordar se mostrou arrebatador. Mais informações disponíveis em: https://www.instagram.com/trabalhoremotoadiposo/?utm_medium=copy_link, acesso em 02 dez. 2021

⁸ Anderson do Carmo é artista e pesquisador das artes. Transita entre as linguagens da dança e do teatro nas funções de dançarino, ator, diretor, coreógrafo e dramaturgista. É doutorando no PPGT-CEART com orientação da professora Dra. Maria Brigida de Miranda e tem produção intelectual publicada em jornais, livros, sites e documentários.

⁹ Fat Performance Network é um grupo de artistas gordas e gordos formado a partir do workshop Fat Performance, ministrado por Gillie Kleiman em parceria com o centro artístico Live Performance Development Agency em Londres, em dezembro de 2020. O grupo tem se reunido uma vez a cada três meses com intuito de discutir arte gorda produzida pelo mundo. Mais informações disponíveis em: <https://fatperformancenetwork.com/>, acesso em 02 dez. 2021.

¹⁰ Atualmente integro os grupos de discussão: *GRUPO GORDE* 🗨️, *GORDOSFERA* 🍷🗨️ e *Coletivo Desencaixa*, todos via *Whatsapp*.

6kg *Teaser* e vídeo completo



Vídeo 1 - *Teaser* de *Peso Bruto* (2017). Realização audiovisual: Cristiano Prim.



Vídeo 2 - *Peso Bruto* (2017). Realização audiovisual: Cristiano Prim.

[#dança gorda](#)

7kg Escrita em quilos

No início da escrita desta tese tive muita dificuldade em fazer um recorte. Pretendia encontrar uma maneira de abordar a luta gorda através das pautas de acessibilidade e despatologização entrelaçadas a minha prática artística e de outras artistas gordas e gordos. Mas, como abordar uma temática tão vasta e quase inexplorada? Até que algo chamou minha atenção. Durante uma aula¹¹ com a turma de Doutorado apresentei meu projeto de pesquisa: um panorama de problemáticas e referências gordas e muitas dúvidas sobre como prosseguir. Então, uma colega disse que eu comentei sobre as conversas com o público de *Peso Bruto* me impactaram, mas que eu não falei o que essas pessoas diziam.

Pensei o quanto essas conversas fazem avançar o debate e que, através delas, tocamos nas questões mais relevantes do movimento gordo. Decidi que a escrita desta tese poderia se dar pela rememoração dessas discussões. Para esses relatos mais antigos tenho acessado principalmente minha memória, porque não tive costume de fazer um diário de processo em que eu pudesse registrar esses momentos nas primeiras apresentações do trabalho. Desde o início de 2019 isso tem sido diferente: preocupo-me com essa forma de documentar tais acontecimentos. Portanto, cruzo memória e relatos feitos em diários para falar sobre questões da arte gorda.

O desafio da escrita se mostra no modo de cruzar esses relatos com a bibliografia gorda que expande as discussões. Interessa-me um cruzamento, no qual descrição, narrativa e teoria são complementares, e não apenas uma justaposição na qual o relato poderia parecer um exemplo dispensável. Esta me parece ser uma escolha metodológica coerente com a minha prática, que passa tanto por um viés artístico quanto por um viés acadêmico. Portanto, para organizar este material parto de relatos de algumas situações que envolvem a temática do peso; e, através desses, torna-se possível abordar as discussões relevantes para o movimento gordo. Opto por uma escrita em fragmentos, que se conectam, se atravessam e se complexificam; no entanto, há independência entre esses. Os fragmentos são apresentados como quilos de um corpo que escreve a história pelo peso, de vivências que materializam saberes. São mais de 100 quilos de tese e de corpo. Esta tese e eu temos, alegoricamente, o mesmo peso.

[#metodologias e estratégias de peso](#)

[#dança gorda](#)

¹¹ Disciplina de *Metodologia em Teatro* ministrada pela Professora Doutora Tereza Franzoni no primeiro semestre de 2019 no Programa de Pós-Graduação em Teatro da UDESC.

8kg Encontros que pesam e reverberam

Antes de escolher escrever a tese em fragmentos-quilo a partir de relatos de experiências, eu já estava pensando sobre a força de encontros artísticos – entre artista, obra e público – que tornam possíveis partilhas transformadoras. Durante uma disciplina da pós¹² que cursei em 2018, escrevi um texto¹³ sobre uma conversa realizada após a apresentação¹⁴ de *Medusa enredada: como lembrar?... mas... como esquecer?* (2018) de Camila Durães¹⁵, refletindo sobre como um trabalho artístico pode disparar uma conversa que se constrói na partilha de relatos pessoais e na assimilação das questões políticas que envolvem os corpos. Segue um trecho desse texto:

a prática do diálogo parece possibilitar que nós mulheres possamos desenvolver metodologias para se trabalhar com as memórias tanto em nossas criações artísticas como em nossos comportamentos e posicionamentos na vida. Entendo que o diálogo dá a ver o que há de comum nas experiências de vida das mulheres e essa comunhão pode suscitar a reflexão e a criação. Muito além de um espaço de cura (embora seja cura também), o debate sobre questões das mulheres gera redes de força que engendram modos de resistências à organização patriarcal e machista da nossa sociedade (Belchior Santos, 2019a).

As conversas que tenho tido com o público sobre os corpos gordos também parecem criar essas redes de força, que entrelaçam questões que nos são tão caras quando é preciso encarar a nossa sociedade patriarcal, machista, racista, LGBTQIAP+fóbica, capacitista, idadista e gordofóbica. Para desbancar as estruturas opressoras é preciso ganhar forças em estratégias que nos aproximem, seja em diálogos seja ações movidas em coletivo. Tenho, então, investido em uma escrita mais ensaísta, que cruza relatos, teoria e saberes insurgentes. Caminho em que sigo aqui relatando, principalmente, experiências de encontro que tenho com o público após as apresentações de *Peso Bruto* (2017) e das ações que faço junto ao coletivo MANADA: SOB Medida (2017), M.O.P.P. (2018) e de minha parceria com Anderson do Carmo.

[#metodologias e estratégias de peso](#)

[#coletividade gorda](#)

¹² Uma das disciplinas que cursei durante o processo de doutoramento foi o *Seminário Temático I: Introdução ao Teatro Feminista* ministrada pela professora Maria Brígida de Miranda, realizada no segundo semestre de 2018, oferecida pelo PPGT – UDESC.

¹³ *Enredadas: construções de forças coletivas* (2019), publicado em Portal Catarinas, disponível em <https://catarinass.info/enredadas-construcoes-de-forcas-coletivas/>. Acesso em: abril de 2020.

¹⁴ Apresentado na II Mostra Rosa Teatral, no auditório da Música na UDESC, em outubro de 2018.

¹⁵ Camila Durães é violoncelista e pesquisadora. É doutoranda na Área de Concentração de Estudos de Gênero do PPGICH-UFSC, onde se dedica a pesquisa teórico-prática sobre criadoras e compositoras brasileiras e suas criações para violoncelo solo.

9kg Metodologias e epistemologias gordas

Escrever a partir das próprias histórias tem se mostrado um caminho importante para pessoas gordas, tanto pela necessidade de registrar-se na história como pela possibilidade de criar teorias acessíveis para pessoas que não fazem parte do ambiente acadêmico. A filósofa, professora e ativista gorda Maria Luisa Jimenez-Jimenez (Malu Jimenez), por exemplo, criou o projeto *Lute como uma gorda*¹⁶ que compreende diversos tipos de ações como cursos, palestras e escritos. Já a pesquisadora e jornalista gorda Agnes Arruda, criou um canal no *youtube*¹⁷ durante a escrita de seu Doutorado¹⁸ em que ela posta vídeos debatendo o conceito de gordofobia.

Uma de suas publicações, o vídeo *AUTOETNOGRAFIA como método* (2020)¹⁹ é uma entrevista com Malu Jimenez, em que ambas falam sobre a autoetnografia como método utilizado em suas teses. As pesquisadoras comentam como escrever em primeira pessoa revela que a narrativa não atende apenas a objetivos ou processos terapêuticos de estar bem consigo mesma, mas, principalmente, como denúncia de uma opressão contra todos os corpos gordos. Malu Jimenez menciona, durante a entrevista, como a autoetnografia é uma metodologia contra-hegemônica que pretende problematizar as relações dominantes de violência e exclusão em que vivemos.

Em sua tese: *Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos* (2020), Malu Jimenez comenta como a autoetnografia foi importante em seu processo:

A proposta nessa pesquisa foi a de desvendar o universo gordo no mundo contemporâneo, como matéria viva que pulsa e está em transformação, a partir da autoetnografia, que possibilitou uma metamorfose da própria investigação e de mim, como sujeito que conta, sente e se emociona em estar dentro e no ato da observação e escuta (Jimenez, 2020, p. 207-208).

A transformação que se dá entre pesquisa e pesquisadora é de extrema relevância para a construção de um campo epistemológico que acolhe corpos dissidentes. Analisar as histórias que compõem essa tese me faz observar o quanto também tenho passado por transformações

¹⁶ *Lute como uma gorda*, disponível em <https://lutecomoumagorda.home.blog/>, acesso em dez. 2021.

¹⁷ *Tamanho Grande*, disponível em: https://www.youtube.com/channel/UC6pcxw-uzMM_XHnbWLas5aw, acesso em: junho de 2020.

¹⁸ Em sua pesquisa de Doutorado Agnes Arruda pesquisou sobre a representação de pessoas gordas na mídia na tese *O peso e a mídia: uma autoetnografia da gordofobia sob o olhar da complexidade*, defendida no Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP) em 2019.

¹⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RH5nWfjpYlQ&t=1s>, acesso em: junho de 2020.

desde que comecei a dançar a partir de meu peso e minha gordura. É um caminho sem volta, que tem se na escrita desta tese e em outras vivências artísticas que tenho tido desde então.

[#metodologias e estratégias de peso](#)

10kg Aproximações com autoetnografia

Por escolher um caminho semelhante às pesquisadoras gordas Agnes Arruda e Malu Jimenez, percebo que também dialogo com o campo da autoetnografia, por apresentar uma investigação pesada a partir da minha história e das relações que se estabelecem nesse processo de construção de conhecimento. Essa partilha aprofunda as questões da vivência, e no eco das narrativas divergentes vamos reescrevendo nossas histórias.

Como aponta a pesquisadora, crítica e curadora das artes Sylvie Fortin (2009): a etnografia é uma metodologia de pesquisa que considera a dimensão cultural de quem pesquisa e do objeto de estudo (2009, p. 78-79). Assim, é possível adensar o cruzamento de diferentes vieses que compilam a reflexão que está sendo feita. A autoetnografia permite a quem está pesquisando uma reflexão crítica a partir de narrativas autobiográficas que colaboram na compreensão dos acontecimentos relatados.

Interessam-me as reverberações que o ato investigativo é capaz de proporcionar. A forma de conhecer e dizer o mundo a partir das narrativas é uma construção enraizada que, como nos lembra Agnes Arruda, “envolve o contexto social, contexto cultural, contexto acadêmico e, inclusive, político no qual essas vivências estão inseridas” (2020, p. 23). São reflexões sobre o mundo que estão imbricadas na constante mudança da vida.

Sylvie Fortin defende que, ao se colocar em relação ao campo a ser pesquisado, o trabalho de quem pesquisa pode estabelecer “uma teorização de sua própria prática e de outros artistas” (Fortin, 2009, p. 85). Essa perspectiva crítica parece fundamental para que a pesquisa tenha também seu movimento próprio, e, assim como no processo criativo artístico, seja capaz de surpreender quem está pesquisando.

Apresento aqui uma proposta autoetnográfica que navega pelos caminhos do peso entre as artes, o ativismo²⁰ e experiências gordas. Ser uma bailarina pesada é uma das primeiras coisas que me movem a ser uma pesquisadora do corpo gordo. Esta tese se alia as minhas intenções artísticas de fazer tremer os entendimentos sedimentados, perceber nosso contexto e buscar outras formas de se relacionar com as coisas e as pessoas.

[#metodologias e estratégias de peso](#)

²⁰ O ativismo gordo é a luta antigordofobia que preza pela inclusão social das pessoas gordas. Esse conceito será debatido no decorrer da tese.

11kg Pesadas

O começo de *Peso Bruto* é um tédio, um silêncio espesso, uma respiração profunda e bufada cortando o silêncio espesso. Uma orquestra de bufos e silêncios espessos. Um olhar devolvido, um olhar sustentado, uma ausência de pressa no olhar. Como se a pressa fosse algo que não existisse. Cem pessoas fisgadas por esse olhar. Tudo isso antes de a dança de fato começar. Assim que o “nada acontece” ultrapassa a linha do suportável. A franja presa atrás da orelha pende para o mesmo lado que a corpa se dependura. Uma cortina tapando os óculos, perturbando a teia invisível que se estendia entre as retinas. De repente uma corpa na diagonal. De repente um volume desequilibrando o espaço. Uma agonia constante, atenção escapando das ações da corpa para reação do banquinho de plástico no qual ela está sentada. Um alívio cada vez que este não quebrava. Um alívio quando este é deixado de lado.

Ensaio sobre a retórica começa com uma chegada descompromissada com papéis na mão e uma garrafa d'água. Isso aqui é uma palestra? Pausa para tomar um ar. Tem algo a dizer, mas não sai nada. A boca não abre. Algumas tentativas frustradas e nada. Está impaciente? Pfft! Põe um ovo da boca. Era isso, tinha algo preso na garganta. Algo que não dava para engolir, nem botar para fora. Agora saiu. Agora vai dizer alguma coisa importante. O peito enche de ar, mas da boca só sai um som incompreensível. Nada demais. Parece que faltam consoantes, faltam vírgulas e sobram reticências. No meio de tudo isso, as perguntas. Como? Uma chuva de papéis. Um impasse na comunicação. Impasse? Nem tanto, dessa língua de sons prolongados e graves sai uma dança. Som da corpa toda. Dança falante. A unha, comprida e pontuda também fala. Aponta para os lugares, ocupa os espaços. Tudo está embolado: a urgência, a prepotência, a justificativa, a sedução e o deboche. É que está sempre tudo junto mesmo. Não tem nada de didatismo. Ou tem? Parece que escapou algo. Não, não foi por acaso. Disse alguma coisa. Tem alguma coisa escondida, ou brotando. Era francês? Inglês? Não importa, entre o óbvio e o que vai criando sentido a corpa dança.

Imagem 9

Banalidades - Colagem com imagens dos solos *Peso Bruto* (Elenize Dezgeniski, 2017) e *Ensaio sobre a retórica*²¹ (Karin Serafin, 2019) e texto descritivo a partir da memória de assistir uma à outra.

Fonte: Acervo de Anderson do Carmo e de Jussara Belchior (DO CARMO e SANTOS, 2020, p.05)²².

[#dança gorda](#)

[#coletividade gorda](#)

²¹ *Ensaio sobre a retórica* (2016) é o trabalho solo de Anderson do Carmo que problematiza questões como a linguagem, a comunicação, a bichice e o fazer da dança. Mais informações disponíveis em: <https://ndmais.com.br/danca/bailarino-anderson-do-carmo-apresenta-performance-de-danca-em-florianopolis/>, acesso em 24/jan de 2022.

²² Imagem e legenda presentes no artigo *pesar as palavras e estriar as hegemonias: autocuidado e fracasso em duas danças gordas* (2021), que escrevi em parceria com Anderson do Carmo.

12kg Pesando com teorias feministas

Entendo a escolha de escrever os fragmentos desta tese também como um caminho metodológico feminista, que aposta na partilha de questões pessoais como meio de encontrar algo em comum. Esta escolha se dá com o entendimento de que “o pessoal é político”²³. As histórias narradas aqui pretendem chacoalhar a percepção e chamar atenção para o modo como as pessoas gordas são tratadas. Como nos lembra a ativista gorda chilena Constanza Alvarez Castillo (Kono Alvarez), em seu livro *La cerda punk: ensayos desde un feminismo gordo, lésbiko, antikapitalista & antiespecista* (2014) “Escrevo porque acredito nesse exercício como um ativismo político, pela necessidade de retratar a nossa própria história e para que os outros que têm poder não o façam” (ALVAREZ, 2014, p. 20, tradução minha)²⁴. Sigo pensando no coletivo ao relatar minhas histórias.

A luta feminista tem me ensinado a pensar em quem pode vir a ler esse material. *Para que? Para quem?* Pontuo meu esforço por me afastar das lógicas de escrita sexistas, que consideram o plural majestático masculino como forma abrangente, pensando em apontar as diversidades de corpos possíveis, principalmente em uma pesquisa como esta, que foca em corpos fora da norma. Escrever é uma forma de articular outros processos de circulação do conhecimento. Nos breves relatos que faço, a teoria aparece nos entrelaçamentos dos argumentos. Interessa-me atingir, principalmente, a comunidade gorda (acadêmica ou não) e penso como esse material pode ocupar outras plataformas (talvez em formato de livro, de página na Internet, ou zines).

No entanto, nem sempre as pautas do movimento gordo – de despatologização e acessibilidade – foram abraçadas pela luta feminista. A relação conflituosa entre movimento gordo e feminismo pode ser observada com o trabalho da psicoterapeuta estadunidense Susie Orbach, em seu livro *Gordura é uma questão feminista: um manual de auxílio para quem come sem parar*, publicado pela primeira vez em 1978. A autora discorre sobre como as mulheres engordam como uma tática de desviar-se do ideal de beleza feminina e assim ocupar posições de poder em seus empregos. A questão feminista da gordura apresentada por Orbach se daria como resposta aos padrões de beleza e comportamento impostos às mulheres, como se engordar fosse um jeito não obedecer às lógicas machistas (ORBACH, 1986, 24). A autora critica os

²³ Cf: *The personal is political*, de Carol Hanisch (1969).

²⁴ No original: “Escribir porque creo en este ejercicio como un activismo político, por la necesidad de retratar nuestra propia historia y que no lo hagan otros que tienen el poder”.

modelos de dietas que não levam em consideração os aspectos psicológicos que levam as mulheres a engordarem. Segundo ela, o foco não deve ser o emagrecimento, este viria como consequência do controle da compulsão. O discurso de Orbach leva a crer que não há espaço para uma existência gorda, que todas as pessoas gordas, podem e talvez devam emagrecer.

Quando não há acolhimento do movimento feminista para discussões sobre as violências que sofrem as pessoas gordas, ou quando tal acolhimento está focado em recuperar um suposto corpo magro perdido, fica implícita a exclusão dessas pessoas, reforçando a ideia de que corpos gordos não deveriam fazer parte da nossa sociedade. Kono Alvarez comenta como foi conturbada sua aproximação com o feminismo: “No começo eu sentia que no feminismo não havia espaço para a minha dor, porque todas nós já tínhamos que ser autônomas, com autoestima elevada e amor pelo nosso corpo como ele é, assim 'naturalmente'” (2014, p. 93, tradução minha)²⁵. Ela critica as ideias de um feminismo tradicional que acaba seguindo lógicas coloniais, preconceituosas e que acabam por limitar a forma como as mulheres devem se relacionar com seus corpos quando as experiências de mulheres trans, ou mulçumanas, por exemplo, não são consideradas (2014, p. 98).

A autora defende que existem várias formas de ser feminista e aponta que sua luta se apoia no ecofeminismo. Segundo ela, uma luta que “discute sobre o vínculo entre a dominação das mulheres e a dominação da “natureza” e sobre como pode surgir uma conexão entre o feminismo e o meio ambiente; propondo criar perspectivas e práticas que não se fundam em sistemas de dominação patriarcal” (2014, p. 118, tradução minha)²⁶. Em seu livro, Kono Alvarez defende um feminismo não universal e relata como sua prática está atravessada pelo que aprende com o transfeminismo e com o feminismo negro.

No decorrer desta pesquisa, procuro aprender com as práticas feministas não excludentes e me aproximar de referências que colaboram na construção deste pensamento. Posiciono-me como uma feminista gorda, que está em constante exercício de autocrítica.

[# metodologias e estratégias de peso](#)

²⁵ No original: “En un principio sentí que en el feminismo no había espacio para mi dolor, porque todas ya teníamos que ser unas superadas autónomas, con un alta autoestima y amor por nuestra cuerpa como es, así ‘naturalmente’”.

²⁶ No original: “reflexiona sobre el vínculo entre la dominación de la mujer y la dominación de la “naturaleza” y cómo puede surgir una conexión entre el feminismo y el medio ambiente; proponiendo crear perspectivas y prácticas que no estén fundadas en sistemas de dominación patriarcal”.

13kg Para uma escrita bruta

A estrutura desta tese também se apoia nos meus estudos das escritas acadêmicas performativas. Desde 2019 faço parte do Coletivo Escrita Performativa²⁷, um grupo que promove ações coletivas e colaborativas para o desenvolvimento de escritas acadêmico-artísticas. Nossa primeira ação foi a publicação de um Volume Especial na Revista DaPesquisa²⁸, que reuniu 16 textos de autores de diferentes regiões do país propondo modos de articular forma e conteúdo. Dentre esses, há um texto escrito pelo coletivo: *O que é escrita performativa?* (SABER de MELLO et al., 2020), em que narramos como nos juntamos, a feitura do Volume Especial e levantamos questões sobre a escrita acadêmica performativa.

Acreditamos que a pesquisa artística performativa na academia pode inventar seus modos desde que mantenha seu compromisso com o rigor científico de apresentar um material que evita hierarquia de fontes, procura se relacionar com contexto no qual está inserido e busca estabelecer relações entre o pensamento de arte e a comunidade a quem escreve. Isso é, a escrita apresenta nossos posicionamentos políticos, assim “Quando falamos, pensamos sobre, buscamos por modos de escrita performativa, estamos buscando também um sentido para o que fazemos. Um encontro transformador entre estética e política, uma busca por tornar acessíveis os conhecimentos gerados nesse encontro” (SABER de MELLO et al., 2020, p. 09). Nesse trabalho, “**O dilema da pessoa pesquisadora-artista** está posto: relacionar-se com o que é sensível, instável e processual produzindo, através (da descrição) da experiência, uma escrita que, por ser científica, tem por finalidade mostrar fontes, resultados e conclusões” (SABER DE MELLO, et al, 2020, p. 10, destaque das autoras).

O volume inclui também um texto de autoria minha, em que apresento questões sobre meu fazer artístico acadêmico, assim como a temática deste Doutorado. *Breves relatos de uma bailarina gorda* (BELCHIOR SANTOS, 2020a) é composto por fragmentos (assim como esta tese), em um desses proponho a noção de *escrita bruta*, dando um peso a proposta que tenho desenvolvido “Assim como em *Peso Bruto* [que explora a mobilidade do que é bruto], procuro trabalhar uma brutalidade diferente em minha escrita acadêmica. Uma escrita bruta que sabe se moldar aos espaços, sabe inventar seus espaços e fazer caber. Afinal, é assim que nós gordos

²⁷ O Coletivo Escrita Performativa pesquisa modos de escritas que integram forma e conteúdo em seus processos artísticos nas publicações acadêmicas, é formado pelas doutorandas do PPGT-UDESC: Inês Saber de Mello, Franciele Machado de Aguiar, Jussara Belchior Santos e Luane Pedroso de Oliveira.

²⁸ *Escrita Performativa - Do tema aos modos, reflexões e invenções: a pesquisa em artes e escrita sobre a pesquisa*. DaPesquisa, Florianópolis, v. 15, n. esp., 2020. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/18856> . Acesso em: 3 fev. 2022.

nos movemos no dia a dia.” (BELCHIOR SANTOS, 2020a, p. 14). O que se coloca em jogo – aqui e lá – é uma teorização que atravessa as práticas ativistas gordas, tanto no campo das artes como em outros campos do saber. Esse é o jogo que procuro criar, entrelaçando histórias de minha infância, adolescência e de tempos mais recentes, a partir de diferentes contextos.

[#metodologias e estratégias de peso](#)

14kg Narrativas de peso

Ao compor um trabalho a partir de narrativas, percebo que devo refletir sobre meu posicionamento como narradora. Narro experiências que de alguma forma me atravessam com o propósito de avançar o debate contra a gordofobia. Seja na dança seja na escrita, pretendo provocar a reflexão a quem assiste e a quem lê. As narrativas de peso que trago aqui tem como objetivo contestar a noção de peso como algo difícil e ruim, buscando dialetizar o conceito.

Sobre diatizar: pesquisador alemão Walter Benjamin é um autor interessante para articular pensamentos sobre a figura do narrador. Em seu texto *O narrador: sobre a obra de Nikolai Leskov* (1987), ele elabora o ato de narrar como uma atividade relevante por sua “faculdade de intercambiar experiências” (Benjamin, 1987, p. 198). Nesse sentido, entendo que esta proposta de *narrativas de peso* se apresenta como uma forma de trazer as histórias de pessoas gordas que não se limitem às desgastadas e preconceituosas histórias de humilhação, patologia e exclusão.

Nesse mesmo texto, Benjamin (1987, p. 209) aponta para as diferenças entre o historiador e o cronista. Segundo o filósofo “O cronista é o narrador da história (...). O historiador é obrigado a explicar de uma outra maneira os episódios com que ele lida, e não pode absolutamente contentar-se em representá-los como modelo de história de mundo. É exatamente o que faz o cronista”. A narrativa do cronista tem abertura para que quem ouve ou lê pergunte sobre o que vem a seguir na narração. A questão que daí deriva é: como criar essas aberturas neste texto?

Em junho de 2019 participei como avaliadora na Banca de Defesa do TCC *Ressignificando as banhas: reflexões sobre a corpa gorda a partir da experiência cênica SOB Medida*, de Taynara Colzani da Rocha (Gaia Colzani)²⁹. Em sua monografia, Gaia Colzani problematiza o modo como as corpas³⁰ gordas são encaradas na sociedade. Durante sua escrita ela registra suas inquietações, dúvidas e posicionamentos: “[**Em meio ao texto aparecerão, em negrito, pensamentos meus mais íntimos e pessoais que pontuaram minha memória emotiva enquanto escrevia estas páginas.**]” (2019, p. 13, destaque da autora). Essas

²⁹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência final para formação no Curso de Licenciatura em Teatro do Departamento de Artes Cênicas (DAC) do Centro de Artes (CEART) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), orientado pela mesma orientadora desta tese: Professora Doutora Fátima Costa de Lima. Gaia Colzani deu continuidade a essa pesquisa no Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Teatro (PPGT) da UDESC, com o título *A MULHER GORDA DO ÂNGULO POLÍTICO: A potência que se desenha na cena artística*, agora orientada pela Professora Doutora Daiane Dordete Steckert Jacobs.

³⁰ Com o substantivo “corpa”, Gaia se refere à especificidade de corpos femininos. A este respeito, ver Lima (2009).

intervenções na escrita, marcadas pelo realce em negrito, ocorrem por todo o texto. Mas não se trata de uma escolha dualista, em que a “neutralidade” da pesquisa é atravessada por falas da autora. Pelo contrário, tanto a discussão do texto como as intervenções do pensamento são em primeira pessoa, o que traz à escrita uma nova camada de contato com a autora, que dessa forma explora maneiras de narrar, de se comunicar com as pessoas que leem o seu trabalho. Durante a defesa, a historiadora e doutoranda Aline Dias dos Santos³¹, também integrante da banca avaliadora, pontuou como essa estratégia é uma forma de registrar-se na história e parabenizou Gaia Colzani pela atitude. Percebo que ao se colocar em questionamento e confissão durante a escrita da monografia, a autora se mostra uma narradora crítica, que parece disposta a mergulhar nas contradições da investigação.

Procuro me contaminar pelo movimento de Gaia Colzani. Nesta tese, escolho ser uma narradora, embarcando na jornada de repensar e reescrever o papel das pessoas gordas na história. A estratégia de arranjar esses fragmentos-quilo narrativos é como me sinto à vontade e ao mesmo tempo desafiada a contar e pesquisar sobre a vivência artística gorda, entendendo a responsabilidade de partilhar histórias. Assim, sinto que estou acompanhada nesse processo, acompanhada das parcerias que me tornam uma artista ativista; e de você, que está a ler estes pequenos textos sobre as corporalidades gordas.

[#metodologias e estratégias de peso](#)

[#coletividade gorda](#)

³¹ Aline Dias dos Santos é Mestra em História no PPGH – UDESC 2017 e Doutoranda em História pela UFSC, com pesquisa cujo título provisório é *Resistência política em ações culturais de mulheres negras entre Florianópolis e Berlim*. Pesquisadora associada aos: Núcleo de estudos Afrobrasileiros- NEAB UDESC, Laboratório de Estudos de Gênero e história LEGH e Instituto de estudos de Gênero- IEG UFSC.

15kg Fragmentos pesados para uma dança inacabada

Os fragmentos-quilos que compõem esta tese se dão por uma necessidade de abordar diferentes temáticas que envolvem o ativismo gordo: desde debates sobre a diferença entre gordofobia e pressão estética, sobre as distinções entre ativismo gordo e movimento *Body Positive* e sobre as noções de representatividade e de empoderamento³², até debates sobre como o peso e a ação de pesar podem ser forças de transformação, principalmente a partir da prática da dança. Os fragmentos funcionam como pistas para essas diferentes temáticas, que podem se desdobrar ou serem aprofundadas por quem se interesse em investigar as questões relevantes ao corpo gordo.

A escrita em fragmentos também parece uma estratégia coerente com as práticas em dança que me formam como pesquisadora. Em um texto que escrevi em parceria com o bailarino e pesquisador da dança Anderson do Carmo, discutimos sobre a noção de fragmentação ou inacabamento presente na prática que tivemos quando dançamos no Grupo Cena 11 Cia de Dança (Cena 11):

A noção de inacabado pode trazer a ideia de falta, ou a necessidade de atingir algum objetivo final. Nesse contexto, o inacabado é entendido como condição permanente do que está vivo, e é que faz da dança do Cena 11 um lugar de disponibilidade, transitoriedade e adaptabilidade. O corpo e a dança não estão inacabados porque buscam acabamento, mas porque são fluxo de atravessamento que não se fixa ou finda (Do Carmo e Belchior Santos, 2015, p. 256).

Essa ideia de inacabamento é desenvolvida a partir da proposta da teórica e professora de dança Máira Spanghero em seu livro *A dança dos encéfalos acesos* (2003), que discute a produção coreográfica da primeira década de existência do Cena 11. A pesquisadora fala sobre uma espécie de *estado inacabado* do movimento no grupo, como uma contraposição aos movimentos precisos de técnicas pré codificadas.

Em nosso texto, Anderson do Carmo e eu pensamos em como a trajetória da companhia transforma esses movimentos inacabados em um modo de dançar “inacabado”. Esse que, ao contrário de pressupor caminhos seguros para se realizar a coreografia, lança o corpo nos caminhos entre o conhecido e o desconhecido, na possibilidade de desvendá-los enquanto se dança. A organização desta tese em fragmentos-quilo também se assemelha a essa noção de

³² As problemáticas de apropriação das grandes mídias das noções de representatividade e empoderamento serão debatidas no decorrer da tese.

inacabamento. Tal incompletude não se dá por falta de rigor; pelo contrário, ela se faz presente pelo rigor em manter no texto uma fissura de um campo de saber em construção.

A escrita em fragmentos também parece coerente com a lógica compositiva que uso em *Peso Bruto* (2017). Nesse solo, muitas das transições das cenas são cortes bruscos, que alteram a proposta de ritmo, de ocupação espacial, tónus muscular, trilha sonora e outras. Nesse formato episódico, o sentido vai se dando aos pedaços, por conexões não lineares. Em *;T.R.A! (trabalho remoto adiposo [ou] técnicas para retardar a antecipação)* (2021), meu trabalho mais recente feito em parceria com Anderson do Carmo, também investimos em uma lógica episódica. Criamos quatro vídeos que são independentes, que arranja em cada um deles, uma abordagem específica dentro das discussões sobre o corpo gordo.

Os fragmentos-quilo aqui apresentados são peças de um trabalho artístico-acadêmico que discutem as temáticas do peso a partir de diferentes perspectivas. São fragmentos pesados que estabelecem uma espécie de dança entre os argumentos que compõem cada parte. Este peso advém do atravessamento necessário entre as narrativas, as experiências e provocações artísticas, as pesquisas gordas feitas em diferentes campos do saber e as partilhas de quem assiste às ações artísticas mencionadas aqui. O peso aqui vai se consolidando como uma possibilidade de agrupamento, de coletividade, de fricção e construção de um saber gordo.

[#metodologias e estratégias de peso](#)

[#dança gorda](#)

gordofobia

[gor-do-fo-bi-a]

substantivo feminino

Exclusão de pessoas gordas do convívio social por aversão e discriminação à sua gordura corporal; opressão estrutural que estigmatiza e patologiza pessoas gordas, acarretando em falta de acesso ao mercado de trabalho, à saúde, aos espaços públicos ou privados e a bens de consumo (tais como cadeiras e roupas).

Imagem 10 - *Gordofobia verbete* (2021). Fonte: elaborado pela autora.

[#conceitos pesados](#)

[#criticar a norma](#)

17kg Você conhece o conceito de gordofobia?

Algum tempo depois da estreia de *Peso Bruto* (2017), fui convidada a participar de um grupo focal³³, em novembro de 2017, realizado pela socióloga brasileira Natália Rangel durante o processo de investigação de seu Mestrado. Nesse grupo, a pesquisadora reuniu algumas mulheres e lançou perguntas sobre nossas experiências como gordas. Uma das perguntas foi sobre o momento em que tivemos contato com o conceito de gordofobia. Lembro-me de que ao pensar na resposta a essa pergunta me surpreendi comigo mesma. Não sei dizer o momento exato que me deparei com o termo. Tenho a impressão de que, desde a primeira vez que vi ou ouvi essa palavra, parecia ser algo que já tinha ouvido antes. Talvez porque seu sentido seja tão concreto para mim, foi como se eu já o conhecesse desde sempre.

Em sua dissertação de Mestrado, Natália Rangel utiliza nossas respostas como referências para a análise da formação de um ativismo gordo no Brasil. Ela comenta que, entre as respostas das participantes dos grupos focais, acontece uma

popularização do termo “gordofobia” por meio da Internet, sendo principalmente visto pela primeira vez entre 2 e 3 anos atrás (lembrando que os grupos focais foram realizados em 2017), sendo 2014-2015 o ano em que mais pessoas participantes dos grupos focais entraram em contato com o termo (Rangel, 2018, p. 60).

O espaço da Internet oferece uma série de informações sobre gordofobia e sobre ativismo gordo assim como cria um espaço de encontro entre pessoas gordas independentemente da região em que vivem e em quais campos do conhecimento atuam. Mas também gera espaço para muito discurso de ódio e menosprezo com a luta. Mesmo assim, as redes que se criam na Internet vêm fortalecendo o movimento, expandindo os lugares de encontro e de ação do ativismo gordo. Esse grupo focal foi o primeiro encontro presencial que tive com ativistas gordas, o que me possibilitou conhecer mais sobre o movimento e ter contato com outras pessoas que estão pesquisando o assunto. Esse momento colaborou para a compreensão das minhas ações como ativista e para pontuar meu interesse de ativismo por meio da arte.

[#conceitos pesados](#)

[#coletividade gorda](#)

[#metodologias e estratégias de peso](#)

³³ Grupo focal é uma metodologia de entrevistas qualitativas realizadas com grupos selecionados de pessoas a fim de reunir informações sobre um determinado assunto.

18kg Gordofobia X pressão estética

Para falar sobre gordofobia, é preciso destacar a diferenciação entre gordofobia e pressão estética. É comum que pessoas não acostumadas com a pauta gorda confundam essas duas coisas; no entanto, há diferenças que precisam ser destacadas.

A **gordofobia** é uma opressão estrutural que estigmatiza, patologiza e tira os direitos de acessibilidade das pessoas gordas. Já a **pressão estética** trata de uma pressão mercadológica que aflige a todas as pessoas, forçando-as a se enquadrar em um padrão de beleza e a um comportamento impossível de ser atingido.

Em sua tese de Doutorado, Malu Jimenez dá pistas sobre o porquê desta confusão. Segundo Jimenez (2020, p. 19), “A pauta sobre gordofobia levanta questionamentos de acessibilidade, estigma e muitas exclusões, mas também propõe reflexões sobre opressão estética, beleza, saúde e consumo, temas estes pertinentes ao feminismo desde seu surgimento”. Suas palavras consideram que a luta contra a gordofobia acaba por contemplar questões de pressão estética por se tratar de uma luta feminista, mas isso não unifica esses conceitos. No texto *Gordofobia: uma questão de perda de direitos* (2018), da mesma autora, é possível pontuar as diferenças entre esses campos e conceitos. Jimenez (2018, s/p) explica que gordofobia “vai muito além do preconceito social, já que a gordofobia é uma questão de perda de direitos”, completando que ninguém “está dentro do padrão estipulado pelas grandes mídias e por isso é oprimida esteticamente” (Jimenez, 2018, s/p). Mas, a diferença fundamental é que a pressão estética não necessariamente nega direitos básicos às pessoas.

Talvez essa confusão aconteça porque a discussão sobre gordofobia é recente, principalmente no Brasil. A socióloga Natália Rangel (2018, p. 95) lembra que a gordofobia é legitimada como uma opressão institucionalizada a partir do século XVIII, ao contrário de outras opressões como racismo, machismo e homofobia, que estão presentes há mais tempo, na história.

Mesmo que essas lutas possam caminhar juntas, afinal, seguir um modelo imposto e inatingível é uma condição com a qual não podemos ser complacentes, a necessidade de marcar a diferença entre gordofobia e pressão estética se pauta na urgência em mudanças estruturais,

que atingem um grupo de pessoas estigmatizadas. É, antes de tudo, uma luta coletiva. A luta antigordofobia avança com o intuito de excluir o preconceito contra as pessoas gordas, dando-nos a chance de participar do mercado de trabalho, de frequentar os ambientes públicos e privados sem constrangimentos e de ter acesso à saúde de forma digna. Vale lembrar que a vida digna da pessoa brasileira é um direito assegurado pelo Estado, garantido no inciso II do Artigo 1º da Constituição Federal de 1988. Portanto, lutar por dignidade é lutar por direitos assegurados pela lei, que nem sempre são respeitados na vida real e concreta.

[#conceitos pesados](#)

19kg Quem define os padrões corporais?

Já ouvi em diferentes contextos como o padrão de beleza muda com o tempo. Nesse tipo de fala geralmente são apontadas as magérrimas modelos famosas nos anos 1990³⁴ ou mesmo as mulheres mais volumosas pintadas e esculpidas na arte da Renascença europeia³⁵, em contrapartida aos modelos *fit* que se propagam atualmente. Esses exemplos parecem mesmo evidenciar uma mudança nos paradigmas de beleza, principalmente a beleza feminina, mas isso levanta a questão sobre como tais mudanças transcorrem.

A historiadora e professora estadunidense Sabrina Strings desenvolve em seu livro *Fearing the black body: the racial origins of fat phobia* (2019) (*Temendo o corpo negro: a origem racista da gordofobia*), uma meticulosa análise histórica sobre as proposições e regulações que incidem sobre o corpo da mulher e, principalmente, sobre como tais regulações se dão a partir do momento que a Europa começa a conviver com mulheres negras escravizadas, em meados do século XV. A partir de estudos de algumas obras e escritos de pintores do Renascimento, Strings constata quais modelos de corpos e de beleza estavam sendo criados naquele momento histórico. Segundo a autora, é possível notar em alguns pintores uma preferência por corpos medianos, nem muito magros, nem muito volumosos:

Muito foi escrito sobre os padrões estéticos que prevaleceram durante o Renascimento para as mulheres. Embora grande parte dessa literatura mostre que os físicos maiores e mais carnudos foram valorizados, essa também mostra que o que era considerado atraente não era apenas o tamanho do corpo, mas também a sua forma. Físicos proporcionais e bem-arredondados foram reverenciados, pois acreditavam-se que estes revelavam algo da beleza e do mistério da divindade. Uma mulher poderia ser considerada "magra demais" ou "gorda demais", dada a preferência predominante por físicos proporcionais – muitas vezes implicando corpos “medianos”. Mas se uma dama tivesse que errar para um lado da balança, era preferível uma mulher gorda a uma que poderia ser ridicularizada como “magrela” ou “ossuda” (Strings, 2019, p. 15, tradução minha)³⁶.

A preferência por corpos medianos está relacionada com os ideais daquele momento, ideais descritos por homens (em geral pintores e filósofos), como aponta Sabrina String na

³⁴ Como Cindy Crawford, Claudia Schiffer e Naomi Campbell.

³⁵ Como O Nascimento de Vênus (1482 e 1485), de Sandro Botticelli

³⁶ No original: “A great deal has been written about the aesthetic standards for women that prevailed during the Renaissance. While much of this literature shows that larger, fleshier physiques were prized, it also shows that what was considered attractive was not just about the size of the body, but also its shape. Proportionate and well-rounded physiques were revered, as they were believed to reveal something of the beauty and mystery of divinity. A woman might find herself being considered “too thin” or “too fat,” given the prevailing preference for proportionate – often implying “medium” – physiques. But if a lady had to err on one side of the scale, a fat woman was generally preferred to one who might be derisively labeled ‘lean’ or ‘bony’.”.

primeira parte do livro. A noção de beleza vai se relacionando com simetria e equilíbrio proporcional. Mas não só as medidas corporais entram nesse princípio, esses filósofos e pintores consideram que as características faciais marcam uma grande diferença entre as mulheres europeias e as africanas: “As mulheres africanas eram descritas com boas proporções e gordas, e, conseqüentemente, vistas como atraentes fisicamente. No entanto, o crescente discurso sobre pessoas africanas sugeria que suas supostas características faciais distintivas as tornavam facialmente pouco atraentes” (Strings, 2019, p. 15, tradução minha)³⁷. Tal visão parece corroborar com a objetificação da mulher negra, questão que reverbera até hoje nas lutas antirracistas.

Os estudos de Sabrina Strings mostram também que esse momento já dava indícios do nascimento de um padrão gordofóbico racista, pois a classe dominante começou a estabelecer para si uma imagem de corpo que pudesse se diferenciar dos corpos das pessoas negras escravizadas. Strings (2019, p. 10, tradução minha) explica que “a fobia pela gordura e a preferência pela magreza não têm, principalmente ou historicamente, relação com a saúde. Em vez disso, elas foram uma das maneiras pelas quais o corpo foi usado para criar e legitimar hierarquias de raça, sexo e classe”³⁸. Isso sinaliza que a gordofobia não está (nem nunca esteve) atrelada a uma questão de saúde.

No decorrer de seu livro, Strings apresenta uma série de regulamentações do corpo produzidas por artistas, cientistas de raça, reformistas religiosos e médicos eugenistas que traçam as normativas de corpo desde a Europa do século XIV até os Estados Unidos dos últimos anos. Nesse percurso, a raça aparece sempre como marcador social que desvaloriza a experiência das pessoas; e o cruzamento entre raça e gordura corporal evidencia as lógicas excludentes que vão sendo organizadas. Hoje em dia, a patologização do corpo gordo é um dos marcadores que mais autoriza a condenação de pessoas gordas; mas, vale dizer que a definição de que a gordura está fora dos padrões corporais aceitos é feita pelo interesse de pessoas que querem sustentar seus privilégios às custas da opressão.

[#criticar a norma](#)

³⁷ No original: “African women were described as well-proportioned and plump, and consequently viewed as physically appealing. Yet the burgeoning discourse about Africans suggested that their purported distinctive facial features made them facially unattractive.”

³⁸ No original: “[...] the phobia about fatness and the preference for thinness have not, principally or historically, been about health. Instead, they have been one way the body has been used to craft and legitimate race, sex, and class hierarchies.”

20kg Vigias do peso

Talvez você tenha notado a semelhança do título deste fragmento-quilo com um nome de um dos programas mais famosos de emagrecimento³⁹. É curioso esse programa utilizar a noção de vigilância, um termo que aponta para uma necessidade de controle de algo que é encarado como prejudicial, neste caso, o peso.

Lembro de ter ido com minha mãe em uma das reuniões desse programa, quando eu era criança. A primeira atividade do encontro era a pesagem: todas as pessoas entram em uma fila para a balança e seu peso é anotado na ficha de controle (não sei se essa ficha é mesmo chamada de ficha de controle, mas parece bem coerente chama-la assim). Depois havia uma espécie de palestra com informações. Imagino que algo que funcionasse como incentivo para seguir no programa, manter-se em vigia e sendo vigiada.

O filósofo e historiador francês Michel Foucault, em seu livro *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*, publicado pela primeira vez em 1975, apresenta um estudo sobre as noções de disciplina e vigilância e como elas moldam a sociedade ao longo da história. Segundo ele, o corpo se torna alvo do poder, o que acaba por gerar técnicas de disciplinas a fim de torná-lo dócil, obediente e útil (1987, p. 117-120). A vigilância é o que garante os corpos dóceis. Malu Jimenez apoia seus estudos sobre gordofobia nas premissas esboçadas por Foucault, segundo ela, esse autor:

explica a normatização das aparências físicas, as mensagens disciplinadoras que definem o modelo a ser conquistado e que aparecem nas instituições do mercado. Esse discurso vem ao encontro da busca e do sonho de ser belo, em lojas de roupas, cosméticos, academias, cirurgias reparadoras. (Jimenez, 2020, p. 58).

A autora sustenta a tese de que o corpo gordo quebra com as padronizações de corpos saudáveis e por isso sofrem constante vigilância. Tal ocorrência está presente nas falas das mulheres gordas que ela entrevistou ao longo de sua pesquisa, ela conta ter

lido e ouvido de outras mulheres gordas: a sensação de ter um corpo público, e não privado, já que todos, vigilantes, davam palpites, faziam insinuações, julgamentos e chegavam inclusive a colocar a mão, como se corpos gordos dissidentes, por serem menosprezados, fossem tão inferiores que não havia neles nenhum tipo de privacidade (Jimenez, 2020, p. 147).

³⁹ A saber, Vigilantes do Peso, uma organização criada nos Estados Unidos nos anos 1960, a Weight Watchers, que atualmente atua em 20 países, tendo chegado ao Brasil há mais de 40 anos.

A gordofobia é vigilante e pessoas gordofóbicas agem como se pessoas gordas estivessem erradas a todo momento e precisassem ser corrigidas. É como se a única visão que elas têm de nós é de que comemos mal e muito, nos entregamos a letargia e não somos capazes de tomar o controle de nossas vidas. Assim essas pessoas agem como se tivessem o direito de nos dizer o que comer, qual roupa usar ou quais exercícios fazer. Agem negligenciando nossos sentimentos, ferindo-nos, como se a violência fosse autorizada, pois é dever de todos zelar pela norma. Comportam-se como se estivessem preocupadas com a nossa saúde, mas apenas querem defender as regulações de controle de corpos.

[#criticar a norma](#)

21kg Mas afinal, o que é ativismo gordo?

No decorrer desta tese, discuto diversas ações de combate a gordofobia que entendo como ativismo gordo, seja nas discussões que tenho com o público das obras de arte gorda que tenho apresentado, seja nas reflexões adjacentes que se fundam nos conceitos e trabalhos de outras pesquisadoras gordas.

A pesquisadora, artista e psicoterapeuta londrina Charlotte Cooper faz um apanhado prático-teórico sobre o que é o ativismo gordo em seu livro *Fat Activism: A Radical Social Movement* (2016) (*Ativismo gordo: movimento social radical*). De forma didática, ela divide os capítulos do livro em tópicos de discussão apresentando referências históricas e exemplos de ação, conceituando o termo. Em *Fat Activism is NAAFA* (*Ativismo gordo é NAAFA*), por exemplo, ela contextualiza a organização NAAFA (National Association to Advance Fat Acceptance)⁴⁰ – uma organização estadunidense fundada 1969, dedicada a proteger e melhorar a vida das pessoas gordas – contando sobre o funcionamento da associação. No entanto, Cooper faz sua análise sem perder o senso crítico, lembrando-nos de que o “ativismo gordo é um movimento não uma organização” (Cooper, 2016, p. 26, tradução minha)⁴¹. No decorrer do livro ela concatena algumas temáticas para expor a pluralidade do ativismo gordo.

Tenho agido por uma estratégia similar, amalgamando diferentes situações para exemplificar o ativismo gordo. No meu caso, há um foco mais específico nas ações artísticas que tenho realizado e no modo como essas ações podem despontar os assuntos de interesse do ativismo gordo. Entendo que as especificidades desses casos apresentam a luta, além de adensar e situar o debate.

Dessa forma, o ativismo gordo é uma luta feita em prol do coletivo de pessoas gordas, uma luta diária e constante, que se dá de diferentes maneiras. Por vezes mais informativa e pedagógica, por outras mais afrontosa e revolucionária. Não há uma maneira única de lutar, cada pessoa encontra sua frente de ação, como vai se posicionar diante cada situação. O que nos une na pluralidade das ações do movimento, é que visamos um mundo que nossa existência seja contemplada, na acessibilidade de ir e vir pelos lugares e na concepção de que é preciso analisar os corpos antes de assumir que eles são doentes.

#conceitos pesados

#metodologias e estratégias de peso

⁴⁰ Mais informações disponíveis em: <https://naafa.org/>. Acesso em 20 ago. 2022.

⁴¹ No original: “fat activism is a movement and not an organisation”.

22kg Peso Bruto



Peso Bruto é o trabalho solo da bailarina gorda Jussara Belchior que parte do estranhamento causado pelo corpo gordo na dança. É uma dança de resistência que questiona os padrões de beleza e comportamento na tensão entre formato e embalagem, aparência e conteúdo. Uma dança que explora a materialidade do próprio corpo como caminho de empoderamento, que questiona as noções da gorda como subjetividade que opera um corpo errado, inadequado, não permitido, não belo e não desejável. Uma dança que articula diálogos entre o peso, o desejo, o apetite e a beleza, colocando em contraposição o controle e a brutalidade.

Criação, produção e dança: Jussara Belchior - Interlocução: Soraya Portela - Dramaturgia: Anderson do Carmo - Trilha Sonora: Dimitri Camorlinga - Figurino: Joana Kretzer Brandenburg - Iluminação e Design Gráfico: Marcos Klann - Fotografia: Cassiana dos Reis Lopes

Agradecimentos: Instituto Meyer Filho, Grupo Cena 11 Cia de Dança, Jurerê Sports Center, Cenarium Escola de Dança, Sandra Meyer Nunes, Lena Peixer, Isabela Van Pelt, Ines Saber, André Scaff, Camila Aschermann, Patrícia Galelli, Rhaisa Muniz e Tiago Meurer.



Imagem 11 - Programa de estreia de Peso Bruto, Sesc Prainha, abril de 2017. Designer: Marcos Klann. Fonte: acervo da autora da tese.

[#dança gorda](#)

23kg Descrição pesada

Sentada, com as mãos apoiadas nas coxas e as costas ereta tento perceber como estou, se estou cansada, ansiosa, tranquila ou sei-lá-o-quê. Espero. Quando todos começam a entrar eu observo. Algumas pessoas trocam olhares comigo, outras entram distraídas, conversando. Enquanto se acomodam estou ali, dançando com os olhos. Após a entrada do público é comum que se apaguem as luzes da plateia⁴², para que o foco esteja no palco. Essa mudança de luz costuma ser um anúncio de que a peça vai começar, porém, em *Peso Bruto* (2017) essas convenções não se efetuem. Aos poucos, as pessoas desatentas se dão conta de que algo já está acontecendo e que as luzes iluminam a elas também.

Nesse momento, uso meus óculos de grau: sou míope e quero olhar as pessoas do público nos olhos. O olhar conduz a minha dança. Não é o intuito aqui descrever passo a passo dessa movimentação; aliás, a coreografia em *Peso Bruto* segue uma espécie de mapa coreográfico⁴³, que tem regras estabelecidas para a ação acontecer, mas, ao mesmo tempo, dá abertura para outras possibilidades do movimento. A observação mútua entre mim e o público afeta as velocidades, as direções e as transições dessa dança.

A banqueta é minha parceira de cena, nossa relação se adapta de acordo com o tamanho do palco, o quanto o chão desliza e assim por diante. Exploramos relações de equilíbrio, encaixe, manipulação e outras. Tudo isso sem falas nem trilha sonora: o silêncio é interrompido apenas pelos barulhos de atrito entre corpo, chão e banco. Depois de um bom tempo, a trilha sonora começa⁴⁴. O volume do som é bem baixo e vem por trás ou por baixo da plateia, para deixar dúvidas em quem assiste se está mesmo ouvindo algo: “talvez alguém tenha deixado o celular ligado...”.

Deixo-me conduzir pelos olhos, os meus e os de quem me olha.

Olhando para ela, que olhava para todas e todos nós, comecei a sair da realidade e entrar no “real” de Jussara. Antes, percebi que seus olhos nos perscrutavam. Depois, não percebi mais nada a não ser que enquanto sua cabeça se inclinava muito devagar, quase imperceptivelmente, a minha cabeça começou a querer se inclinar também (Lima, 2017, s/p).

⁴² A iluminação de *Peso Bruto* foi criada por Marcos Klann, artista da dança e iluminador, atualmente doutorando do PPGT com a pesquisa intitulada provisoriamente de *O zumbi como alegoria: práticas sobre o corpo morto-vivo e a revolução*, orientado pela Professora Dra. Monique Vandresen.

⁴³ Para maiores informações sobre o mapa coreográfico, ver minha dissertação de Mestrado (Belchior Santos, 2017).

⁴⁴ A trilha sonora de *Peso Bruto* foi criada por Dimitri Camorlinga – produtor, editor e compositor de trilha sonora para teatro, dança, cinema e Internet.

Nossos olhares dançam. Coloco a banqueta em um canto do palco, tiro os óculos e o vestido tubinho preto⁴⁵. Agora estou vestida de *lingerie* e calçando um par de botinas pretas. Aproximo do fundo do palco e me deito de costas, com as pernas cruzadas apoiadas na parede e as mãos atrás da cabeça.

Comecei na parede, de ponta cabeça. Na praia, ou no sofá. Lugar de preguiçoso, sabe? Todos sabem que gordos são preguiçosos, não é mesmo? Deitei bem próxima à parede. Apoiei minhas pernas cruzadas nela. Coloquei as mãos por baixo da cabeça. Acho essa posição bem confortável - a dos braços. Foi um dia (faz tempo isso), estava assistindo *Shaman King*. Vi um dos personagens com os braços assim. Ele estava em pé conversando com os amigos. “Não deve ser muito cômodo isso”. Apoiei meus braços cruzados na cabeça. (Suspira). Não sei se é comum apoiar os braços dessa forma no Japão. Já vi em outros animes. Deitada, braços cruzados atrás da cabeça. Na beira da piscina. Danço uma pausa. Passo minhas mãos pelo quadril. Aperto minhas coxas. Largada no sofá. Deslizo minhas mãos pelo corpo. Sedutora. Procuro um certo equilíbrio entre conforto e desconforto. Pendurada. Olho para minhas pernas. Escrevi na minha perna direita. Fiquei pensando e dançando aqueles lápis de cor aquareláveis na pele. Desenhei também. Listras horizontais (listras verticais emagrecem!). Como é que eu danço a minha gordura? Preencher o tempo, preencher a pele. Dancei com minha perna colorida. Escrevi na perna ao invés do caderno. Comecei de ponta cabeça. Pensamento na carne. Dança da escrita. Olho para minhas dobras. Invertida. Escolho ao invés de deixar acontecer. Preciso dançar isso. (Isso é: meu corpo de gorda). Tomando sol na praia. Eu danço de ponta cabeça, na praia ou no sofá. Preguiçosa. Sustento todo o peso do meu corpo no meu ombro direito. Sou precisa (todo mundo diz). Conheço minha força. Danço de ponta cabeça. Danço pausas e terremotos. Gorda e controlada. Bruta, silenciosamente bruta. Deito, cruzo as pernas apoiadas na parede, as mãos atrás da cabeça. **Peso Bruto**. Gorda. Dança de gorda. (Belchior Santos, 2019b, p. 12, destaques da autora).

Essa descrição embaralhada de desejos e provocações é parte das imagens que me fazem dançar. A trilha que começou no final da cena anterior se mantém e aos poucos se torna mais notável. Danço apoiando na parede com muita calma e pausas. Danço uma pausa. A calma de agora não é a mesma de antes (na cena anterior), quando as ações tomavam um tempo a partir da relação com a banqueta. Agora a movimentação é mais pesada, embora continue silenciosa ou quase silenciosa, já que as vezes dá para escutar o barulho da pele deslizando pelo chão.

Afasto-me da parede no mesmo instante em que há uma mudança na trilha sonora. Uma quebra conjunta. A música está num volume bem mais alto que antes, o som é grave e ritmado, às vezes a plateia até se assusta. A movimentação, assim como a trilha, também se contrapõe ao que vinha. Das demoradas e sustentadas passagens de pernas, apoio nos ombros e insistência

⁴⁵ O figurino de *Peso Bruto* foi criado por Joana Kretzer Brandenburg, criadora de conteúdo pop nerd e Dra. pelo PPGAC, com a pesquisa intitulada *Cosplay, alegoria e aura*, orientada pela Prof^a Dr^a Fátima Costa de Lima, orientadora também desta minha pesquisa.

em olhar a plateia para os movimentos explosivos, deslocamentos pelo espaço e um arremessar-se para todos os cantos, dançando na beira entre o controle e o descontrole.

Aprendi a ver beleza em um corpo gordo chacoalhando. Chacoalho. Enquanto danço me deixando chacoalhar sou atravessada por diversas imagens: uma lutadora de sumô, uma diva pop, uma dançarina esquisita, uma gata prestes a dar o bote, uma dançarina de *funk*, uma bailarina clássica, uma *drag queen*, uma lutadora de boxe, uma bruxa, uma mulher sedutora e outras tantas imagens que transitam entre força, brutalidade e precisão.

O corte seco na trilha sonora interrompe minha movimentação. Abandono o movimento, deixando o corpo reverberar enquanto tomo um fôlego. Volto a me aproximar da parede para fazer uma inversão (parada de mão). O palco está mais iluminado que em qualquer outro momento e a plateia, finalmente, no escuro. Estou invertida, apoiada pelas mãos com os calcanhares tocando a parede. As mamas, agora “caídas para cima”, pressionam o pescoço. Dá para ver o cansaço e a respiração ofegante. Aguento. Fico o máximo que eu conseguir, até que o suor das mãos me faça escorregar, que os braços comecem a tremer, que a respiração fique mais alta e mais curta.

Vem com a gente dançar
Ser feliz e sonhar
A noite não tem fim
Você vai dizer sim (Fat Family, 1998)

O espaço é invadido por *Jeito sexy*, de Fat Family⁴⁶, uma música pop brasileira de ritmo bem dançante cantada por um conjunto de sete irmãs e irmãos gordos. Procuro esperar essa primeira estrofe antes de descer da parada de mão, mas às vezes tenho que descer antes, para ter força suficiente para controlar a descida.

Caminho até duas garrafas de vidro com líquido branco que estão na lateral da cena e me posiciono no foco de luz que se abriu. Abro a primeira garrafa e passo o creme hidratante pelo corpo, começando pelas pernas. Quando chego nos ombros, passo a mão por baixo da alça do sutiã puxando-o para baixo. Tiro sutiã e calcinha no mesmo movimento, ficando nua de botas, com a pele coberta de creme.

Pego a segunda garrafa com minhas mãos lambuzadas e me direciono para perto do público para pedir (sem palavras) que alguém abra a garrafa para mim. As reações são diversas,

⁴⁶ A proposta de utilizar essa música veio de Anderson do Carmo, que trabalhou no processo de Peso Bruto como dramaturgista. Para quem desejar escutar a trilha enquanto lê esse fragmento-quilo, o videoclip está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QykAaGoG5P4&list=PLGrSqEJNJmOl-IdwoLLfWsLy3T9ZUQ3v4&index=1>, acesso em: agosto de 2020.

quando a pessoa parece muito confusa, tímida ou na dúvida eu acabo falando “abre para mim, por favor”. Mas, algumas pessoas sabem exatamente o que fazer, como se a tarefa só pudesse ser aquela. Já aconteceu de a pessoa abrir a garrafa e me devolver, de a pessoa abrir a garrafa e virá-la sobre meu corpo para jogar o líquido em mim e de a pessoa jogar o líquido nas mãos para espalhá-lo pelo meu corpo. A surpresa é que o segundo líquido é iogurte, que tem menos densidade que o creme hidratante e sai mais facilmente da garrafa. Tento engolir a bebida, nem que seja só o finalzinho da garrafa que pego da mão de quem a abriu.

Durante essa ação, uma luz vermelha preenche o espaço ao redor do foco de luz. Toda besuntada, vou para o fundo do palco e começo a dançar como se estivesse em uma festa, transferindo o peso do meu corpo de um lado para o outro no ritmo da música. Quando esta acaba, eu permaneço dançando, no silêncio. A luz vermelha vai baixando e, aos poucos, o espaço é tomado por uma luz azul escura.

A movimentação fica cada vez mais ondulada e vou me deslocando pelo espaço nessas ondas que passam por todo meu corpo. Mergulho. Lanço meu corpo no chão como uma onda, tocando o chão primeiramente com as mãos, depois peito, depois barriga, depois quadril e coxas. Deslizo pelo chão que agora está tão untuoso como eu. Baleia. Sereia. Mar. A imensidão azul se intensifica quando entra a trilha sonora composta por sons de baleias e minha voz nomeando algumas partes do meu corpo.

Por fim, aproximo-me do público e a luz volta a banhar a plateia. Atravesso as fileiras de cadeiras, esgueirando nas apertadas brechas entre as pessoas. Sem pedir licença, vou abrindo espaço ou ocupando os espaços abertos para mim. Caminho olhando para as pessoas sem fixar o olhar. Chego ao fundo do espaço. *Blackout*. Silêncio.

[#dança gorda](#)

24kg Dançar uma pausa



Imagem 12 - *Dançar uma pausa*, colagem com imagens de *Peso Bruto*. Proposição visual: Jussara Belchior (2020). Fonte: arquivo pessoal da autora da tese.

Fotos 1 e 4: *Invasão adesão ao não emagrecimento* em *Adesão ao não esquecimento*, Grupo Cena 11, MASC, Florianópolis, 2017. Fotógrafo: Cristiano Prim.

Fotos 2 e 6: *Mostra de dança XYZ*, Brasília, 2018. Fotógrafa: Nityama Macrini.

Foto 3: *Ensaio aberto* em Instituto Meyer Filho, Florianópolis, 2017. Fotógrafa: Isabela Aime.

Foto 5: *Ruído EnCena*, Curitiba. Fotógrafa: Elenize Dezgeniski.

[#dança gorda](#)

25kg Silêncio

Em abril de 2019, no final de uma apresentação de *Peso Bruto* em São Paulo⁴⁷, quando as luzes se acenderam e retornei ao palco o público não seguiu a convenção dos aplausos. Um longo silêncio se instaurou. Encaramo-nos por um tempo, até que eu decidi ir embora sem seguir a convenção do agradecimento. Só depois de um tempo, quando eu já estava no camarim me aprontando para tomar um banho, é que escutei as palmas.

Esse silêncio foi muito provocador. Foi uma das situações mais fortes que vivi dançando esse trabalho. De alguma forma, senti que comungamos de um momento nosso, criado naquele instante. Foi como um acordo tácito entre nós. Saí instigada.

Comentei sobre esse acontecimento em um *workshop* que ministrei para o público (praticamente todo europeu) do Wiener Festwochen, em junho de 2020⁴⁸. Senti que foi uma surpresa bem grande para aquelas pessoas a minha atitude de não voltar para o agradecimento. Na Europa é muito comum que os artistas retornem repetidas vezes ao palco para o agradecimento enquanto o público estiver aplaudindo. Mas expliquei que parecia que se eu agradecesse apenas para seguir as normas, eu estaria quebrando aquele momento de tensão. Aquela suspensão não poderia ser interrompida por formalidades. Aquele silêncio era muito preenchido e não havia necessidade nem de aplausos nem de agradecimentos.

A própria convenção do agradecimento já foi questão de debate entre Marcos Klann (amigo, iluminador e designer do material de divulgação do trabalho) e eu. Segundo ele, o fato de eu estar nua pode causar algum constrangimento tanto em mim quanto no público. Ele questiona se eu devo mesmo voltar ao palco para agradecer. Concordo que acho estranho quando vejo algum artista se cobrir para o agradecimento após o término do trabalho. É como se a iluminação marcasse a quebra do universo criado pela obra de arte. Quando vejo quem está em cena se cobrir para o agradecimento tenho a sensação de que a pessoa me diz que já não é mais aquilo que ela era durante a cena, ao se cobrir ela é cotidiana. E a nudez não é cotidiana.

⁴⁷ Realizada no Sesc Belenzinho no dia 27 de abril de 2019.

⁴⁸ Em 2020 eu participaria do Wiener Festwochen - que é um festival de artes multidisciplinar que acontece anualmente em Viena, mais informações disponíveis em: <https://www.festwochen.at/home>. Acesso em 07 de jan de 2021. Minha participação seria com apresentações de *Peso Bruto* e ministrando *workshops* sobre a relação entre os corpos, padrões de beleza e comportamento impostos. Dada a pandemia do Covid-19, o festival presencial foi cancelado. Diante desta situação, a organização realizou uma série de ações *online*, chamadas “gestos”, tanto para manter o contato do público de Viena com a proposta curatorial do evento quanto para financiar os artistas que, de uma hora para outra, tiveram sua forma de sustento interrompida, sem prospecções para uma retomada. Participei do festival *online* ministrando *workshops* para grupos de artistas e não artistas interessados no assunto.

Em *Peso Bruto* sinto que não faz sentido eu me cobrir, justamente por querer quebrar com a noção cotidiana do que pode o corpo gordo. A nudez é negada para nós. Por não me cobrir penso que adiciono um convite ao público para o debate. É um tipo de transição do universo criado pelo trabalho para o contexto cotidiano. Uma transição simples e provocativa.

O curioso é que quando eu apresentei o trabalho no *Segundo Simpósio sobre Teatro, Política e Sociedade na América Latina*⁴⁹, realizado na UDESC, em julho de 2018, escutei um posicionamento contrário ao de Marcos Klann. A pessoa comentou que o fato de eu voltar para palco nua para agradecer e avisar sobre o bate papo era interessante. Era como se as questões do trabalho se mantivessem tensionadas nesse momento mais descontraído.

Não teve conversa depois dessa apresentação não aplaudida em São Paulo. Geralmente, os bate-papos acontecem quando é costume do espaço ou quando faz parte da proposta do evento⁵⁰. A prática de bate papo entre público e artistas é algo que eu já vinha experienciando em minha trajetória como artista. Mas, em *Peso Bruto* essas conversas – quando acontecem – são muito marcantes, pois, além de falar sobre minha trajetória como bailarina ou sobre o processo criativo do trabalho, acabamos conversando sobre gordofobia, padrões e preconceitos, além de outros assuntos decorrentes.

Naquele dia, não teve papo, só silêncio. “Eles não sabiam o que fazer com você”, me disse uma amiga que estava na plateia. Eu também não sabia o que fazer com eles. É interessante pensar sobre as possibilidades que se apresentam quando não seguimos cegamente os padrões. Atentar para as dificuldades e invenções de encontrar saídas quando as convenções não fazem sentido. Esse silêncio me move e, de alguma forma, dá a sensação de avanço. Meu objetivo como artista gorda é instaurar o debate sobre as possibilidades do corpo gordo. Tenho direcionado minhas ações tanto artísticas quanto acadêmicas para este intuito: espalhar a pauta gorda.

[#dança gorda](#)

⁴⁹ Simpósio organizado pelo grupo de Pesquisa Imagens políticas, ao qual pertencço e é coordenado por minha orientadora, mais informações em: <https://www.facebook.com/osegundosimposiosobreteatropoliticaesociedade>, acesso em: 01/08/2020. O simpósio reuniu pesquisadores/as do que hoje é conhecido como REAL – Red de Estudios de Artes Escénicas Latinoamericanas, informações em <<http://fich.pro/real/>>. Acesso em: 28/12/2020.

⁵⁰ A título de curiosidade, após a apresentação eu retorno ao palco para o agradecimento e, quando está programado um bate papo, convido a quem estiver interessado em participar da conversa esperar o tempo de eu lavar o rosto e beber água. Volto vestida e um pouco menos lambuzada.

26kg Dançar as contradições

Sabe aquela noção que nem sei dizer se é ou não um clichê? Quando alguém fala “eu não escolhi tal coisa, tal coisa me escolheu”? Então, às vezes tenho essa sensação com a dança, principalmente quando penso sobre como é contraditória minha experiência desde a formação, sobretudo na adolescência, já que sou uma bailarina gorda desde a infância. Quando tinha seis anos de idade, comecei meus estudos em dança – acredito que mais por um desejo de minha mãe do que meu. Mas, a escolha de persistir nos estudos e trilhar uma carreira como bailarina e pesquisadora da dança foi minha. Posso dizer que minha trajetória se deu por insistência, sorte e privilégios.

Tive muita insistência por resistir em um ambiente que nega e humilha pessoas gordas. Tive sorte em encontrar professoras e colegas que me incentivaram a dançar, tentando me convencer a emagrecer ao invés de me fazerem desistir: por mais que hoje eu defenda que uma bailarina pode não ser magra, entendo que escutar coisas assim colaboraram na minha determinação em continuar minha formação. Além disso, tive o privilégio de poder praticar e estudar desde a infância, com o apoio financeiro e emocional de meus pais.

A graduação⁵¹ foi um momento importante para que eu me posicionasse como pesquisadora da dança, como relatei em minha dissertação de Mestrado:

A graduação foi o espaço em que dei início a uma exploração em que teoria e prática são aspectos codependentes de pesquisa em dança. Desde então, associo minha prática artística num contexto em que se dialoga o fazer e o pensar como dois lados da mesma ação, ambos trazendo questões para a produção do pensamento em dança. (Belchior Santos, 2017a, p. 08)

A mudança no meu posicionamento transformou a minha relação com meu corpo, e consequentemente com a dança. Não posso negar que a contradição ainda existe, afinal, percebo que a discussão sobre o corpo gordo na dança – que venho fazendo em meu trabalho solo ou com meus pares – são fundamentais para apresentar a pauta gorda nos diferentes contextos dessas ações. Essa contradição tem acompanhado a minha vida artística.

⁵¹ Sou Bacharela em Comunicação das Artes do Corpo – Habilitação Dança, pela PUC/SP (2007).

Em 2017, escrevi o texto *Viver as contradições*⁵², em que abordei tais questões:

Eu treinei a dança dos magros, a dança das leves e belas bailarinas que devem parecer flutuar. Mesmo sendo gorda aprendi a ser leve, a transparecer leveza no meu modo de mover, mas não era suficiente. Eu deveria ser magra. [...]

Eu sempre habitei esses contextos, sempre vivenciei um paradoxo de pertencimento e não pertencimento ao lugar da dança. Eu causo estranhamento e recebo olhares preconceituosos, ao mesmo tempo em que recebo elogios. Por muito tempo vivi esta contradição pensando que ela seria passageira. Isto porque, ao percorrer um ideal eu acreditava que um dia, talvez, eu pudesse moldar o meu corpo para obter o reconhecimento que eu já sentia. Pensei, muitas vezes, que um dia eu seria magra e poderia fazer o que já fazia.

A contradição era intensa e diária. Recebi muitas dicas sobre como emagrecer e muitas alertas de que era necessário que eu emagrecesse para ser uma bailarina profissional. Afinal, era um desperdício do meu talento eu ser gorda. Eu continuava gorda e continuava dançando. No entanto, não era um ato de rebeldia, pelo menos não consciente. Eu dançava porque fazia sentido pra mim, nunca pensei em desistir. Ser gorda era, certas vezes, um incômodo, mas eu encontrava jeitos de persistir. Dançar é meu jeito de estar no mundo. [...]

Através dos meus estudos em dança contemporânea passei a dançar minhas singularidades ao invés de seguir um modelo que está o tempo todo a minar corpos como o meu. [...]

Essa experiência mudou o modo como eu olhava para o meu corpo. Eu não mais dançava como se o meu corpo fosse outro, como se ele fosse magro, mas assumia meu formato e meu peso.

Ao dançar através desse entendimento de corpo pude perceber as nuances entre minha força e vulnerabilidade. Contudo, a contradição ainda reside. O estranhamento com o meu corpo ainda acontece. A diferença é que eu não me interessava mais por alcançar um ideal de corpo. Passei a me interessar sobre quais outros contextos a dança pode criar, o que mais além de beleza e leveza cabe na dança?

Tornei-me uma bailarina gorda profissional, e nesta trajetória fui fortalecendo o entendimento sobre o meu corpo. Minha pesquisa se encaminhou para o ponto em que não bastava apenas habitar diferentes contextos, mas evidenciar o meu contexto. Era preciso revelar o meu corpo, o meu peso, o meu formato. Era preciso falar sobre as contradições do meu corpo com a dança. (Belchior Santos, 2017b, s/p)

A minha experiência na dança é marcada por contradições. Mas entendo que, mesmo agora, que me posiciono orgulhosamente como gorda⁵³ o que interessa não é limar a contradição. Minha orientadora Fátima Costa de Lima comentou, durante sua leitura deste trabalho, que a contradição é uma condição do sistema capitalista em que vivemos, que o capitalismo sobrevive de criar e alimentar as contradições e, por isso, elas não são passageiras (informação oral)⁵⁴. Não é viável acabar com a sensação contraditória, mas, talvez a contradição entre certo e errado, nesse caso e em outros tantos, é muito limitada para dar conta da complexidade possível para pessoas gordas dançantes. Relações contraditórias como tensões

⁵² Este texto foi escrito originalmente para o volume *Orgulhosamente Gordas*, da revista Ediciones Inestables (2017), que acabou não sendo publicada. É possível lê-lo completo em meu site, disponível em: <https://www.jussarabelchior.com/aos-meus-inimigos>, acesso em: agosto de 2020.

⁵³ *Orgulhosamente gorda* é o nome do volume da revista a qual escrevi esse texto. A revista acabou não sendo publicada e esse texto está disponível no meu site.

⁵⁴ Realizada em orientação no dia 15 de agosto de 2022.

que gerenciam os acontecimentos, principalmente os artísticos, são indispensáveis. Isso porque se as coisas têm apenas um viés elas tendem a se tornar monótonas e excludentes.

Quase quatro anos após escrever o texto *Viver as contradições*, entendo este fragmento-quilo *Dançar as contradições* como uma proposta de avanço. Não para superar uma contradição vivida ou eliminar uma dualidade rasa, mas para friccionar um campo do saber que está sendo construído. **O saber gordo está em construção na partilha de experiências, como um posicionamento crítico que desmantela a opressão contra os corpos das pessoas gordas.**

[#dança gorda](#)

[#gordofobia na infância e adolescência](#)

[#metodologias e estratégias de peso](#)

27kg Criança gorda

Para falar sobre a experiência de ser uma criança gorda, começo com um relato da pesquisadora gorda Agnes Arruda. Em sua tese de Doutorado *O peso e a mídia: uma autoetnografia da gordofobia sob o olhar da complexidade* (2019), ela conta sobre quando ela se dá conta da diferença de seu corpo:

Dei-me conta de que era tratada de forma diferente por conta do meu tamanho, quando eu tinha sete anos. Foi no caminho para a escola, que eu fazia diariamente com outros dois coleguinhas de turma. Eles eram irmãos, um menino, de quem eu queria ser namoradinha, e uma menina, com quem eu brincava durante os intervalos e depois das aulas. Um dia, eles me contaram que, entre a turma, meu apelido era “galera” porque meu tamanho valia por muitas crianças. Se eu forçar minhas lembranças, acho que nem era chamada assim pois, na escola, ninguém nunca se dirigiu a mim dessa maneira. Ao contar, eles fizeram um gesto, abrindo e girando os braços ao redor do corpo, e riram. Eu ri também, sem ter consciência do que aquilo significava ao certo, mas percebendo o tom pejorativo e jocoso da fala daqueles dois. Eu não tinha nenhum mecanismo de defesa para me posicionar naquele momento; apenas absorvi o insulto, que veio em forma de piada, e segui o caminho, ainda com eles, apesar do nó na garganta. (Arruda, 2019, p. 59-60).

Percebo nesse relato algumas coisas com as quais me identifico: os apelidos secretos, as risadas que fingimos não machucar e a impossibilidade de reagir. É como se essa história fosse minha também, embora não tenha sido “galera” um dos apelidos que me foi dado.

As experiências pessoais nos marcam e moldam nossos interesses, desejos e lutas. Na escrita desta tese, aposto em uma estratégia similar à de Agnes Arruda, que provoca a discussão a partir de exemplos de sua experiência⁵⁵. Para muito além da compaixão, a proposta é trazer à tona uma problemática, a fim de encontrar brechas para fazer avançar o debate sobre ela e, quem sabe um dia, solucioná-la.

Não sei dizer qual história da minha infância é a primeira a me marcar como criança gorda, mas lembro que esse era um assunto muito comum em minha casa, já que meu irmão também era uma criança gorda. Mesmo em uma família em que a gordura é até bem comum, a cobrança para emagrecer e a vigilância com o que a gente comia era constante.

Fora do âmbito familiar, lembro-me de um acontecido que me marcou muito. Quando eu tinha em torno de 8 anos de idade, a professora do ensino fundamental organizou um amigo secreto instantâneo na sala de aula. Sorteamos os nomes entre os colegas de turma para escrever um bilhete-presente para aquela pessoa com adjetivos. Se me recordo bem, a proposta era para

⁵⁵ Além das experiências pessoais, Agnes Arruda faz uma análise de exemplos de pessoas gordas nas mídias, para falar sobre como estas influenciam na percepção do senso comum sobre a gordura.

ser anônima, nós não saberíamos quem nos presenteou. Mas, a autoria do meu bilhete foi revelada quando a professora pediu que eu lesse em voz alta o que eu tinha “ganhado”. Foi como um soco no estômago, o bilhete dizia “Feia, gorda e cabeluda”, lembro da sensação de segurar o choro, e da humilhação. Quando ela escutou o único bilhete insultuoso pediu que o autor se revelasse e explicou: que aquela não era a tarefa – embora ele tenha usado adjetivos – e que aquele não era um comportamento adequado. A atitude dela serviu para que eu não passasse por situações similares de exposição dentro da sala de aula, mas não foi suficiente para que parassem os risos e os apelidos dissimulados nos outros ambientes da escola.

Atualmente entendo que é preciso muitas conversas desse tipo para que esses comportamentos não se repitam. Isso porque a gordofobia é estrutural e desde a infância começamos a reproduzir comportamentos gordofóbicos. Malu Jimenez explica como o ambiente escolar tem colaborado por perpetuar o estigma social da gordura, tornando muito complicada a transformação social e o entendimento sobre as diferenças entre corpos.

Provocar a reflexão sobre a estigmatização com os corpos gordos pelo corpo docente e comunidade escolar, se propõe focar o entendimento que um lugar que as mães entendem como seguro: a escola, não tem cumprido com esse papel da tolerância e respeito aos direitos humanos, já que se está naturalizando um tratamento estigmatizador desde a infância com crianças, tendo continuidade na adolescência e fase adulta com pessoas gordas. (Jimenez, 2019, s/p)

Vivenciar a gordofobia desde a infância pode ser traumatizante e, além disso, introduz na criança a ideia de que o corpo gordo é inadequado. Como comenta a pesquisadora Malu Jimenez (2020, p. 48): “Ser uma criança gorda é começar bem cedo a entender e aprender o que acontece socialmente quando seu corpo não está em conformidade com a decisão social do que é estar saudável e bela”. Os ataques vexatórios à criança gorda vêm de todos os lados: familiares, colegas, educadores, médicos e desconhecidos. A criança pode assimilar rapidamente que ela é diferente e errada.

Além de apreender o entendimento de que seu corpo está errado, a criança gorda pode começar uma batalha impossível com a balança. Essa batalha pode ser muito mais cruel durante a adolescência, principalmente entre as mulheres. A concepção de que a gordura corporal é um erro pode gerar comportamentos danosos às pessoas gordas, como privação da alimentação e reclusão social – acarretando muitas vezes em problemas de saúde, principalmente emocionais. Deixar de fazer alguma atividade apenas pelo fato de ser gorda é algo que acontece tanto em crianças gordas como em adolescentes, pessoas adultas e idosas.

Na dança, é muito comum que as crianças gordas sejam excluídas. Existe uma concepção de que pessoas gordas têm pouca mobilidade, nunca são ágeis, têm pouca resistência e não são capazes de lidar com outros corpos (se aproximar sem esbarrar, estar junto sem atrapalhar). Esta noção equivocada faz com que muitas pessoas gordas não desenvolvam tão bem habilidades refinadas de movimento por falta de possibilidade de praticar atividades físicas. Isso pode significar que a possível dificuldade na mobilidade não é necessariamente preexistente, não é uma condição da gordura corporal. Pelo contrário: a falta de mobilidade é uma condição da exclusão social às práticas de atividades físicas.

A conversa sobre gordofobia na infância é urgente, mas para que ela aconteça ela precisa reverberar entre pessoas jovens, adultas e idosas. Afinal, o diálogo, a partilha de experiências e as reflexões a partir dessas são estratégias contribuem para refazer as estruturas ideológicas. O caminho para aceitar, amar e respeitar o corpo gordo é trabalhoso e deve ser feito não apenas pelas pessoas gordas.

[#gordofobia na infância e adolescência](#)

28kg E se?

- E se você pudesse ter o corpo que você quisesse, qual corpo você teria?⁵⁶
- “Se” não existe.
- Mas e se existisse?
- Não existe uma forma saudável de eu deixar de ser gorda para ser magra de repente.
- Mas e se tivesse um jeito, se você pudesse acordar magra, mas de forma saudável, sem dieta maluca, nem doença, nem nada. Se você pudesse escolher outro corpo, você escolheria?
- Tipo mágica?
- É. Se você pudesse escolher.
- Hoje?
- É.
- Mas você entende que isso não existe? Não é uma escolha.
- Mas e se fosse?
- Não.
- Não?
- Não. Hoje eu entendo que não tem nada errado com meu corpo e considero o meu trabalho importante na luta contra gordofobia e visibilidade de outros corpos como o meu.
- Ah, tá.

[#gordofobia na infância e adolescência](#)

⁵⁶ Diálogo composto a partir das minhas anotações e memória sobre um dos questionamentos durante as ações que realizei com o Projeto Juventudes no Sesc Santos, em março de 2018.

29kg Aceitar-se?

Tive uma experiência de proximidade com o público adolescente em uma das ações paralelas ao trabalho *Peso Bruto*. Não costumo apresentar esse solo para um público mais jovem, pois a classificação indicativa é de 16 anos, devido à nudez. Mas, aquele dia trouxe questões para a discussão sobre a relação com o próprio corpo.

Em março de 2018, fui ao SESC Santos para realizar três ações: uma apresentação de *Peso Bruto*, ministrar o workshop *Dança contemporânea: percepção e empoderamento* e propiciar uma ação com os projetos Curumim⁵⁷ e Juventudes⁵⁸. Essa última foi proposta pela programadora artística da unidade, Ligia Azevedo, pensando na importância de trazer o assunto para crianças e adolescentes. Foi uma semana intensa de trabalho, na qual realizei ações com sete grupos de, em média, trinta crianças ou adolescentes.

Em uma conversa que tive com Ligia Azevedo e alguns educadores responsáveis pelo projeto, combinamos que a ação começaria com a apresentação da primeira cena da peça – na qual uso um vestido preto – seguida de uma conversa sobre padrões e preconceitos e, por fim, um exercício prático em que as crianças ou adolescentes pudessem experimentar a percepção do próprio corpo. A sugestão foi de que eu comesse com a dança, sem falar absolutamente nada antes.

O primeiro dos sete grupos com os quais realizei essa ação foi uma turma de adolescentes. Eu já estava em cena esperando-os, como faço quando apresento a peça completa. Eles se sentaram no grande palco do Teatro do Sesc em minha frente, esperando que eu comesse. Depois de um tempo, entenderam que a ação já tinha começado e, aos poucos, foram fazendo silêncio e prestando atenção.

Assim que terminei a cena, aproximei do grupo dizendo meu nome, explicando que aquela era a primeira cena do trabalho *Peso Bruto*, que eu tinha criado para discutir o estranhamento com o meu corpo por eu ser uma bailarina gorda. Convidei-os para nos sentarmos em roda para uma conversa. Sentamo-nos todos e, assim que perguntei se alguém

⁵⁷ O Programa Curumim é um projeto socioeducativo para crianças de 7 a 12 anos, que visa o desenvolvimento integral da criança por meio da realização de atividades educativas, culturais e de lazer. Mais informações disponíveis em:

https://www.sescsp.org.br/programacao/174753_CURUMIM+INSCRICOES+2019?fbclid=IwAR0EurdL4waAFWzqcbjGswaaBzh6hjGRrIzFDy9ruUMNFvH7xXrZOwmyyg, acesso em agosto de 2020.

⁵⁸ O Programa Juventudes desenvolve projetos que procuram levar em consideração a pluralidade e diversidade do público juvenil. Mais informações disponíveis em: https://www.sescsp.org.br/programacao/23002_JUVENTUDES+SANTOS#, acesso em agosto de 2020.

tinha alguma questão, uma menina levantou o braço e perguntou: “Como é que foi o seu processo de aceitação com o seu corpo?”.

Levei um choque: não esperava começar a discussão com uma pergunta tão pessoal, tão provocadora e que não estivesse literalmente relacionada a algum aspecto coreográfico (adultos costumam fazer mais rodeios). Primeiramente expliquei como, para mim, a adolescência foi o período mais complicado e que por muito tempo eu não “aceitei” o meu corpo de gorda. Depois, tentei abordar a problemática da aceitação e o modo como ela pode ser uma falsa aliada no combate à gordofobia e outros preconceitos.

Natália Barchet, pesquisadora gorda e cientista social, publicou o vídeo *Você NÃO precisa se aceitar* (2018)⁵⁹ em seu canal do Youtube. Nesse ela aborda os principais motivos pelos quais a noção de aceitação pode ser problemática, apresentando o assunto da seguinte forma:

O terrível discurso da aceitação. (...) Calma, calma, eu não tô dizendo que a gente não tem que se gostar, que não é importante a gente se amar, que todo mundo tem que se olhar no espelho e se achar horrível, não é isso que eu tô dizendo. Eu tô dizendo que o, especificamente, discurso da aceitação tem problemas e eu vou contar para vocês quais são eles [sic](Barchet, 2018, 3min46s-4min22s).

Das três questões elencadas por Natália Barchet na problemática da aceitação, a primeira é o que mais enfatizei na conversa com os adolescentes do Projeto Juventudes. Ela nos lembra que as palavras têm valor e que, por isso, é importante escolhê-las bem. Aceitar o próprio corpo dá a ideia de “aceitar apesar de”, como se a aceitação fosse uma conformação, um aprender a viver com ou um se amar apesar dos defeitos.

A segunda questão sobre a aceitação apontada pela estudante é o fato de o discurso da aceitação trabalhar apenas no campo individual, enquanto a luta antigordofobia é uma questão política e deve ser discutida coletivamente. Aceitar o próprio corpo pode ser um passo importante na trajetória de muitas pessoas gordas, mas não muda o fato de que muitos espaços, públicos e privados, não estão adequados a nos receber. Por último, ela menciona como a aceitação pode trazer para a pessoa a noção de que sua beleza ou sua feiura definem o seu valor, e de como isso é limitador.

Entendo como a aceitação pode ser importante para o processo de transformação social. Em sua tese, Malu Jimenez explica sobre como se aceitar costuma ser uma porta de entrada para o movimento gordo:

⁵⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qu2zXZ1-xwY> , acesso em setembro de 2020.

(...) muitas mulheres gordas começam a se aceitar primeiro, a amar seu corpo gordo, para depois participarem do ativismo contra a gordofobia de diversas maneiras, ou não. Existem outras mulheres que ficam nessa questão da beleza, da moda, do empoderamento, e está tudo bem também.

Nada contra o empoderamento e a autoaceitação, isso salva vidas, (Jimenez, 2020, p. 33).

A aceitação está relacionada com o movimento individual. É preciso dar um passo adiante para transformar a autoaceitação em luta coletiva por pessoas gordas. Por fazer parte do processo de reposicionamento das pessoas, a aceitação é muito confundida como principal fator do movimento gordo. Isso pode ser problemático, quando dificulta o avanço das pautas coletivas de acessibilidade e direitos na esfera pública. A relação entre sociedade e corpo gordo não se reduz à problemática da autoaceitação.

[#gordofobia na infância e adolescência](#)

[#dança gorda](#)

30kg Ativismo gordo x movimento *body positive*

Uma das questões para o avanço da luta antigordofobia é a aproximação e confusão entre ativismo gordo e movimento *Body Positive*. Natália Barchet (2018) explica o movimento *Body Positive* em suas postagens no Youtube, segundo ela:

O movimento *Body Positive* foi criado em 1996, nos Estados Unidos, e ele tem como premissa básica um incentivo a um olhar mais positivo sobre o próprio corpo, sabe? Ele tenta quebrar os padrões de beleza, ensinar uma forma mais saudável da gente ver o nosso reflexo no espelho e dar atenção a corpos marginalizados. É muito importante dizer que o movimento *Body Positive* em si não tem gênero, ele é pra homem, pra mulher e para tudo que tem no meio do caminho, ele é pra todo mundo. Mesmo que a gente veja o feminismo se apropriando muitas vezes desses discursos, não foi assim que o movimento foi criado, inclusive, no cancelho deles lá tem alguns homens, então, ele serve para todo mundo que quer se ver de uma forma mais bondosa, digamos assim. O movimento não fala só sobre tamanho de corpo, sobre forma de corpo, sobre corpos gordos e não magros. Ele fala também sobre corpos negros, corpos que possuem alguma deficiência, corpos com marcas, seja elas quais forem, corpos LGBTs, corpos não binários, corpos com estrias, corpos com celulite, com espinhas, com o cabelo diferente, ele fala até mesmo de pênis, sabe, do tamanho de pênis? Com a nóia que os homens têm com relação ao tamanho de pênis, isso é abordado no *Body Positive [sic]* (Barchet, 2018, 0min28s – 1min46s).

A demanda do movimento *Body Positive* não se limita a corpos gordos, ela é mais abrangente, e é direcionada a um campo mais pessoal, tentando positivar o modo como cada pessoa lida com seu próprio corpo. Já a luta antigordofobia atua no campo do coletivo, buscando mudanças estruturais na organização social. A atriz Thaís Putti (2021) comenta em sua dissertação de Mestrado *Tem mais de mim aqui dentro: narrativas de uma atriz gorda sobre o riso na f(r)icção entre o cotidiano e a cena* sobre a aproximação desses movimentos:

Sem dúvida esse processo interno e individual de empoderamento estimulado pelo *Body Positive* é muito importante em nossas micro relações como disparador de forças, mas lutar por algo coletivo é pensar para além de si. É idealizar formas de denunciar as estruturas muito bem fixadas, redistribuir a culpa que sentimos, e responsabilizar um sistema que nos deve assistência, acolhimento e respeito (Putti, 2021, p. 64).

Thaís Putti chama atenção para uma ação que não é individual, mas coletiva. Em coletivo somos capazes de exigir mudanças estruturais que afetam determinados grupos. Mas, essa demanda coletiva, tem sido ouvida?

É possível notar que a aproximação desses movimentos pode ser proveitosa, já que muitas pessoas vão precisar passar por um movimento individual antes de conseguir lutar com e pelo coletivo. Mas, muitas vezes, parece que a discussão do movimento *Body Positive* tem

mais visibilidade, dando mais força para as conquistas pessoais que as demandas da coletividade. A aceitação, tanto pessoal, como a de corpos dissidentes na sociedade, não é, necessariamente, uma demanda da luta antigordofobia. Por isso a distinção entre os dois movimentos precisa ser feita. Para que não se perca de vista a nossa causa revolucionária.

[#conceitos pesados](#)

[#coletividade gorda](#)

31kg Palatável

Não é à toa que a ativista estadunidense Virgie Tovar (2018, 93) acusa o crescimento do movimento *Body Positive* em detrimento do ativismo gordo. Segundo ela, o movimento *Body Positive* é mais palatável no *mainstream*, já que ele se contenta com a aceitação dos corpos dissidentes, ao invés da libertação demandada pelo movimento gordo. Ela conta que no início de sua aproximação com o movimento gordo

Libertação era central nas conversas que eu estava interessada em participar. Havia um reconhecimento de que a “aceitação” não era um resultado aceitável porque ser absorvida por uma cultura racista, patriarcal e gordofóbica que sistematicamente desumaniza você não é exatamente uma “vitória” (Tovar, 2018, p. 92, tradução minha)⁶⁰.

A aceitação de corpos dissidentes não é suficiente para mudar as lógicas excludentes da sociedade, por isso o movimento gordo foca nas ações coletivas, ao invés das mais individuais. Virgie Tovar comenta também sobre sua aproximação com o movimento *Body Positive*:

Eu estava começando a ter uma sensação real de que essas mulheres não queriam ser indelicadas, não queriam levantar a voz e queriam fazer avanços políticos por meio de abraços e almoços de trabalho refinados. Era a feminilidade branca se é que eu já a vi. E mesmo que nunca tenha sido dito em voz alta, o comportamento delas indicava um compromisso com o status quo (Tovar, 2018, p. 95 e 96, tradução minha)⁶¹.

Tovar continua sua crítica ao movimento comentando que o compromisso por mudança a partir dos direitos humanos parece ter sido substituído pelo desejo de ter acesso a privilégios (Tovar, 2019, p. 97). Apesar de suas críticas, a pesquisadora se mantém ativa dentro do movimento *Body Positive*, buscando aproveitar da popularização dele para se manter produzindo criticamente. Ela lembra também que consegue se manter nesses lugares pelos privilégios que ela tem por estar relativamente próxima à norma, sendo uma latina de pele clara e gorda menor⁶². Se manter dentro de um movimento palatável pode funcionar para aos poucos

⁶⁰ No original: “Liberation was central to the conversations I was witnessing and participating in. There was a recognition that ‘acceptance’ was not a desired outcome because absorption into the racist, patriarchal, and fatphobic culture that has systematically dehumanized you isn’t exactly a ‘win’”

⁶¹ No original: “I was starting to feel a real sense that these women didn’t want to be impolite, didn’t want to raise their voices, and wanted to make political strides through hugs and genteel working lunches. It was White femininity if I ever saw it. And even though it was never said it out loud, their behavior indicated a commitment to the status quo”

⁶² Os conceitos de gorda menor e gorda maior são classificações utilizadas pelas pessoas no movimento gordo para marcar a diferença de privilégios entre quem está mais perto ou mais longe do padrão normativo de corpos. Essa discussão será desenvolvida no fragmento-quilo 78kg *Magra ou gorda* desta tese.

ir distribuindo verdades difíceis de engolir. Mas, para isso, é preciso exercitar uma postura crítica como a autora demonstra ter em seu livro.

O movimento *Body Positive*, que conheci principalmente por criadoras de conteúdo gordas, abre portas para que as pessoas criem outros tipos de relação com seus corpos que não o ódio e a negação. É um movimento importante que transforma a vida de muitas pessoas. Mas, para algumas pessoas, o tempo traz a consciência a a agência de que é preciso pensar no coletivo, em mudanças estruturais que desmoronem a lógica de privilégios.

[#conceitos pesados](#)

[#coletividade gorda](#)

32kg Medidas de diálogo

É imprescindível pensar em como criar espaços de diálogos com o público mais jovem. Em 2019, passei a integrar o elenco de *SOB Medida* (2017)⁶³, uma performance-manifesto que galga por representatividade gorda nos campos das artes cênicas, dirigida pela artista e pesquisadora gorda Taynara “Gaia” Colzani da Rocha⁶⁴. No elenco, também Bruna Puntel⁶⁵ e Uila Roldan⁶⁶. Minha primeira participação foi em março de 2019, no Instituto Estadual de Educação – IEE⁶⁷, para estudantes do ensino médio. Apresentar esse trabalho para adolescentes nos exigiu lidar de maneira muito diferente com as ações, sobretudo na primeira cena.

Começamos o trabalho escrevendo palavras no corpo uma da outra. Coisas que pessoas gordas costumam escutar, como “bonita de rosto”, “pneuzinho”, “baleia” entre outras. Depois de um tempo andamos pela plateia, entregando a caneta ao público. As pessoas costumam entender a tarefa e, geralmente, escrevem palavras incentivadoras como “linda” ou “corajosa”. Mas, com os adolescentes a resposta não foi tão imediata, o que exigiu uma adaptação nossa em cena. Nas entrevistas com as performers da ação, em anexo ao TCC da diretora Gaia Colzani (2019), é possível acompanhar uma conversa sobre essa apresentação:

Bruna - (...) Mas no IEE eu senti que pediu outras coisas, tipo, a gente normalmente não fala, mas ali eu senti que tinha que falar. É outra relação que eles tem com isso. Aqui no ceart a galera já tem a relação com o jogo então tu não precisa explicar muito porque eles já entram no jogo. Lá não rolou o jogo então eu tive que falar. Tive que pedir pra que eles escrevessem em mim.

Jussara – eu também precisei falar. As pessoas me perguntavam o que que era pra escrever e eu falava pra escrever o que quisesse

Bruna – É, com eles eu senti vontade de falar, eu só não falei mais porque eu não sabia pra onde isso ia, sabe? Lá mudou tudo (Rocha, 2019, p. 55).

⁶³ No decorrer da tese trarei outras experiências a partir de *SOB Medida*, por ora, é importante ressaltar que esta é uma performance criada dentro de uma disciplina no curso de Licenciatura em Teatro na UDESC em que Gaia Colzani propôs uma criação a partir do corpo gordo.

⁶⁴ Gaia Colzani é atriz, dançarina, diretora, produtora cultural e pesquisadora das artes da cena. É mestra e doutoranda em Teatro pela UDESC. Utiliza dos espaços para pesquisar metodologias e estratégias para a inclusão segura e responsável de corpos gordos nas artes. Dedica-se aos estudos de práticas corporais, e de estudos sociológicos como forma de autoconhecimento e resistência.

⁶⁵ Bruna Puntel é graduada no curso de Licenciatura em Teatro, e mestranda em Artes Cênicas na Universidade do Estado de Santa Catarina. Atua no trabalho Cênico *SOB Medida* (2017). Pesquisa o corpo gordo, gordofobia estrutural e teatro. Faz parte do coletivo MANADA, composto por pessoas gordas que produzem pesquisa, artes cênicas e debates em torno do corpo gordo.

⁶⁶ Uila Roldan é percursionista e fotógrafa. Integrante do coletivo artístico de pessoas gordas MANADA e do grupo de arte e carnaval Africatarina.

⁶⁷ Esta apresentação fez parte da programação do evento *Acorda Maria!* realizado em função das atividades do movimento 8M, uma ação pelo Dia Internacional das Mulheres. Mais informações disponíveis em: <https://catarinas.info/8marielle-greve-internacional-de-mulheres-programacao-e-marcha-em-florianopolis/>.

Como forma de aproximação daquele público adaptamos a nossa ação, mas não tanto a ponto de sair dos mapas coreográficos pré-estabelecidos, pois, como apontou Bruna Puntel, não sabíamos como essa diferença poderia interferir no andamento do trabalho. Ao entregar a caneta uma dúvida surgia: o que escrever? Nos questionavam e olhavam para seus colegas próximos para conseguir decidir o que fazer. Talvez, para aquele contexto nossa aproximação tenha sido muito invasiva. A pessoa que escreve em nosso corpo acaba por entrar no foco da ação, e entre uma turma de adolescentes que se conhece e se vê quase todos os dias, independentemente de quem tiver a caneta, é compreensível a curiosidade pelo que essa pessoa vai escrever e em qual parte de nossos corpos.

As condições do espaço de apresentação acabaram colaborando para que os estudantes não entrassem muito no jogo: ocupamos uma parte coberta do pátio, um lugar amplo onde focar o olhar requer concentração. Além dos avisos e trabalhos colados nas paredes, era possível notar qualquer pessoa que estivesse circulando pelos corredores. Ao contrário das apresentações que já foram feitas em espaços cênicos, não havia nenhuma luz para direcionar o olhar do público nem para criar um ambiente mais intimista. Tínhamos a iluminação fria do espaço e a luz do sol, que entrava pelas áreas descobertas do pátio. E um silêncio escolar, só interrompido pela música da cena final da performance.

Gaia Colzani comentou como essa foi uma experiência difícil, com adolescentes que desviavam muito o olhar. Durante a entrevista ela diz: “eu fico pensando sobre a gente não ter conseguido acessar eles. Muitos não olharam, muitos não se interessaram” (2019, p. 54-55). Tenho uma impressão similar à dela: de que a nossa tentativa de diálogo não foi muito eficiente.

No momento em que entrou a trilha sonora, houve uma pequena diferença. Ao final da performance, começamos uma espécie de desfile de moda: imitando poses de modelo, sorrindo e acenando como as misses. Ao fundo se escuta a música *Miss beleza universal* (2017)⁶⁸, de Doralyce. Essa começa com um ruído que se assemelha a uma transmissão de rádio a qual anuncia a mais nova miss beleza universal. Depois de alguns segundos, invade o ritmo de *funk* e a letra questionadora da compositora pernambucana denunciando o machismo e o padrão de beleza imposto às mulheres.

Após nosso pequeno desfile, começamos a dançar em um ritmo mais acelerado que quase todas as ações que realizamos até então. Se o início do trabalho deu muito mais tempo para a contemplação da gordura de nossos corpos, nesse momento final o foco recai em dançar fazendo chacoalhar as banhas. Improvisamos, recorrendo aos movimentos do *funk* e outras

⁶⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uRlgdab5OKQ>, acesso em setembro de 2020.

possibilidades de movimento mais ondulados e vibrantes. Contaminamo-nos com nossas tremedeiras e sentimos a resposta do público, que geralmente se envolve com o som mais festivo.

Embora eu tenha a sensação de que dançar ao som de uma música pode ter chamado um pouco mais de atenção daqueles jovens, não posso afirmar. O evento em que nos apresentamos programou uma série de atividades em sequência, o que não nos permitiu conversar com o público após a apresentação. Fico com essa curiosidade, como será que teria sido essa conversa?

SOB Medida não foi criada para um público específico, mas pessoas mais novas não costumam a assistir à peça, por conta das classificações indicativas. Desde o início da ação estamos seminuas, vestindo apenas calcinhas. As mamas, banhas, dobras, estrias estão todas à mostra, chacoalhando enquanto nos movemos. Para a apresentação no IEE, adaptamos um figurino de *top* e *shorts* a fim de nos adequarmos ao espaço. Solução que nos parece suficiente, caso surjam novas ocasiões como essa.

Mas, além de adaptar o figurino, talvez seja necessário pensar em quais outros diálogos possíveis dentro da cena. Quais outras medidas precisam ser tomadas para os contextos em que realizamos as apresentações? Essa parece uma questão relevante para se pensar na recepção do público a partir desta temática específica. Se a gordofobia afeta as pessoas desde a infância, como trazer esse assunto à tona para o público de todas as idades? Ou, como criar pensando em grupos de idades distintos?

[#gordofobia na infância e adolescência](#)

[#dança gorda](#)

[#coletividade gorda](#)

33kg Marcar a pele

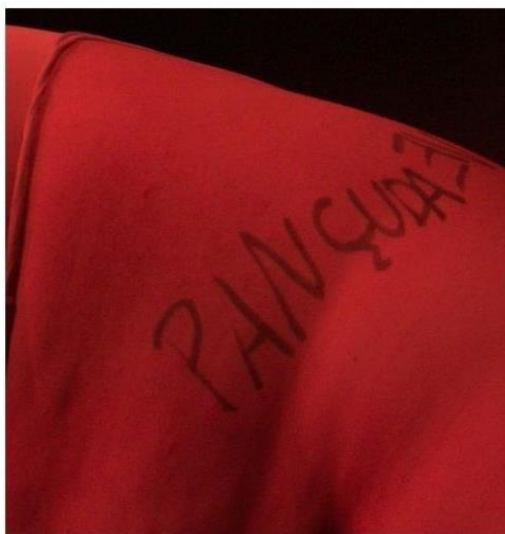


Imagem 13 - Marcar a pele, colagem de imagens da cena de escrita na pele, 2021. Arte visual: Jussara Belchior.
Fonte: arquivo pessoal da autora da tese.

Fotos 1, 2, 5 e 6 - *SOB Medida* em IX SPAC - CEART/UDESC, 2019. Fotógrafa: Uila Roldan.

Foto 3 - Ensaio de *Peso Bruto*, 2016. Fotógrafa: Jussara Belchior.

Fotos 4 e 7 - *SOB Medida* em 1ª Mostra Dissidente de Teatro Político, Sesc Prainha, Florianópolis/SC, 2019.
Fotógrafa/o: Mhirley Lopes e Gustavo Cabeza.

[#dança gorda](#)

[#coletividade gorda](#)

34kg nossa história contada por nós mesmas

nossos corpos marcados por dor e luta
acolhimento e humilhação
crítica e ação
nossa banha vista bem de perto
tempo para ver as marcas
a flacidez, estrias, dobras e celulites

nossa dança reescrevendo nossas marcas
apagando com suor o que não nos pertence
o que nos foi imposto
o que é falso
nossa gordura ostentada com orgulho

[#dança gorda](#)

[#coletividade gorda](#)

[#metodologias e estratégias de peso](#)

[#criticar a norma](#)

para Gaia Colzani, Bruna Puntel e Uila Roldan

35kg Falta representatividade

Contar as próprias histórias, reivindicar seu espaço e transformar a realidade excludente são questões presentes em diferentes lutas contra a opressão. Aprendemos com o movimento das pessoas com deficiência o lema: “Nada sobre nós, sem nós”⁶⁹, e assim buscamos estar presentes nos diferentes espaços de representação política que abordam discussões as quais nos interessam e/ou que devem nos contemplar. Incluir pessoas excluídas nos mecanismos de decisão, nas ferramentas de difusão de informações e nos ambientes de produção de saber deve ser parte do processo de mudança estrutural. Ver outras pessoas que passam pelas mesmas dores que você ocupando esses espaços traz a sensação de que você pode pertencer àquele lugar, que as questões debatidas e coisas produzidas são para você também. Essa é a demanda da representatividade, espaço para corpos fora do padrão em todos os campos de convívio social, seja profissional, rede de afetos, familiar, midiático entre outros.

Gaia Colzani nos conta em seu TCC sobre como a falta de representatividade foi um estopim para a criação de *SOB Medida* (2017). Ela estava em sala de aula⁷⁰ quando a turma compartilhava as propostas de seus processos criativos. Até então ela não tinha decidido como iria trabalhar e ficou escutando os planos das outras pessoas. Segundo ela, alguns dos projetos levantavam questões feministas, mas mesmo nesses, as pessoas que compunham o elenco eram magras, cis e brancas. Escutar sobre essas concepções foi gerando um desconforto na artista:

A falta de representatividade me incomodou tanto que eu saí da sala de aula tremendo, pensando na agressão que eu tinha vivenciado naquele momento. Imediatamente me veio à mente o que eu gostaria de fazer; queria trabalhar com mulheres gordas, queria que elas estivessem nuas para que suas peles estivessem totalmente expostas e queria que em algum momento elas dançassem Contato Improvisação, uma dança que mexia muito com minha tranquilidade e segurança (Rocha, 2019, p. 25).

A urgência em ver corpos como o seu é um dos motivos que levou Gaia Colzani a criar *SOB Medida*. Com isso, a artista inaugurou um movimento de pessoas gordas, que no ano seguinte (2018) – quando Bruna Puntel cursou a mesma disciplina – juntou mais pessoas gordas e passou a se chamar MANADA.

⁶⁹ Cf. SASSAKI, Romeu Kazumi. Nada sobre nós, sem nós: Da integração à inclusão – Parte 2. *Revista Nacional de Reabilitação*, ano X, n. 58, set./out. 2007, p.20-30.

⁷⁰ Disciplina Direção Teatral, ministrada pelo professor Doutor Jose Ronaldo Faleiro, realizada em 2017. Nessa aula é preciso propor um projeto de direção de um processo criativo artístico, que é acompanhado por quem ministra a disciplina. No final do semestre há uma mostra pública aberta de todas as produções.

A falta de representatividade no campo das artes cênicas não significa apenas que as pessoas gordas não ocupam a cena. Em sua dissertação de Mestrado (2021), Gaia Colzani aponta como as pessoas gordas são constantemente representadas pelo viés do estigma:

SOB Medida surge a partir da ausência de representatividade positiva de corpos gordes nas artes da cena, sendo retratados, na maioria das vezes, como asquerosos, comilões, solitários, figuras predominantemente engraçadas, indignas de amor e afeto, burros e preguiçosos. [...] Repetições geram crenças e padrões e se um corpo gorde é repetidamente representado de forma não positiva, logo teremos uma sociedade inteira acreditando que para pessoas gordas, existe uma única possibilidade, a negativa (Rocha, 2021, p. 46).

O bombardeamento de informações que insistem em colocar o corpo gordo no lugar de incapaz faz, muitas vezes, com que pessoas gordas não acreditem serem capazes de ser outra coisa além dos estereótipos depreciativos. A pauta da representatividade gorda caminha no sentido de apresentar as pessoas gordas em diferentes espaços e, principalmente, naqueles que nos são constantemente negados.

Mas, ocupar os espaços é apenas um passo. Afinal, uma pessoa gorda não é capaz de representar toda a multiplicidade de corpos gordos. Tenho pensado que a representatividade não é a solução de um problema, mas uma ferramenta de ação. É comum escutar no movimento: “representatividade importa”, e ela importa sim, para engordecer⁷¹ o imaginário do que pode uma pessoa gorda. Mas, não podemos nos contentar com uma ou poucas pessoas gordas transitando nesses lugares de poder. Quando só uma ou outra pessoa são notadas e respeitadas, podemos perder a noção de que a luta é em prol de um coletivo.

[#conceitos pesados](#)

[#dança gorda](#)

[#coletividade gorda](#)

⁷¹ Engordecer é um termo trabalhado por Gaia Colzani em sua dissertação de Mestrado. Cf. ROCHA, Taynara (Gaia) Colzani. *A gordura do ângulo político: da cena para o debate de mesa, outras narrativas se desenham*. (Dissertação de Mestrado). Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Teatro da UDESC, 2020.

36kg Representatividade importa

Fiquei em dúvida se eu utilizava essa frase batida ou não. Às vezes, algumas frases se repetem tanto que parecem perder o sentido, ou não causam mais o efeito que gostariam. *Representatividade importa* é uma reivindicação que geralmente vem acompanhada de uma explicação, para que mais pessoas entendam que há mudanças a serem feitas nas estruturas que organizam nossos modos de viver. Repetir explicações, apresentar diversas vezes algum conceito faz parte de uma demanda didática dos movimentos sociais. Por isso decidi por somar minha voz a esse posicionamento/exigência. A atriz negra brasileira Taís Araújo enuncia no programa de TV *Roda Viva*⁷² que “o sentido da representatividade é você se sentir possível” (Araújo, 2021, 3min18s – 3min22s). Sentir-se possível parece dar uma dimensão mais concreta de como as opressões são excludentes.

A representatividade é uma ferramenta de mudança. Pode acionar uma indignação (ou, no mínimo, uma curiosidade) a respeito das existências impossíveis. A noção de indignação utilizada aqui vai de encontro com a proposta da artista da dança Gal Martins⁷³, que criou uma técnica chamada *Dança da indignação* em parceria com a Cia Sansacroma⁷⁴. No texto que Gal Martins e Djalma Moura escrevem para apresentar a técnica eles defendem que: “A indignação gera um impulso de ação, agrega e não afasta ou ofende, promove senso de mudança da realidade e não se restringe apenas a atos de vingança e violência. Os fatos e verdades são suas ferramentas. A indignação mobiliza, o ódio paralisa” (Martins e Moura, 2017, p. 77). A indignação parece ser uma força necessária para quem quer dismantellar o sistema opressor.

Em estado de indignação pode ser possível clamar por representatividade. O apresentador de TV e criador de conteúdo na Internet Spartakus Santiago comenta em um de seus vídeos que “a importância da representatividade pra gente vai muito além do que a gente se ver na tela do cinema. A importância mor é no impacto cultural dessas obras. Porque cada filme, cada novela, cada comercial que a gente assiste ajuda a moldar a nossa cultura e assim,

⁷² Transmitido pela TV Cultura no dia 08 de março de 2021. Trecho sobre representatividade disponível em https://www.youtube.com/watch?v=NDmPYX7YZww&t=6s&ab_channel=RodaViva, acesso em 24 fev 2022. A entrevista completa está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xsKvmDCXn2U&t=4s&ab_channel=RodaViva, acesso em 24 fev 2022.

⁷³ Gal Martins é artista da dança, atriz, coreógrafa e gestora cultural. Cursou Artes Cênicas na UNESP. Idealizadora do coletivo de dança de mulheres pretas Zona Agbara e fundadora e diretora artística da Cia Sansacroma.

⁷⁴ A Cia Sansacroma é grupo paulistano de dança contemporânea que possui uma atuação artística e política no extremo sul de São Paulo e que possui sede do bairro do Capão Redondo, denominado Ninho Sansacroma, que prioriza ações de descentralização da dança contemporânea na cidade, oferecendo uma programação de espetáculos gratuitos para comunidade.

nossa sociedade” (Santiago, 2018, 2min48s – 3min02s)⁷⁵. O impacto cultural da representatividade comentado por Spartakus Santiago afeta não somente as pessoas representadas por alguém em destaque, mas a todas as pessoas que constatarem aquela presença. Quando afirmo que representatividade é uma ferramenta pretendo dizer que é necessário constância e pluralidade. Para que haja uma mudança efetiva, é preciso mais que um único filme, uma única pessoa famosa, um único espetáculo no festival e assim por diante. É necessário agir em prol de um coletivo múltiplo.

[#conceitos pesados](#)

[#coletividade gorda](#)

⁷⁵ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=AmvCdX4vvps&ab_channel=spartakus. Acesso em 24 fev 2022.

37kg Não dá para ir sozinha

Em uma das primeiras conversas com público pós apresentação de *Peso Bruto*, uma moça da plateia me perguntou sobre como eu lidava com a visibilidade que ganhei por ter sido selecionada pelo Programa Rumos Itaú Cultural. Foi um daqueles momentos que dão peso e responsabilidade ao trabalho. Falei sobre como não sou a única bailarina ou artista gorda e que devo lembrar as pessoas que me assistem disso. Aproveito para provocar a reflexão dizendo que se pessoas gordas não ocupam determinados espaços deve ser porque esses estão sendo negados a elas, mas não que elas não são capazes de ocupá-los. Comentei sobre como penso em aproveitar a visibilidade que tenho para falar sobre pessoas que conheço e admiro, trazendo-as comigo de alguma forma. Não dá para ir sozinha, a luta é coletiva. Além de tudo, é preciso criar e fortalecer redes. Lembro o público de que precisamos de pessoas aliadas, que exigir representatividades fora da norma não é tarefa só minha. Do meu lugar de visibilidade penso em como fazer com que as pessoas busquem outras referências gordas. Esses são os movimentos de desvios que encontro das lógicas do protagonismo.

Imagem 14 - Reflexões diárias (2021). Fonte: elaborado pela autora.

[#dança gorda](#)

[#metodologias e estratégias de peso](#)

[#coletividade gorda](#)

38kg Protagonismo e suas lógicas perversas

Combater as lógicas do protagonismo⁷⁶ para que não nos contentamos com apenas uma pessoa ocupando os espaços, dando palestras, falando em rodas de conversas, participando de festivais, fazendo parte da nossa roda de amizades etc. Sempre as mesmas pessoas não é suficiente. Isso pode gerar a sensação de que a luta é feita com poucas pessoas. Ou dar a entender que a luta já está ganha quando umas poucas pessoas com muita visibilidade passam a representar todas as outras que sofrem a mesma opressão que ela.

A pesquisadora e professora brasileira da teoria queer e estudos decoloniais Helena Vieira chama atenção para uma problemática: quando a representatividade e o protagonismo se confundem. Em uma palestra realizada pelo TEDx UFRJ em 2017, ela explica como a noção de protagonismo pode ser perigosa quando adotada pelas lutas identitárias. Para tanto, ela explica o que é protagonismo: “Protagonismo é um processo doloroso de construção de uma nova dicotomia, uma dicotomia potencialmente perigosa. Que dicotomia é essa? Quando eu penso em protagonismo, eu penso em protagonista, e aí eu transformo aquele que não sou eu em antagonista.” (Viera, 2017, 4min40s – 4min59s). A perversidade da dicotomia entre protagonista e antagonista pode sobrecarregar as pessoas vistas como protagonistas e inibir a ação das pessoas vistas tanto como antagonistas como coadjuvantes. Helena Vieira comenta sobre a figura do coadjuvante: “quem é o coadjuvante na peça se não aquele que está sempre sujeito à ação do protagonista e do antagonista? O coadjuvante é aquele que não muda o enredo” (Viera, 2017, 12min14s – 12min23s). A dicotomia protagonista X antagonista persiste, quando esse terceiro elemento não é capaz de gerar tensões na relação entre os dois primeiros polos.

A partir dessa perspectiva, é possível compreender como o ativismo não pode ser feito apenas por pessoas que sofrem determinada opressão, e muito menos apenas por pessoas com visibilidade. Deixar de agir frente uma situação de opressão não é deixar espaço para protagonizar quem está sofrendo e sim compactuar com o sistema opressor. Helena Vieira lembra também que o ativismo não deve ser propriedade de ninguém, “Eu não posso transformar uma luta política com um excesso de subjetividade pra aplacar as minhas dores. Ela [a luta] tem que ser estratégica, tem que pensar em resultados e em mobilização” (Vieira, 2017, 14min58s – 15min08s). A mobilização convocada pela pesquisadora é o que pode fazer

⁷⁶ Combater as lógicas do protagonismo em todas as lutas identitárias, minoritárias e contra o opressor.

com que as pessoas aliadas entendam seus papéis nas lutas, transformem-se em coadjuvantes ativos, interferindo na dualidade protagonista x antagonista.

A alternativa à ideia de protagonista apresentada por Helena Vieira é de pensar em sujeitos da luta: “Ser central na luta é ser sujeito da luta, é a capacidade de tomar consciência da sua luta e de tomar consciência da construção de redes a partir da própria luta” (Viera, 2017, 6min39s – 6min56s). Os sujeitos da luta são aqueles que agem, que encontram formas de dialogar e investir no coletivo. A pesquisadora comenta que essa noção perigosa de protagonismo que vem sendo adotada pelo ativismo vem de um universo corporativo, empresarial. Mas, observar como esses termos são utilizados no dia a dia pode ser um espelho para refletir nas relações entre essas três figuras no universo artístico, principalmente nas criações que se interessam por essas dinâmicas de interação (com personagens muito bem definidos assumindo os papéis de heroísmo ou vilania).

[#conceitos pesados](#)

[#criticar a norma](#)

39kg Sobre lugar de fala

Convidar pessoas aliadas para a luta acaba por tocar na discussão sobre o conceito *lugar de fala*. Como uma pessoa que não sofre gordofobia (ou outra opressão) pode falar sobre gordofobia? Isso parece ser uma confusão da demanda de representatividade, mas, ao exigirmos espaço para as pessoas gordas, não devemos excluir outras pessoas, principalmente as aliadas. Precisamos no entanto estarmos atentas a como essa pessoa tem ocupado esse espaço e se ela realmente fala a partir de sua condição de aliada. A filósofa, feminista negra brasileira Djamila Ribeiro comenta sobre essa confusão em seu livro *O que é lugar de fala?* (2017), segundo ela:

Um dos equívocos mais recorrentes que vemos acontecer é a confusão entre lugar de fala e representatividade. Uma travesti negra pode não se sentir representada por um homem branco cis, mas esse homem branco cis pode teorizar sobre a realidade das pessoas trans e travestis a partir do lugar que ele ocupa. Acreditamos que não pode haver essa desresponsabilização do sujeito de poder (Ribeiro, 2017, p. 83-84).

A pensadora salienta a importância de compreender que é a partir de seu próprio contexto que você pode teorizar, refletir e até colaborar com uma luta. O lugar de fala tem a ver com diferentes marcadores sociais, assim como diferentes contextos que as pessoas vivenciam e esses estão presentes no modo de compreensão de mundo de cada pessoa. A pesquisadora Helena Vieira nos explica que:

(...) o conhecimento ou as práticas de conhecimento não são neutras, que os discursos também não são neutros e que existe em cada situação de enunciação, em cada situação de fala, muito mais do que apenas a intencionalidade. Atravessa ali também, no processo de entendimento e dos efeitos de uma fala todo o processo subjetivo e a posição dos sujeitos (Vieira, 2021a, 1min56s – 2min26s).

Falar sobre alguém que não é você, ou mesmo seu grupo social, faz parte da construção do conhecimento e está muito presente no universo acadêmico científico. Mas, há de se observar que tal fala está sempre situada. Nessa pesquisa, proponho falar com ou das minhas experiências, mas em alguns momentos parece ser preciso falar sobre também. Minhas parcerias de trabalho e minhas referências gordas são múltiplas, são pessoas negras, LGBTQIA+, de diferentes nacionalidades, de diferentes classes sociais, entre outras. A gordura nos une, mas a nossa experiência não é única.

[#criticar a norma](#)

[#metodologias e estratégias de peso](#)

40kg Era você sim!

- Oi tudo bem? – ele chegou sorridente e com um aperto de mão.⁷⁷
- Tudo sim, e você?
- A gente já se conheceu, lembra?
- Desculpa, não to lembrando – respondi com um sorriso sem graça.
- Foi lá em São Paulo, depois da apresentação do solo do Alejandro.⁷⁸
- Ahh! Não, não era eu!
- Era você sim! Você tava operando o som – insistiu com convicção.
- Não, não era eu, você...
- Era sim, eu fui conversar com você depois da apresentação. – falou me interrompendo.
- Você tá me confundindo com a Hedra⁷⁹ – respondi com um tom um pouco mais seco... Ela que cria a trilha sonora e opera o som – falei depois de um silêncio no ar.
- Ah, não era você.
- Não, eu nem participo das apresentações do solo do Alejandro.
- Ah, tá. Hedra, né?
- Isso. *A outra gorda do grupo* – pensei sem dizer.

[#criticar a norma](#)

⁷⁷ Diálogo composto a partir da minha memória a partir de uma situação que vivi durante o *IV Encontro Científico Nacional de Pesquisadores em Dança da ANDA*, que foi realizado entre os dias 18 e 20 de junho de 2015 na Universidade Federal de Santa Maria-RS.

⁷⁸ Alejandro Ahmed é diretor e coreógrafo do Grupo Cena 11 Cia de Dança. Nessa época ele apresentava o solo: *Sobre expectativas e promessas* (2013). Mais informações disponíveis em: <https://www.cena11.com.br/sobreexpectativas>. Acesso em 04 mar 2022.

⁷⁹ Hedra Rockenbach é artista. Trabalha com iluminação e com criação de trilha sonora em criações cênicas nas áreas da dança e do teatro. Fez parte da equipe do Grupo Cena 11 Cia de Dança e fez parcerias com a Téspis Cia de Teatro, a Selvática Ações Artísticas, a artista Key Sawao entre outras.

41kg Gordas experiências

É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna.

Chimamanda Adichie (2009)

Contracenei com Hedra Rockenbach durante os dez anos que integrei o elenco do Grupo Cena 11 Cia de Dança (2007 – 2017). Embora ela trabalhasse com a trilha sonora e com a iluminação (essa só a partir de 2011), ela quase sempre esteve no campo de visão do público, seja no palco ou em alguma parte ou estrutura montada na plateia. Além de nós duas, a outra pessoa gorda que esteve em cena durante esse período foi Anderson do Carmo, que era bailarino como eu. Quando um homem me confundiu com Hedra Rockenbach⁸⁰ eu tive a certeza de que era por sermos gordas. Quando ele insistiu em dizer que eu era outra pessoa eu imaginei que ele não conseguia conceber outra mulher gorda como parte do elenco. Essa história evidencia como a gordofobia pode ser muito sutil, de como ela pode passar batido para quem a comete e como ela machuca quem a sofre. Naquela situação eu não tive o ímpeto de questioná-lo, ou de expor o preconceito dele para ele mesmo.

Além de gordas, Hedra Rockenbach e eu somos mulheres cis brancas, mas, o tom de pele de Hedra é mais claro que o meu, ela é mais alta, tem cabelos loiros e curtos e os olhos azuis. Eu tenho estatura baixa, os cabelos compridos e estava ruiva (na época), olhos castanhos. Só pela breve descrição fenotípica já é possível evidenciar que nossos corpos gordos são diferentes, nem é preciso adentrar nas diferenças no nosso jeito de vestir, no modo como nos movimentarmos pelo espaço ou quaisquer outras das diferenças que temos. Mas existe uma convenção de que todas as pessoas gordas são iguais, que passa por cima de qualquer experiência. Vale lembrar que esse não é um pressuposto só para pessoas gordas, há diversos outros grupos de pessoas que costumam ser estereotipadas. A escritora feminista nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie explica na palestra *O perigo da história única* (2009) a problemática dos estereótipos. Segundo ela: “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (Adiche, 2009, p. 17). Assim, fica difícil perceber que tal pessoa não cabe inteiramente em algum estereótipo.

⁸⁰ Vide 39kg *Era você sim!* (p. 90)

O problema pode ser visto de forma mais ampla. Ser confundida com uma pessoa pode até vir a ser um caso específico, mas, estereotipar um determinado grupo de pessoas é criar uma cisão entre a norma e quem está fora dela de um jeito tão limitador que apenas fortalece a norma e as exclusões que ela promove. Chimamanda Adichie chama atenção também para como os estereótipos criam histórias únicas possíveis para um determinado grupo ou povo, ela diz que “A consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes, e não como somos parecidos” (2009, p. 15). O estereótipo tira a humanidade das pessoas e deixa falha a capacidade de empatia, o estereótipo é capaz até mesmo de transformar quem é estereotipado em monstros repugnantes.

Contar nossas histórias pode ser uma forma de combater os estereótipos. Chimamanda Adichie declara que “As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada” (2009, p.16). E a autora complementa explicando que por mais que a história única que vem sendo contada sobre pessoas gordas faça parte da nossa trajetória, é preciso olhar para quais outras histórias nos fazem quem somos (2009, p. 17). Nossas histórias, assim como nossos corpos, são múltiplas. São gordas histórias, de gordas pessoas que vivenciam gordas e múltiplas experiências.

[#criticar a norma](#)

[#metodologias e estratégias de peso](#)

42kg Lista fora da norma

- Nas reuniões de elaboração dos objetivos da Associação Brasileira de Pessoas Gordas - GORDESFERA⁸¹, em que participei no início de agosto de 2020, listar os marcadores sociais que estão fora da norma foi uma questão bem debatida. A justificativa (vinda principalmente das pessoas que trabalham com Direito) para não nomear era de que uma fala generalizada supostamente se refere a todas as pessoas, enquanto que ao nomear grupos é possível “pecar” pela falta. Em termos jurídicos, isso seria prejudicial à associação, que pretende dar apoio a todas as pessoas gordas, principalmente as que se encontram em situações de vulnerabilidade. Depois de muito debate ficou decidido que era preciso nomear esses grupos sociais já que, geralmente, as pessoas que estão à margem não se sentem incluídas nas expressões generalizadoras, então seria imprescindível nomear a quem a associação pretende dar assistência.
- Em uma outra circunstância vivenciei novamente a discussão sobre nomear ou não esses marcadores sociais. O impasse surgiu quando apontei meu incômodo pela não menção do movimento das pessoas gordas dentro de uma convocatória que estava escrevendo junto a um grupo de pessoas. O curioso desse caso é que era pacífico mencionar as lutas feministas, negras, indígenas e LGBTQIA+, mas, a partir do momento em que se cogitou incluir a luta gorda, surgiu o argumento de que seria preciso então enumerar todas as lutas e que assim a lista seria falha por estar incompleta. A contradição é que antes a lista já era falha e incompleta, mas não parecia ser um problema.
- Nomear as lutas pode ser uma ferramenta de denúncia da norma. Mas, para ir além e chegarmos em uma arma de luta é preciso nomear a norma, como propõe a performer e ensaísta Jota Mombaça (2016):

Nomear a norma é o primeiro passo rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência, porque a norma é o que não se nomeia, e nisso consiste seu privilégio. A não-marcação é o que garante às posições privilegiadas (normativas) seu princípio de não questionamento [...] Nomear a norma é devolver essa interpelação e obrigar o normal a confrontar-se consigo próprio, expor os regimes que

⁸¹ A Associação Brasileira de Pessoas Gordas - GORDESFERA, é um projeto que nasce do desejo de dar apoio jurídico e emocional a pessoas gordas que sofram qualquer tipo de violência, bem como promover ações de combate a gordofobia. Participei das reuniões iniciais da fundação, na decisão do nome e dos objetivos. Por ora o projeto está pausado e não há e não há registros oficiais acessíveis.

o sustentam, bagunçar a lógica de seu privilégio, intensificar suas crises e desmontar sua ontologia dominante e controladora” (Mombaça, 2016, p. 11).

- Listar as lutas é algo que nos ajuda a enxergá-las e juntar forças na luta contra o inimigo. Mas, parece cedo para imaginar um mundo onde não seja preciso lutar, ainda estamos inventando nossas armas e jeitos do inimigo não usá-las contra nós.

[#criticar a norma](#)

[#metodologias e estratégias de peso](#)

norma

[nor-ma]

substantivo feminino

Lógica de organização social capitalista, patriarcal, machista, heteronormativa, misógina, racista, homofóbica, transfóbica, capacitista, idadista e godofóbica, que sustenta uma hierarquia de valor e poder privilegiando sujeitos ditos "normais".

Imagem 15 - Norma verbete (2022). Fonte: elaborado pela autora.

[#criticar a norma](#)

[#conceitos pesados](#)

44kg Quanto mais perto da norma, mais privilégios

A norma propõe uma relação complexa que nem sempre implica em estar ou dentro ou fora dela. Em geral, é possível pensar o quão próximo ou quão distante se está da norma. Assim, é possível averiguar quais privilégios cada pessoa pode usufruir. Reconhecer meus privilégios me ajuda a fazer um trabalho autocrítico, pensar em como ocupo espaços onde tenho visibilidade e em como frisar que a luta é coletiva e por uma mudança estrutural. Como já mencionei antes nesta tese, *não dá para ir sozinha*⁸², as minhas experiências não representam a multiplicidade de experiências gordas⁸³ e cada vivência elabora um saber situado sobre sua condição⁸⁴.

A cantora, compositora e ativista gorda estadunidense Nomy Lamm escreve em seu manifesto *It's a big fat revolution* (1995): “sou uma pessoa articulada, branca, universitária e isso me dá muitos privilégios e oportunidades para lidar com minha opressão, o que pode não estar disponível para outras pessoas oprimidas” (Lamm, 1995, s/p)⁸⁵. A autora utiliza desse questionamento para fazer um exercício de se situar e refletir sobre a opressão e os privilégios implicados nas situações que vivencia. Encaro tal reflexão como um convite a esse exercício de forma constante.

Estou próxima da norma por ser uma mulher cis, branca, heterossexual e acadêmica, mas me afasto dela por ser uma mulher gorda e artista. Pode parecer pouco, e às vezes é mesmo, mas cada situação impõe o quanto sofro opressão e o quanto usufruo de privilégios. Por um lado, ter uma formação acadêmica associada à minha prática artística, ter feito parte do elenco do Grupo Cena 11 Cia de Dança e ter sido premiada com o Rumos Itaú Cultural 2015/2016⁸⁶ com uma pesquisa sobre o corpo gordo dão visibilidade e respaldo ao meu trabalho. Por outro, receber recomendações de dieta até de pessoas desconhecidas, ser considerada doente pela minha gordura até por médicos que ainda não sabem qual minha queixa, ter dificuldade de passar na catraca dos ônibus, de fechar o cinto de segurança nos carros e, principalmente, nos

⁸² Vide: *36kg Não dá para ir sozinha* (p. 86) e *37kg Protagonismo e suas lógicas perversas* (p. 87).

⁸³ Vide: *34kg Falta representatividade* (p. 82), *35kg Representatividade importa* (p. 83) e *40kg Gordas experiências* (p. 91).

⁸⁴ Vide: *38kg Sobre lugar de fala* (p. 89).

⁸⁵ No original: “I’m an articulate, white, middle-class college kid, and that provides me with a hell of a lot of privilege and opportunity for dealing with my oppression that may not be available to other oppressed people.”

⁸⁶ O Prêmio Rumos Itaú Cultural é um edital de financiamento a produção artística realizado pelo Instituto Itaú Cultural desde 1997. Nas primeiras edições as pessoas inscreviam seus projetos nos diferentes campos artísticos, como dança, teatro, música e assim por diante. Desde 2013 o edital passou por uma reformulação eliminando a separação das categorias artísticas e reunindo todos os artistas no mesmo páreo. Mais informações disponíveis em: <https://www.itaucultural.org.br/conheca-o-umos>. Acesso em: 07 de janeiro de 2021.

aviões e quase não encontrar roupas na minha numeração com preço acessível perturba minha vida. Cada contexto vai proporcionar uma experiência diferente de tensão entre privilégio e opressão e a forma como eu me protejo ou me exponho também podem variar de acordo com a disposição, as parcerias do momento, o histórico com tal situação. Um exercício constante.

[#criticar a norma](#)

[#metodologias e estratégias de peso](#)

45kg Princesa

No primeiro semestre de 2019 eu trabalhei com a Princesa Ricardo Marinelli⁸⁷ em um projeto de residência compartilhando práticas e procedimentos para uma criação⁸⁸. Durante esse período, conversamos sobre *Peso Bruto*, o que desencadeou o assunto sobre como encaramos nossa gordura corporal e sobre como a minha trajetória em dança me ajudou (e ajuda) a ocupar um lugar de referência como bailarina gorda. Princesa comentou como ao me ver dançar é possível perceber uma trajetória em dança, principalmente no que é reconhecível como dança no senso comum.

Na minha formação como bailarina fiz aulas de técnicas como balé clássico e *modern jazz*, experimentei diferentes práticas de dança contemporânea e vivenciei algumas abordagens somáticas como Eutonia⁸⁹ e Técnica Klauss Vianna⁹⁰ entre outras. De certa forma, a minha movimentação acaba por se aproximar de referências presentes na concepção do senso comum sobre o que é dança. Aqui aponto uma tensão: se por um lado ser uma bailarina gorda provoca o entendimento de que para ser bailarina é preciso ser magra, por outro pode parecer que artistas da dança que não tenham ou não se interessem por uma movimentação que revele essa aproximação com a noção de dança do senso comum, têm menos oportunidades circular com seu trabalho.

Diante dessa contradição, percebo como é preciso estar atenta para não entrar nas lógicas de protagonismo e utilizar o espaço que ocupo como ferramenta para a luta coletiva. Para não cair nas armadilhas do sistema é preciso lutar de dentro, encontrar e fabricar brechas e estrias, deixando o sistema flácido e estriado. Em um artigo que escrevi em parceria com

⁸⁷ Princesa Ricardo Marinelli é bem bicha. Bicha orgulhosamente bizarra. Artista da dança, Terrorista de gênero. Doutorandx em Performances Culturais na UFG, Mestrx em Educação (2005) e Licenciadx em Educação Física (2002), pela UFPR. Atualmente é professorx no curso de Dança da FAP-UNESPAR, onde também coordena o NERG (Núcleo de Educação para as relações e Gênero).

⁸⁸ O projeto *Encruzilhada* foi um projeto de residência das artistas: Gabriel Machado, Gustavo Bitencourt, Mari Paula, Princesa Ricardo Marinelli, Ricardo Nolasco, Rubia Romani e eu, que de abril a agosto de 2019 estive em processo criativo através do Edital de Residência em Coletivo realizado pela Casa Hoffmann, em Curitiba.

⁸⁹ Eutonia é uma metodologia criada pela terapeuta corporal alemã Gerda Alexander, no final dos anos 1950, que tem como preceito a experimentação e pesquisa do próprio corpo a partir de movimentos e da respiração a fim de refinar a percepção corporal. Cf: DASCAL, Miriam. *Eutonia: o saber do corpo*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

⁹⁰ A Técnica Klauss Vianna foi elaborada pelo preparador corporal, coreógrafo, professor e bailarino brasileiro Klauss Vianna em parceria seu filho Rainer Vianna e sua companheira Angel Vianna. É uma prática pautada na observação do próprio movimento, percebendo as tensões musculares e ativando um direcionamento de oposições durante a movimentação. Cf: VIANNA, Klauss. *A dança*. Em colaboração com Marco Antonio de Carvalho, São Paulo: Summus, 2005.

Anderson do Carmo (2021), falamos sobre “Criar gestos de peso nos ajuda a perceber o quanto as mudanças das estruturas precisam ser feitas coletivamente, para que as estrias possam sedimentar um espaço rugoso, flácido, fraco e por isso precioso” (Do Carmo e Belchior Santos, 2021, p. 25). Mesmo com as tensões que vivemos no dia a dia, somos capazes de criar lugares, mesmo que transitórios, preciosos para nós.

[#criticar a norma](#)

[#metodologias e estratégias de peso](#)

46kg Peso x leveza

A contradição entre peso e leveza é uma das questões que mais tem me inquietado nesta pesquisa. Em geral o peso, no sentido figurado, é entendido como algo difícil, ruim ou um fardo; já a leveza, como algo prazeroso. No dicionário online *Priberam* existem vinte e uma significações para peso⁹¹. Dentre essas, pelo menos três se relacionam à ideia de fardo e ônus. No mesmo dicionário, a leveza tem apenas quatro definições⁹², sendo uma delas a leviandade, o que pode balizar esse entendimento polarizado entre peso ruim e leveza boa.

Em *Da leveza: rumo a uma civilização sem peso* (2016), o filósofo francês Gille Lipovetsky escreve sobre a relação polarizada entre o leve e o pesado: “o pesado evocava respeito, seriedade e riqueza; o leve, a quinquilharia, a ausência de valor. Esse universo não é mais o nosso” (Lipovetsky, 2016, p. 19). Essa transformação no entendimento e valoração do peso é consequência do que ele nomeia como *sociedade da leveza*, que coloca a leveza como uma demanda da nossa sociedade hipermoderna. Lipovetsky explica que,

No passado, o leve remetia às esferas estabelecidas como secundárias e periféricas da vida social. Nesse plano, a mudança é radical: produzida e exigida pelo próprio sistema econômico, difundida pelas mídias de massa, a leveza tornou-se uma atmosfera geral assim como uma dinâmica central que se aloja no coração do mundo produtivo e mercantil (Lipovetsky, 2016, p. 35).

Ao evidenciar os mecanismos da leveza que sustentam a nossa sociedade, o autor fala sobre a necessidade do leve como uma alternativa de se libertar do peso da vida. Há aí uma inversão do que as pessoas parecem buscar para suas vidas: antes, as vidas eram guiadas pelo peso dos deveres religiosos, das instituições coletivas; agora, a leveza individualizada é uma força cada vez mais crescente (2016, p. 36). Essa mudança não parece colocar o peso como algo menos importante, mas como algo inevitável do qual precisamos nos aliviar. Dessa forma, reforça-se a conexão do peso com algo negativo.

As tensões entre peso e leveza como forças positivas ou negativas estão presentes no romance do escritor checo-francês Milan Kundera, *A insustentável leveza do ser* (1986). O autor explica que o filósofo grego Parmênides se perguntou, no século VI a.C., sobre os pares de contrários que fazem parte do universo. Entre o peso e a leveza, “Parmênides respondia que o leve é positivo e o pesado, negativo” (Kundera, 1986, p. 11). Mas, o autor questiona o filósofo:

⁹¹Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/peso>. Acesso em: outubro de 2020.

⁹² Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/leveza>. Acesso em: outubro de 2020

“Tinha razão ou não? O problema é esse. Mas uma coisa é certa: a contradição pesado-leve é a mais misteriosa e ambígua de todas as contradições” (Kundera, 1986, p. 11). Kundera pondera sobre qual desses polos seria negativo ou positivo e, para problematizar essas concepções, exemplifica:

Ao contrário de Parmênides, Beethoven considerava o peso como algo de positivo. Der schwer gefasste Entschluss, a decisão gravemente pesada está associada à voz do destino (Es muss sein!); o peso, a necessidade e o valor são três noções íntima e profundamente ligadas: só é grave o que é necessário, só tem valor o que pesa (Kundera, 1986, p. 38-39).

Segundo Kundera, Beethoven entende o peso como algo valioso e necessário, o que o coloca no lado positivo. Das vinte e uma significações de peso no dicionário citado anteriormente, cinco estão relacionadas à força e à seriedade. Portanto, entendo que a associação de que peso é algo exclusivamente negativo e a leveza positiva parece dar pouco espaço para as contradições que fazem parte da nossa experiência da realidade.

Interesso-me pelas contradições não só entre o peso e a leveza, mas também nas contradições implicadas em cada um desses conceitos. Ou seja, pensar esses termos de forma dialética para que a leveza não opere apenas no âmbito do desejável e que o peso seja abordado de forma mais complexa, ultrapassando sua conotação de “ruim”. O peso não é apenas fardo, excesso ou estagnação: ele também pode ser força motriz, de sustentação e de superação.

[#conceitos pesados](#)

[#criticar a norma](#)

[#acessibilidade e mobilidade](#)

47kg Carta pesada

Florianópolis, 26 de agosto de 2020.

Para alguém que talvez eu saiba quem é quando terminar de escrever⁹³,

Esta é uma carta bem pesada. Sim, bem pesada, assim como eu. Talvez você já me conheça ou tenha reparado no meu tamanho pela janela do *google meet* durante os encontros da disciplina. Sou uma mulher gorda. Uma mulher cis gorda, branca, de classe média no meio de uma pesquisa de Doutorado sobre o corpo gordo.

Pensei que antes de tudo eu deveria escolher a quem escrevo. Talvez essa tenha sido mesmo a tarefa. Mas, acho que burlar um pouco as regras pode me ajudar nesse momento. Estou um pouco empacada e irritadiça e não quero escrever com raiva, porque o peso desta escrita não é de raiva. Lembro de minhas amigas burlescas que me ensinam sobre a força da burla. Então, vou escrevendo aqui, burlando um pouco as regras para quem sabe ao colocar as palavras na tela do computador (já ia escrever “no papel”, corriji a tempo) dê para entender para quem é essa carta.

Acho que eu não te conheço, porque tenho vontade de explicar algumas coisas que pessoas mais próximas já sabem ou já ouviram antes. Coisas sobre a minha pesquisa mesmo. Sou uma bailarina gorda. Faço questão de usar essas duas palavras juntas, interessa-me o atrito em colocá-las lado a lado. Digo isso porque a imagem de bailarina que as pessoas costumam ter é a da bailarina romântica, vestida de *tutu* rosa, dançando na ponta dos pés, bem leve. Não sou essa bailarina. E essa ideia de leveza me incomoda muito.

⁹³ Carta escrita em exercício durante a disciplina *Seminário Temático III - Escrita acadêmica performativa: pureza e perigo*, ministrada pela professora Dra. Luciana Lyra no segundo semestre de 2020, oferecida pelo PPGAS-UDESC.

Daí que explico meu incômodo e meu desejo de uma escrita pesada. A polaridade entre peso e leveza é uma das questões mais relevantes na minha pesquisa e uma das que mais protelo em me debruçar. Sinto que preciso ler mais para poder escrever sobre isso. Acabo comendo pelas beiradas, vou falando de outras coisas, escrevendo outros fragmentos e me fortalecendo para revelar o peso. Ah, isso é muito importante, o peso na minha pesquisa não é algo a ser expulso. Não quero me libertar do peso. Pelo contrário, o peso é minha força motriz.

Tenho um trabalho solo que chama *Peso Bruto*, que estreei em 2017 e estaria dançando ainda, não fosse a pandemia de Covid-19. Foi quando comecei a falar sobre a especificidade do meu corpo gordo. Sem planejar me vi no meio da onda do movimento gordo e me sinto feliz e engajada a avançar nessa luta.

Mas “porque uma escrita pesada?” Não sei se você está se perguntando isso agora. Acho que essa é uma das perguntas que faço a mim mesma. Ou: “como uma escrita pesada? Como?” São os comos que tenho experimentado no material de qualificação (que já está atrasado, ai). (Sabia que dói mesmo? É que escrever dói, né?).

Agora esses parênteses são importante demais para se manter entre parênteses. Então (antes de falar sobre o peso, falar sobre a dor), é como a Glória Anzaldúa (2000) disse: “Escrever é confrontar nossos próprios demônios, olhá-los de frente e viver para falar sobre eles” (p. 234). Principalmente se os medos são aqueles que invisibilizam e silenciam. Talvez a leveza seja meu demônio.

A noção de que a leveza é boa e o peso é ruim é algo muito raso. Como se as coisas não tivessem contradição. Mas, a associação de leveza ao feminino, nossa, essa é muito cruel. Como se a luta feminista fosse leve ou buscasse leveza. Preciso de alguma interjeição aqui e só me veio na cabeça as religiosas. Nossa senhora! Lembrei, puta que pariu!

Devo ter me enganado, se eu estivesse escrevendo para alguém que conheço eu teria mascarado um pouco mais a minha raiva. Mas eu não quero despejar minha raiva em você, quero que você entre nesse estado comigo. Preciso de ajuda para transformar a raiva e a dor. Porque o peso é para ser compartilhado mesmo. Não jogado fora.

Essa escrita é pesada porque é composta por narrativas, vivências, tempo, atravessamentos. E esse peso é maleável, se transforma, se adapta. Não porque quer ser leve, deixa o leve flutuar por aí, circular com os ventos e te fazer se perder. O leve é importante, eu sei. Mas percebe a importância do peso também. De pesar o corpo no chão, encontrar as raízes e se conectar com e como elas. Deixa o peso ser movimento e o contrapeso ser alavanca. Sente o peso das palavras e do pensamento e a força de mudança que isso pode ter.

Estou bem pesada agora, mas ainda não sei quem é você.

Prazer, sou Jussara, gosto que me chamem de Ju.

[#conceitos pesados](#)

[#criticar a norma](#)

[#metodologias e estratégias de peso](#)

[#dança gorda](#)

48kg Talvez a leveza seja o meu demônio

Talvez a leveza seja o meu demônio. Escrevi essa frase em uma carta⁹⁴ e ela ficou martelando na minha cabeça. Como se nomear o meu demônio não fosse suficiente para enfrentá-lo. Como vou enfrentar a leveza? Principalmente ao levar em conta a leveza como princípio que domina as dinâmicas da sociedade hipermoderna, como apresenta Lipovsky (2016).

Quando escrevi essa carta estava irritada com a associação da luta feminista com a leveza e queria chamar atenção para a força do peso. É isso que tenho feito para confrontar o meu demônio: pesar.

A ação de pesar pode ativar nos corpos um comprometimento simultaneamente material e simbólico que não está apenas pautado no presente que ignora os pesos do passado e futuro, como se estes nos impedissem de viver o agora da melhor maneira, ou seja, da maneira leve. Pesar como estratégia de posicionamento e luta política – pesar o clima, usar palavras pesadas, ter os discursos adjetivados como pesado – é reconhecer os pesos que nos moldam sem compreendê-los como fardo intransponível, mas como campos de forças que demarcam nossa posição no tecido social (Do Carmo e Belchior Santos, 2021, p. 18).

Nesse texto que escrevi em parceria com Anderson do Carmo, falamos sobre como a ação de pesar pode provocar outras lógicas de entendimento da nossa realidade. O peso e a ação de pesar dão possibilidades complexas nos campos de ação, de observação e de planejamento. Além disso, podem dar parâmetros para lidar com as demandas do leve.

Não proponho um abandono do leve. Não quero apenas inverter a lógica dicotômica entre peso e leveza (positivo X negativo). A leveza não é o inimigo, embora tenha sido utilizada por ele. Mas a leveza é, de alguma forma, um demônio, que me acompanha. Alguns animes⁹⁵ que assisto apresentam formas de se relacionar com os demônios que se afastam da polarizada noção cristã (de bem e mal). Seja em pactos de cumplicidade ao invés de subordinação, na confiança e fortalecimento de laços mais fortes que o desejo de aniquilar o outro, ou no reconhecimento de um poder que te habita, que ao invés de te controlar pode ser administrado e utilizado a seu favor.

⁹⁴ Vide 46kg *Carta pesada*, p. 102.

⁹⁵ A título de curiosidade: *Demon Slayer* (2019 -), criado pela mangaká japonesa Koyoharu Gotōge e adaptado em anime pelo estúdio Ufotable e *Black Clover* (2017 - 2021), criado pelo mangaká Yūki Tabata e adaptado em anime pelo estúdio Pierrot.

Essas metáforas permitem pensar tanto na leveza quanto no peso como forças motrizes em constante estado de tensão. *Talvez a leveza seja meu demônio* porque as tensões entre peso e leveza são relevantes não só nas relações sociais, mas também nos princípios ativos do movimento. A pesquisa em dança no corpo está o tempo todo a se relacionar com ações de peso, contrapeso, sustentação e assim por diante. A leveza faz parte da minha trajetória como bailarina, tanto quanto o peso.

[#conceitos pesados](#)

[#metodologias e estratégias de peso](#)

49kg Bruta

Por mais de uma vez fui questionada por algumas pessoas da plateia de *Peso Bruto* quanto à proposta de brutalidade que danço. Segundo elas, é possível observar controle e delicadeza em minha movimentação, o que parece afastar minha dança da noção de brutalidade e rudeza que a expressão “peso bruto” pode sugerir. Também já escutei o contrário: que o fato de ser precisa, torna a brutalidade mais enfática.

Quanto à dialética intrínseca na ideia de brutalidade, no texto *Breves relatos de uma bailarina gorda* (2020a), escrevi sobre como, durante o processo criativo de *Peso Bruto*, voltei-me para referências de personagens gordos e/ou volumosos que tive na infância a fim de refletir sobre a brutalidade. Explico como os heróis de quadrinhos e desenhos animados Hulk⁹⁶ e o Coisa⁹⁷ - embora eles não sejam reconhecidos só como gordos, sua corpulência acaba por dar espaço para uma representatividade limitada de corpos grandes e gordos – personagens desumanizados por seu tamanho, que tem seus poderes associados a descontrole, causando destruição a seu redor.

O vilão Rei do Crime⁹⁸ traz outra possibilidade para pensar a brutalidade. Ele usa sua força sempre de forma “pontual e controlada” (Belchior Santos, 2020a, p. 08), uma brutalidade sutil que me parece mais interessante de ser explorada. Não significa que, no solo, minha movimentação é totalmente prevista; pelo contrário, danço a partir de parâmetros coreográficos que permitem me lançar por caminhos desconhecidos, o que gera uma tensão entre controle e descontrole em minha movimentação (Belchior Santos, 2017)⁹⁹. Isso é, para dançar lido com a imprevisibilidade do momento: se, por acaso, eu perder o equilíbrio, se um impulso não gerar força suficiente para realizar algo (como me levantar ou me arremessar), se o chão deslizar mais do que eu esperava ou em qualquer outra situação que não se resolva como eu havia antecipado, posso me adaptar. Danço através de uma adaptabilidade técnica que gere e é gerida pelo

⁹⁶ O personagem Hulk é um herói de histórias em quadrinhos da Marvel, criado por Stan Lee em 1962, adaptado para filmes e animações. Mais informações disponíveis em: [https://marvel.fandom.com/pt-br/wiki/Bruce_Banner_\(Terra-616\)](https://marvel.fandom.com/pt-br/wiki/Bruce_Banner_(Terra-616)), acesso em setembro de 2020.

⁹⁷ O personagem o Coisa é um herói integrante do Quarteto Fantástico em quadrinhos da Marvel, criado por Stan Lee em 1961, adaptado para filmes e animações. Mais informações disponíveis em: <https://www.legiaodosherois.com.br/lista/10-coisas-que-voce-precisa-saber-sobre-o-coisa.html>, acesso em setembro de 2020.

⁹⁸ O personagem Rei do Crime é um vilão de histórias em quadrinhos da Marvel, criado por Stan Lee em 1967, que foi adaptado para filmes e animações. Mais informações disponíveis em: [https://marvel.fandom.com/pt-br/wiki/Wilson_Fisk_\(Terra-616\)](https://marvel.fandom.com/pt-br/wiki/Wilson_Fisk_(Terra-616)), acesso em setembro de 2020.

⁹⁹ No segundo capítulo de minha dissertação de Mestrado, explico a noção de parâmetros coreográficos que guiam a ação sem determinar exatamente como o acontecimento da dança vai se dar.

movimento e treino para poder dançar através dessa adaptabilidade. Por isso há precisão no que faço: porque aprendi a lidar com o fato de ser surpreendida enquanto danço.

A tensão entre controle e descontrole levanta a questão sobre o descontrole associado a pessoas gordas. Nesse sentido, em especial para a mulher gorda, o descontrole toma uma proporção significativa, pois subentende-se que há falta de controle dos movimentos, da alimentação e das atitudes. A brutalidade entra em questão quando uma mulher gorda é rude, ou quando ela não é delicada e obediente como supostamente é a mulher magra. Por esses desvios a mulher gorda torna-se culpada desse suposto descontrole e é cobrada para se esforçar, seguir as regras e manter o controle.

Essa culpabilização é, no entanto, uma virada de jogo na sociedade de controle. A escritora e ativista das dissidências sexuais Valeria Flores escreve no prólogo do livro da gorda e ativista Kono Alvarez, *La cerda punk* (2014) a fim de denunciar a opressão do controle:

este é um eu autobiográfico que denuncia a dieta como expressão de um microfascismo invisível e sangrento que rege nosso cotidiano. E essa boca, ao invés de colocar, tira ... tira e espalha contra-conhecimentos cozidos na resistência ao capitalismo, à heterossexualidade, ao racismo, à colonização e à ditadura. Essa boca que explode as costuras de silêncio impostas pela moralidade biopolítica da responsabilidade, que torna cada indivíduo sujeito ao autocontrole (Alvarez Castillo, 2014, p. 12-13, tradução minha)¹⁰⁰.

Temos engolido a imposição de autocontrole, que nada mais é do que uma estratégia do capitalismo para manter as pessoas dentro de suas normas e expectativas. No livro, Kono Alvarez explica como funciona a sociedade do controle e como as pessoas estão sujeitas às normas de obediência:

vivemos em um mundo cognitivo capitalista integrado, o que não nos afeta apenas economicamente, mas, o sucesso desse anda necessariamente de mãos dadas com o **controle** de subjetividades e as **produções** do desejo, desejo como mercadoria, desejamos desejar, desejamos o desejo de capital (Alvarez Castillo, 2014, p. 114, tradução minha, destaque da autora)¹⁰¹.

¹⁰⁰ No original: “este es un yo autobiográfico que denuncia la dieta como expresión de un microfascismo invisible y sangriento que va gobernando nuestra cotidianeidad. Y esa boca, más que meter, saca... saca y esparce contra-conocimientos cocinados en la resistencia al capitalismo, la heterossexualidad, el racismo, la colonización y la dictadura. Esa boca que hace estallar las costuras del silencio que impone la moral biopolítica de la responsabilización, que vuelve a cada individuo sujeto de autocontrol.”

¹⁰¹ No original: “vivimos en un mundo kapitalista cognitivo integrado, lo que no sólo nos afecta a nivel económico, sino que su éxito va de la mano necesariamente del **control** de las subjetividades y las **producciones** de deseo, deseo como mercancía, deseamos desear, deseamos el deseo del kapital.”

O controle é um mecanismo do mundo capitalista em que vivemos e, para estarmos de acordo com as regras vigentes, é exigido o autocontrole como forma de gerir o próprio bem-estar. Nesse contexto, quando a gordura é associada à doença, entende-se que a pessoa gorda não está fazendo um bom trabalho para se controlar: ela está no caminho contrário, escolhendo não cuidar de si e, portanto, merece ser maltratada.

A pessoa gorda é bombardeada pelo imperativo do autocontrole, como se a gordura fosse consequência de descontrole; e, para as mulheres, essa exigência é ainda mais evidente. A suposição é de que pessoas gordas não controlam sua gula e de que são tomadas de uma “enorme” preguiça que não possibilita o refinamento de nossa movimentação. Daí a cobrança às pessoas gordas para que recuperem o controle de suas vidas, emagreçam, façam atividades físicas, dietas e reconquistem a saúde perdida. Tais concepções não levam em consideração a particularidade de cada pessoa e nem que a gordura não é, de fato, sinônimo de falta de controle.

A discussão sobre o controle a partir da noção de brutalidade conduz um debate sobre as diversas facetas em que esse se dá. Encaro a brutalidade em *Peso Bruto* como uma possibilidade de habitar esses questionamentos, nem só a destruição (ou autodestruição), nem só um controle desmedido e imposto. Sou brutal quando danço na tensão entre o controle e o descontrole do meu corpo.

[#dança gorda](#)

[#acessibilidade e mobilidade](#)

50kg Baleia



Imagem 2





Imagem 16 - *Baleia*

Baleia – coleção de imagens de Jussara Belchior em *Peso Bruto*

Arte visual: Jussara Belchior. Fonte: acervo pessoal da autora da tese.

Foto 1 - Sesc Prainha - Florianópolis/SC, 2017. Fotógrafa: Cassiana dos Reis Lopes

Foto 2 - Festival Internacional Ruído Encena - Curitiba/PR, 2017. Fotógrafa: Elenize Dezgeniski

Fotos 3, 4 e 5 - Mostra de Dança XYZ, Brasília/DF, 2018. Fotógrafa: Nityama Macrini

[# dança gorda](#)

[#conceitos pesados](#)

51kg *Pe(n)sar*

O termo “*pe(n)sar*” formulado pela filósofa da dança francesa Marie Bardet (2014) está no primeiro capítulo do seu livro *A filosofia da dança: um encontro entre dança e filosofia*, em que ela se dedica a reflexões sobre o peso na relação entre dança e filosofia. Para tanto, ela analisa o modo como alguns filósofos discutem a dança, a figura da bailarina e as noções de leveza e de peso. Segundo a autora: “Nosso corpo nos faz *pe(n)sar* sobre a Terra” (2014, p. 23, grifo da autora), o que parece implicar que pensar e pesar são ações que se dão em tensão, em uma espécie de coexistência.

Marie Bardet explica como o peso e a leveza são desenvolvidos por alguns filósofos e como a relação entre peso e leveza pode se tornar restrita. Segundo ela, é de se considerar que, em primeiro lugar, a dança não costuma ser assunto da filosofia:

De fato, quando a filosofia quer falar da arte, ela convoca com muito mais gosto a pintura, a literatura ou a música. A dança é apenas um reflexo inspirando um filósofo que se observa e vê seus próprios movimentos de abstração através dela. A dançarina se constitui apenas como referência para a filosofia enquanto a leve, a musa, a abstrata, aquela que mesmo passando pelo corpo, se extrai dele, abstraindo-se por sua leveza, do peso, em uma articulação entre corpo movente, pensamento, peso e metáfora (2014, p. 26).

Em segundo lugar, a abstração do peso, pelos filósofos que contemplam a bailarina, pode acarretar duas problemáticas intrincadas: leveza e gênero. Bardet explica que, neste movimento, é criada uma cisão entre quem pensa e quem inspira. Além disso, o que está sendo observado não é a criação em dança, mas a imagem da bailarina (e sua leveza). Essas concepções parecem ser responsáveis pela compreensão da dança como uma abstração subjetiva, ao contrário da dança como um pensamento em arte, o que até hoje oferece obstáculo tanto para a criação em dança quanto para a o público dessa arte.

Um terceiro ponto a ler levantado, o qual Marie Bardet não menciona, é que essa abstração do peso parece considerar apenas um modo específico de dançar, o balé clássico. Será que a filosofia teria proposto um outro olhar para a dança e para o corpo da bailarina se ela estivesse considerando outras manifestações artísticas de dança?

Na relação entre filosofia e dança, peso e leveza não podem ser tomados como opostos excludentes: do peso como pensamento sério e da leveza como metáfora da abstração do próprio corpo: peso e leveza se relacionam em tensão. Marie Bardet explica:

Sendo apreendida nessa tensão que não é oposição, a dança não pode definitivamente mais ser uma metáfora leve para um pensamento abstrato e se apresenta, ao mesmo tempo, clara e complexa, em um terreno de efetuação das forças multidirecionais próprias da matéria atravessada pelo peso. Sua arte não é, então, aquela da metáfora retórica abstrata, nem a de um simples enfraquecimento consensual das leis do mundo, mas aquela que torna sensíveis os desvios exigentes de uma tensão sempre cambiante, que dura necessariamente o tempo de suas mudanças de rumo (2014, p. 61).

Pe(n)sar, é, portanto, ação imbricada de atravessamentos, transformações e transferências de pesos e de pensamentos. É qualidade de todos os corpos que dançam e das várias possibilidades de dança que o corpo pode concretizar. O pe(n)sar da dança é para corpos pesados e leves, tendo em vista que ambos trabalham na criação de tensões entre as possibilidades de peso e leveza.

[#conceitos pesados](#)

[#criticar a norma](#)

[#dança gorda](#)

52kg A dança é subjetiva?

Em 2019, quando fui membro na banca de defesa do TCC de Taynara Colzani da Rocha (Gaia Colzani) *Ressignificando as banhas: reflexões sobre a corpa gorda a partir da experiência cênica SOB Medida* (2019), comentei sobre a problemática de entendimento da dança como subjetiva e abstrata.

Como já dito em outros fragmentos-quilo desta tese, em sua monografia Gaia Colzani descreve o processo de criação e de apresentação da performance *SOB Medida*, que trata de questionar o espaço de mulheres gordas nas artes cênicas. Na dissertação, ela pergunta sobre como o trabalho pode ser recebido: “entendo SOB Medida do início ao fim porque sou gorda, criei e pensei sobre a peça. Mas, e as outras pessoas que não estão inseridas no meu contexto?” (Rocha, 2019, p. 46). Quando me deparei com essa questão – tanto em minha fala como membro durante a defesa, quanto na entrevista que ela fez com as integrantes da peça – respondi de forma reticente sobre essa tal subjetividade: “Eu não sei se eu entendo quando tu diz que é subjetivo...” [sic] (Belchior Santos in Rocha, 2019, p. 55). Naquele momento, não consegui expressar o incômodo que tenho da aproximação da dança com uma abstração e da possível confusão entre abstração e subjetividade.

Entendo que esse é um tema complexo, o qual não pretendo me aprofundar nesta tese. Mas, incomoda-me um discurso simplista de que “a dança é subjetiva” por esse facilitar um entendimento de que os artistas da dança se limitam com a contemplação de beleza dos movimentos, ou, no máximo, em causar sensações em quem está assistindo no momento da apresentação. A subjetividade também não é tão simples assim. A dança é um campo de produção de conhecimento e por mais que a abstração possa fazer parte dela, por vezes, essa noção acaba por limitar a relação do público com a dança.

[#dança gorda](#)

[#conceitos pesados](#)

53kg Na ponta dos pés

No tempo em que eu fazia aulas de balé clássico,¹⁰² dancei umas poucas coreografias com sapatilhas de ponta. Nunca fui uma boa bailarina de pontas: para começar, meus pés nem entram direito naqueles sapatos. Existem vários modelos com diferentes formatos, mas em geral os modelos são estreitos e baixos. Tenho os pés pequenos, mas bem largos e altos; se achar sapatos é sempre um desafio, sapatilhas de ponta parece uma causa perdida. Mas, quando eu era criança eu achava que se eu me esforçasse bastante eu conseguiria; independentemente do formato do meu pé, eu acreditava que era possível ultrapassar a barreira da anatomia através do esforço.

Destaco a questão da sapatilha, pois eu não tinha dificuldades com todos os aspectos do balé clássico: eu me dava bem na compreensão e realização da técnica, tinha facilidade com exercícios de giros em deslocamento e em pequenos saltos, dificuldades em grandes saltos e movimentação mais lenta. Até aí, tudo parecia “normal”, pois todas as minhas colegas tinham dificuldades e facilidades. Mas, o fato de não conseguir usar a sapatilha de ponta era humilhante e só poderia ter um motivo: o peso. O curioso é que em outros aspectos, o peso não distorcia a minha compreensão de como eu realizava a técnica. Para todas as outras habilidades eu conseguia analisar meu desempenho a partir da análise do meu alongamento, força, agilidade, coordenação motora e assim por diante, avaliando como melhorar. Mas não nas pontas. Não subir nas pontas era uma certificação de que eu precisava emagrecer, pois se eu conseguia dançar na meia ponta, a única coisa que devia estar me segurando para avançar era ser gorda.

Essa foi uma concepção que me assombrou por bastante tempo. Só depois de já ser uma pesquisadora do corpo gordo é que eu conheci bailarinas clássicas gordas e pude refletir sobre a minha experiência da infância. Atualmente acompanho o trabalho de algumas profissionais da dança clássica como: Julia Del Bianco¹⁰³, que é bailarina, modelo e professora de balé no projeto Dance For Plus¹⁰⁴; Mariana Calabrese¹⁰⁵, que trabalha com balé clássico, dança contemporânea e dança do ventre; e a estadunidense Colleen Werner¹⁰⁶, que é bailarina e terapeuta especialista em disfunções alimentares. Essas mulheres persistem no balé clássico

¹⁰² Na minha infância e adolescência estudei balé clássico em pequenas academias no bairro em que eu morava, na zona leste de São Paulo. Entre os seis anos de idade e os dezessete anos eu pratiquei balé clássico e *modern jazz* regularmente, de duas a quatro vezes na semana.

¹⁰³ Cf: Julia Del Bianco em: <https://www.instagram.com/judelbi/>, acesso em julho de 2020.

¹⁰⁴ Mais informações disponíveis em: <https://www.instagram.com/danceforplus/>, acesso em março de 2022.

¹⁰⁵ Cf: <https://marianacdpo.vixsite.com/marianacalabrese>, acesso em março de 2022.

¹⁰⁶ Cf Colleen Werner em: <https://www.instagram.com/colleenmwerner/>, acesso em julho de 2020.

inventando seus espaços – até hoje não conheci nenhuma companhia profissional dessa técnica que tenha alguma bailarina gorda no elenco – e dançam nas pontas dos pés, performando a leveza que o balé exige. O peso do corpo delas não é um empecilho.

Uma das poucas vezes que me apresentei usando uma sapatilha de ponta foi em uma coreografia curta, de até 5 minutos em um festival competitivo. Logo após a apresentação eu e minhas colegas fomos à plateia assistir às outras apresentações. No caminho escutei uma senhora comentando com uma amiga e apontado para mim: “Essa é a gordinha mais leve que já vi!”. Naquele dia eu sorri, porque entendi a fala como um elogio, mas engoli um gosto amargo, que só muito tempo depois consegui digerir.

[#gordofobia na infância e adolescência](#)

[#dança gorda](#)

54kg Leve e romântica

Leve e romântica: essa a ideia de bailarina que vejo no imaginário do senso comum. Ao me apresentar por bailarina gorda, procuro colocar em atrito este entendimento. Até porque, ao tensionar a palavra bailarina penso estar tensionando também o entendimento de dança, expandindo a noção do senso comum que pode associar a dança (principalmente a cênica) apenas com o balé clássico. Para tanto, traço aqui algumas reflexões sobre como a imagem da bailarina se aproxima da leveza, principalmente a partir dos estudos do historiador da dança Paul Bourcier (2001).

A noção de leveza talvez sempre tenha sido presente no balé clássico, mas foi durante o movimento artístico do Romantismo que a técnica de dançar nas pontas dos pés foi experimentada. Especificamente no caso do balé clássico, o Romantismo tem início no balé francês em 1832 (Bourcier, 2001, p. 199). Antes mesmo da invenção do calçado – a sapatilha de ponta como conhecemos hoje – algumas bailarinas já se arriscavam em fazer *relevés*¹⁰⁷ transferindo o peso do corpo para as pontas dos dedos, ao contrário de manterem-se apoiadas nos metatarsos.

O balé romântico se caracteriza pelas vestimentas das bailarinas: as saias de tule que cobrem até o meio das canelas. O tecido fino e os pés à mostra permitem maior mobilidade às bailarinas. Além disso, durante o romantismo, a técnica do balé se volta para uma valorização interpretativa e, na busca por uma dança de sentimentos e expressões dos indivíduos, acabou por valorizar o “estilo da alma” (Bourcier, 2001, p. 201). O balé tornou-se uma busca pelo irreal, exaltando a leveza da bailarina e colocando o bailarino, tecnicamente¹⁰⁸, como um *portô*, ou aquele que carrega o corpo do outro. Tudo se alinhou para reforçar a imagem da leveza da bailarina: suas vestimentas esvoaçantes e claras, os aprimoramentos técnicos das bailarinas, as pegadas (como são chamados os movimentos em que os bailarinos levantam as bailarinas), o corpo de baile que funciona como um fundo figurativo para dar mais atenção a personagens principais e os aparatos técnicos que erguem algumas das personagens do chão, criando a ilusão de que estão voando.

¹⁰⁷ *Relevé* é um passo da técnica do balé clássico de elevação do corpo a partir do apoio do peso do corpo nos metatarsos.

¹⁰⁸ Embora as criações da época demandassem da técnica dos bailarinos, eles ainda precisavam ser considerados bonitos, afinal, geralmente representam papéis de príncipes, como pontua o historiador da dança Bourcier (2001, p. 204). Ou seja, há um padrão de corpo sendo imposto também aos bailarinos.

A imagem da bailarina romântica é eternizada na figura etérea da sîlfide. As principais coreografias criadas no período, de que temos conhecimento até hoje, são: *A sîlfide* (1832), de Filippo Taglioni e *Giselle* (1841), de Jean Coralli e Jules Perrot. Ambas as histórias são marcadas pelo amor impossível entre um humano mortal e o espírito de uma mulher virgem, que morre por amor ou pela traição de um homem, que protege seu amado mesmo após ter sido traída e se torna espírito por conta dessa proteção. Mulher irreal, que se apaixona irremediavelmente por alguém que não pode corresponder a esse amor e que não pode morrer em paz, tem que lamentar eternamente a perda desse amor.

Em contrapartida a esta figura de mulher fragilizada e fiel, há outras personagens na história. Na coreografia do balé *Giselle*, por exemplo, as *Willis* – como são chamadas as sîlfides dessa obra – são as almas de mulheres que morreram traídas e desejam se vingar. A movimentação dessas personagens também é associada à leveza, seja nos pequenos e grandes saltos ou na fluidez da continuação entre um passo e outro; afinal, elas também são figuras etéreas. No entanto, a personagem principal ressalta uma imagem de pureza e dedicação que é semelhante ao modelo de comportamento feminino obediente e servil que se admira, mesmo nas esferas do cotidiano.

A professora e pesquisadora da dança Marianna Monteiro explica como o balé romântico propõe uma relação de contraposição entre a arte e o cotidiano das pessoas: “A oposição entre o imaginário e o real passa a ser perfeitamente problematizada pelo balé, que apresenta personagens etéreos em conflito com a dura realidade do mundo” (Monteiro, 1998, p. 185). A autora aponta também a como esta psicologização dos personagens românticos acaba por gerar a noção de “arte pela arte” (Monteiro, 1998, p. 186), a qual expressa os “verdadeiros” sentimentos da alma dos artistas.

Segundo Monteiro (1998, p. 186), esta concepção existe até hoje:

A obra de arte e o balé, enquanto tal, é algo gerado no íntimo da subjetividade do artista, impossível de ser assimilado a qualquer modelo prévio. É expressão única e insubstituível de sua interioridade, que se atualiza em formas exteriores. A arte autônoma é expressão de sentimentos, manifestação verdadeira da alma humana. Ainda hoje, permanece-se sob o domínio dessa forma de compreender a prática artística, ainda que seriamente ameaçada pelo fantástico desenvolvimento da cultura de massas (1998, p. 186).

Associada à noção da dança como uma arte de expressão de sentimentos íntimos, a imagem da bailarina romântica repercute até a atualidade. Para o escopo desta pesquisa, o problemático desta idealização é que tanto a dança quanto a imagem da bailarina são associadas à leveza, mesmo quando não se trata de balé clássico.

No entanto, a leveza nada mais é que uma aparência ou uma forma de controlar o peso do corpo. Além da leveza explorada no balé clássico, outras levezas e outros pesos são possíveis para a dança e para os corpos que dançam.

Em *Giselle*, a personagem principal acaba salvando seu amado novamente na noite após sua morte, quando ele vai visitar seu túmulo. Ela impede que suas companheiras *Willis* cumpram as ordens de Mirtha, a rainha das *Willis*, de fazê-lo dançar até a morte. Mas, poderíamos imaginar um novo ato desse balé, que mostraria como com o tempo Giselle conheceria suas companheiras e suas histórias de traição e abandono, que aos poucos ela compreenderia que sua tarefa não é proteger um amor incondicional, mas proteger a si mesma e quem caminha a seu lado. Nesse terceiro ato imaginário, Giselle e as *Willis* reconheceriam o peso da coletividade de estarem juntas e dançariam não mais por significarem a leveza e pureza, mas por reconhecerem suas forças e fraquezas. Elas não mais seriam motivadas pela vingança, mas pela conscientização de outras pessoas, para que essas não passem por o que elas passaram.

[#criticar a norma](#)

[#dança gorda](#)

[#coletividade gorda](#)

55kg Exercício para percepção do peso

Deite-se de costas em um chão plano¹⁰⁹. Tente acalmar a respiração e levar a atenção para o corpo. Inspire. Perceba o ar entrando pelas narinas indo até os pulmões, sinta o movimento da barriga e tórax na inspiração. Solte o ar. Perceba o posicionamento do corpo. Tente se ajustar da seguinte forma: a cabeça alinhada ao tórax e ao quadril; os braços ao longo do corpo, com as palmas das mãos viradas para cima; as pernas esticadas, com os calcanhares na mesma linha dos ísquios. Se você não sabe onde estão os ísquios tente imaginar, a imaginação faz parte do trabalho da percepção. Para alinhar os ísquios e calcanhares as pernas não costumam estar nem muito próximas, nem muito separadas. Note se há algum desconforto, e se for possível, transforme-o sem perder o alinhamento. Perceba o seu corpo, o seu tamanho, o seu peso. Sinta quais partes do corpo tocam o chão e quais não tocam. Para isso, comece pelos pés, quais partes dos pés tocam o chão? Qual a intensidade desse toque? Existe diferença entre um lado e outro? Quais diferenças? Sem julgamentos, é normal ter diferenças entre um lado e outro. Siga mapeando seu corpo, dos pés até a cabeça tentando responder essas perguntas. Se, por acaso, se distrair não tem problema. Não se culpe, apenas volte sua atenção para o seu corpo. Retome o contato com o chão. Tente perceber também as distâncias entre o corpo e o chão, como nos tornozelos, na parte de trás dos joelhos, na lombar ou na cervical. Pese o seu corpo no chão. A cada expiração tente relaxar um pouco mais, soltar os músculos, afundar o corpo no chão. Deixe a musculatura escorrer pelos ossos do corpo. Sinta como a conexão com o chão auxilia na propriocepção. Utilize este exercício no início o no final de uma prática. Pratique sempre que puder. Conheça seu peso, seu volume.

[#acessibilidade e mobilidade](#)

[#dança gorda](#)

[#metodologias e estratégias de peso](#)

¹⁰⁹ Esse exercício é baseado na minha experiência com Abordagens Somáticas como Eutonia, Técnica Klauss Vianna entre outras.

56kg Poder me mover

Durante uma aula¹¹⁰ que ministrei junto ao projeto *Encruzilhadas*¹¹¹, pedi a quem participava que descrevesse uma cena de algum trabalho de dança, teatro, filme, videoclipe ou outra coisa que lhes interessassem. Após o relato, as pessoas precisavam explicar quais seus interesses nessa cena para darmos continuidade ao exercício. Uma das participantes começou a contar sobre um trabalho de dança que ela tinha visto: o solo de uma mulher que não tinha o corpo que ela imaginava ser o corpo de uma bailarina. Mudou o tom de voz e reformulou, dizendo que não era o corpo que lhe disseram que seria de uma bailarina, que a bailarina se mexia muito, que ia muitas vezes para o chão e trabalhava com quedas e, depois, a bailarina parece ter resolvido descansar plantando uma bananeira no fundo do palco. Rimos.

Então, olhando para mim, ela confessou que tinha escolhido descrever o meu trabalho *Peso Bruto*, que ela assistiu quando dancei no Festival Ruído EnCena em Curitiba, em setembro de 2017. Um pouco desconcertada, perguntei a ela qual era o interesse dela nessa cena (para dar continuidade a proposta). Respondeu com simplicidade e honestidade: “poder me mover” e que por esse mesmo motivo estava naquela aula. Não sei dizer se ela se identifica como gorda, mas certamente ela se indentifica como corpo dissidente e talvez esse seja um dos motivos de sua conexão com meu trabalho.

Depois de um bom tempo da apresentação, o trabalho ainda reverbera, isso porque a pauta do trabalho ainda se faz necessária. O interesse na possibilidade do mover, chama atenção para o quanto a gordura corporal está associada à imobilidade. Por isso é importante que as pessoas gordas sejam vistas fazendo as mais diversas atividades, para mostrar que essa limitação da mobilidade não é uma consequência da gordura corporal, ela é consequência da falta de acesso à atividade física.

A ativista gorda, estudante de Educação Física e criadora de conteúdo na Internet Ellen Valias, também conhecida como Atleta de Peso, defende uma prática de exercícios físicos que esteja voltada para o prazer, o lazer e o autocuidado, ao invés da punição e busca pelo emagrecimento¹¹². Em suas postagens no Instagram, ela tanto aparece praticando diferentes

¹¹⁰ Realizada no início de junho de 2019.

¹¹¹ Como parte do projeto *Encruzilhadas*, foram oferecidas aulas continuadas durante o período da residência na Casa Hoffmann em Curitiba, dentro do projeto *Comover* organizado pela instituição. Organizamos nossas *Encruzilhadas Corporais Compartilhadas* a partir das nossas propostas de criação. Dividimos o processo em quatro módulos e eu e Gabriel Machado ficamos responsáveis pelo Módulo 2 – *Transpor para: Experiências de transmissão e apropriação entre corpos*.

¹¹² Cf. Ellen Valias em: https://www.instagram.com/atleta_de_peso/. Acesso em 21 de março de 2022.

atividades físicas ligadas ao esporte, como mostra outras pessoas gordas dançando e praticando algum tipo de esporte. Além disso, ela constantemente posta comentários denunciando a gordofobia em casos divulgados pela mídia.

As referências de pessoas gordas se movendo e ocupando espaços vistos como exclusivos para pessoas magras pode ser libertador para quem se privou de alguma atividade por conta de uma concepção excludente. Se a mobilidade é negada às pessoas gordas – algo que acontece desde a infância – é preciso quebrar com essa convicção e mostrar a beleza e o peso do corpo gordo em movimento.

[#acessibilidade e mobilidade](#)

[#dança gorda](#)

57kg Banha em movimento

Em fevereiro de 2017 fiz o primeiro ensaio aberto de *Peso Bruto*¹¹³. Após a apresentação, eu e a equipe fizemos um bate papo com o público que era composto quase completamente por pessoas amigas ou conhecidas. Durante a conversa, a atriz gorda Thaís Putti¹¹⁴ mencionou a beleza do movimento no corpo gordo, pois a banha continua a se mexer mesmo que o movimento já tenha “terminado”, que a gordura pode apontar para a direção contrária do movimento, borrando os limites da movência.

Nesse momento, Thaís Putti nos convida a enxergar beleza em algo que aprendemos ser uma abominação. A barriga que insiste em aparecer porque a camiseta, quando é justa, tende a subir, o umbigo que marca a roupa, o braço que chacoalha quando a pessoa faz o movimento do tchau, as coxas que assam com o constante atrito, a celulite ocupando boa parte dos glúteos, as dobras nas costas, a flacidez da carne, a mama que escapa do sutiã, a calcinha que entala. Em seu dicionário de gordo ativismo (2019), a pesquisadora Charlotte Cooper comenta que a barriga “às vezes tem sua mente própria e não se comporta” (2019, p. 14)¹¹⁵.

A banha quer se moldar, ocupar seu espaço e expressar seu ritmo, mas aprendemos que isso é errado, que as banhas não deveriam existir, que “as gordurinhas” são excesso e que se elas estiverem ali elas devem estar imóveis, presas em cintas, modeladores e roupas de alta compressão. Como se qualquer atividade física estivesse voltada para o controle e eliminação da banha.

Mas, não é belo o chacoalhar das coxas depois de uma passada pesada? Aprender a ver beleza na banha em movimento pode ressignificar o modo como olhamos para os corpos das pessoas gordas. É difícil ver beleza em algo que está fortemente associado à repulsa, mas quando nos desvencilhamos das convenções da norma acessamos um amplo espectro da beleza. A convenção do que é belo também é colocada em jogo quando desafiamos a norma.

[#dança gorda](#)

[#acessibilidade e mobilidade](#)

[#criticar a norma](#)

¹¹³ Realizado no dia 03 de fevereiro de 2017, no Memorial Meyer Filho – Florianópolis / SC.

¹¹⁴ Thaís Putti é atriz, professora, lésbica, gorda e Mestra pelo PPGT – UDESC, em sua dissertação, investiga os estereótipos gordofóbicos em trabalhos cênicos cômicos. Integra o coletivo artístico MANADA.

¹¹⁵ No original: “Sometimes has a mind of its own and will not behave”.

58kg Desafiar a norma

Em janeiro de 2017, a artista da dança gorda Soraya Portela¹¹⁶ estava em Florianópolis para trabalhar como interlocutora no processo criativo de *Peso Bruto*. Durante um dos ensaios em que estávamos presentes nós duas, Joana Kretzer Brandenburg¹¹⁷ (figurinista) e Dimitri Camorlinga¹¹⁸ (criador da trilha sonora), ela lançou a pergunta: “quando você desafia a norma?”. Naquele momento, pensei em algumas respostas como: quando me visto com roupas justas que marcam minhas dobras, banhas e celulites; quando eu e meu namorado gordo fazemos demonstrações públicas de afeto; quando, ao dançar, quebro a expectativa das pessoas que imaginam que corpos gordos são incapazes de se mover.

Trago essas anotações da minha memória, talvez na conversa tenhamos pensado em mais coisas as quais não me recordo agora. Também não pensei nessas respostas sozinha, pois me lembro de quando Soraya Portela concordou comigo ao falar sobre andar de mãos dadas com sua namorada gorda na rua. Fomos pensando juntas sobre a questão de desafiar a norma. Então, ela lançou a pergunta para as pessoas magras presentes no ensaio, que comentaram sobre suas vivências em questões de padrões de beleza e comportamento.

Depois do ensaio, Soraya Portela comentou comigo sobre como Joana e Dimitri não pensaram em nenhum exemplo relacionado ao corpo gordo, mesmo esse sendo o mote para nosso encontro. Entendo que a pergunta foi pessoal e que é comum a gente olhar para as nossas experiências ao falar sobre momentos que nos causam dor ou desconforto. Mas, esse talvez seja um exercício interessante para pensar o outro, principalmente um outro que está próximo. Pessoas magras devem ser aliadas na luta. Algumas das ações nessa parceria é desafiar o padrão por incentivarem, divulgarem ou colaborarem com o trabalho de pessoas gordas.

¹¹⁶ Soraya Portela é artista da dança e da performance, diretora, curadora e professora de dança. Integrou desde sua fundação o Núcleo do Dirceu em 2006, depois Galpão do Dirceu até 2015. Atualmente é Presidente do Instituto Punaré. Integrou a equipe de *Peso Bruto* como interlocutora.

¹¹⁷ Ver nota de rodapé número 44.

¹¹⁸ Dimitri Camorlinga é graduado em teatro pela UDESC, trabalha em diferentes áreas artísticas como: música, contação de histórias, fotografia, teatro, audiovisual, trilha sonora e como produtor cultural. Integrou a equipe de *Peso Bruto* como criador de trilha sonora.

Convido você que está lendo esta tese a pensar sobre os momentos em que você desafia o padrão. Quais momentos você desafia a norma? Pense tanto nas ações mais individualistas como nas mais coletivas. Como você pode ajudar a quebrar um padrão excludente e violento?

[#criticar a norma](#)

[#metodologias e estratégias de peso](#)

[#coletividade gorda](#)

59kg Papo plástico

Eu (o “eu” que escreve este fragmento-quilo não é exatamente a bailarina-autora desta tese)¹¹⁹ estava ali, naquela sala de aula exercendo a minha função usual. Para ser sincera, nem estava fazendo nada; mas, estava lá, preparada para dar um apoio. Às vezes alguém precisava de mim, ora para descansar um pouco ora para alcançar alguma coisa em um lugar mais alto. Então, aquela menina de Teresina¹²⁰ me viu e sugeriu que a bailarina dançasse comigo. Então a Jussara se aproximou e me colocou no meio da sala.

Desde o início entendi que não era um objeto de cena qualquer, nossa relação desviava do óbvio, pois eu não estava sendo apenas assento enquanto ela dançava, não estava a serviço dela esperando ser conduzida e manipulada. Ela me observava e reagia a meus movimentos, eu era também agente. Nossa relação tinha reciprocidade: eu estar ali com ela era relevante e nossa interação se adaptava ao momento. A gente leva esse jeito de se relacionar desde o início do processo criativo de *Peso Bruto*, até agora, nas apresentações que fazemos por aí.

Ela não me vê apenas como um objeto de plástico que tem como única função acolher o peso dos corpos sentados. Por exemplo, se enquanto estivermos dançando ela apoiar a barriga na minha superfície superior e encostar os pés e mãos no chão, ela quase me esconde, fico só com as quatro pernas de fora. Então, se ela tentar nos locomover usando os oito apoios que estão no chão (quatro dela e quatro meus) eu acabo arrastando meus pés e faço um barulhão para acompanhá-la. Às vezes, dependendo do palco, o piso é bem liso e eu nem faço tanto barulho assim; às vezes tem linóleo e eu acabo tropeçando em alguma fita que prende o emborrachado. Ela não apenas sente meu tropeço, ela reage a ele, sem tentar disfarçá-lo como se fosse um erro. Acho melhor assim mesmo: se todas as pessoas na plateia veem quando a gente tropeça, não tem sentido o disfarce e sim a transformação. A gente encontra, juntas, um jeito de continuar e de vez em quando a gente tropeça mais algumas vezes, por diversão.

Para as apresentações fora da cidade em que vivemos temos algumas opções. Já viajei de ônibus para algumas cidades mais próximas. Por isso, conheci alguns palcos. Mas é difícil viajar comigo, sou frágil e não vale a pena confeccionar uma embalagem de transporte que eu caiba, para viajar no bagageiro do avião. Nas apresentações nas cidades mais distantes é mais

¹¹⁹ Fragmento-quilo baseado em um exercício proposto pela doutoranda do PPGAC-UDESC Inês Saber de Mello, no curso *Quando a escrita não é traição*, realizado no segundo semestre de 2019, que propunha escrever a partir de um outro ponto de vista, de se colocar em outro lugar para a escrita. Escrevi como se eu fosse a banqueta de plástico que utilizo nas apresentações de *Peso Bruto*.

¹²⁰ Soraya Portela, a artista de dança de Teresina/PI, que integrou a equipe de *Peso Bruto* como interlocutora.

fácil achar alguma prima que eu tenha naquela cidade, ou outra como eu. Ela já teve que dançar com uma que tem um formato um pouco diferente. O formato diferente da minha prima permite que elas explorem outras coisas. Eu tenho as costas grande e curvas anatômicas para receber o peso dos corpos. Aquela prima é mais reta e não dá para saber se ela tem frente, costas ou laterais. Não tem diferença entre os quatro lados.

Quando o público chega no espaço de apresentação, já estamos prontas para começar, ela em cima de mim e eu sustentando-a. Depois que a gente dança junto eu fico no cantinho do palco observando as outras cenas do trabalho. Ela chega a se aproximar lá pelas tantas, uma vez – uma das primeiras apresentações – até apoiou o pé em mim, na tentativa de “ficar mais sensual”, bem clichê. Depois dessa vez ela desistiu de forçar a relação em outros momentos. Eu até prefiro, porque nessa hora ela está toda melada de creme hidratante e eu não gosto, fico escorregadia por dias mesmo tomando banho quente.

Essa prática de interdependência com os objetos ela já experimentou antes em um grupo de dança o qual ela trabalhava¹²¹. Tinha uma dança¹²² dessas em que ela se arriscava bastante, o parceiro dela era muito leve, por ser de alumínio, tinha uns quatro centímetros de diâmetro e dois metros de comprimento. Ela gostava de jogar ele para cima e esperar para ver o que ele propunha como forma de ser acolhido na descida. O danado era bem imprevisível, mas isso era importante para a dança deles. Ele ricocheteava muito e isso mudava a velocidade dos movimentos, gerava deslocamento e até mudança entre os planos alto, médio e baixo.

Pode parecer redundante ela se relacionar “da mesma forma” com os diferentes objetos, mas o que é interessante é que cada formato permite descobertas. Até porque essa “mesma forma” também é moldada pela dramaturgia da cena, o que pode mudar muita coisa (ela nunca me jogaria para cima como jogava aquele lá). Até entre nós, que dançamos sempre o mesmo trabalho a relação não é sempre igual, cada encontro oferece desvios e precisamos estar atentas a eles. Não adianta nada eu perceber a força da gravidade agindo no meu corpo e me jogar da cabeça dela para o chão se ela não perceber o que a minha queda possibilita. Também não adianta ela repetir a mesma reação caso eu me atire de novo, porque nada garante que eu caia do mesmo jeito, com a mesma força e velocidade.

Então, quando ela dança com objetos por aí eu sei que ela procura escutar o que eles têm a dizer. E, nos processos criativos, essas conversas colaboram no desenvolvimento do trabalho. Ela treina bastante se relacionar assim com os objetos na sala de ensaio e no palco.

¹²¹ Grupo Cena 11 Cia de Dança, o qual Jussara Belchior integrou por dez anos.

¹²² *Protocolo Elefante* (2016), de Grupo Cena 11 Cia de Dança.

Mas, talvez seja necessário ela perceber mais a agência das coisas no dia a dia dela. Ouvir mais os objetos da casa e dos espaços públicos. Nossa, parece ser difícil...

Por um bom tempo ela se sentia culpada quando estava muito apertada porque não cabia ou sentia-se insegura pensando que podia quebrar algum item. Mas isso não é culpa dela e ela entendeu isso com o tempo. Era quase um relacionamento abusivo, ela fingia caber nos espaços porque as coisas são assim e era ela que estava errada. Como se as coisas não pudessem mudar. Que absurdo! Até que ela passou a optar por se relacionar com objetos que entendiam o seu tamanho e seu peso. Mas não é sempre que ela tem escolha. E não é só ela não: há muitas outras pessoas que passam por situações semelhantes de dor, insegurança, culpa e humilhação. Pessoas que não podem escolher objetos mais acessíveis para se relacionar (ou porque são muito caros ou porque não conhecem outras opções).

Mais pessoas deveriam perceber a agência dos objetos no seu dia a dia. As pessoas artistas e ativistas, como ela, até percebem. Mas, às vezes, o que as coisas e objetos falam é tão violento que chega a fazê-las não quererem mais sair de casa para escutar tais discursos excludentes: “Você não cabe aqui!”. Quanto mais pessoas entenderem a importância desse diálogo mais avançaremos na busca por diversificar os formatos e resistências das coisas para que diferentes corpos possam se relacionar com essas peças. Quando dançamos juntas estamos provocando essa reflexão, eu espero.

Sou uma banqueta de plástico bailarina e ela uma bailarina gorda. Entre nossos corpos têm atrito e tensão. Nossa movimentação às vezes encaixa, mas nem sempre. Ela provoca desequilíbrio para si mesma quando está apoiada em mim e às vezes tem dificuldade de me sustentar em posições esdrúxulas. Eu faço o que posso: deslizo, me moldo em minha imobilidade e até me deixo cair quando perco o equilíbrio. Juntas a gente fala sobre descontrole, expectativas e não conformismo. Mas as pessoas estão livres para entender o que puderem. Até porque, quem me subestima não deve ver muita coisa além de uma manipulação boba e chata.

[#acessibilidade e mobilidade](#)

[#dança gorda](#)

60kg O pavor do banquinho de plástico

*Toda pessoa gorda entende o pavor do banquinho de plástico*¹²³.

A problemática dos assentos é uma das questões da acessibilidade, uma das principais pautas da luta gorda. A partir dessa questão, é interessante acompanhar a definição de cadeira no dicionário de termos do gordo ativismo de Charlotte Cooper (2019, p. 23, tradução minha):

Cadeira

Um espaço exclusivo. Algo que penetra, que vem com você quando você se levanta, que não é grande o suficiente, que faz você se sentir como um ovo em um porta-ovos. Algo que as companhias aéreas podem se recusar em oferecer ou cobrar duas vezes para você usar. Algo que você tem que ficar em pé em público enquanto os outros se sentam. Algo que significa que você não pode ir, por exemplo a um teatro (talvez uma peça célebre em que o protagonista está usando um macacão com enchimento, como aconteceu em Nova York há pouco tempo), a uma aula, a um restaurante. Um objeto de cautela e, se você aguentar sentar no chão em meio a madeira lascada, um objeto de comédia¹²⁴.

Assentos como cadeiras, banquetas e poltronas podem ser espaços excludentes para pessoas gordas. O medo da quebra, a dor da queda, a humilhação das risadas do entorno, o desconforto, o explícito incômodo de quem se senta ao seu lado, a impossibilidade de usar cinto de segurança (principalmente nos aviões), um apertar que machuca ou mesmo a dor de ficar em pé para não passar por nenhuma destas situações. Sobretudo, a culpa por ser errada, não convidada nem autorizada a ocupar esses espaços.

A escolha de dançar com uma banquetta de plástico em *Peso Bruto* é consciente. Para pessoas magras talvez essa não seja uma questão tão óbvia, mas, durante a cena do banquinho me movo o tempo todo na tentativa de me fazer caber. Tentar caber é parte da rotina das pessoas gordas, que tentam caber nas roupas, nas catracas dos ônibus, nos assentos e em outras coisas e espaços. Às vezes, tentar caber passa de uma tentativa desconfortável a uma impossibilidade real, quando pessoas gordas deixam de ser atendidas por não caberem em macas ou em

¹²³ Essa é uma frase que costumo dizer quando acontece bate papo com o público após apresentações de *Peso Bruto*.

¹²⁴ No original: “Chair. An exclusive space. Something that digs in, that comes with you when you stand up, that isn't big enough, that makes you feel like an egg in an egg-cup. Something that airlines can refuse you or charge you twice for. Something you have to stand around in public whilst others sit. Something that means you can't join in, for example at a theatre (maybe a celebrated play where the protagonist is wearing a fatsuit, as happened in New York not so long ago), at a class, at a restaurant. An object of caution and, if you can handle sitting on the floor amidst splintered wood, comedy”.

aparelhos que realizam exames médicos. Se os ambientes não estão preparados para receber alguns corpos, tudo indica que esses não devem circular por tais lugares.

Natália Rangel explica como funciona a exclusão social:

A exclusão social significa que a privação do direito deixa de ser individual e passa a ser coletiva, excluindo todo um grupo do acesso a direitos básicos. Apesar da exclusão ser social, o julgamento é individual, o indivíduo deveria ser responsável por seus hábitos e pela economia de si mesmo, pela dieta balanceada, restrição alimentar e atividade física regular (Rangel, 2018, p. 84)

A luta gordo ativista está em evidenciar que a exclusão é um problema coletivo e que, para transformar a realidade, é preciso mudar o entendimento de que a pessoa gorda está culpada e errada em ser quem é. É necessário modificar o comportamento das pessoas que julgam quem é ou está gordo. Além disso, é preciso deixar os espaços acessíveis com equipamentos que aguentam pessoas pesadas, corredores mais largos nos comércios e assim por diante.

A falta de acessibilidade exclui pessoas gordas de ambientes profissionais quando não são contratadas pela errônea convicção de que elas estão doentes e mais próximas da morte; do atendimento médico digno, quando não são recebidas nas clínicas e hospitais por falta de aparelhagem que suporta pesos mais altos; das atividades de lazer, quando os espaços são apertados e as cadeiras pequenas. Além disso, pessoas gordas passam por dificuldades para encontrar vestimenta, pagam valor mais alto nas lojas especializadas em moda *plus size*, o que dificulta o acesso de pessoas gordas de baixa renda. Não ter opções para se vestir dificulta a nossa circulação em qualquer atividade cotidiana. O pavor do banquinho de plástico é concreto e só com ações de acessibilidade podemos mudar essa situação.

[#acessibilidade e mobilidade](#)

[#dança gorda](#)

61kg Normatividade capacitista

Em geral, a pergunta sobre como eu faço o que eu faço sempre aparece nas conversas após a apresentação de *Peso Bruto*. O meu corpo extrapola a condição prevista para um corpo gordo. Sou flexível, ágil, equilíbrio meu corpo de ponta cabeça, arremesso-me ao chão e demonstro controle em minha movimentação. O meu corpo revela a minha história, marcada por um treinamento rigoroso em técnicas de dança. Então, ao responder sobre como sou capaz de dançar desta forma, explico que pratico dança há quase trinta anos e que meu corpo gordo não é uma rara exceção: o que eu tive foi algumas vezes resistência, e outras vezes o privilégio de habitar espaços os quais apenas aparentemente eu não pertencia.

Muitas vezes escuto de alguém magro que eu consigo fazer coisas que ele ou ela jamais conseguiria. Nesses momentos, chamo a atenção para essa convenção de que corpos gordos têm pouca mobilidade. Se estamos habituados a ver os corpos gordos agir de maneiras limitadas, talvez seja porque algo restringe a ação dos corpos gordos nos espaços de convívio social. A suposta divisão entre o que as pessoas gordas ou magras podem e conseguem fazer é arbitrária; por isso, quando uma pessoa gorda faz alguma ação considerada virtuosa, essa parece só poder ser compreendida no campo da superação, mas essa concepção é falha.

Tal entendimento se aproxima de discursos capacitistas por supor a incapacidade das pessoas pelo formato de seus corpos. O capacitismo é a discriminação com pessoas com deficiência, termo traduzido do inglês *ableism*. Segundo a pesquisadora Fiona Kumari Campbell (2008), professora na Escola de Serviços Humanos na Griffith University, capacitismo é a convicção de que há uma norma para os corpos humanos as quais as pessoas com deficiência não se encaixam, portanto se afastam dessa noção de corpo e de humanidade, isso faz com elas sejam tratadas como seres inferiores (Campbell, 2008, s/p.). As aproximações com as discussões anti capacitistas feitas aqui pretendem provocar a compreensão da normatividade exigida aos corpos e questionar a noção de superação atribuída a corpos ditos incapazes.

Em meu trabalho como bailarina e pesquisadora gorda reafirmo que meu corpo, assim como de outras gordas e gordos, é capaz e autorizado de fazer o que faz. As possibilidades dos corpos gordos – assim como das pessoas com deficiência – estão para serem expandidas no imaginário comum. Basta olhar com mais atenção ao nosso redor.

[#acessibilidade e mobilidade](#)

[#dança gorda](#)

[#criticar a norma](#)

62kg Questões de fazer tremer

Tem muito atravessamento mesmo. Falar sobre gordura é sempre envolver questões de saúde, acessibilidade, afeto, espaço, medos, dores, possibilidades de mudança, segurança e mais. Uma coisa leva à outra, que leva a outra. Tudo está conectado. É uma pena que as relações via videoconferência parecem ter menos força que presencial. A gente perde até a materialidade gorda nas janelinhas do zoom. Falta banha, falta barriga, falta gordura. Falta encostar no corpo uma da outra e aprender no toque com corpos mais parecidos com o seu. Falta sentir a vibração, a flacidez e o balanço de outros corpos gordos. E os questionamentos, como ficam? Como seguir com essas dúvidas? Com tantas perguntas sem respostas. Com tantas respostas doloridas. Como transformá-las em algo? Como responder a essas urgências? Quais perguntas são responsabilidade nossa responder? Quem precisa escutar essas perguntas?

Este é o registro que fiz durante o *Encontro Corporeidade de Peso*¹²⁵, organizado pelo Coletivo MANADA, que reuniu quinze pessoas gordas¹²⁶ que trabalham com atividades físicas (artísticas e de autocuidado). A atividade que desencadeou esse relato foi um jogo de perguntas que realizamos entre as participantes do encontro, baseado em um exercício que aprendi com o artista bicha e curitibana Gabriel Machado¹²⁷. Na versão¹²⁸ proposta para esse encontro, pensamos em algo que pudéssemos criar em coletivo, aproveitando o formato de videoconferência. A estrutura do jogo era criar uma massa de perguntas, respondendo às

¹²⁵ O *Encontro Corporeidade Gorda* aconteceu nos dias 26 e 27 de setembro via videoconferência. O evento foi proposto pelo Coletivo MANADA e como parte da pesquisa de Mestrado de Gaia Colzani. Foram reunidas quinze pessoas gordas com práticas corporais distintas a fim de discutir sobre a possibilidade de uma metodologia gorda nas práticas de exercício físico.

¹²⁶ Além das integrantes do MANADA: Bruna Puntel, Jussara Belchior, Gaia Colzani e Thaís Putti; estiveram presentes as integrantes do coletivo de dança de mulheres gordas e pretas do Zona Agbara: Gal Martins (artista da dança, gestora cultural e socióloga), Rosângela Alves (artista da dança), Dina Maia (atriz), Iolanda Costa (artista e trancista), Leticia Munhoz (arte educadora), Evelyn Dayse (trancista); além de Julia Del Bianco (bailarina, professora de balé e modelo), Ariane Moreira (cientista da computação e pole dancer), Letícia Negretti (atriz e poeta), Noam Scapim (artista circense) e Vanessa Joda (professora de yoga).

¹²⁷ Gabriel Machado é bailarino, performer, coreógrafo, curador, diretor e um dos fundadores da Selvática Ações Artísticas. Mestrando em Artes da Cena pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), investiga monstrosidades, processos de simbioses e alianças entre diferentes organismos.

¹²⁸ A proposição de Gabriel Machado relaciona dança e escrita. Cada pessoa escreve uma pergunta de seu interesse em uma folha de papel. Então, a folha de papel é passada para pessoa sentada ao seu lado na roda. A instrução é responder à pergunta com outra pergunta. Assim, os papéis vão circulando entre as pessoas, criando um texto de perguntas.

perguntas com novas pergunta. As perguntas foram feitas em voz alta para o grupo, cada pessoa destinava seu questionamento a alguém, não para especificar a questão, mas para criar uma lógica de continuidade no jogo. Assim, todas as pessoas acompanhavam como cada pergunta desencadeava uma nova pergunta e como esse jogo de perguntas gerou uma espécie de mapeamento de questões de nossas vivências como pessoas gordas. A pergunta inicial foi sobre práticas de exercício, mas logo as perguntas trouxeram questões sobre saúde, cuidado, segurança, medo, violência, desconforto, acessibilidade e tantas outros pontos que envolvem a experiência de ser uma pessoa gorda. Além disso, as perguntas também interseccionaram a problemática da gordofobia com o racismo, classes e LGBTQIA+fobia.

Após o jogo, reservamos um tempo para registrar as sensações e os questionamentos que o exercício gerou. Ao escrever esse relato lembrei-me de como no início desta pesquisa de Doutorado tive dificuldade em fazer um recorte de definição do meu objeto de pesquisa. Esse era um dos principais motivos: as coisas estão tão entrelaçadas que parecia ser impossível e irresponsável não apresentar as discussões mais fundamentais do ativismo gordo. Aos poucos fui criando um jeito de entrelaçar na escrita essas discussões a partir de minha prática artística. Assim que tem se dado meu trabalho como ativista. Desse encontro pesado reverbera em mim o desejo de fazer tremer as estruturas, balançar os entendimentos e engordurar o cotidiano.

[#coletividade gorda](#)

[#acessibilidade e mobilidade](#)

63kg Baleal



Imagem 17 - Baleal, colagem de imagens de ensaio de M.O.P.P, Coletivo MANADA, 2018
Arte visual: Jussara Belchior. Fotógrafa: Bruna Puntel. Fonte: arquivo pessoal da autora

A luz azul intensa banha o espaço. Cada detalhe, cada fresta da cena transformada em oceano. Nós, as baleias. Estamos juntas nesse mar. Nos movendo em um jogo de coletividades. Dançando as tentativas de nos fazer coro. Há muita dissonância. Abraçamos nossas diferenças. Erguemos nossos corpos pesados. Narramos nossas frustrações. Compartilhamos nossas dores na busca de transformá-las em denúncia. Quem ri de nossas histórias? Como esse riso nos afeta? Nos fortalecemos em apoio, sustentação e contaminação. Juntas tornamo-nos baleias. Resignificamos aquilo que quisera nos ferir. Nosso baleal se expande para além dos mares. Assim, bem gordas mesmo. Ocupando espaço e fazendo o chão tremer. Imensas. Em MANADA.

[#coletividade_gorda](#)

[#dança_gorda](#)

M.O.P.P. - Manuseio Operacional de Produtos Perigosos (2018)

de Bruna Puntel

CENA DA LANTERNA

Blackout.

As artistas caminham pelo espaço escuro com lanternas apagadas nas mãos.

Alguém acende a lanterna, iluminando o rosto de uma pessoa em cena.

Ao ser iluminada a pessoa conta, de modo casual, uma experiência em que sofreu gordofobia.

THAIS PUTTI

Estava no Titri, para pegar um ônibus para a UDESC, usando uma camiseta que eu tenho que é preta e está escrito a palavra “gorda” em rosa, com a mesma fonte da Barbie. Daí que uma adolescente vestindo uniforme do colégio passou rindo com seus colegas e disse: *(debochada)* “Não precisa avisar, já dá para ver”.

Agora, pergunto a você que me lê, qual a sua reação ao ler a transcrição dessa cena?

[#conceitos pesados](#)

¹²⁹ Esta transcrição de um trecho *M.O.P.P. - Manuseio Operacional de Produtos Perigosos* (2018) é feita a partir de minha memória, já que o grupo não criou um texto dramaturgico fechado para a composição.

65kg Quem ri das nossas histórias?

A *Cena da lanterna* é um trecho de *M.O.P.P. - Manuseio Operacional de Produtos Perigosos* (2018), trabalho de Bruna Puntel desenvolvido durante a disciplina Direção Teatral do curso de Licenciatura em Teatro na UDESC¹³⁰. Esse processo de criação reuniu um grupo de artistas gordos a fim de debater sobre suas experiências como pessoas gordas. Fiz parte desse processo junto a Alisson Feuser¹³¹, Everton Lampe¹³², Geruza Bandeira¹³³, Noam Scapin¹³⁴, Gaia Colzani, Thaís Putti e Uila Roldan. Em meio as nossas experimentações acabamos trilhando um caminho autobiográfico, na tentativa de denunciar a gordofobia que sofremos diariamente.

No momento da *Cena da lanterna*, cada pessoa em cena tem pelo menos uma vivência em que sofreu gordofobia para compartilhar quando é iluminada pela lanterna. O público está sentado na frente e nas laterais do palco, no escuro, onde ninguém pode ver suas reações, mas pode ouvir as interjeições e comentários das pessoas mais desinibidas. Sem nos dar conta, criamos um espaço muito seguro para as pessoas reagirem com toda sua espontaneidade, inclusive oportunizando que algumas expressassem livremente sua gordofobia, rindo de nossas histórias e constrangendo as pessoas gordas presentes na plateia.

Em seu TCC, Bruna Puntel conta como foi a conversa com o público sobre essa cena:

Durante o debate, essa cena surgiu como algo problemático. Alguns relatos eram contados de forma meio irônica, o que causava certa comichão pra cena, causando certo riso na plateia. Aline Dias nos contou, durante o debate após a peça, sobre uma situação ocorrida durante a apresentação. Um dos relatos da Thaís Putti nessa cena era sobre uma blusa que ela usava, que, com caligrafias da marca Barbie, estava escrito a palavra “GORDA”. No relato, ela conta que um dia estava usando essa blusa, e um menino disse a ela: “Não precisa avisar, dá pra ver”. Durante essa parte uma

¹³⁰ Disciplina Direção Teatral, ministrada pelo professor Doutor Jose Ronaldo Faleiro, realizada por Bruna Puntel em 2018.

¹³¹ Alisson Feuser, nascido em Criciúma é formado em LETRAS- Português pela UNESC. Em 2019 se formou também em TEATRO pela UDESC. Atualmente trabalha como professor de literatura, redação, língua portuguesa e artes. Tendo a arte como sua vocação, a sala de aula se tornou seu palco, seu lugar de aprendizado de si e do outro.

¹³² Everton Lampe de Araújo atualmente é professor colaborador do Departamento de Ensino do Teatro na UFBA. Doutor pelo PPGT / UDESC, com a pesquisa *Outra máscara é possível: percursos rebeldes de corpos insurgentes*, orientada por Dra. Fátima Costa de Lima. Possui Mestrado também pelo mesmo programa. Graduado em Artes Cênicas pela UFOP. Estudante de intercambio acadêmico do departamento de Dança na Université Lille III - França. Trabalha como ator, performer e dançarino, onde versa entre atuador e encenador na ponte Brasil-México.

¹³³ Geruza Bandeira é atriz e palhaça, formada pela escola de teatro d’Os Bruxos da Corte, acadêmica do curso de Licenciatura em Teatro pela UDESC. Integra os elencos dos grupos Ocu de Teatro e Cia. Mosca.

¹³⁴ Noam Scapin é artista circense na área de acrobacia aérea, pirofagia e palhaçaria. Faz Parte da Cia Fundo Mundo, uma companhia circense formada exclusivamente por pessoas trans, travestis e não binárias. Seu trabalho tem foco na potência do corpo trans e do corpo gordo no palco e principalmente na pesquisa desses corpos na comédia.

peessoa da plateia comentou “e não precisa mesmo” e depois deu risada. Então foi problematizado algumas coisas durante essa cena. A primeira é que essa organização, de estar o público no escuro, enquanto as pessoas gordas, diante da luz, relatam suas histórias, traz um certo conforto e comodismo, e isenta pessoas magras/não gordas de reagirem a essas histórias sem nenhuma responsabilidade. Inclusive dá a elas certa privacidade. A segunda é que essa situação pode ser gatilho para muitas outras pessoas gordas que estão assistindo, e pode promover mais uma violência a essas pessoas. A terceira é que coloca o gordo num lugar cômico mais uma vez (Puntel, 2020, p. 65 e 66).

Ao conversarmos com o público após as apresentações nos demos conta de como a nossa intenção de denúncia não foi o suficiente para evidenciar a opressão. Foi um baque muito grande para nós percebermos que causamos o contrário do que pretendíamos, deixando as pessoas gordas da plateia desconfortáveis em reviver momentos de dor e humilhação.

No artigo *Manada treme e faz tremer: ações coletivas em arte gorda* (2021a) que escrevi para integrar o livro do grupo de pesquisa Imagens Políticas¹³⁵ sobre minha experiência com o coletivo MANADA, também comento sobre esse acontecido:

Esse choque nos foi doloroso. Em nossos ensaios, aquele era um espaço seguro de compartilhamento de histórias, de acolhimento e aprendizagem. Mas nos sentimos falhando com as pessoas gordas ao perceber como o público não gordo apenas reproduziu um comportamento gordofóbico, que encara nossas dores como motivo de deboche e humilhação (Belchior Santos, 2021a, 73).

Nosso sentimento de irresponsabilidade parecia insuperável. Lembro de ter sugerido a Bruna Puntel durante a banca de defesa de seu TCC¹³⁶ que ela olhasse para essa experiência com mais carinho, para que pudéssemos transformar essa frustração. Mas, eu mesma tive dificuldades em seguir essa recomendação. Em uma conversa do grupo de pesquisa sobre o processo de escrita, o integrante Roberto Gorgati¹³⁷ chamou minha atenção para se haveria mesmo algo que pudéssemos ter feito que não acarretasse comportamentos gordofóbicos na plateia. Foi a partir desse questionamento que me permiti ver além da culpa de ter caído nas lógicas gordofóbicas as quais nos rodeiam.

¹³⁵ O grupo de pesquisa Imagens Políticas - Poéticas Políticas da Cena Contemporânea, liderado pela professora Dra. Fátima Costa de Lima e Stephan Arnulf Baumgartel, pesquisa as dimensões políticas dos diversos aspectos poéticos da construção cênica teatral atual, a partir de reflexão teórica originada nas obras de Bertolt Brecht e Walter Benjamin. Mais informações disponíveis em <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7951766724262158>. Acesso em 12 de maio 2022.

¹³⁶ Fui integrante da banca de avaliação na defesa do TCC de Bruna Puntel no dia 29 de novembro de 2019.

¹³⁷ Roberto Gorgati é Doutor em Teatro pelo PPGT- UDESC, com a tese *Teatro de bonecos: substituição, dissolução e memória em mapas de verbos e objetos*, orientada por Fátima Costa de Lima. Mestre pelo mesmo programa. Possui licenciatura em Educação Artística- Habilitação em Teatro, pela UDESC. Possui formação técnica plena em Desenho de Comunicação pela ETESG Carlos de Campos- SP. Trabalha com montagem de exposições, confecção de maquetes, bonecos, cenografia, iluminação, direção em teatro de animação, máscaras, figurino e objetos de cena.

Para lidar com nossa frustração é preciso questionar se aquele era um riso evitável. Haveria escolhas estéticas e dramáticas possíveis que não desencadeariam aquele riso? Quais as formas de narrar nossas histórias em cena que poderiam transmitir às pessoas um estado de reflexão e não apenas uma reatividade? Como gerar nesse riso um espelho que reflète ao público sua risada acomodada em um sistema opressor e excludente? (Belchior Santos, 2021a, 74).

Acredito na força de contar nossas histórias e de como essas partilhas podem ser uma forma de acesso à diferentes pautas ativistas, principalmente para corpos dissidentes que se sentem isolados. Escutar histórias parecidas com a sua podem ser a chave para se encaixar no mundo, ou ainda, de perceber que não é preciso se encaixar em modelos violentos. Em cena, essas histórias precisam trazer a discussão à tona como um convite reflexivo a quem está assistindo¹³⁸. Não poderemos ter garantia de que essa estratégia atinge todas as pessoas da mesma forma, por isso é um convite, um espelho, uma conversa. Contar nossas histórias é uma forma de resistência, a fim de não termos mais nossas histórias negligenciadas.

[#metodologias e estratégias de peso](#)

[#criticar a norma](#)

[#coletividade gorda](#)

¹³⁸ A quem se interessar por trabalhos autobiográficos que denunciam opressão, recomendo o trabalho *Preta-à-porter* (2012), do Coletivo NEGA, de Florianópolis/SC. Mais informações disponíveis em: <http://coletivonega.com.br/pretaaporter/>. Acesso em 12 de maio de 2022 e <https://www.youtube.com/c/ColetivoNEGA>. Acesso em 20 ago. 2022.

66kg Qual a graça?

Qual é a graça do corpo gordo? A artista gorda Thais Putti se voltou para essa temática durante sua pesquisa de Mestrado, analisando sua trajetória como atriz de comédia. Ela nos conta sobre o momento da materialização dessa questão em sua experiência, quando foi indagada por uma pessoa gorda na plateia durante um debate após uma apresentação¹³⁹:

durante uma conversa sobre o espetáculo, uma pessoa **gorda** da plateia direcionou uma pergunta para mim, pergunta essa que mudou minha forma de olhar para meu trabalho como atriz. No início da fala, ela disse o quanto havia adorado minha personagem Catherine, uma mulher doce, recatada, ingênua, devota, apegada ao seu pai, e de trejeitos infantilizados, mas, que durante as cenas, ficava pensando se estava rindo dela, ou do meu corpo **gordo**. E finalizou com a pergunta: como você se sente, sendo uma mulher **gorda**, e toda a plateia rindo de você? (Putti, 2021, p. 32, destaques da autora).

Thais Putti tem se questionado se ela se tornou uma atriz de comédia por ser engraçada ou se ela foi taxada como engraçada por ser uma pessoa gorda. Ela comenta:

Reconheci-me como pessoa engraçada e cômica pelo olhar das pessoas, e de início isso não me pareceu ofensivo, pois cresci construindo uma determinada imagem em resposta ao que queriam que eu fosse, ou seja, ao que eu *deveria* ser, como diz Bergson (1983). Atribuo esta responsabilidade também aos estereótipos de corpos parecidos com o meu, apresentados nas mais diversas referências literárias, midiáticas e artísticas. Fui construída como um reflexo do imaginário cômico da pessoa **gorda**. Eu sou o riso (2021, p. 90, destaques da autora).

A partir de suas reflexões sobre o riso, Thais Putti propõe uma alternativa ao corpo gordo ser o motivo do riso, livrando-nos do papel da pessoa gorda que merece ser humilhada. Contar suas próprias histórias, escrever suas próprias narrativas, criar suas próprias dramaturgias. Assim, poderemos sair do papel restrito que nos foi atribuído por pessoas não gordas e até trabalhar a comédia saindo da lógica de debochar de si mesma.

[#metodologias e estratégias de peso](#)
[#criticar a norma](#)
[#coletividade gorda](#)

¹³⁹ Thais Putti interpretou Catherine na peça UZ (2014), dirigida por Renato Turnes, produzida pela La Vaca Companhia de Artes Cênicas, de Florianópolis - texto do dramaturgo uruguaio Gabriel Calderón.

67kg Corpo gordo em festa

O trabalho *SOB Medida* termina com uma cena de celebração. Nesse momento, Uila Roldan solta a câmera fotográfica que veio utilizando durante o trabalho e se junta a mim e Bruna Puntel para dançar ao ritmo de *Miss beleza univesal* (2017), de Doralyce. Somos embaladas por batidas de funk e nos movendo chacoalhando as banhas da barriga, glúteos, coxas, braços e mamas. A iluminação ajuda a criar um ambiente festivo, com cores e pisca pisca e boa parte da plateia costuma a vibrar em comemoração a nossos corpos.

Em um bate papo que realizamos após uma das apresentações¹⁴⁰ uma moça gorda levantou a questão sobre esse momento festivo. Ela nos questionou sobre a possibilidade de manter a força crítica do trabalho mesmo com um final que envolve as pessoas gordas e não gordas no lugar da festa e da alegria. Senti que sua pergunta foi uma dúvida genuína, não uma espécie de crítica disfarçada, o que me leva a perguntar: Será que o momento de celebração tira a potência da crítica?

Essa pergunta parece demonstrar o caráter dialético que a festa pode ter. Acredito que a crítica não seja apagada pela festa, assim como acredito que devemos celebrar nossos corpos. Além disso, algumas pessoas podem se sentir mais convidadas a serem aliadas na luta pelo modo convidativo dessa grande festa ao final. Talvez algumas pessoas sintam que a luta não é nem tão violenta nem tão urgente, pela dificuldade de associar dor e celebração. Mas, esse é o momento que evidenciamos não mais focar na dor de ser uma pessoa gorda. Quando apresentamos para o público adolescente do Instituto Estadual de Educação – IEE, a música foi um momento de conexão mais forte, que pareceu aproximá-los mais da apresentação. Aquela era uma festa mais reconhecível e, portanto, mais acessível. Cabe lembrar, mesmo que de modo superficial, da força de resistência das artes e festas populares. A festa também é um espaço da crítica.

[#metodologias e estratégias de peso](#)

[#dança gorda](#)

¹⁴⁰ Apresentação de *SOB Medida* realizada no dia 23 de abril de 2019 dentro da programação do IX Seminário de Pesquisa em Artes Cênicas da UDESC.

68kg Corpos desobedientes

Certa vez, eu tinha uns quatorze anos, quando minha professora de balé conversou comigo e com uma amiga da minha turma sobre coreografar solos para a gente se apresentar nos festivais competitivos em que participávamos. Ficamos muito empolgadas, mas, havia uma condição: *nós duas* só poderíamos apresentar se *eu* emagrecesse. Ela era uma colega magra e uma amiga muito próxima, e acho que a professora pensou que nossa amizade seria um incentivo para que eu emagrecesse tanto para dançar um solo quanto por ter uma amiga dependendo (e talvez me cobrando) deste emagrecimento.

Ambas aceitamos a chantagem, embora não saiba quais foram os motivos para minha amiga topar essa condição estapafúrdia; entretanto, a chantagem não funcionou. Logo no início, quando os solos começaram a ser coreografados, fui cobrada algumas vezes sobre minha alimentação e peso, mas depois elas pararam. Talvez tenham desistido, mas teve um incidente no meio do processo que pode ter colaborado para isso. Para meu solo, a professora pediu que eu levasse um *CD* com músicas que eu gostasse para ela escolher uma delas para coreografar. Levei uma coletânea de músicas do Chico Buarque e ela escolheu uma versão de *Bárbara* (1973)¹⁴¹. Na coreografia, eu era uma viúva inconformada dançando ao redor de uma foto do falecido marido. O solo era bastante interpretativo, mas também mostrava minha desenvoltura técnica.

Para minha amiga, a professora escolheu a música e o tema sem conversar nada com ela. Ela montou um solo quase todo em pantomima - isto é, uma dança regida por muita interpretação e gestos narrativos. Não lembro bem do tema, mas era algo triste, como uma lamentação em uma dança muito lenta. Minha amiga ficou muito descontente e, depois de um tempo, confessou para a professora que não tinha gostado da criação, pedindo para ela coreografar outra coisa. O clima ficou bem tenso, a professora e as outras alunas entraram em choque pela audácia da minha amiga em dizer não se identificar com o solo que foi feito para ela. Mas, a professora acabou criando outro solo: uma dança mais alegre e saltitante, também bem interpretativa, mas que exigia saltos e giros que se aproximavam mais das técnicas do balé clássico e do *modern jazz*.

Na montagem do segundo solo a professora perguntou várias vezes se era isso que minha amiga queria e ela sempre respondia que sim, que agora ela se sentia à vontade. A

¹⁴¹ *Bárbara* é uma composição de Chico Buarque e Ruy Guerra feita nos anos de 1972 e 1973 para a peça teatral musical *Calabar: o elogio da traição* (1973) dos mesmos autores.

situação era incômoda para todas e ficou difícil da minha amiga mostrar qualquer descontentamento depois disso.

É apenas uma especulação minha pensar que essa confusão tenha desviado a atenção da minha promessa de emagrecimento. Mas é o que parece, pois acabamos apresentando os solos, ela a segunda coreografia e eu gorda. Minha desobediência em não emagrecer não foi premeditada. Eu de fato pensei que a chantagem seria suficiente para que eu me tornasse a magra que eu deveria ser e achei uma boa ideia privar minha amiga de fazer algo que ela queria muito, caso eu não conseguisse cumprir minha promessa. Quando me comprometi, não pensei que eu não emagreceria, porque pensava estar errado ser gorda: eu precisava e iria mudar isso.

Malu Jimenez explica que as pessoas gordas são desobedientes por não seguirem a norma dos corpos hegemônicos:

O termo “gorda” deve ser percebido como um adjetivo bom e que deve aparecer e existir, se deve aceitar para ser visível e estar presente na sociedade. Quando arrancamos de nós esse sentimento de horror ligado ao adjetivo gorda, estamos nos tornando resistentes e desobedientes, dissidentes da norma imposta por uma sociedade que padroniza e controla corpos e desejos, que define o belo e o saudável. (Jimenez-Jimenez, 2020, p. 188, destaques da autora)

A autora parece indicar que as pessoas gordas são desobedientes por não seguirem a norma, por escolherem reconhecer sua gordura como parte do corpo. Para acompanhar a reflexão, convoco Kono Alvarez a pensar sobre quais espaços as pessoas gordas devem ocupar:

para minha corpa se enunciar como uma desajustada, gorda e feminista é uma tática de resistência, um escudo, uma fuga e quando me nomear dessa forma deixar de causar desconforto ou reação, vou procurar outros lugares e vamos escapar, vamos fugir... Não queremos pertencer a este mundo como ele é... Como fazer para que nossas práticas deixem de ser produtivas para o capital? (Alvarez Castillo, 2014, p. 179, tradução minha)¹⁴².

¹⁴² No original: “para mi cuerpa enunciarse como una torta, gorda y feminista es una táctica de resistencia, un escudo, una fuga, y cuando nombrarme de esta forma deje de generar incomodidad o reacción, buscaré otras y escaparemos, fugaremos... No queremos pertenecer a este mundo tal y como es... Cómo hacer para que nuestras prácticas dejen de ser productivas al kapital?”

A desobediência não está apenas em ser gorda ou ter um corpo fora da norma: é preciso ir além e ocupar os espaços nos quais nossos corpos são excluídos, sem conformar-se com os poucos espaços que já temos ocupado. Atualmente, tenho consciência da minha desobediência, da minha escolha em me posicionar como mulher cis gorda e dos movimentos que tenho articulado, fazendo parte da luta ativista gorda. Aquilo que antes fora motivo para me derrubar agora me dá forças.

[#gordofobia na infância e adolescência](#)

[#conceitos pesados](#)

69kg Fofa

Ao final de um bate papo depois de uma apresentação de *Peso Bruto*¹⁴³, uma senhora veio me abraçar para se despedir perguntando "Posso te chamar de fofinha?"

Desde sempre fui chamada de fofa, gordinha ou outros apelidos “carinhosos” que destacam minha gordura. Se por um lado, ser chamada de gorda, principalmente na infância e na adolescência, costumava me deixar bem triste pelo tom de ofensa; por outro, ao ser chamada de gordinha eu sentia um desconforto estranho porque, ao mesmo tempo em que me sentia culpada por ser gorda, também me sentia acolhida por não ter sido xingada. Embora realmente houvesse uma intenção de afeto por trás do chamamento, ele carregava também a culpabilização pela minha forma, um lembrete de que meu corpo estava fora do considerado aceitável.

Hoje a palavra gorda tem um sentido diferente para mim e recebo esses apelidos “carinhosos” de forma mais “engasgada”. A pesquisadora Natália Rangel (2018) comenta que termos como "gordinha" e “fofinha” não são bem aceitos pelas ativistas gordas, já que estes acabam por impedir a naturalização do termo gorda. Para o movimento, esses chamamentos mascaram o desconforto não apenas com a palavra gorda, mas com o que é ser gorda. Tais metáforas excluem a possibilidade de o termo gorda ser encarado como um adjetivo comum (2018, p. 75), contribuindo para a manutenção da exclusão das pessoas gordas.

Certa vez, enquanto eu cursava a graduação, estava no vestiário trocando de roupas acompanhada de uma amiga e me chamei de gorda. Naquele momento de minha vida eu não aceitava minha gordura corporal e estava me agredindo ao me chamar de gorda. Então, minha amiga comentou "Você não é gorda, você é fofinha!". Daí perguntei: "Qual é a diferença?". Ela respondeu "As gordas são feias". Eu não tive resposta, mas me incomodou demais essa diferenciação, embora a intenção tenha sido a de um elogio.

Entendo que minha amiga tinha a dificuldade, compartilhada por muitos, de perceber a beleza em um corpo que é considerado feio, nojento e doente. Não somente uma dificuldade, mas um entendimento contraditório: ela enxergava beleza em um corpo que ela aprendeu que não é belo.

Esse parece ser um dos espaços de difícil mudança de paradigma: o entendimento de que o corpo gordo pode ser humilhado e ridicularizado é tão impregnado em nossa sociedade que não se percebe como isto pode ser doloroso para a pessoa gorda. Mesmo porque essa

¹⁴³ Apresentação de *Peso Bruto* realizada em Lages/SC em maio de 2018.

autorização em ofender as pessoas gordas é tida como uma ação corretiva necessária, como se fosse um incentivo a pessoa gorda se encaixar no padrão. Chamar pessoas gordas por metáforas supostamente carinhosas continua a reforçar um padrão estético de beleza no qual o corpo gordo não se encaixa.

Quando aquela senhora quis me chamar de “fofinha”, confesso que fiquei um pouco desorientada, como se a apresentação do solo e o debate não tivessem tido efeito algum. Ela estava sorrindo, parecia ter curtido a experiência toda, mas não foi suficiente para que ela conseguisse pronunciar a palavra gorda como um adjetivo qualquer. Entendo, para mim tampouco foi de uma hora para outra: se trata de um processo e cada pessoa tem seu tempo. Não me rendi, sorri de volta e falei “Pode chamar de gorda”.

[#gordofobia na infância e na adolescência](#)

[#conceitos pesados](#)

70kg Boa ou má

A boa gorda e a má gorda são categorias que parecem aprofundar as discussões sobre o controle dos corpos. Além de as pessoas gordas serem vistas como culpadas pela sua desobediência à norma, há um julgamento que diferencia entre aquelas pessoas gordas que se esforçam em se adequar ao padrão e aquelas que *apreciam sua gordura* (informação verbal)¹⁴⁴.

No artigo *La symbolique du gros* (1987), o sociólogo francês Claude Fischler apresenta diversas entrevistas que realizou tendo como objetivo entender a forma como as pessoas gordas são recebidas na sociedade. O autor foca sua análise em corpos masculinos, indicando que há diferenças entre esses e os corpos das mulheres gordas¹⁴⁵. Fischler apresenta o corpo gordo cis masculino a partir de dois estereótipos: o *bom gordo* e o *mal gordo*. O *bom gordo* é aquele que demonstra simpatia, que se diverte e ri com os amigos, mas sofre silenciosamente por ser um homem gordo. O *mal gordo* é visto como uma pessoa sem controle sobre seus atos, egoísta, deprimido e doente.

A bailarina e escritora gorda estadunidense Ragen Chastain explica na publicação *There are two kinds of fat people* (2014)¹⁴⁶ (*Há dois tipos de pessoas gordas*) a noção de *boa gorda* e *má gorda*¹⁴⁷ – oposição que, segundo Chastain, acontece para qualquer pessoa gorda, independente do gênero com o qual se identifica. As *boas gordas* são aquelas pessoas que estão fazendo de tudo pelo “bem comum”, se alimentam bem e se exercitam, enquanto as *más gordas* são irresponsáveis que passam o dia sentadas no sofá comendo *junk food* e, por isso, merecem ser maltratadas (2014, s/p.). Embora qualificada como uma *boa gorda*, Chastain rejeita esta dicotomia explicando que esta oposição entre quem faz as coisas consideradas corretas socialmente e quem não as faz pode ser aplicada em qualquer grupo de pessoas e não serve para validar a existência de ninguém.

¹⁴⁴ A noção de *apreciar a gordura* me foi apresentada pelo Coletivo Zona Agbara, um coletivo de mulheres pretas e gordas que trabalham com dança em São Paulo, no encontro *Corporeidade Gorda*, organizado pelo Coletivo MANADA nos dias 26 e 27 de setembro de 2020.

¹⁴⁵ Embora o autor não comente sobre isso, imagino que se refira a corpos cis. Contudo, corpos gordos negros, trans, de pessoas com deficiência e outros corpos dissidentes complexificam as relações com os estereótipos de que trata Fischler.

¹⁴⁶ Disponível em <https://danceswithfat.org/2014/04/01/there-are-two-kinds-of-fat-people/>. Acesso em março de 2020.

¹⁴⁷ Em inglês: “good fatty” e “bad fatty”. Escolho traduzir por “boa gorda” e “má gorda” em concordância com a palavra pessoa, para me afastar das generalizações masculinas.

Natália Rangel (2018) escreve sobre a *boa gorda* - termo que ela usa para se referir às mulheres cis escolhidas para representar a moda *plus size*¹⁴⁸. Essas mulheres que se tornam modelos das roupas do mercado *plus size* são, frequentemente, gordas menores (gordas, mas não tanto), de rosto bonito, sem barriga, com corpo em formato de violão e quando negras, geralmente, de pele mais clara. Mulheres que são privilegiadas por estarem mais próximas da norma, embora tenham medidas maiores que as modelos magras, por isso, são *boas gordas*.

Em contrapartida, Rangel (2018, p. 110) apresenta dados de como as *boas gordas* são constantemente atacadas e menosprezadas por consumidores não gordos. Em resposta a esses ataques, muitas costumam justificar seus corpos mostrando exames médicos e falando sobre sua rotina e alimentação saudáveis; ou seja, a *boa gorda* tem que provar que ela faz tudo como deve ser feito, por isso pode ocupar um espaço de visibilidade. A socióloga explica que: “Para ser aceita enquanto gorda, a mulher busca refutar os ideais sobre a mulher gorda mostrando suas características de acordo com o ideal de mulher magra” (Rangel, 2018, p. 111). Se as *boas gordas* são destratadas, as *más gordas* então, são odiadas.

Na sociedade gordofóbica, as *más gordas* são aquelas que assumem e apreciam sua gordura e que são ativistas do corpo gordo. No entanto, elas configuram um grupo que é constantemente agredido moralmente, por se posicionar e lutar pelos direitos das pessoas gordas. Os agressores dizem que a luta gorda é uma “romantização da obesidade”, acreditam que pessoas gordas são doentes e que se comportar como se a gordura não fosse um problema de saúde incentiva outras pessoas a adoecerem, ou a se manterem doentes. As categorias *boa gorda* e *má gorda* intensificam o estigma das pessoas gordas, pois apresentam dois estereótipos muito rasos de comportamentos. É como se a *boa gorda* se desculpasse por *estar* (jamais *ser*) gorda, todos os seus atos se direcionam para adequarem-se à norma. Já a *má gorda* é aquela pessoa que desistiu de viver a vida, além disso, quer recrutar o maior número possível de pessoas para seguirem seus ideais vis.

Tais estereótipos insistem na patologização do corpo gordo: um é bom, porque tenta se adequar, o outro é ruim porque não se importa. Para sair dessa dicotomia, é preciso olhar para o peso não apenas como fator negativo que impossibilita a vida.

¹⁴⁸ O mercado *plus size* é um segmento focado em pessoas gordas que ganha evidência no Brasil a partir dos anos 2010 e cresce dentro da lógica do Capitalismo, explorando pessoas gordas como um nicho de mercado. Segundo a pesquisadora gorda da moda Alana Aires (2019, p. 37-38), o mercado de roupas grandes data dos anos 1900 nos Estados Unidos, conhecido como *stoutwear*. Ela questiona também o quão lento é o crescimento desse mercado em comparação ao mercado de roupas de numeração tradicional, o que parece indicar um preconceito em produzir itens para pessoas gordas.

71kg O amigo gordo

Lembro que durante o ensino fundamental tive um colega de classe gordo. Seu apelido era “o gordo”. Estudei com ele até eu mudar de escola, no ensino médio. Quando conheci meus novos colegas de turma, novamente havia um menino gordo entre eles, e, novamente, seu apelido era “o gordo”. Parece coincidência, mas não: é gordofobia.

Durante a ação que realizei com o Projeto Juventudes no Sesc Santos, no início de 2018, conversei com adolescentes sobre gordofobia. Curiosamente, não havia nenhuma pessoa gorda ali além de mim. Perguntei se a turma tinha alguma ou algum colega gordo que não estava presente naquele momento. Responderam que sim, um menino que não se importa em ser gordo, até porque seu apelido é “o gordo”. Perguntei se eles tinham certeza de que o amigo estava mesmo confortável em ser chamado desse jeito e que talvez a turma pudesse conversar sobre gordofobia novamente quando o colega estivesse presente.

Minha sugestão teve a intenção de abrir um espaço seguro para conversarem sobre opressão, assim como tivemos durante aquela ação. Além disso, as pessoas que trabalham como educadoras no projeto adotam uma postura franca de conversa, apostando na responsabilidade que a turma tem em lidar com questões complexas.

Apelidar as pessoas gordas desde a infância é uma prática muito comum. Em especial para os meninos, o apelido vem como forma de inclusão e punição. Ser “o gordo” da turma significa que, embora seja gordo, é “um dos nossos”. Não é à toa que meninos gordos assumem o apelido e o que ele representa: se por um lado estão sendo desmerecidos por sua forma corporal, por outro estão sendo acolhidos. Aqui a problemática da aceitação é visível: o menino gordo só é aceito na turma quando reconhece que tem algo de errado com seu corpo e isso está de comum acordo entre todos. *Apesar de ser gordo*, ele pode fazer parte do grupo.

Uma alternativa comum que algumas pessoas gordas encontram é de fazer piada consigo mesmas antes que os outros as façam, para que assim ela não seja tão excluída dos círculos de amizade. É como um atestado de reconhecimento de seu corpo inadequado, mas com a atitude de “boa gorda”, aquela pessoa que se esforça para se enquadrar. O ator comediante gordo Fábio de Luca, que trabalha com a produtora Porta dos Fundos, deu um vídeo depoimento¹⁴⁹ em sua conta pessoal do Instagram falando sobre sua “viagem” – como ele

¹⁴⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/fabiodelucaaa/channel/?hl=pt-br>. Acesso: em setembro de 2020.

chamou o processo de entendimento de seu corpo após uma série de denúncias de uma postagem gordofóbica no canal de Youtube da produtora de vídeos.

Ele comentou que seu comportamento sempre foi o de se ridicularizar logo no início de qualquer interação social, para que sua gordura não fosse um assunto, pois “é assim que funciona” (de Luca, 2020, 4min25s). Este conformismo com a gordofobia leva a que, para se sentir respeitada e amada, a pessoa gorda precisa se entender como inferior.

Em um artigo que escrevi em parceria com minhas colegas do coletivo MANADA, abordamos alguns casos de gordofobia no campo das artes durante a pandemia do Covid-19 em 2020, como esse que envolve o ator Fábio de Luca. Nesse caso em específico, ponderamos:

Ele fala de sua experiência de lidar com o fato de ser gordo no momento de socialização. Fala sobre como é viver em um esquema “de já chegar se zoando”, da estratégia de já fazer a piada consigo mesmo, pra acabar a tensão e todo mundo rir com ele do fato de ele ser gordo. Foi a forma que ele encontrou para se sentir seguro nesses ambientes, que geralmente são lugares de afeto (DIOGO et al, 2021, p. 23)

A gordofobia está tão disseminada em nosso comportamento social, que até nos ambientes que deveriam ser seguros, ela está presente rebaixando e desumanizando a pessoa gorda. Malu Jimenez comenta que, em sua experiência, este “era o preço que eu, criança gorda, deveria passar por estar daquele tamanho, eu merecia aquilo e é assim que a sociedade vem se comportando com pessoas gordas” (2020, p. 49). O entendimento de que a pessoa gorda pode e deve ser menosprezada pela forma de seu corpo é algo que se aprende desde a infância.

Se para “o gordo” que aceita seu apelido e vive as contradições de estar aceito dentro do grupo social, embora sempre menosprezado por sua característica física, a vivência é dolorosa, imagine para as crianças que não entram nessa lógica. Nem todos os meninos aceitam ou são aceitos dentro dessa lógica punitiva de inclusão. Dos exemplos que trouxe, seja dos meus colegas de infância ou do ator, falo de meninos cis brancos. A relação pode ser muito diferente quando se trata de meninas, ou de meninos que tem interseccionadas raça, sexualidade e identidade de gênero. Aprender a se defender da dor leva as pessoas gordas a se acostumarem com a violência e até mesmo serem violentas consigo mesmas.

[#gordofobia na infância e adolescência](#)

[#metodologias e estratégias de peso](#)

72kg Hipervisíveis

Em fevereiro deste ano participei da oficina *Corpas Gordas/Corpas Marginais: práticas de auto amor e movência dançante*¹⁵⁰, com a artista da dança e arte educadora Gal Martins. No segundo dia de oficina a ministrante finalizou o encontro com a provocação: “Nossas corpos gordas são invisíveis?” (informação verbal)¹⁵¹. No dia seguinte, a artista propôs que cada participante da oficina criasse uma pequena ação coreográfica estimulada pelas práticas propostas por ela e que tentasse responder à questão feita no dia anterior.

Para criar minha ação, além de me guiar por exercícios de respiração e toque na pele que tinha experimentado, lembrei-me também das inquietações de Gaia Colzani em seu TCC, problematizando a possível invisibilidade de um corpo que está o tempo todo sendo visto:

A arte produzida por esses corpos [gordos] diz muito sobre a revelação de um corpo oculto, que foi ensinado a se esconder. Quando exposto esse corpo, é quase como se ele desse a escutar seu próprio grito confuso ao tentar entender como sua uma contradição específica de ordem social, a saber: como é tão invisibilizado na mesma medida em que é tão observado (ROCHA, 2019, p. 12).

Gaia aponta como as criações artísticas têm um caráter de exposição corporal que pode ser revolucionária para as pessoas gordas que aprendem a esconder seus corpos. Essa exposição é questionada no trabalho de Gaia Colzani – em sua monografia e em suas ações artísticas – tanto na nudez das artistas em *SOB Medida* como na reivindicação de um espaço negada às pessoas gordas: a dança.

Lembrei-me também das reflexões de Helena Vieira, que mencionou que os corpos gordos não são tratados como invisíveis. Pelo contrário, os corpos gordos são corpos “hipervisíveis” (informação verbal)¹⁵², sujeitos a constantes correções e críticas. Essa premissa coloca em tensão o fato de pessoas gordas serem marginalizadas / invisibilizadas por estarem fora da norma ao mesmo tempo que incomodam por ocuparem mais espaço do que a norma determina, sendo impossível não nos notarem. A hipervisibilidade tensiona também os campos

¹⁵⁰ Realizada nos dias 22, 23 e 24 de fevereiro, de modo online, a oficina foi organizada pelo projeto *Banhanças: estudo para danças gordas*, de Leidiane Pereira, contemplado pelo Laboratório de Dança da Escola Porto Iracema das Artes, no qual trabalho como tutora.

¹⁵¹ Provocação feita no final do encontro do dia 23 de fevereiro da oficina *Corpas Gordas/Corpas Marginais: práticas de auto amor e movência dançante*.

¹⁵² Fala de Helena Vieira realizada no dia 26 de outubro de 2021, durante o curso *Teoria Queer II - Dissidência, Neoliberalismo e Fracasso*, ministrado online nos dias 19, 21, 23, 26 e 28 de outubro de 2021.

de regulação entre público e privado, tornado o corpo da pessoa gorda público, autorizando outras pessoas a tomarem ações corretivas.

Ao longo da mostra das criações das pessoas na oficina, foi fascinante ver tantos corpos gordos se movendo de tantas formas, em tantos ritmos e criando diferentes lógicas dramatúrgicas. Mesmo sendo online, um encontro entre pessoas gordas tem a força de nos aproximar nos mostrando o quanto podemos ser de múltiplos jeitos. Durante a conversa que realizamos em seguida, lembro de todas as pessoas que se pronunciaram terem dito que nosso corpo NÃO É INVISÍVEL. Nosso tamanho incomoda, não cabe, não serve. Compartilhei a fala da professora Helena Vieira, comentando que foi essa hipervisibilidade que me fez coreografar uma trajetória de aproximação da câmera, extrapolando o espaço pelas salas de videoconferência, escolhendo não caber. Encontros assim reiteram a nossa vontade de ocupar os espaços sem culpa.

[#dança gorda](#)

[#conceitos pesados](#)

[#acessibilidade e mobilidade](#)

[#coletividade gorda](#)

73kg Gorda sem culpa

Na palestra *Enough with the fear of fat* (2016) (*Basta com o medo da gordura corporal*), organizada pelo TEDxSydney, a multiartista australiana Kelli Jean Drinkwater fala sobre a necessidade de pararmos de temer a gordura corporal e apresenta a noção de *unapologetic fat*, que tenho traduzido por *gorda sem culpa*. Segundo ela, uma pessoa *gorda sem culpa* é alguém “que simplesmente se recusa a se submeter a narrativa dominante sobre como ela deve se mover pelo mundo com seu corpo” (Drinkwater, 2016, 5min31s – 5min41s, tradução minha)¹⁵³. Isso é, negar os padrões impostos e buscar por outras formas de experimentar o mundo e o próprio corpo.

A proposta da artista é desmantelar o estereótipo de gordura corporal como sinônimo de doença. Ela explica que pessoas gordas sem culpa “valorizam a saúde como algo muito mais holístico do que um número em uma tabela de IMC antiquada. Em vez disso, valorizamos a saúde mental, a autoestima e como nos sentimos em nossos corpos são aspectos vitais para nosso ser geral” (Drinkwater, 2016, 6min11s-6min28s, tradução minha)¹⁵⁴. Ao contrário de nos esconder em roupas largas e escuras, de nos movimentarmos pelos espaços com a sensação de inferioridade e de tentar de tudo para nos encaixarmos nos padrões; ser uma pessoa gorda sem culpa é compreender o seu ser total – seu tamanho, seus desejos e sua história.

O chamado para não mais temer a gordura corporal é como Drinkwater nos mostra que a gordofobia é uma convenção arbitrária, sustentada por indústrias da dieta, do emagrecimento e afins. Ela comenta também que “O ativismo gordo se recusa a ceder a esse medo [da gordura corporal] defendendo a autodeterminação e o respeito por todos nós. Podemos mudar a relutância da sociedade em abraçar a diversidade e começar a celebrar a miríade de formas de ser um corpo” (Drinkwater, 2016, 11min46s-12min04s, tradução minha)¹⁵⁵. É o convite à mudança do jeito de pensar sobre as coisas, que questiona até mesmo comportamentos do nosso dia a dia.

[#conceitos pesados](#)

¹⁵³ No original: “A person that simply refuses to subscribe to the dominant narrative about how I should move through the world in this body of mine.”

¹⁵⁴ No original: “People who value health as something much more holistic than a number on an outdated BMI chart. Instead, we value mental health, self worth and how we feel in our bodies as vital aspects to our overall being.”

¹⁵⁵ No original: Fat activism refuses to indulge this fear. By advocating for self determination and respect for all of us, we can shift society's reluctance to embrace diversity and start to celebrate the myriad of ways there are to have a body.”

74kg Desnudar-se

Imagem 18 - Desnudar-se: colagem de imagens que destacam os figurinos em *Peso Bruto*. Arte visual: Jussara Belchior. Fonte: acervo pessoal da autora.

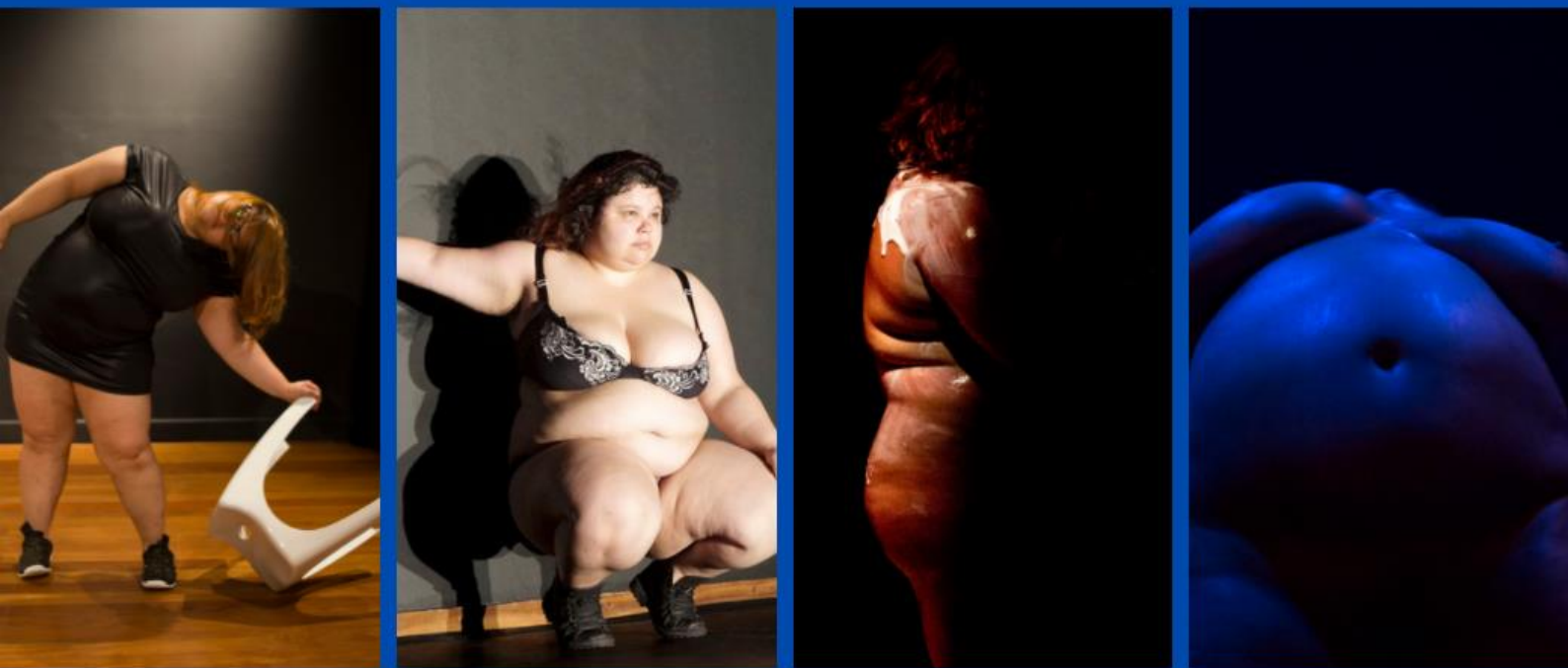


Foto 1 – Sesc Prainha - Florianópolis/SC, 2018. Fotógrafa: Cassiana dos Reis Lopes.

Foto 2 – Mostra de Dança XYZ, Brasília/DF, 2018. Fotógrafa: Nityama Macrini.

Fotos 3 e 4 – Sesc Prainha - Florianópolis/SC, 2018. Fotógrafa: Cassiana dos Reis Lopes.

No começo um vestido tubinho preto, os óculos de grau e o calçado preto. Depois, saem os óculos e o vestido, fica o calçado e se revela a lingerie. Então, vem o creme branco, que se espalha pelo corpo todo e invade o ambiente com o cheiro de erva doce e coco. Sai a lingerie, exaltando a pele banhada pela luz vermelha. O vermelho vai dando lugar a luz azul. Pele flácida balançando, arremessando-se e deslizando pelo chão. Sai de cena nua e de botas. No fim só o vestígio do corpo no chão.

[#dança gorda](#)

[#criticar a norma](#)

75kg Nudez gorda

Os artistas brasileiros Miro Spinelli¹⁵⁶ e Ricardo Nolasco¹⁵⁷ problematizam no texto *Culpas, excessos, regulações e incômodos* (2014)¹⁵⁸, como o senso comum lida com a materialidade do corpo gordo a partir da reação vexatória do público internauta e, principalmente, do museu onde foi realizada a performance *Gordura Trans #2*, ao verem as fotos dos performers nus cobrindo seus corpos com uma substância gordurosa. Eles colocam: “O corpo gordo é, para todos os efeitos, um corpo indesejável. Está categoricamente instituído que desejar um corpo gordo para si ou desejar eroticamente o corpo gordo de outro é uma espécie de fetiche patológico” (Spinelli e Nolasco, 2014, s/p). Quando o corpo gordo se mostra ele perturba a suposta determinação de que ele deveria estar escondido, tapado e infeliz.

A performance *Gordura Trans*, criada por Miro Spinelli, já foi apresentada em dezoito versões até então, utilizando diferentes materiais gordurosos e com a parceria de outros artistas em algumas ocasiões – como com Ricardo Nolasco. O artista explica que “Nesse percurso o projeto explorou a materialidade e a subjetividade do corpo gordo e suas intersecções com gênero através da pesquisa com diferentes materiais gordurosos e sua potência de transformação de presença do performer” (Spinelli, 2014, s/p.). A proposta de explorar a materialidade gorda em cena se dá na fricção entre gordura corporal e gordura vegetal ou animal utilizada como elemento na performance.

A ação de Miro Spinelli é pontual, mas a nudez de seu corpo gordo incomoda. Ele e Ricardo Nolasco comentam que “o corpo está submetido a uma funcionalidade e eficiência onde qualquer desvio desses paradigmas deve ao menos se cobrir para não ferir os olhos do cidadão de bem comendo suas saladas de alface” (Spinelli e Nolasco, 2014, s/p.). Parece ser uma afronta o corpo gordo em cena deslocar as noções de funcionalidade e eficiência em uma

¹⁵⁶ Miro Spinelli é artista, pesquisador e vive entre o Brasil e Nova Iorque. É mestre em Artes da Cena pela UFRJ (bolsa FAPERJ), em Estudos da Performance pela NYU (Tisch School of the Arts Departmental Fellowship) e doutorando no mesmo departamento (Corrigan Fellowship). Sua prática artística e intelectual está engajada em estratégias anti-coloniais elaboradas através de um irmanamento radical com coisas, matérias e os invisíveis produzidos nas relações com e entre elas. Mais informações disponíveis em: <https://www.mirospinelli.com/>. Acesso 27 jun. 2022.

¹⁵⁷ Ricardo Nolasco é artista de cabaré, tarólogo, ex-ator, performer, esquizo bruxo, escritor, poeta da presença, diretor de ex-teatro, artista pânico, neon dadaísta, situacionista, professor de artes cênicas e performáticas e flâneur. É mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e graduado em Artes Cênicas pela UNESPAR/FAP. Co-fundador do Grupo de Investigação Cênica Heliogábalus, da Selvática Ações Artísticas, do núcleo O Estábulo de Luxo e da ULC (Universidade Livre de Charlatanismo).

¹⁵⁸ O texto é assinado por Ricardo Nolasco e Tamiris Spinelli, nome de Miro Spinelli antes de sua transição. Por respeito ao modo como o artista se identifica utilizarei Miro Spinelli para referenciá-lo, mesmo tratando desse texto.

ação, no entanto, essa é uma faceta explorada por muitos artistas, principalmente aqueles que pretendem desestabilizar o *status quo*.

A ativista gorda Kono Alvarez fala sobre o incômodo que algumas pessoas sentem quando se deparam com a nudez do corpo gordo: “É incrível perceber e sentir o impacto de um corpo nu que não agrada aos olhos, que não é magro, simétrico e ‘bonito’ pelos padrões normativos” (Alvarez Castillo, 2014, p. 19, tradução minha)¹⁵⁹. O corpo gordo é incentivado a se esconder, a usar roupas largas e escuras para não mostrar sua forma, suas dobras e flacidez. Por isso, causa tanto estranhamento quando se mostra.

Trabalhei com nudez em alguns trabalhos que discutem a materialidade gorda. Em *Peso Bruto*, estou sozinha no palco de frente para o público e essa separação me permite deslizar pelo espaço com mais liberdade. No final, quando estou nua e besuntada de creme hidratante, invado a plateia e caminho entre as pessoas. Sinto que abro meu espaço não só porque as elas não querem encostar em mim e se melarem, mas porque estou demandando passagem. Já em *SOB Medida*, durante toda a encenação estamos seminuas e dividindo o espaço com a plateia. Sempre muito próximas, nos movemos pelos espaços entre as pessoas que nos assistem. A questão da nudez torna-se mais sensível, principalmente para quem está em cena. Gaia Colzani apresenta esse debate nas entrevistas que realizou com o elenco durante a escrita de seu TCC:

Uila – Po, te falar que hoje em dia a nudez, eu acho que ela me incomoda um pouco, eu achei que eu ia aceitar ela pra sempre, mas hoje já não vejo tanta vantagem nela assim. É outra coisa né, de uns dois, três anos pra cá a gente muda de cabeça. Mas hoje eu não consigo me ver fazendo com nudez. Mas eu não sei, eu ainda acho necessário. Acho que é compreensível, mas eu, Roldan, não sei se eu curto muito.

Jussara – Eu acho que a nudez parcial, ela fica muito no lugar da gente se proteger, sabe? E eu acho que a peça é mais escancarada, sabe? E acho que tinha que ser nua e se não vai ser nua, eu acho que a calcinha bege não funciona

Bruna – Visualmente a nudez seria muito bom, mas tipo assim eu sei que isso limitaria muito as coisas do que eu faria em cena se eu estivesse nua, com certeza. E aí eu acho que a necessidade do meu fazer, enquanto Bruna, muito mais do que a peça precisa [sic] (Rocha, 2018, p. 55-56).

É interessante notar como se atualizam as questões da peça no decorrer do tempo. Depois de já estar apresentando por um tempo, nossas urgências mudam, como pontua Uila Roldan. Além disso, é preciso respeitar os limites de cada pessoa, como bem observa Bruna Puntel ao comentar que sua movimentação em cena mudaria muito caso ela estivesse completamente nua. Esse ajuste entre o que parece coerente com o trabalho e até onde a artista

¹⁵⁹ No original: “Es increíble darte cuenta y sentir el impacto que provoca una cuerpo desnuda que no es agradable a la vista, que no es delgada, simétrica y “bonita” según los estándares normativos.”

está confortável em chegar precisa estar sempre em discussão durante o processo criativo e durante a circulação do trabalho.

Em *Peso Bruto* decidi ficar nua por sentir que o trabalho pedia, em um dado momento, a imagem das tetas pulando para fora do sutiã e da calcinha entalada nos glúteos parecia estar desgastada, e fez mais sentido tirar a lingerie que adicionar algum acessório ou peça de roupa. Em *SOB Medida* os ajustes são outros, tanto por estarmos em coletivo como por estar mais próximas do público. Depois dessa conversa registrada no TCC da Gaia Colzani fizemos uma apresentação em que utilizamos calcinhas coloridas, e Uila Roldan, que performa com sua câmera fotográfica, utilizou top.

A nudez em trabalho de pessoas gordas não é algo tão incomum. Charlotte Cooper faz uma crítica a trabalhos artísticos de pessoas gordas que se utilizam da nudez, principalmente os que são criados e dirigidos por pessoas magras. Segundo Cooper (2019, p. 82), “Pessoas gordas, novas no ativismo gordo, gostam de tirar a roupa. Pessoas magras que trabalham com artistas gordos sempre querem que elas tirem a roupa. Isso é visto como um ato de repúdio à vergonha, de mostrar ao mundo quem você é de verdade e de dar um pouco de risada”¹⁶⁰. A recorrência da nudez em trabalhos de arte gorda costuma ser um ato de resistência. Mas será que sempre é?

Poder exibir o próprio corpo pode ser uma forma de reconhecimento de si mesma, uma forma de apresentar um novo jeito de se relacionar com o seu corpo. A nudez tampouco é uma ação individual: ela pode ser um passo para o reconhecimento de outros corpos que não os normativos, além de uma forma de travar outras relações com essas pessoas. Os trabalhos mencionados provocam essas reflexões, mas até que ponto esse tipo de exposição é viável para nós artistas? Gaia Colzani se questiona sobre essa ação: “[A nudez sempre tem um propósito: a um tempo atrás, eu considerava toda nudez política e revolucionária, mas hoje entendo e acredito que um nu pode às vezes ser agressivo para quem nunca pôde estar nu.]” (2018, p. 42, destaque da autora). Gaia Colzani que desde as primeiras ideias de *SOB Medida*, ela considerava a possibilidade da nudez:

Imediatamente me veio à mente o que eu gostaria de fazer; queria trabalhar com mulheres gordas, queria que elas estivessem nuas para que suas peles estivessem totalmente expostas e queria que em algum momento elas dançassem Contato Improvisação, uma dança que mexia muito com minha tranquilidade e segurança (Rocha, 2018, p. 25)

¹⁶⁰ No original: “Fat people new to fat activism like to take off their clothes. Thin people working with fat performers always want them to take their clothes off. This is seen as an act of repudiating shame, showing the world the real you, and having a bit of a laugh.”

Seu desejo de trabalhar com a nudez de mulheres gordas foi se adaptando no processo. Também aconteceram mudanças em *Peso Bruto*. No primeiro ensaio aberto que fiz, em fevereiro de 2017, o trabalho já tinha a estrutura que tenho apresentado até hoje, mas eu não chegava a ficar nua, isso veio depois de um tempo, quando percebi que o trabalho pedia por esse passo. Nesse ponto, já vinha construindo a segurança em me expor dessa forma.

Em *¡T.R.A! (trabalho remoto adiposo [ou] técnicas para retardar a antecipação)* (2021) Anderson do Carmo e eu trabalhamos com nudez no episódio em vídeo *atlas das coisas horrorosas* (2021). São cenas curtas em que nossos corpos nunca aparecem por completo e temos apenas a indicação da nudez. Interessava-nos um contraponto da imagem e do texto falado, na delicadeza das imagens e encantamento das palavras. Nos outros três vídeos que compõem o trabalho não há nudez e a questão da gordura aparece de formas menos literais que exibindo as banhas, passando as mãos pelo corpo ou com textos que falam especificamente do corpo gordo.

A escolha de estar nua em cena deve ser feita de acordo com as questões que permeiam o trabalho. Mas, parece que a nudez gorda está sempre cutucando o conservadorismo, seja pelo choque ou por outros modos ela incomoda e costuma gerar debate. Mas fica o questionamento do quanto nós, artistas que trabalham a questão da gordura corporal, precisamos nos apoiar na nudez.

[#coletividade gorda](#)

[#dança gorda](#)

[#criticar a norma](#)

76kg Vênus



Imagem 19 - *Estação da Vênus*, em *Luxuosas ficções para o fracasso* (2019), de Gabriel Machado, Gustavo Bitencourt, Jussara Belchior, Mari Paula, Princesa Ricardo, Ricardo Nolasco e Rubia Romani. Foto de Cibelle Gaidus, 2019. Fonte: acervo da autora

[#dança gorda](#)

77kg Sensualidade flácida

A sensualidade é comumente negada ao corpo gordo, mas é uma temática que tem me interessado em meus trabalhos. Algumas das questões que rodeiam essas criações são: pode um corpo gordo ser sensual? É preciso se enquadrar nos modelos de sensualidade existentes para ser considerada sensual? Como explorar a sensualidade ostentando curvas, dobras, pele macia e fofa, flacidez, celulite e estrias?

Em *Peso Bruto* a sensualidade é mais evidente quando me movo apoiada na parede e vestindo lingerie. No entanto, esse é um momento em que a preguiça e a letargia se contrastam com a sensualidade. Procuro habitar essa espécie de contradição enquanto danço, com o objetivo de balizar a associação entre pessoas gordas e a preguiça. Nessa construção acabo por estudar uma sensualidade não tão trivial.

Em *Luxuosas ficções para o fracasso* (2019), também procuro trabalhar com uma sensualidade menos normativa. No início do trabalho estou nua, reproduzindo a imagem da Vênus de Willendorf¹⁶¹; meu celular filma minha imagem e a projeta no espaço em que está Gabriel Machado e próximo de mim há uma televisão que compartilha a imagem de Gabriel Machado nessa mesma posição. A escolha dessa imagem é por ela significar abundância, fecundidade e, possivelmente, um padrão de beleza e sensualidade no período em que ela foi concebida, cerca de vinte e dois mil ou vinte e quatro mil anos atrás.

No caminho inverso a de *Peso Bruto*, sigo o trabalho me vestindo, uso lingerie preta, botas vermelhas e acessórios peludos de orelhas e rabo de gata. Jogo com as pessoas na plateia me aproximando delas, pedindo para elas me filmarem mais de perto e publicando fotos nossas nos *stories* do Instagram. A alusão à preguiça passa longe, aqui as referências são outras. Há um misto de sensualidade, voracidade e gula. Além disso, tem a interação com as outras pessoas em cena, tanto com Gabriel Machado que é mais direta, por projetarmos a imagem uma da outra em nossas cenas iniciais, como das artistas que vou cruzando no decorrer da performance:

¹⁶¹ A Vênus de Willendorf é uma estatueta de uma figura feminina volumosa, que se estima ter sido esculpida entre os anos 24000 – 22000 aC. Ela foi encontrada pelo arqueólogo Josef Szombathy em 1908, em um sítio arqueológico situado próximo a Willendorf, na Áustria. Não há um consenso entre as pessoas que estudam o tempo Paleolítico, mas ela foi associada à símbolo de fertilidade devido os seios, barriga, vulva e nádegas fartas, assim como deusa Mãe-Terra ou até mesmo um símbolo de segurança e estatuto social elevado. Atualmente essa estatueta é uma imagem marcante para o ativismo gordo, representando a beleza e potência dos corpos das pessoas gordas.

Gustavo Bitencourt¹⁶², Mari Paula¹⁶³, Princesa Ricardo, Ricardo Nolasco e Rubia Romani¹⁶⁴, até nos juntarmos no final. São muitas pessoas em cena, criando diversos cruzamentos entre temáticas e resoluções cênicas. Nesse caos, a gordura corporal acaba se destacando mesmo dentro de um elenco de pessoas magras e gordas. Não apenas por sermos maioria, mas pelo modo como a dramaturgia se construiu, revelando nuances de nós mesmas na iminência do fracasso que nos une¹⁶⁵.

A busca por uma sensualidade flácida e não normativa continua a me instigar para criações futuras. Mesmo com as pesquisas gordas de várias áreas do conhecimento e com a difusão de canais de conteúdo na Internet que, por vezes, tratam da temática da sensualidade, a imagem da sensualidade feminina parece estar condicionada ao corpo de cintura fina, ao rebolado e o salto alto, reiterando uma lógica cis heteronormativa. Como podemos nos reapropriar da sensualidade criando outras coerências a partir da multiplicidade de corpos?

[#dança gorda](#)

[#metodologias e estratégias de peso](#)

[#criticar a norma](#)

¹⁶² Gustavo Bitencourt é um artista independente, tem na interdisciplinaridade uma das principais características de seu trabalho. Trabalha como ilustrador, designer gráfico, redator e tradutor, performer, ator, diretor teatral, compositor de trilhas para cinema, teatro e vídeo. Trabalhou como crítico e colunista convidado em diversas publicações. Trabalha desde 2010 como drag queen, encarnando a personagem Dalvinha Brandão.

¹⁶³ Mari Paula é bailarina, docente e gestora cultural. É uma das co-fundadoras da Casa Selvática em Curitiba. Integrou o elenco do Balé Teatro Guaíra. Em suas últimas criações em dança e performance, investiga o corpo por meio da intervenção urbana e da antropofagia cultural.

¹⁶⁴ Rubia Romani é atriz, bailarina e terapeuta tântrica. Dedicar-se aos estudos da sexualidade e seus desdobramentos. Atua na intersecção de linguagens artísticas como: teatro, dança, humor, burlesco e *drag king*. É a persona Ruby Hoo e o *drag king* Rubão, que faz performances burlescas debochando do universo masculino e do patriarcado.

¹⁶⁵ Cf. HALBERSTAM, Jack. *A arte queer do fracasso*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2020.

78kg Mila

Em uma tarde quente de dezembro, durante uma imersão em um roteiro cinematográfico¹⁶⁶, fui Mila (Colossi, 2017, s/p).

Mila dança no palco. Sua dança pesada e suave, seu corpo-alma exposto com a sinceridade de quem não tem temor de ser quem é. A dança que antecipa, que corta, que pesa, que grita, que intensifica, que esfrega na face as crueldades e desejos de quem olha. Não é uma dança sensual nem bonita nem frágil nem feia nem elegante nem sensível nem graciosa nem erótica nem materna nem espetacularizada: é uma dança feminina e feminista.

A diretora de arte Daniela Colossi me convidou para ser Mila depois de assistir à *Peso Bruto*. As contradições entre suavidade e brutalidade, sensualidade e voracidade pareciam dialogar com a proposta da artista, “Personagem MILA: mulher, ‘não leva desaforo pra casa’, ‘não dá moral para macho’, ‘sabe o que quer’, corajosa, inteligente, ‘sabe se virar’, sonha em dançar numa companhia profissional, trinta e poucos anos. (Colossi, 2017, s/p., destaque da autora). As características de Mila apresentam um perfil de uma mulher forte, mas que pode usar sua força com sutileza.

Como em um número de cabaré, Mila se apresentou no *Lesbian’s Castle Bar* (*Bar Castelo Lésbico*) ao som de *Ghost Flowers* (2007)¹⁶⁷ (*Flores fantasma*), da banda estadunidense de *death metal* Otep. Emprestei a ela a movimentação mais explosiva de *Peso Bruto* e ela me fez buscar por nuances nessa forma de mover. Tenho buscado por essas contradições em minha dança, tanto no solo com em outros trabalhos que me envolvo. Evidenciar as contradições de um corpo gordo pode ser uma forma de provocar os sentidos tanto da cordura corporal, como da sensualidade.

[#dança gorda](#)

[#metodologias e estratégias de peso](#)

¹⁶⁶ Em 09 de dezembro de 2017 participei como artista convidada da imersão cinematográfica que fez parte da Banca de Defesa de TCC *Reparo ou isto não é NOIR*, de Daniela Colossi, no curso de Cinema da UFSC.

¹⁶⁷ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qO9b5mw381I&ab_channel=KOCHRECORDS. Acesso: 02 jun. 2022.

79kg O zelo e a gula

Na nossa sociedade gordofóbica, para uma pessoa gorda ser aceita ela tem que se aproximar o máximo que puder do padrão de beleza. Para criar essa comparação, é comum que algumas pessoas sigam os “truques” de moda que ajudam na ilusão de um corpo ampulheta, longilíneo e elegante: cinto para marcar a cintura, decote em V para alongar o pescoço e sempre cheirosa. Essa demanda está associada a uma noção de cuidar de si mesma, como se a única possibilidade de estar bem (física e mentalmente) é seguindo o padrão imposto.

Em *Peso Bruto*, procuro colocar em tensão essa exigência do autocuidado. Em um determinado momento, pego uma das duas garrafas que estão no canto do palco. Abro a primeira e passo seu conteúdo pelo meu corpo todo, dos pés à cabeça. Depois, pego a segunda garrafa, me aproximo da plateia e entrego para alguém abrir a garrafa para mim.

Em cena, esse momento é apresentado como um exagero. Um cheiro inebriante, que invade a plateia, e o excesso de creme que deixa a corpa toda melada, perturbam a percepção que se tem da corpa que dança. Na segunda garrafa – cujo conteúdo não se pode precisar qual é – a corpa gorda quer mais, quer se alimentar desse zelo. Engole e baba. O líquido escorre pela boca. Um misto de prazer em se cuidar e de fazê-lo em demasia. O zelo, a gula e a confusão dominam as ações que deformam o rosto e espalham-se pelo chão. Há um questionamento sobre o controle que o cuidado estético tenta efetivar sobre essa subjetividade nesse exagero em cuidar-se (Do Carmo e Belchior Santos, 2021, p. 10 e 11).

Nesse texto *pesar as palavras e estriar as hegemonias: autocuidado e fracasso em duas danças gordas* (2021), que publiquei em parceria com Anderson do Carmo, discutimos como nossos corpos gordos problematizam a cobrança com o autocuidado, principalmente em relação a nossos corpos gordos entendidos como doentes. O trecho que cito acima fala do momento em que cubro meu corpo com creme hidratante, em um misto de intimidade, sensualidade, prazer e excesso.

Nas primeiras apresentações que fiz do solo, geralmente, as pessoas me devolviam a segunda garrafa aberta e eu bebia seu conteúdo, deixando parte do líquido escorrer da minha boca para o meu corpo. Mas, de um tempo para cá, acontece da pessoa que abre a garrafa começar a espalhar o líquido no meu corpo. Em 2019, Karin Serafin¹⁶⁸ trabalhou como produtora em uma temporada de *Peso Bruto* em São Paulo. Nessa ocasião, ela me perguntou o

¹⁶⁸ Karin Serafin trabalha como assistente de direção, produtora, figurinista e intérprete. Integra o Grupo Cena 11 Cia. de Dança desde sua fundação. É graduada em Artes Visuais pela UDESC. Faz parte da Coletiva Ilha Movediça, que atua na Setorial da Dança no Conselho Municipal de Política Cultural de Florianópolis.

que eu estava fazendo diferente para provocar essa atitude do público. Não sei dizer o que mudou na minha ação, talvez seja apenas a minha tranquilidade em cena. Algumas pessoas recebem a garrafa e prontamente a abrem e começam a espalhar o líquido no meu corpo. Outras vacilam, talvez se sintam expostas, ou desconfortáveis por acharem que têm que encostar no meu corpo (gordo e já melado), ou desejam um comando mais preciso de minha parte. Eu apenas espero e se for necessário peço para pessoa abrir a garrafa para mim.

O zelo e a gula se confundem quando começo a beber o líquido da segunda garrafa. Tento provocar o entendimento sobre as regulações de autocuidado: quem as exige? Quem pode mensurar sua eficácia? Quem determina limites para o corpo? Para começar a responder essas perguntas, talvez seja necessário se questionar sobre como podemos retomar uma relação de confiança com o próprio corpo, estando atenta para os sinais que ele nos dá, seja de fome, de desequilíbrio da nossa saúde, de desejos pessoais ou outras coisas? Como aprender a escutar nosso próprio corpo e deixar de lado essa relação tóxica que está sempre taxando nosso ser?

[#criticar a norma](#)

[#dança gorda](#)

[#metodologias e estratégias de peso](#)

80kg Magra ou gorda!!!???

Para iniciar a leitura desse fragmento-quilo, faço um convite a você que está lendo: retorne ao título deste fragmento-quilo e releia-o em tom de indignação. Essa não é uma pergunta que oferece duas opções e sim uma revolta. Magra e gorda são dois adjetivos que temos, em língua portuguesa, para designar o formato dos corpos. Não são os dois únicos, mas, são dois dos mais relevantes dentro desta pesquisa, porque apresentam dois polos que tratam da aparência dos corpos.

A problemática da polarização dicotômica não se limita as essas características corporais, ela se estende para diversos campos simbólicos da nossa sociedade: bom ou ruim, positivo ou negativo, bonito ou feio. No entanto, a dicotomia não faz jus à complexidade que somos: entre “o bem e o mal”, há uma infinidade de possibilidades. O entre revela a transitoriedade das formas de ser nas questões, sejam elas materiais ou simbólicas. Entretanto, quando penso nas formas de caracterização e categorização social, o entre não parece ter uma presença significativa.

A conotação negativa da palavra gorda parece desencadear uma série de termos para designar pessoas que não são magras, na expectativa de se afastar do termo gorda – do polo associado às coisas ruins. A socióloga Natália Rangel (2018, p. 75) expõe pelo menos quatro termos para categorizar as pessoas: (a) pessoas magras, (b) pessoas não-magras, (c) pessoas não-gordas, também conhecido como (c') pessoas que estão no limbo e (d) pessoas gordas. Entre as pessoas gordas existe uma segunda divisão, feita e utilizada pelo movimento gordo: (d¹) gordas menores e (d²) gordas maiores. Essa subdivisão tem como princípio denotar o privilégio de pessoas gordas menores, que estão mais próximas da norma e, portanto, são menos prejudicadas.

Rangel (2018, p. 75) também explica que as classificações dos corpos refletem as visões de mundo construídas pelas pessoas do movimento gordo. Nesse sentido, a criação de termos como “não-magras”, “não-gordas” ou “pessoas que estão no limbo” são estratégias de estranhamento de termos como “gordinha” ou “fofinha”. Esses dois últimos, embora sejam termos aparentemente carinhosos, são usados como alternativa a palavra gorda e reiteram a normativa de que o corpo gordo está errado. A problemática dessa categorização é a, aparentemente, inevitável reiteração da norma. A utilização do termo limbo, por exemplo, parece indicar uma iniciativa estranha de considerar o que está entre. O limbo é algo não nomeado, não definido. Ao classificar pessoas como limbo, parece que elas estão em estados

transitórios de corpo, provavelmente, em busca de se firmar no padrão da magreza ou prestes a sucumbir a desgraça da gordura.

Magra ou gorda!!!??? é uma indignação que pretende elucidar como as categorizações de corpos são complicadas. Utilizar a palavra gorda sem conotações pejorativas é um passo relevante no combate à gordofobia. Mas será que é precisamos de mais termos para compreender a multiplicidade de corpos? Esses diferentes termos que vêm sendo criados para ampliar a visão sobre o corpo das pessoas. No entanto, essas estratégias podem tanto serem confusas e problemáticas – por criarem mais categorias e divisões – como serem úteis, por trazerem o debate à tona, tornando possível questionar a dualidade gorda e magra.

[#metodologias e estratégias de peso](#)

[#conceitos pesados](#)

81kg *Plus*

Recentemente, fui apresentada ao termo *midsize*, que pretende incluir as pessoas que não se identificam nem como magras, nem como gordas. O termo parece ter sido criado pela comediante, diretora e produtora estadunidense Amy Schumer quando a revista *Glamour* a listou como uma “mulher *plus size* inspiradora” junto da atriz estadunidense Melissa McCarthy, da cantora britânica Adele e da modelo estadunidense Ashley Graham, em 2016¹⁶⁹. A comediante postou em suas redes sociais que não foi comunicada pela revista sobre a matéria e que não gosta de ser classificada como uma mulher *plus size*, embora ela não tenha nada contra as mulheres *plus size* belas e saudáveis. Segundo ela, essa associação faz com que meninas que se sentem representadas por ela pensem ser *plus size*, o que, aparentemente, é problemático. Amy Schumer criou o termo *midsize*, já que ela também não se enquadra na numeração tradicional do mercado de roupas dos Estados Unidos. Depois do alvoroço, a revista publicou um pedido de desculpas, dizendo que a intenção era a de parabenizar Schumer por sua atitude positiva em relação ao seu corpo, não a classificar como mulher *plus size* e que lamentava ela ter se sentido ofendida.

Tenho visto o termo ser utilizado aqui no Brasil, principalmente no mercado da moda, mas tenho dúvidas do quanto essa nomenclatura faz avançar o debate. O problema dessas denominações é que elas sustentam a lógica normativa excludente. Não se conquista nenhuma mudança efetiva de comportamento na sociedade com a criação de um termo específico para pessoas que não sofrem tanto com a gordura como marcador social.

Em 2017, quando participei do grupo focal da pesquisa de Mestrado de Natália Rangel, lembro dela ter perguntado se preferíamos ser chamadas de gordas ou de mulheres *plus size*? A autora transcreve algumas das respostas que obtive durante essas entrevistas:

Luiza: Pode falar. Basicamente o termo *plus size* é pra roupa, não é pra pessoa. A pessoa é gorda, *plus size* é o que veste o gordo e a pessoa grande, né, porque também tem gente com uma ossatura maior, *plus size* também serve pra essas pessoas. Mas *plus size* é um termo pra roupa. Agora tão começando a falar de gordo na televisão e com essa história da Anitta todo mundo tá falando “modelos *plus size*”, gente elas não são *plus size*, elas são modelos gordas. Parece que o termo ainda é muito pejorativo, né, um negócio muito ainda... Gordo ainda traz uma coisa ruim e que eles têm medo de falar (Rangel, 2018, p. 101).

¹⁶⁹ Cf. FRANCE, Lisa Respers. Amy Schumer to Glamour: I'm not plus-size. *CNN entertainment*. S/ local, 06 de Abril de 2016. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2016/04/05/entertainment/amy-schumer-glamour-body-shaming-feat/index.html>. Acesso em 24 de março de 2022.

A dificuldade de incluir a palavra gorda no vocabulário do dia a dia vai criando essas alternativas que acabam sendo pouco efetivas no combate ao preconceito. Ser chamada de “mulher *plus size*” ou ainda, “mulher *midsized*”, é tanto transformar uma nomenclatura de mercado em questão identitária, como negar a possibilidade da gordura corporal ser uma característica presente na nossa sociedade. A socióloga Natália Rangel lembra que esses termos colaboram na configuração da imagem da “boa gorda”, aquela que se esforça para se enquadrar no padrão (Rangel, 2018, p. 110). Apropriar-se dos termos do mercado para nomear as pessoas pode ser uma estratégia perigosa, que flerta com a objetificação das pessoas.

[#criticar a norma](#)

[#conceitos pesados](#)

82kg Consumidora *plus size*

Como nos informa a socióloga Natália Rangel (2018, p. 101), o ativismo gordo no Brasil tem seu início marcado pelo desenvolvimento da moda *plus size*, isto é, a partir do reconhecimento da falta de itens de consumo para um grupo de pessoas, o mercado viu a oportunidade de criar produtos para elas. Mas, se por um lado a moda *plus size* torna acessível a vestimenta para pessoas gordas, por outro, ela também é responsável por transformar a pessoa em consumidora, alimentando a lógica capitalista de mercado. A autora aponta a necessidade de separação entre o mercado e o ativismo, e comenta que o movimento gordo se preocupa com a apropriação de sua pauta para fins lucrativos (Rangel, 2018, p. 102).

A pesquisadora de moda *plus size* brasileira Alana Aires explica em seu livro *De gorda a plus size; a moda do tamanho grande* (2019), que o acesso a vestimenta, por mais que permita uma “liberdade de expressão” – uma vez que há a possibilidade de escolher o que vestir, ao contrário de vestir o que cabe – é uma forma de inserir a pessoa gorda no “estágio avançado da racionalidade liberal” (Aires, 2019, p. 131). Ela comenta também que essa liberdade nada mais é que poder aquisitivo de um indivíduo inserido em lógicas individualistas de consumo (Aires, 2019, p. 131).

O mercado *plus size* acaba por delimitar quem são as pessoas gordas que podem transitar pelo espaço público. São aquelas que tem poder aquisitivo, que estão incluídas no mercado de trabalho. Mas, como ficam as pessoas gordas marginalizadas, periféricas e pobres? Como ficam as pessoas gordas que estão mais longe do padrão: as gordas e pretas, gordas e velhas, mulheres gordas com deficiência e outras mulheres gordas que têm seus corpos marcados por outras questões identitárias? O mercado reproduz as lógicas excludentes do sistema em que vivemos, então, por mais que seja possível acessar produtos feitos para o nicho de pessoas gordas, não são todas as pessoas gordas que se encaixam nesse nicho consumidor.

[#criticar a norma](#)

[#acessibilidade e mobilidade](#)

83kg Gorda sou

Um dos grandes momentos da trajetória de uma pessoa gorda é a autoidentificação como tal. Assumir-se como pessoa gorda implica dar se conta de um processo violento de imposições que fazem com que as pessoas, em especial as mulheres, dediquem sua vida para se adequarem à norma. Reconhecer-se como uma pessoa gorda é um movimento singular atravessado por diversos fatores. No texto *Quem é gorda?* (2020b) comento sobre essa mudança de entendimento no olhar para meu corpo gordo: “Sempre fui considerada gorda por meus amigos, meus familiares e minhas professoras e professores de dança. Mas há uma diferença notável em minha postura a partir do momento que assumi a palavra gorda com orgulho” (Belchior Santos, 2020b, p. 61). Talvez essa diferença na minha atitude não seja perceptível para todas as pessoas, mas foi muito significativa para mim, a ponto de revirar a minha vida, fazendo com que eu me reposicionasse no mundo.

Uma das dificuldades desse reposicionamento, pode estar no fato da gordura corporal se dar em um processo de transitoriedade. São diversos fatores que ou incidem para que a pessoa seja gorda, ou façam com que ela engorde ao longo do tempo.

A noção de gordo é, de certa forma, fluida. Existem algumas variantes para essa identificação. As pessoas podem emagrecer e deixar de se identificar como gordas, ou podem emagrecer e continuar a se identificarem como gordas. O contrário também é possível, a pessoa pode engordar e ainda se identificar como magro, pois entende que a gordura é um processo reversível. Ou a pessoa pode ser gorda, mas não se identificar enquanto tal, já que a concepção de gordo como inadequado vigora. Situações como esta beiram uma certa confusão: a pessoa não se identifica nem como magra, nem como gorda, pois ela não é capaz de assumir sua gordura e vive na expectativa de se enquadrar nos padrões de magreza (Belchior Santos, 2020b, p. 61)

Para englobar essa transitoriedade da gordura corporal, Natália Rangel propõe a ampliação da noção de *fluidez identitária*, vinda do campo da teoria *queer*. Segundo a autora, “a identidade gorda, por exemplo, não é estanque, de forma que um corpo gordo pode vir a ser magro e vice-versa” (2018, p. 54). Sendo assim, identificar-se como uma pessoa gorda pode ser uma decisão difícil de se tomar, principalmente para quem tem a intenção ou o desejo de não ser uma pessoa gorda. Essa problemática se complexifica com o entendimento de que ser, ou não, uma pessoa gorda é uma questão de escolha. Mas, é preciso levar em conta que há diversos fatores interferindo na gordura ou magreza de uma pessoa, não se trata somente de uma escolha nem de uma falta de habilidade de seguir o padrão um hegemônico.

O processo de autoidentificação como pessoa gorda é sempre muito singular, e vai se configurar levando em conta a história de vida, o contexto, a rede de apoio e como ela pode e consegue resistir na mudança sendo constantemente atacada por uma sociedade que custa a mudar.

[#conceitos pesados](#)

84kg É gorda mesmo

Não é à toa que até então esta tese não utiliza os termos *obeso*, *obesidade* ou *acima do peso*. Talvez você tenha sentido falta desta explicação no começo da tese (para quem lê a tese na ordem do sumário), mas imagino que tenha sido tempo suficiente para se acostumar com o a palavra gorda – caso você não fosse anteriormente. A ativista Charlotte Cooper comenta em seu dicionário do ativismo sobre o termo obesidade. Segundo ela, obesidade é

A palavra que começa com O. Uma palavra clínica para uma experiência social. Uma palavra que é totalmente sobre o uso opressivo do poder médico. Uma abstração que supostamente representa as pessoas gordas onde estamos ausentes. Não é realmente uma de nossas palavras, embora seja uma palavra que falamos durante nossos encontros com eles. Quando eles a usam, pensam que estão falando uma verdade universal; quando nós a usamos, estamos descrevendo eles, o mundo deles, as crenças deles (Cooper, 2019, p. 83 – 84, tradução minha)¹⁷⁰.

Cooper chama atenção para como a palavra obesidade – e por extensão as palavras obesa e obeso – são palavras criadas dentro da área médica para nos definir enquanto doença, mas não são palavras nossas, do ativismo gordo. Ela escreve também a significação da palavra gorda e gordo (que em inglês pode ser tanto gordo e gorda como gordura) é “uma espécie de tecido do corpo humano. Um insulto ressignificado. Uma identidade (Cooper, 2019, p. 42, tradução minha)¹⁷¹. Há nessa definição o movimento de reapropriação de uma palavra. Ao contrário de nos definir como a classe médica gosta, o movimento toma para si a palavra gorda e gordo, criando uma identidade, uma outra existência que não é a patológica.

A socióloga Natália Rangel comenta: “Mas afinal, o que é ser gordo para o ativismo gordo? O ativismo gordo nega as definições de ‘acima do peso’ e de ‘obesidade’ tais quais definida pelo IMC”. (Rangel, 2018, p. 70). Não é uma métrica antiquada e normativa que nos defini. A gordura corporal é uma de nossas características que não é sinônimo de doença ou comorbidade.

[#criticar a norma](#)

[#conceitos pesados](#)

¹⁷⁰ No original: “The O Word. A clinical word for a social experience. A word that is all about the oppressive use of medical power. An abstraction that is supposed to represent fat people where we are absent. Not really one of our words, though a word that we speak during our encounters with them. When they use it they think they are speaking a universal truth; when we use it we are describing them, their world, their beliefs”.

¹⁷¹ No original: “A kind of human body tissue. A slur reclaimed. An identity”.

85kg Percepção e empoderamento

Desde 2017 tenho trabalhado com uma proposta da oficina *Dança contemporânea: percepção e empoderamento* que acompanha a discussão sobre corpos fora do padrão, como lidar com a norma e como se posicionar. A ideia é propiciar as pessoas participantes uma prática dividida em três etapas:

- a) *Mapeamento – composto por exercícios de aquecimento que visam a percepção corporal. Investiga-se: força, equilíbrio, flexibilidade, planos entre outros, para que cada corpo compreenda suas características singulares. Essa etapa pretende expandir as possibilidades do movimento através da improvisação com experimentação de velocidades, ritmos e relação com o espaço percebendo assim outras formas de experimentar o próprio corpo;*
- b) *Composição – um exercício de construção de um experimento coreográfico a cada participante. Nessa etapa se instaura a tensão entre o pessoal e o coletivo, a partir da gestão dos desejos e objetivos de cada pessoa em contraposição às provocações/sugestões de movimentos e sensações que as pessoas fazem umas às outras;*
- c) *Posicionamento – efetiva a dança como expressão singular de cada corpo. Nessa etapa são compartilhados os experimentos coreográficos e ações de cada pessoa. Por fim, um bate-papo a respeito da proposta e das estratégias experimentadas por cada pessoa.*

Em outras palavras, a proposta da oficina é de oferecer práticas de propriocepção, de exercitar a criatividade a partir das questões do próprio corpo e de criar um espaço seguro para a troca de experiências com as outras pessoas. A dança pode intensificar nossa intimidade com o próprio corpo e movimento, em situações de estudos como essa, a dança permite a apropriação da relação de nosso corpo com o entorno, percebendo e escolhendo o espaço que ocupamos. Da autonomia em conhecer o próprio corpo a partir da dança, podemos trocar em coletivo e nos posicionarmos com precisão.

[#dança gorda](#)

[#metodologias e estratégias de peso](#)

[#acessibilidade e mobilidade](#)

86kg Empoderadas

Na conversa final da oficina *Dança contemporânea: percepção e empoderamento* que realizei em Curitiba, em 2019¹⁷², Princesa Ricardo Marinelli questionou sobre a noção de empoderamento. Ela queria entender como a proposta dialogava com essa noção, quais práticas de fato proporcionam o empoderamento no corpo?

Essa questão traz à tona a discussão sobre empoderamento. Esse conceito é recorrente nos conteúdos de autoestima e amor-próprio divulgados na Internet para pessoas gordas e outros grupos minoritário. Muitas vezes, ocorre um entendimento muito individualista desse conceito, como se o empoderamento fosse uma sensação resultante da autoaceitação e um objetivo a ser alcançado de estar bem com o próprio corpo.

A arquiteta, escritora e feminista brasileira Joice Berth explica em seu livro *O que é empoderamento?* (2018), que essa aproximação com o bem-estar individual é uma noção liberal esvaziada do conceito, que não leva em consideração os aspectos políticos de coletividade dessa concepção. Ela expõe que o empoderamento é – ao contrário do entendimento neoliberal – um instrumento político de luta social para emancipação de grupos oprimidos. As ações de empoderamento visam minimizar os efeitos da opressão na nossa sociedade, diminuindo assim as desigualdades alimentadas pela opressão. Dessa forma, as tensões entre o campo individual e coletivo estão em jogo quando se trata de empoderamento, a autora comenta:

Vale dizer que há a importância de se *empoderar* no âmbito individual, porém é preciso que também haja um processo conjunto no âmbito coletivo. Quando falamos em empoderamento, estamos falando de um trabalho essencialmente político, ainda que perpassasse todas as áreas de formação de um indivíduo e todas as nuances que envolvem a coletividade. Do mesmo modo, quando questionamos o modelo de poder que envolve esses processos, entendemos que não é possível *empoderar* alguém. *Empoderamos* a nós mesmos e amparamos outros indivíduos em seus processos, conscientes de que a conclusão só se dará pela simbiose do processo individual com o coletivo (Berth, 2018, p. 130, destaques da autora).

Esse trânsito entre o processo individual e coletivo é o que pode mover as pessoas a discutir e questionar as relações de poder na sociedade. Portanto, quando o empoderamento está associado apenas ao campo individual não há um convite em pensar em prol da coletividade, em reorganizar as estruturas de poder.

¹⁷² Realizada no Centro de estudos do movimento – Casa Hoffmann, nos dias 26, 27 e 28 de junho de 2019.

Na oficina tento criar um espaço de reflexão sobre empoderamento. Nos primeiros exercícios as pessoas são convidadas a focarem em seu próprio corpo, em sua materialidade e seu momento presente. Em seguida, os exercícios dialogam com a tensão entre o coletivo e o individual. Proponho que cada pessoa crie um pequeno experimento coreográfico que será apresentado para as pessoas ali presentes. Nessa fase procuro estabelecer um ambiente seguro para que as pessoas exercitem sua criatividade em convivência. Proponho que as pessoas façam sugestões e indicações para as outras pessoas¹⁷³. Essas trocas vão tornando os experimentos individuais em uma espécie de criação coletiva e singular: seja pela proposição de uma palavra que indica uma sensação, seja pela indicação de interação com o espaço ou objetos, ou outras propostas. Então, para a mostra final elas precisam lidar com seus interesses e desejos e com as interferências vindas das outras pessoas. Ao assistir a mostra as pessoas também lidam com o modo com que suas sugestões e instruções tomaram forma no outro corpo.

Minha aposta é de que o empoderamento se mostra nesse jogo que envolve a ação de criar e de assistir à criação de outra pessoa. Assim, as relações de poder vão se arranjando de acordo com o envolvimento das pessoas. É uma hipótese que compartilho com quem participa da oficina e que vai alimentando as reflexões sobre empoderamento, como empoderar-se e como criar coletividades emancipatórias.

[#metodologias e estratégias de peso](#)

[#conceitos pesados](#)

¹⁷³ Esse momento de troca de sugestões e indicações varia de acordo com o tempo de oficina e a quantidade de participantes. Em oficinas mais longas chegamos a experimentar uma criação coletiva, juntando as criações individuais e explorando mais uma camada de coletividade.

87kg Medo da balança



Imagem 20 - Medidas 1992. Foto de Maria Belchior, 2021. Acervo da autora.

Recebi de minha mãe a foto desse cartãozinho como um ato de rememoração do passado. Minha mãe fica contente de encontrar as memórias de quando eu e meu irmãos eramos pequenos. Eu também costumo gostar, mas dessa vez fiquei boquiaberta. Não me lembrava de que a vigilância com meu peso tinha começado cedo na escola também. Nesse dia 02 de outubro de 1992 eu estava comemorando meus sete anos de vida. Não sei dizer se foi coincidência ou planejamento esses "exames" bem no dia do meu aniversário, minha mãe também não soube dizer. Também não sei dizer por que eu me pinteí loira de olhos azuis. Talvez eu não tenha encarado o desenho da menina como "eu", talvez eu estivesse pintando minha mãe que é loira de olhos azuis ou talvez eu estivesse mesmo reproduzindo uma vontade de seguir os padrões de beleza.

Ao olhar a foto tentei me lembrar da experiência de ser medida na escola, mas não consegui me lembrar de nada do tempo em que eu era assim tão nova. Mas, pude me lembrar de uma experiência de quando eu já era pré-adolescente e já tinha medo da balança. Eu devia ter por volta de 12 anos de idade, na sexta ou sétima série do ensino fundamental, quando na

aula de Educação Física foram feitos os tais "exames". Lembro da fila de alunos na lateral da quadra poliesportiva do colégio esperando para termos nossas medidas feitas. Aquele desconforto de ver a pessoa manipular a balança antropométrica na minha vez. Para fazer uma medição nas balanças antropométricas mecânicas, o contrapeso precisa começar em uma posição neutra, geralmente no canto direito. Assim que a pessoa se posiciona para ser medida, a pessoa medidora movimentava o contrapeso para equilibrá-lo. É essa pequena peça de contrapeso que causa meu mal-estar, somado ao ar de julgamento na voz que dizia que eu estava com uns 10 quilos a mais do que o adequado para minha altura.

Das medidas de peso e altura é que se calcula o IMC – índice de massa corporal. Desse cálculo saem as categorias: magreza, peso normal, sobrepeso, obesidade grau I, obesidade grau II, obesidade grau III – também conhecida como obesidade mórbida. Esse cálculo tem sido considerado suficiente para taxar quem é/está ou não doente, independente da vivência e contexto de cada pessoa. A ativista Charlotte Cooper critica:

Muito do conhecimento sobre obesidade depende dos números e classificações do IMC, mas esses não mostram como as pessoas se comportam ou se posicionam socialmente, coisas que têm ramificações enormes para a saúde. As categorias são problemáticas porque são estigmatizantes e não reconhecem a amplitude dos tamanhos do corpo humano, e porque incluem pessoas mais altas e mais pesadas que não são gordas, por exemplo alguns atletas, como obesos mórbidos, ou seja, perto da morte (Cooper, 2019, p. 17, tradução minha)¹⁷⁴.

O IMC é estigmatizante porque mesmo quando outros exames mais complexos indicam saúde as pessoas gordas saem de muitos consultórios médicos acreditando estar em risco de vida. O discurso da comunidade médica é de que em algum momento a obesidade vai causar algum mal como: diabetes, angina, infarto, aterosclerose, apneia do sono, refluxo, escaras, infarto, AVC, mesmo sem nenhuma indicação para isso. No entanto, essa conta é falha e insuficiente, muitos outros fatores devem ser estudados para classificar se uma pessoa está ou não doente. Essa taxação dos corpos faz com que as pessoas tenham dificuldade de se relacionar não apenas com a balança, mas com seu próprio corpo.

[#gordofobia na infância e adolescência](#)

[#criticar a norma](#)

¹⁷⁴ No original: “A lot of obesity knowledge depends on BMI numbers and classifications but these do not show how people behave or are socially positioned, things that have massive ramifications for health. The categories are problematic because they are stigmatising and don't recognise the breadth of human body sizes, and because they include taller, heavier people who are not fat, for example some athletes, as morbidly obese, meaning close to death”

88kg Ter corpo x ser corpo

*Meu corpo sou eu. Eu quero que você veja meu corpo,
reconheça meu corpo.*

Nomy Lamm, 1995, tradução minha¹⁷⁵

Ter ou ser um corpo são duas possíveis visões de mundo que influenciam muito no modo como percebemos a gordura corporal. Quando a gordura é tratada como um excesso, um fardo ou uma falha estamos mais próximas do entendimento de que “temos um corpo”, um corpo que pode ser moldado de acordo com os próprios desejos ou pelas normativas impostas pela sociedade em que se vive. Nesse sentido, parece só ser possível ter um corpo magro, um corpo, que por ser propriedade, pode se enquadrar em determinadas regras, já que sua existência está delineada por fatores não negociáveis.

Essa significação pode também reforçar a ideia de que toda pessoa gorda tem presa dentro de si uma pessoa magra, impossibilitada de viver sua vida por conta do empecilho da gordura. “Ter corpo” provoca um afastamento das experiências que se tem, como se o próprio corpo pudesse ser desvinculado daquilo que você é. A problemática entre ter e ser corpo abrange um campo de reflexão muito maior do que pretende se debruçar nesta tese, principalmente em estudos sobre a separação entre mente e corpo feitos desde áreas como a Neurociência até nas Artes, em estudos sobre presença cênica e técnicas de preparação corporal. Ao invés de aprofundar essa questão, interessa aqui apontar para como essa concepção modula a forma como olhamos para os corpos (nossos e das outras pessoas).

Fica o convite para tentarmos nos relacionar com nossos corpos e, consequentemente, com nossas gorduras de forma integrada. Somos um corpo fruto de relações biológicas, culturais, socioeconômicas, históricas e contextuais. A possibilidade da gordura é inerente a todas as pessoas, algumas mais que outras, e isso também é desvendando nas nossas relações com o mundo.

As pessoas gordas são constantemente comparadas às baleias. Nesse viés, Jules Pashall (2018), artista estadunidense que também trabalha com práticas somáticas, nos lembra da magnitude do corpo colossal de uma baleia comentando: “Nunca duvidei da vitalidade, necessidade e dom da gordura das baleias” (Pashall, 2018, p. 73, tradução minha)¹⁷⁶. Sendo

¹⁷⁵ No original: “My body is me. I want you to see my body, acknowledge my body”.

¹⁷⁶ No original: “Never have I doubted the vitality, necessity, and gift of whales’ fatness”.

assim, podemos recorrer a essa comparação e não duvidar da nossa gordura e de tudo que ela pode nos presentear.

É a partir de nossa experiência gorda que se elabora nosso saber gordo. É por sermos um corpo que somos capazes de incorporar vivências, buscar por aprendizagem e se indignar com o que não nos respeita. Ser corpo é encarar a realidade de forma situada, ter ciência do que nos forma e de qual mundo queremos construir.

[#conceitos pesados](#)

[#criticar a norma](#)

89kg Siga pessoas gordas



Imagem 21 - *Siga pessoas gordas* (2022). Fonte: elaborado pela autora.

[#metodologias e estratégias de peso](#)

[#coletividade gorda](#)

90kg Desabafo ou Esbarrando com o inimigo ou criando meios de resistir na coletividade

Comprei um livro pensando que serviria para tese. Estava no *site* de uma editora procurando um livro específico e resolvi procurar por outras coisas. Busquei pela palavra *gorda* e encontrei um livro de contos com um título interessante, decidi comprá-lo. Não li nenhuma resenha sobre o livro, nem conhecia nada sobre o autor. Pensei que mesmo que fosse para criticá-lo, não teria problema. Decidi arriscar.

O livro chegou e a decepção não poderia ter sido maior. Tirei da embalagem e descobri que o prefácio é escrito por um macho escroto¹⁷⁷ famoso. Não vou escrever seu nome aqui, nem o nome do livro: isso é proposital. Não li o livro inteiro, não tenho estômago para isso. É muito violento o modo como o autor se autoriza a humilhar as pessoas. Se fosse uma ideologia da qual eu precisasse entender as lógicas, demandas e meios de ação, talvez eu me desse o trabalho. Lembro de minha orientadora, Fátima Costa de Lima, que ensina que é importante conhecer o inimigo quando diz “Eu li *Mein Kampf*” (informação oral)¹⁷⁸: ao fazer essa declaração, entendo que a professora demonstra seu interesse em entender as lógicas contra as quais lutamos. Mas não é este o caso do livro de que estou falando: o autor só reproduz uma lógica machista, racista, homofóbica, gordofóbica, classista, etarista, capacistista e preconceituosa com todos os grupos identitários que conhecemos.

O trecho do livro que tem a ver com o título que me interessou é uma mostra do quanto pessoas como seu autor julgam as pessoas gordas como incapazes, desastradas e passíveis de humilhação. Nada de novo no mundo taxativo que exclui as pessoas gordas. É um macho escroto típico, um homem branco, heterossexual de classe média alta que está muito feliz por pertencer a esse grupo social e poder manifestar seu preconceito, com o apoio de outros machos como ele.

Mas, por que estou escrevendo isso aqui? Escrevo para pessoas que estão interessadas na luta gorda, não desejo ser lida por pessoas como ele. Um desabafo talvez?

Escrevo esta tese para encontrar outras formas de avançar na luta contra a gordofobia e outras opressões estruturais da sociedade patriarcal em que vivemos. Portanto, este fragmento-

¹⁷⁷ Segundo o dicionário informal, macho escroto é um termo que indica: “Homem de caráter duvidoso. Que fala e faz coisas sem noção. Que rebaixa a mulher e a trata como um ser inferior” (2018, s/p.). Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/macho+escroto/>. Acesso em: 07 de janeiro de 2021.

¹⁷⁸ Escutei pela primeira vez durante um encontro do grupo de pesquisas *Imagens Políticas*, realizado no segundo semestre de 2019. O grupo é um coletivo de pesquisa e produção artística coordenado pela professora Dra. Fátima Costa de Lima. A pesquisa da professora se fundamenta na obra de Walter Benjamin quem, na década de 1930, se posicionou contra o governo nazista da Alemanha.

quilo é sobre persistência, sobre lembrar que será cansativo e da necessidade de seguirmos unidas para “aguentar o tranco”. Não estou sozinha: quando contei para as colegas do Coletivo MANADA¹⁷⁹ sobre o livro, todas se compadeceram da minha tarefa e me desejaram força.

Fiquei muito em dúvida sobre este fragmento-quilo, se ele deveria ou não pertencer a tese, já que não quero ter que citar o autor do livro aqui ou na lista de referências. A professora Dra. Daiane Dordete Steckert Jacobs, parte da banca de avaliação deste trabalho, comentou durante a banca de qualificação que seria interessante eu fazer uma crítica mais contundente a esse autor. Mas, esse fragmento-quilo não é sobre a crítica à norma, ele é sobre as estratégias de persistência para continuar na luta sabendo que nada está garantido. Este relato sem referências ao inimigo pode ser útil, porque faz parte do processo esbarrar em coisas e pessoas hostis as quais não merecem desperdício de nossa energia; ou porque devemos medir o quanto devemos despendar de nossa energia. Lembre-se de suas parcerias, daquelas com as quais você pode ser frágil, a coletividade é a fortaleza da nossa luta. Gaia Colzani analisa em sua dissertação de Mestrado a relevância da coletividade, segundo ela,

Todas nós temos muitas dores, traumas e processos que sequer conseguimos enxergar e, para mudarmos essa realidade, é preciso ir com o coletivo, em parceria, uma levando a outra, porque ser gorda em coletivo é poder demonstrar fragilidades, é poder sorrir com verdade, é poder ser e deixar ser (Rocha, 2021, p. 19).

Nós, pessoas gordas, aprendemos a reavaliar a nossa existência e apreciar nossos corpos com as nossas parcerias. Nossos coletivos vão encontrar meios de persistir, revidar e transformar. Nossas possibilidades no mundo são enormes.

[#coletividade gorda](#)

¹⁷⁹ Bruna Puntel, Gaia Colzani e Thaís Putti.

91kg O caso Jô Soares

Uma vez, em uma roda de conversa com o público ao final de *Peso Bruto*¹⁸⁰, um senhor me fez uma pergunta sobre minha saúde. Ele queria saber se eu estava saudável, com meus exames em dia e citou o apresentador de tv Jô Soares¹⁸¹ dizendo que ele era bem sadio em seu corpo gordo. Ele parecia estar questionando a concepção de que todo corpo gordo é doente quando observou a mobilidade e virtuosidade de meu corpo e se lembrou de uma referência gorda saudável.

Enquanto eu formulava minha resposta, afirmado que estava bem de saúde e levantando a pauta da despatologização do corpo gordo, um moço se posicionou demonstrando certa indignação. Para ele a comparação entre Jô Soares e eu era incabível, já que nossos trabalhos são extremamente distintos. Esse moço comentou que o meu trabalho era suficiente para levantar reflexão acerca do corpo gordo, que não era necessário relacionar um profissional que atua no contexto do entretenimento. Busquei ser cautelosa para me posicionar depois dessa fala, afinal, o rapaz estava defendendo a força do meu trabalho. No entanto, talvez o paralelo entre Jô Soares e eu possa ter sido uma chave para que aquele senhor (ou até mesmo outras pessoas ali presentes) indagasse sobre preconceitos e padrões, possibilitando essa reflexão também em outros contextos, com outras pessoas.

Entendo que a comparação se funda apenas no fato de sermos pessoas gordas, mas diferente de uma comparação estereotipada, o que estava em questão naquele momento era a possibilidade de as pessoas gordas serem saudáveis, a crítica a normatização dos corpos. Pode ter sido uma comparação simplista, mas não desnecessária. A comparação entre pessoas gordas é comum para se criar estereótipos ou debochar de alguém. Mas, quando ela sai desse lugar comum, quando a pessoa demonstra o interesse em ouvir nossa voz, podemos fazer o esforço de acolher e ensinar para ter mais uma pessoa aliada. Para que o debate antigordofobia se amplie é preciso ouvir as associações das pessoas não iniciadas na luta. Não significa que qualquer comparação serve, mas, podemos lidar com elas mantendo uma postura crítica, apontando as semelhanças e, também, os possíveis pontos de conflito.

[#metodologias e estratégias de peso](#)

¹⁸⁰ Realizada no dia 27 de outubro de 2017, na *Mostra Rúmos Itaú Cultural – Narrativas do Invisível*, no Itaú Cultural.

¹⁸¹ José Eugênio Soares, conhecido como Jô Soares foi um humorista, apresentador de televisão, escritor, dramaturgo, diretor teatral e ator brasileiro. Era uma pessoa gorda, que utilizava o apelido de “Gordo” tanto em seus trabalhos, como *Veja o Gordo* (1988-1990) e *Viva o Gordo* (1981-1987) como e em sua famosa saudação de despedida “Um beijo do Gordo”. O artista faleceu recentemente, em 5 de agosto de 2022, com 84 anos de idade.

92kg Urgência aliada

As luzes se apagaram assim que eu cheguei ao final da arquibancada da plateia¹⁸². Foi tão imediato que pareceu ser parte da apresentação. Uma pessoa levantou de seu assento e começou a gritar mostrando seu descontentamento com o comportamento do público durante a apresentação. Fiquei surpresa, não tinha escutado os comentários maldosos, os risos. Mas aquela pessoa escutou e não deixou passar. As luzes logo se acenderam e ela continuou a dizer que era um absurdo debochar de outra pessoa. Ela não expôs quem tinha rido, mas foi rápida e enfática, não deu tempo de fugir, ou clima para ignorar. Todas as pessoas ali a escutaram. Isso nunca tinha me acontecido. Não o deboche, esse, infelizmente, é bem familiar. Mas o contra-ataque, esse eu nunca tinha vivenciado. Encontrei ali uma pessoa aliada, que sentiu a urgência em apontar a existência do preconceito, do desconforto. Agradei de peito aberto. Naquele dia, os risos e deboche ficaram pequenos e ridículos em comparação à defesa da diversidade de corpos. A crítica a norma foi maior, reverberou.

[#criticar a norma](#)

¹⁸² Relato feito a partir de apresentação de *Peso Bruto* realizada no Teatro Sesc Santos em 24 de março de 2018.

93kg Um espelho

De um lado, um trabalho artístico apresentado em um palco¹⁸³. Uma mulher gorda interagindo com um banquinho de plástico, dançando de lingerie, lambuzando seu corpo com uma substância oleosa e abrindo caminho entre as pessoas da plateia para passar.

Desse mesmo lado, também, uma roda de conversa entre público e artista. Uma conversa sobre a experiência de ser gorda desde a infância, sobre ter engordado ao longo da vida, sobre como lutar contra a normatividade.

Do outro lado, uma reflexão, uma escuta transformadora. Um homem que teve a curiosidade de assistir ao trabalho, o interesse em participar da conversa e o entendimento de suas escolhas ao longo de sua jornada.

– Confesso que estou com vergonha, percebi que eu fui uma criança e um adolescente que cometia *bullying*.

[#gordofobia na infância e adolescência](#)

¹⁸³ Trecho concebido a partir da conversa pós apresentação de *Peso Bruto*, realizada dia 13 de maio de 2018, no Sesc Joinville.

94kg Diálogos de peso

Já comentei no início da tese, como as conversas com o público após as apresentações de *Peso Bruto* transformaram esse tipo de experiência que tinha até então. Elas saem das costumeiras perguntas sobre as referências e metodologias de trabalho e se enredam para o compartilhamento de vivências das pessoas, criando um espaço seguro de reflexão. Isso tem acontecido nos outros trabalhos que tenho feito de arte gorda, com MANADA e Anderson do Carmo, o que mostra que tanto a arte como o diálogo podem ser forças na luta antigordofobia.

A pesquisadora Helena Vieira explica que para acontecer um diálogo é preciso ser capaz de compreender a outra pessoa, buscar não completar o argumento dela pessoa criando assim uma espécie de super compreensão do que foi dito e estar disponível para mudar de ideia (2021b, s/p.). Ela comenta também sobre as discussões sobre o diálogo presente no nosso cotidiano:

Tem parecido que diálogo é uma impossibilidade. E isso é superinteressante porque, por um lado, nós vemos sempre o diálogo como uma impossibilidade: não dá para dialogar com as pessoas porque elas não querem ouvir, porque elas são violentas, porque elas não entendem; e de outro a gente está sempre dizendo, que o diálogo é a solução dos nossos conflitos, como se o diálogo fosse uma grande panaceia, como se tudo pudesse ser resolvido se nós decidíssemos e conseguíssemos efetivamente dialogar. (Vieira, 2021b, 0min45s – 1min16s).

Essa tensão entre a impossibilidade e valor do diálogo como motor de mudança na nossa realidade é um horizonte para não supor que a arte é sempre capaz de mudar o mundo. Tenho apostado no diálogo após as apresentações também como uma forma de lutar contra a gordofobia, mas, não me iludo a ponto de imaginar que as pessoas saiam transformadas e armadas para luta após uma experiência artística. Se fosse simples (ou mágico) não haveria mais gordofobia, racismo, machismo, idadeismo, capacitismo, LGBTQIA+fobia, xenofobia e outras opressões em nossa sociedade.

A minha aposta na conversa aliada à apresentação artística vem dessa experiência, relativamente recente, de construir com as pessoas uma reflexão que perpassa as questões apresentadas em cena e se alarga por outros campos, tocando nas pautas ativistas e no acolhimento das dores. Talvez esse seja um dos papéis da arte, de criar espaços de reflexão para questões latentes em nossos contextos. Sendo assim, a conversa que segue esse evento pode se caracterizar como um diálogo, que como lembra Helena Vieira, pode tanto conduzir a resoluções de conflitos, como contribuir para a inteligibilidade das diferenças (2021b, s/p.). A

disponibilidade de entrar em diálogo se faz notar, principalmente quando alguém se transforma pela experiência. A teórica também comenta sobre o risco de mudança:

O risco de sair transformado de um diálogo, ele é imenso, né? E isso é bom. A questão é que às vezes nós temos um apego tão duro a um certo número de convicções, que nós sacrificamos o quadro em nome das molduras. Temos umas convicções tão intensas, que elas modulam e enquadram toda a nossa relação com o real, inclusive as relações... as buscas por entendimento [sic] (Vieira, 2021b, 7min12s – 7min44s).

Em algumas das colocações de pessoas nas conversas pós apresentação de arte gorda é possível reparar nesse ajuste de convicções, na mudança no enquadramento de nossas interações advindas do risco de estar em diálogo. Relatei nesta tese: o público questionando a patologização do corpo gordo, a realização e confissão de uma pessoa que cometia *bullying* com pessoas gordas na infância e, também, a insistente dificuldade de usar a palavra gorda sem a conotação negativa. A possibilidade do diálogo é concreta, mas não é certa, afinal o diálogo é construído por dois lados e cada parte revela um contexto e se afeta a sua maneira.

[#conceitos pesados](#)

[#metodologias e estratégias de peso](#)

95kg Convivência aliada

Quem são as pessoas que posso contar como aliadas? Por tanto tempo pensei estar sozinha. Por tanto tempo acreditei que estaria sempre sozinha. Dizem que meu corpo está errado, que está doente. Dizem que sou preguiçosa, que não me esforço, que não mereço afeto. Dizem que a culpa é minha. Por muito tempo acreditei nisso. Mas agora não. Entendo que isso faz parte de uma lógica de controle de corpos. Uma lógica que movimenta a economia ocidental. Eu não me perco mais nesse jogo. Não me deixo cair nas armadilhas do capitalismo. E, se caio, ajo com calma, para não me machucar ainda mais. Tenho aprendido a me virar. Não faço isso sozinha. Não estou mais sozinha. Tem uma legião de pessoas como eu. Pessoas que também se culpavam. Que com o tempo entenderam as lógicas perversas da sociedade. Elas ensinaram a mim e a tantas outras. Sigo tentando ensinar o que tenho aprendido. Buscando conhecer mais e mais pessoas gordas como eu. Reconhecendo as diferentes formas de estar na luta. Nesse caminho encontro também outras pessoas. Pessoas que não sofrem a gordofobia como eu, mas que acompanham nossa luta. A luta não se faz sozinha. Que bom! Mas, às vezes é difícil lidar com os privilégios das pessoas. Dá raiva, faz doer as

Imagem 22 - Convivência aliada 1 (2022). Fonte: elaborado pela autora.

feridas cicatrizadas. Vejo isso acontecer com pessoas gordas como eu. Uma sede de ocupar os espaços que nos foram negados. Uma irritabilidade por ver nossas aliadas ali onde queríamos estar. Como foi que caímos novamente na armadilha do sistema? Estamos mesmo brigando com nossas aliadas? Sim, não é a mesma coisa. De novo nosso espaço negado. Mas precisamos ter confiança de que elas nos levam consigo. Que elas lutam para que nós estejamos nesse espaço também. É difícil confiar, eu sei. Mas elas estão aqui por nós, nos precisamos conviver juntas para poder efetivar a mudança.

Imagem 23 - Convivência aliada 2 (2022). Fonte: elaborado pela autora.

[#metodologias e estratégias de peso](#)

[#coletividade gorda](#)

96kg Peso, pesadelo da pandemia

Em meados de março de 2020, assim que foram decretadas as medidas de segurança de isolamento em casa e distanciamento físico, sugeridas pela Organização Mundial de Saúde – OMS, para contornar a crise sanitária em decorrência da Covid-19, se espalhou o medo e insegurança por conta da doença desconhecida que se estendia pelo mundo como aflorou o medo de engordar por conta da mudança na rotina das pessoas. Diversos memes circularam pelas redes sociais apontando para a engorda como mudança corporal intrínseca do estar em casa. A gordofobia se revelou forte como nunca, sempre difundida como se fosse uma piada inofensiva e alerta para que as pessoas não se entregassem aos hábitos não saudáveis de comilança e letargia.

Esse momento foi o estopim para algumas ações no meu campo de trabalho. Com o coletivo MANADA escrevemos o texto *Discussões sobre gordofobia a partir das artes cênicas em tempos de pandemia* (2021), publicado em um dossiê da Revista Mais que Amélias dedicado inteiramente para a discussão da gordofobia durante a pandemia de Covid-19. A escrita foi um modo de manter o coletivo unido nesse período em que os encontros presenciais não eram uma alternativa, contribuindo assim com nossos percursos artístico-acadêmicos. No artigo relatamos alguns incidentes gordofóbicos ocorridos no meio das artes e do entretenimento durante os primeiros meses de pandemia, problematizando como esses campos reproduzem a gordofobia e lidam com as denúncias da opressão.

Em 2021, Anderson do Carmo e eu nos juntamos para desenvolver *¡T.R.A! (trabalho remoto adiposo [ou] técnicas para retardar a antecipação)*, trabalho em vídeo que busca tensionar o imaginário do senso comum a respeito do corpo gordo recluso em casa cumprindo as medidas de segurança. O desafio se deu em um processo criativo todo feito à distância e no adiamento da ideia de reencontro presencial tendo em vista a alta contaminação da Covid-19 e a espera pela vacinação. A solução foi uma série episódica em quatro vídeos que confluem as inquietações diante da pandemia, bem como temáticas de nossas pesquisas acadêmicas.

O peso como um pesadelo durante a pandemia também reflete na publicação independente *pesar as palavras* (2021) que Anderson do Carmo e eu fizemos em parceria com

a artista visual Ana Clara Joly¹⁸⁴ e artistas participantes do Ciclo de estudos engordurados¹⁸⁵. Assim como no artigo *pesar as palavras e estriar as hegemonias: autocuidado e fracasso em duas danças gordas* (2021) que escrevi com Anderson do Carmo, entrelaçando questões entre nossos trabalhos solos *Peso Bruto* e *Ensaio sobre a retórica* (2016) e fabulando a criação de *¡T.R.A!*.

Já técnicas para retardar a antecipação e trabalho remoto adiposo jogam com significados das palavras para nomear sensações e projetos contraditórios que invadem nosso afeto neste momento da pandemia: desenvolver técnicas que retardam a antecipação é uma escolha por não se alienar deste momento de isolamento, solidão e incerteza – um momento pesado – se rendendo ao sonho sobre um – mais leve – futuro (Do Carmo e Belchior Santos, 2021, p. 24, destaque meu).

Na via contrária de encarar nosso corpo e nosso peso como algo negativo, buscamos revelar o peso como força motriz e questionadora, e fazer de nossa dança “uma dança grande, chamativa, que ocupe espaço e pareça transbordar para onde não devia” (Do Carmo e Belchior Santos, 2021, p. 24). O

O pesadelo das pessoas gordas é a gordofobia que se mostra no pavor que as pessoas têm de engordar, na dificuldade de acesso à saúde – motivo pelo qual muitas pessoas gordas, consideradas em risco pela doença, deixaram de ser socorridas quando os hospitais atingiam seu limite máximo de atendimento – e na convenção de que a gordura corporal é uma doença que precisa ser eliminada.

[#criticar a norma](#)

[#acessibilidade e mobilidade](#)

¹⁸⁴ Ana Clara Joly é Artista plástica e arte educadora, graduada em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Gestora na Ong Finoca Almeida Cunha, que articula projetos voltados para dança. Trabalha também como cenógrafa e diretora de arte.

¹⁸⁵ O *Ciclo de estudos engordurados* foi uma ação do projeto *¡T.R.A!* (*trabalho remoto adiposo [ou] técnicas para retardar a antecipação*) que selecionou 15 artistas gordas e gordos para encontros artístico-teóricos guiados por Miro Spinelli, Anderson do Carmo e Jussara Belchior.

97kg Dialética do peso

- **Peso**¹⁸⁶:

A peso de ouro → Muito caro;

Dois pesos e duas medidas → Julgar de forma desigual de acordo com o interesse;

Ter peso → Ter autoridade, ter as qualidades necessárias;

Pessoa de peso → Pessoa de mérito, de consideração;

Peso molecular → Peso de uma molécula-grama de um corpo;

Peso morto → Peso de um item que absorve uma parte do trabalho útil; um fardo inútil.

- **Pesado**¹⁸⁷:

Pesado a ouro → Diz-se do que custa muito caro;

Pesado de anos → Algo ou alguém que é muito idoso;

Pesado de cuidados → Cheio de cuidados;

Ser pesado a alguma pessoa → Ser-lhe importuno ou incómodo; causar-lhe despesa;

Ter a mão pesada → Castigar duramente, com severidade.

- **Pesar**¹⁸⁸:

Pesar (montes de) ouro → Diz-se de pessoa que é muito rica.

Pesar as palavras → Falar com gravidade, pausada e meticulosamente.

Pesar na balança → Ter influência.

[#conceitos pesados](#)

¹⁸⁶ Este trecho é uma adaptação da definição do termo PESO, segundo Dicio - Dicionário Online de Português. Disponível em <https://www.dicio.com.br/peso/>. Acesso em 21 fev. 2020.

¹⁸⁷ Este trecho é uma adaptação da definição do termo PESADO, segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/pesado>. Acesso em 27 jun. 2022.

¹⁸⁸ Este trecho é uma adaptação da definição do termo PESAR, segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/pesada>. Acesso em 27 jun. 2022.

98kg Vocabulário de peso

As conotações negativas do peso e positivas da leveza se refletem no vocabulário do dia a dia. Tenho exercitado a substituição de termos que intensificam a negatividade do peso, além de pensar no peso como força motriz, alavanca e valor. Como pontuamos Anderson do Carmo e eu, essa não é uma pauta exclusiva da luta antigordofobia:

Há outras cicatrizes sociais que se evidenciam em oposições aparentemente inofensivas: esclarecer um argumento necessariamente articula a compreensão de que aquilo que é escuro atrapalha um debate. Um debate fértil desenha um cenário onde apenas relações (re)produtivas têm valia, do mesmo modo que uma transição orgânica (natural) entre cenas implica um demérito daquilo que é sintético e não colabora com a ficção de natureza. Uma desculpa capenga sugere que aqueles que tem no corpo diversidades funcionais não funcionam bem (Do Carmo e Belchior Santos, 2021, p. 20).

Esse é um exercício de descolonizar o nosso olhar para as coisas, de identificar os contextos que sustentam a norma e criticá-los. Nesse sentido, Anderson do Carmo e eu continuamos com a provocação: “Qual seria a positividade do peso? Ou o que apenas a negatividade do peso poderia revelar?” (Do Carmo e Belchior Santos, 2021, p. 20). Se encarmos o peso dialeticamente podemos acolher o movimento que a negatividade pode gerar, tensionando assim as dicotomias – positivo e negativo, leve e pesado – encarando impactos e flutuações que estão o tempo todo a se engendrar em nossos corpos.

[#criticar a norma](#)

[#conceitos pesados](#)

99kg Arte leve

Em sua reflexão sobre a era da leveza, o filósofo Gilles Lipovetsky (2016) analisa o modo como a nossa sociedade tem se relacionado com a arte. Segundo ele, a noção de leveza na arte também passa por uma transformação associada ao novo estilo de vida leve, que pede por velocidade e bem-estar. Ao apontar para as dinâmicas entre arte e leveza dos dias atuais ele comenta:

Houve a arte religiosa, popular, aristocrática e a arte pela arte: temos agora a arte-moda. Uma arte apenas para a expressão de si mesmo, do choque visual e da experiência sensorial: este é o ‘regime moda’ da arte. É uma nova leveza da arte que surge: uma leveza desembaraçada das mensagens substanciais. Uma leveza paradoxal na medida em que se acompanha às vezes de tédio ou de indiferença, de rejeição ou incredulidade. Hoje, a leveza *high* (arte contemporânea) e a leveza *low* (arte de massa) têm ao menos um ponto em comum: sua capacidade de se transformar em seu contrário ao gerar pesadas experiências vividas. Com a erosão da disjunção arte/moda, a época hipermoderna pode se glorificar de ter criado esse novo oxímoro que é a leveza pesada (Lipovetsky, 2016, p. 201 e 202).

O filósofo aponta para as relações entre moda e arte que se entrecruzam nas instâncias da sociedade da leveza. Se por um lado a moda é feita para atizar o mercado e o consumo, por outro, a arte é colocada como “antimoda”, apartada das lógicas mercantis. A seriedade e eternidade da obra costumavam contrastar com a superficialidade e futilidade da moda (Lipovetsky, 2016, p. 186 e 187). Mas, essas fronteiras têm sido enfraquecidas, tanto pelo interesse de alguns artistas em levar a moda para os museus e suas obras artísticas, como pela nova expectativa da arte por parte do público, principalmente no que tange a leveza. O autor comenta que se antes a “A leveza designava uma qualidade das obras; agora remete à relação que mantemos com elas: uma relação de consumidor inconstante, encantado com as novidades pelo prazer do divertimento” (Lipovetsky, 2016, p. 207). O que ele nota é que a arte deixou de ser indispensável, tornando-se um acessório, assim como a moda tende a ser.

A leveza pesada que Lipovetsky menciona é resultado daquilo que ele percebe como motivação dos artistas. Apoiado nas proposições de Hegel, ele considera que a arte é o espaço em que se conjuga o “universal e o particular” (Lipovetsky, 2016, p. 200), mas esse nexos é desvinculado quando as aristas se enviesam para um campo hiperindividualista. O autor continua: “essa dimensão de universalidade desaparece com artistas que, utilizando sua própria vida como matéria artística, expressam apenas verdades intimistas” (Lipovetsky, 2016, p. 200). O que está sendo colocado em jogo é o instante efêmero com a obra, ao contrário de uma busca

por algo maior, dessa forma, “Não há nada para compreender, apenas viver as experiências sensoriais angustiantes ou lúdicas” (Lipovetsky, 2016, p. 184). Parece que o filósofo encara essas experiências sensoriais como resultantes do imperativo da sociedade da leveza, indicando que a leveza tem como objetivo libertar-nos do peso de viver.

Em sua crítica, o filósofo comenta sobre a conduta dos artistas:

A despeito da importância da dimensão midiática espetacular, os artistas não renunciaram à vontade de emitir mensagens, de expressar ideias e de fazer com que o público ‘reflita’. Sob essa perspectiva, três pontos merecem destaque. Primeiro, é impressionante a inadequação cada vez maior existente entre as ideias reivindicadas e as realizações finais: conteúdos nobres, obras pobres. Em seguida, se for verdade que a maior parte dos artistas ainda deseja expressar algumas mensagens, o importante para existir no palco da arte é surpreender, criar a surpresa, o espetacular puro, ora complexo, ora lúdico. Por fim, vê-se multiplicar os conteúdos ‘leves’, minúsculos, sem necessidade, às vezes triviais e afluídos. Muitas obras são agora mais ricas em efeitos espetaculares do que repletas de sentido. Nesse contexto, as galerias de arte podem se assemelhar às *concept stores*, e certas obras não distinguem mais do *gadget*, da animação, da Disneylândia (Lipovetsky, 2016, p. 196).

Os artistas e suas obras parecem buscar a futilidade e a frivolidade, o que configura a lógica de leveza pesada. Em suas colocações, Lipovetsky comenta que “O mundo da arte contemporânea sugere menos a leveza do prazer estético do que a abundância da liquidez, a escalada do maior lance nos leilões, os circuitos do dinheiro onipotente, o peso da especulação, dos preços e das somas investidas” (Lipovetsky, 2016, p. 192), um modo de funcionamento que, visto dessa forma, está próxima do gosto pelo descarte, pela novidade e até mesmo o lucro.

No entanto, em sua crítica Lipovetsky tende a ser generalista, sem contextualizar quais circuitos artísticos ou para qual público tem se instaurado essas relações. Mesmo quando ele distingue arte de massa de arte contemporânea, ele coloca ambas no mesmo liame de busca pela leveza e desprendimento do peso. Vale questionar se esse imperativo opera da mesma forma em diferentes circunstâncias. Quando ele menciona como a arte está ligada a grandes valores de dinheiro, parece possível localizar um campo mais específico de produção que, provavelmente, está mais voltado para as Artes Virtuais. Por mais que haja investimento financeiro em diferentes campos das Artes, sabemos que a realidade francesa – de onde fala o filósofo – não é parâmetro de comparação universal.

Em contrapartida, as temáticas pessoais que se apresentam nas obras artísticas apontam para uma problemática ampla, que baliza até mesmo as discussões sobre as funções da arte. A própria questão que mobiliza esta tese é a discussão antigordofobia a partir de criações que se baseiam na experiência singular da pessoa gorda. Será possível habitar um contexto em que a leveza modula as dinâmicas entre pessoas e coisas estando atenta à essas condições? Se o fazer

artístico costuma estar vinculado a um fazer crítico, não será cabível esperar que as obras reflitam sobre essa conjuntura? Como podemos burlar as regras que acabaram nos ditando como e o que precisamos produzir?

Diante dessas perguntas, segue um incômodo com o modo como Lipovetsky analisa a arte da nossa época. Por mais que a urgência de perguntar sobre porque fazemos o que fazemos seja imprescindível, fica a dúvida se a visão do autor alcança contextos remotos e que, por mais que estejam configurados na mesma esfera capitalista colonial, podem ter peculiaridades e particularidades. Vale questionar se nessa reflexão cabe também as perguntas: “arte para quem?” E “arte por quem?”.

[#criticar a norma](#)

[#conceitos pesados](#)

100kg Tensão e relaxamento

O peso como fator de movimento é o que administra nossas tensões e relaxamentos. O controle de nossa movimentação se constrói na sabedoria de nosso tamanho, nossas forças e amplitudes. Na nossa sociedade, o ajuste entre tensão e relaxamento não costuma ser justo com as pessoas gordas. Jules Pashall, artista e profissional de práticas somáticas estadunidense, comenta sobre a constante tensão que acomete a experiência das pessoas gordas:

Ter um corpo gordo significa que o mundo pede que eu contraia com mais frequência do que relaxe. Há roupas feitas para não servirem, então encolho a barriga; as cadeiras não suportam meu peso, então me espremo para me agachar; camisolas usadas em visitas e exames médicos me deixam em nudez e exposição me persuadindo a encolher e virar para dentro. Eu sinto as maneiras como o mundo me faz notar meu corpo gordo, principalmente no privilégio de viajar de avião. Sinto os olhares de desdém dos outros passageiros enquanto ando pelo corredor em direção à minha fileira, seus suspiros exacerbados quando se sentam ao meu lado. Essa hostilidade coloca meu corpo em constante desculpa por constrição. É tudo tensão, sem relaxamento. Há vergonha, constrangimento e raiva aqui (Pashall, 2018, p. 82, tradução minha)¹⁸⁹.

A cobrança por caber coloca as pessoas gordas em um constante estado de culpa por não caber. Isso molda a forma como nos habitamos os espaços, com medo de cair e quebrar cadeiras, de não passar por catracas ou corredores, usando roupas apertadas e desconfortáveis. Nossa movimentação no mundo é regulada por essas tensões que não nos permitem ocupar o espaço que ocupamos.

Na prática em dança os ajustes entre tensão e relaxamento se põe a prova. No artigo sobre nossos trabalhos em dança, Anderson do Carmo e eu comentamos sobre como o peso se revela em nosso mover:

em qualquer rotina de treino e performance de engajamento corporal intenso, um corpo gordo não lida com o seu peso "real" – o que sucede com os corpos magros – mas sim com (1) uma representação prévia de como o peso desencadeia movimento e (2) com a tensão social e psíquica compulsoriamente atribuída ao comportamento de seu corpo pesado e compreendido simultaneamente como fruto de erros e propenso a errar (Do Carmo e Belchior Santos, 2021, p. 10).

¹⁸⁹ No original: “Having a fat body means the world is asking me to contract more often than release. There are clothes not meant to fit, so I am sucking my belly in; chairs not meant to bear my weight, so I am clenching into a squat; medical gowns leaving me naked and exposed, coaxing me to shrink and turn inward. I feel the ways the world tries to make me atone for my fat body most acutely in the privilege of airplane travel. The looks of disdain from fellow passengers as I walk down the aisle toward my row, their exacerbated sighs when seated next to me. This hostility pushes my body into a constant apology of constriction. It is all tension, no release. There is shame, embarrassment, and anger here”.

O que se espera de um corpo pesado é a falta de controle entre tensão e relaxamento em sua movimentação, bem como uma reprodução similar da mobilidade magra e não gorda. Há poucos esforços para se compreender a potência de movimento de uma pessoa pesada e muitas cobranças para que essa movimentação se assemelhe, o máximo possível, com o modelo padrão.

Criticando esses parâmetros, Jules Pashall nos convida a confiar em nossos corpos gordos, aprendendo a escutar e respeitar nossa fome, nossos desejos e o espaço que ocupamos. O caminho para tanto é entrar em contato com a nossa habilidade de tensionar e relaxar, percebendo como o corpo se relaciona com o ambiente ao seu redor. Jules Pashall comenta como uma experiência de boiar na água provocou esse entendimento: “O que eu aprendi boiando é que, para estar em harmonia com meu ambiente, preciso estar tanto em contração quanto em relaxamento, uma lição profunda da flutuabilidade do meu corpo gordo” (Pashall, 2018, p.82)¹⁹⁰. O conhecimento adquirido em uma experiência na água pode ser transmutado para outras esferas de nossa convivência. Nosso corpo gordo aprende a estar no mundo se restringindo, mas pode e deve aprender a estar no mundo equilibrando tensão e relaxamento. Ocupando o espaço que precisa sem precisar se culpar por isso.

O controle entre tensão e relaxamento é um princípio do que entendo como saber gordo, uma forma de posicionamento que tem em conta as pressões e soltura que temos tanto em nossa mobilidade como na nossa busca por acessibilidade. Confiar em nosso corpo e na sabedoria que nossa experiência é capaz de nos proporcionar nos coloca em agência por um mundo no qual caibamos e que nos permita extrapolar, exceder e avançar.

[#dança gorda](#)

[#acesibilidade e mobilidade](#)

[#criticar a norma](#)

[#metodologias e estratégias de peso](#)

¹⁹⁰ No original: “What I learn from floating is that in order to be in harmony with my environment, I need to be in both contraction and release, a deep lesson of my fat body’s buoyancy”.

101kg Exercício para a percepção da gordura

Escolha um lugar confortável. Mantenha-se de pé, com os pés alinhados para frente, com uma distância confortável, nem muito próximos, nem muito afastados. Feche os olhos e faça uma respiração longa. Esfregue as mãos uma na outra, produzindo calor. Traga calor para as palmas das mãos, para os dedos, para as costas das mãos, para os espaços entre os dedos, massageando-os. Aos poucos, comece a levar o movimento de toque para os punhos, antebraços e cotovelos. Vá mapeando o seu corpo com um toque suave pela sua pele. Sinta a temperatura da sua pele, a diferença de textura na superfície de seu corpo. Leve esse toque curioso e carinhoso para todo o seu corpo. Deslize suas mãos e permita que seu corpo se mova em função desse toque. Sinta as diferenças entre tocar a pele diretamente, tocar uma parte do corpo coberta por uma roupa, ou tocar a pele por dentro da roupa. Sinta que seu corpo dança nessa busca por conhecimento de si. Lembre-se de explorar o corpo inteiro, as partes maiores e as menores, as partes mais uniformes e as mais texturizadas. Depois de deslizar as mãos pelo corpo todo, comece a apertar a carne. Perceba a diferença entre apertar uma parte mais carnuda e partes mais duras. Sinta a pele, os músculos e a gordura em cada apertão. Navegue por todo seu corpo com essa pressão. Conheça seu tamanho, seu volume, quais partes do corpo são mais flácidas, quais mais densas. Tente não se julgar. Perceba como seu corpo dança essa instrução. Pause por um momento. Sinta seu corpo ativado. Comece a chacoalhar o seu corpo, leve sua atenção para as partes flácidas do seu corpo, ou aquelas que balançam mais. Sinta a vibração reverberar de um lugar para o outro. Note se algumas partes do corpo se chocam. Tem barulho? Sinta que partes mais pesadas provocam coisas diferentes das partes mais leves. Atente-se para a sutileza da vibração, para o pequeno descontrole do movimento da carne, da gordura corporal. Perceba que cada vibração é única. Quais sensações de deixar o seu corpo vibrar? Como é incluir a gordura corporal como princípio ativo do movimento?

[#acessibilidade e mobilidade](#)

[#dança gorda](#)

[#metodologias e estratégias de peso](#)

102kg Carta a artistas gordas

Vou me permitir uma escrita íntima e vulnerável. Por mais que eu tenha me exposto muito na escrita da tese ou em cena, às vezes são nas coisas simples que os caminhos parecem mais complicados. Mas, o que eu tenho para dizer a vocês é mesmo muito simples: obrigada! Tenho tanto receio de esquecer de agradecer alguém importante que tenho a impressão de não agradecer o suficiente quem me impulsiona (de propósito ou não). Se eu esquecer alguém aqui, desculpa, não foi por mal, sou grata sim.

Aproveito esta carta para reforçar que esta tese não pretende ser sobre mim, mas sobre como a experiência gorda pode ser múltipla. Lembro das palavras de Jules Pashall que diz “Estou segurando a tensão de centrar minha branquitude e privilégio nesta escrita, sabendo que meu corpo não deveria nunca estar no centro da libertação coletiva, coloco minha reflexão a serviço disso” (Pashall, 2018, p. 76, tradução minha)¹⁹¹. Por isso procuro uma escrita que parte de minhas vivências, mas sempre em direção de me conectar.

Reconheço as influências de vocês (às vezes quase um repeteco) quando lambuzo meu corpo com hidratante, quando fico nua, quando escrevo palavras em meu corpo, quando busco ser debochada, quando tenho vontade de gritar, quando aprendo a me posicionar criticamente sem esquecer meus, quando questiono as metodologias de movimento que tendem a ignorar a presença da gordura, quando não tenho vergonha de pedir por uma cadeira mais resistente em um restaurante e em mais um tanto de coisas que estão me escapando agora. Vocês me fazem pensar sobre como continuar esse ativismo artístico.

Obrigada pelos gordos encontros Miro Spinelli, Gillie Kleiman, Magdalena Hutter, Emily Underwood-Lee, Leidiane

¹⁹¹ No original: “I am holding the tension of centering my own white, wealthy body in this writing, while knowing my body should never be at the center of the collective liberation I put my reflection in service of”.

Pereira, Dionara Leite, Leidiane Santos, Gabriel Machado, Ricardo Nolasco, Gustavo Bitencurt, Gal Martins, Rosângela Alves, Dina Maia, Iolanda Costa, Leticia Munhoz, Evelyn Dayse, Letícia Negretti, Liviê Cocco Rodrigues, Eliza Pratavieria, Mar, Caroline Ribas, Mariana Calabrese, Anderson Nogueira, Andrei Bessa, Camila Fontenele, Alisson Feuser, Everton Lampe, Geruza Bandeira, Noam Scapin, Uila Roldan e Fernanda Magalhães. Sinto o atravessamento de suas falas reverberando em meu corpo.

Obrigada, sobretudo, pelas parcerias preciosas e pesadas de Bruna Puntel, Gaia Colzani, Thaís Putti e Anderson do Carmo. Vocês me fazem uma artista engajada e, além disso, permitiram que a trajetória deste Doutorado fosse menos solitária.

Agradeço, por fim, a artistas que sequer conheço que apresentam sua gordura corporal para questionar as estruturas de poder que organizam a nossa sociedade. É por acreditar no trabalho de vocês que posso também acreditar no meu.

[#coletividade gorda](#)

103kg Futuro gordo

A ativista estadunidense Virgie Tovar tem um capítulo chamado *In the Future, I'm Fat* (*No futuro, sou gorda*) no seu livro *You have the rights to remain fat* (2018) (*Você tem o direito de permanecer gorda*)¹⁹². A autora pontua que, antes de sua aproximação da luta por libertação dos corpos gordos, a gordobolia internalizada não permitia que ela imaginasse um futuro em que ela pudesse ser gorda. Ela examina como essa é uma construção manipuladora pois a “incapacidade de se ver no futuro é produto da crença de que não há espaço para você na cultura a que você pertence. O futuro, ao que tudo indica, é muito sobre o presente” (Tovar, 2018, p. 104, tradução minha)¹⁹³. Para que o futuro seja gordo é preciso que encarar nossos corpos como possibilidade e com dignidade.

A autora também apresenta uma crítica contundente a uma sociedade que insiste em dizer que as pessoas gordas terão uma vida digna somente quando emagrecerem. A autora comenta que a dignidade não depende da magreza, mas sim do desmantelamento da opressão (2018, p. 103). Ela termina este trecho dizendo que antes ela “acreditava poder merecer seu lugar fora da opressão” (Tovar, 2018, p. 106, tradução minha)¹⁹⁴, mas que agora ela entende que não há chances para as pessoas gordas dentro de um esquema meritocrático.

A atriz Thaís Putti, também motivada pelas provocações de Virgie Tovar, comenta sobre se ver gorda no futuro, segundo ela “somente assim será possível conquistar, criar e ressignificar espaços que nos são historicamente e socialmente privados. Quando se descobre quem se é, ou o quem se deseja ser de verdade, não há nada que nos impeça de sonhar (Putti, 2021, p. 146). A imaginação de um futuro gordo está calcada em um exercício de conhecimento de si e do contexto em que vivemos, bem como na agência de lutar por um horizonte de existências plurais.

[#conceitos pesados](#)

[#criticar a norma](#)

¹⁹² O livro de Virgie Tovar foi publicado no Brasil com o título *Meu corpo, minhas medidas*, pela Primavera Editorial (2018), a tradução exposta acima é literal em relação ao título original.

¹⁹³ No original: “This inability to see yourself in the future is a product of believing there is no room for you in the culture that surrounds you. The future, it turns out, is a lot about the presente”.

¹⁹⁴ No original: “I thought I could earn my way out of opression”.

104kg Arquivo gordo

No final de 2020 participei da experiência Fat Performance, guiada pela artista britânica Gillie Kleiman¹⁹⁵, um encontro que reuniu cerca de vinte artistas gordas de diferentes países como Argentina, Estados Unidos, Australia, Alemanha, Reino Unido e Brasil. Das práticas que vivenciamos se destaca a elaboração de uma linha do tempo com obras de arte gorda, a *Fat Performance Timeline*, proposição que visava agrupar referências e criações cênicas das pessoas participantes em uma ordem cronológica. Utilizamos um aplicativo online que nos permitia inserir imagens, textos e links das obras e artistas que mencionamos. Essa linha do tempo foi baseada na proposição de Charlotte Cooper (que também fazia parte do grupo) de uma linha do tempo gorda e queer, a *Fat and Queer Trans Timeline* (2010 – 2013)¹⁹⁶, um projeto que ela desenvolve em forma de oficina e que se estende para o formato de arquivo.

A proposta de criar um arquivo de arte gorda chama atenção para a o modo como temos construído nossas práticas e nosso ativismo. O foco não foi criar uma linha do tempo completa (o que parece quase impossível), ou muito preenchida, mas sim apresentar contextos e linguagens em que a arte gorda tem se feito presente, além de evidenciar a importância de construir arquivos.

Em seu livro *Fat activism: a radical social movement* (2016), Charlotte Cooper observa como os arquivos são fundamentais para que encontremos conexões de nossas vivências e transmitirmos nossas descobertas. Para a escrita desse livro ela pode visitar uma série de arquivos, ela “queria colocar minha experiência de ativismo gordo dentro de contextos históricos e precisava de material primário que geralmente é difícil de encontrar devido à falta de documentação secundária” (Cooper, 2016, p. 51, tradução minha)¹⁹⁷. A dificuldade de encontrar e visitar os arquivos se dão tanto pela falta de arquivamento como pelos arquivos físicos existentes estarem localizados em lugares que nem todas as pessoas têm acesso, tanto pela distância como por desconhecimento. Além disso, sabemos que muitas vezes os arquivos

¹⁹⁵ Gillie Kleiman trabalha com dança e coreografia, criando performances, textos, eventos e encontros pedagógicos. É licenciada em dança e performance E PhD em Estudos de Dança. Paralelamente à sua prática artística, é diretora interina do Ensino Superior na Dance City, conselheira da Jerwood Arts, administradora na People Dancing e examinadora na Danish National School of Performing Arts. Mais informações disponíveis em: <https://www.gilliekleiman.com/>. Acesso em 28 jun. 2022.

¹⁹⁶ A *Queer and Trans Fat Activist Timeline* é um projeto multidimensional preocupado em documentar histórias e memórias da comunidade feminista queer e trans gorda. Mais informações disponíveis em: <https://charlottecooper.net/fat/fat-research/a-queer-and-trans-fat-activist-timeline/>. Acesso em 28 jun. 2022.

¹⁹⁷ No original: “I wanted to place my experience of fat activism within historical contexts and needed primary material that is generally hard to find because of a lack of secondary documentation”.

são destruídos em incêndios (naturais ou criminosos), apagando assim as histórias e epistemologias. A autora comenta também que seu livro pretende ser uma forma de acesso e divulgação dos conhecimentos que ela pode conferir durante sua pesquisa.

Na tarefa de enfatizar a importância do arquivo, Charlotte Cooper conta que

Os arquivos se tornaram lugares de refúgio e afirmação para mim. Parecia que eu estava visitando um lugar distante, mas familiar, isso me colocou em contato com vidas passadas, pessoas que eu conhecia vagamente e instâncias passadas do meu próprio ativismo. [...] Senti intensamente que fazia parte de algo maior do que eu, e isso me permitiu pensar no feminismo ativismo gordo como entidades que viajam e se deslocam no espaço e no tempo (Cooper, 2016, p. 51 e 52, tradução minha)¹⁹⁸.

A sensação de pertencimento a uma história, um grupo de pessoas e um bocado de práticas possibilita que nos posicionemos de maneira situada. As lógicas perversas do protagonismo tendem a nos aproximar de termos como pioneirismo, o que, por vezes, pode nos isolar de um contexto de luta atravessado por diversos campos do conhecimento. Na minha prática de dança gorda, tenho cada vez mais me aproximando de trabalhos e artistas que antes não rodeavam minhas referências. É bom saber que sou mais uma entre outras bailarinas gordas que se propõem a discutir seus corpos e problematizar contextos. Vislumbrar essas possíveis pluralidades também me lança a uma continuidade desta pesquisa que pode transitar mais entre criações as quais estou envolvida ou não.

Preocupar-se com os arquivos da militância gorda e da arte gorda é uma forma de fundamentar as nossas [#metodologias e estratégias de peso](#), de [#criticar a norma](#), discutir a [#gordofobia na infância e adolescência](#), consolidar nossos [#conceitos pesados](#), acessar [#dança gorda](#), sistematizar formas de [#acessibilidade e mobilidade](#) e destacar nossa [#coletividade gorda](#).

¹⁹⁸ No original: “The archives became places of refuge and affirmation for me. It felt as though I was visiting a faraway yet familiar place, it put me in touch with past lives, people I knew vaguely and past instances of my own activism. [...] I felt very much that I was part of something bigger than myself, and this enabled me to think of fat feminism and fat activism as entities that travel and shift over space and time”.

saber gordo

[sa-ber gor-do]

substantivo masculino

Conceito elaborado na construção desta tese, que tem como objetivo exaltar a especificidade da vivência gorda, pelo seu repertório corporal de mobilidade e pensamento crítico que permite às pessoas gordas galgarem por seu espaço de convivência dentro de um sistema excludente gordofóbico.

Imagem 24 - *Saber gordo verbete*, 2022. Fonte: elaborado pela autora.

[#conceitos pesados](#)

106kg Pesagem

Escrever esta tese tem sido uma intensa jornada de descoberta. Desde inventar modos de apresentar a discussão antigordofobia por meio de minha prática artística, até construir os espaços para abraçar as experiências mais recentes que tenho tido com *dança gorda* e *arte gorda*. Encaro o caráter artístico-acadêmico de minha pesquisa como precioso; no entanto, articular os deveres artísticos (que acabam envolvendo também questões de produção e não apenas criativas) e os deveres acadêmicos é, por vezes, bem desafiador. No texto *Breves relatos de uma bailarina gorda* (Belchior Santos, 2020a), já mapeava algumas estratégias de organização de tarefas e de acolhimento pessoal para lidar com as demandas do trabalho.

Os atravessamentos que se deram ao longo desses últimos quatro anos estão presentes nesta tese de diversas formas. Em relatos de algumas situações que desencadeiam reflexões presentes na temática gorda, nas proposições visuais que se alinham aos meus interesses por uma escrita artístico-acadêmica e nos mapeamentos de conceitos e teorias que corroboram para o entendimento dos saberes gordos. Assim como a tese também se dá a ver nas ações paralelas que realizei nesse tempo, seja em escritas, ministrando aulas, participando de seminários e palestras ou nas criações artísticas que estive como interlocutora ou bailarina. A própria estrutura fragmentária da tese permitiu que esses eventos se amalgamassem à escrita celebrando a deriva do pesquisar.

Em *Entre narrativas, corpo, gordura e existência: construção de um saber gordo* (2021b), busquei conceituar a noção de saber gordo que permeou toda a experiência desta pesquisa. Foi a partir da escolha da metodologia desta escrita em narrativas que pude perceber a sabedoria singular da experiência gorda. A gordura corporal é parte de nós – não um excesso que precisa ser retirado – logo, o modo como interagimos com o ambiente engendra um saber específico, que leva em consideração nosso tamanho e nossos afetos. A partilha de nossos saberes gordos é também uma forma de consolidar nossa existência no mundo, desviando da norma que está o tempo todo a nos apagar. Afinal nós

Aprendemos com as nossas histórias (ao vivê-las e ao narrá-las) e com as histórias que nos são contadas, seja pela oralidade, pela escrita, pelas falas de uma personagem ou pessoa nos vídeos e filmes, pelas etiquetas e legendas nas publicações na Internet e assim por diante. As histórias se mantêm vivas quando continuamos com esse processo de partilha (Belchior Santos, 2021b, p 06).

Esta tese traz histórias com o objetivo de contribuir na luta antigordofobia evidenciando lógicas excludentes e promovendo ações que desmantelam o entendimento colonial de corpo como propriedade, de gordura como excesso e de saber como algo que está fora de nós. Esta pesagem final avalia os *mais de 100 quilos de vivências e criações* que fazem desta investigação um campo adiposo brutal, sob medida, luxuoso, fracassado, operacional, horroroso, técnico, em manada, em banhança, perguntador, encruzilhado, indignado, celebrado e pesado. Se o peso é um princípio fundamental do movimento, pesar é ação de reflexão ativa, que joga o corpo na tensão da descoberta, da contemplação e da aprendizagem.

[#dança gorda](#)

[#metodologias e estratégias de peso](#)

[#conceitos pesados](#)

[#gordofobia na infância e adolescência](#)

[#criticar a norma](#)

[#acessibilidade e mobilidade](#)

[#coletividade gorda](#)

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngosi. **O perigo da história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- AIRES, Alana Barbosa. **De gorda a plus size**; a moda do tamanho grande. Baurueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019.
- ALVAREZ CASTILLO, Constazx. **La cerda punk**: Ensayos desde un feminismo gordo, lésbiko, antikapitalista & antiespecista. Valparaíso, Chile: Trio Editorial, 2014.
- ANZALDÚA, Gloria. *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*. **Revista estudos feministas**, volume 08, número 1, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>>. Acesso em: 26 ago. 2020.
- Araujo, Taís. "O sentido da representatividade é você se sentir possível", diz Taís Araujo. Canal **Roda Viva**, Youtube, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NDmPYX7YZww&t=14s&ab_channel=RodaViva. Acesso em: 24 fev. 2022.
- ARRUDA, Agnes. *AUTOETNOGRAFIA como método*. **Tamanho Grande**: Youtube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RH5nWfjpYlQ>. Acesso em: 30 jun. 2020.
- ARRUDA, Agnes. **O peso e a mídia**: uma autoetnografia da gordofobia sob o olhar da complexidade. Tese (Doutorado em Comunicação). São Paulo: UNIP, 2019. Disponível em: <http://repositorio.unip.br/wp-content/uploads/tainacan-items/191/26774/com_agnessouzaarruda.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2020.
- BARCHET, Natália. *Você NÃO precisa se aceitar*. Canal **Natália Barchet**, Youtube, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qu2zXZ1-xwY&t=563s>>. Acesso em: 14 set. 2020.
- BARDET, Marie. **A filosofia da dança**: um encontro entre dança e filosofia. Tradução de Regina Schöpke, Mauro Baladi - São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- BELCHIOR SANTOS, Jussara. **Permanências provisórias**: mapas transitórios em experiências de repetição na dança (Dissertação de Mestrado). Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Teatro da UDESC, 2017a. Disponível em: <<http://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000041/00004118.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2020.
- BELCHIOR SANTOS, Jussara. *Enredadas: construções de forças coletivas*. **Portal Catarinas**, 2019a. Disponível em: <<https://catarinas.info/enredadas-construcoes-de-forcas-coletivas/>>. Acesso em: 23 abr. 2020.
- BELCHIOR SANTOS, Jussara. *Viver as contradições*. (Escrito para Orgulhosamente Gordas - Ediciones Inestables, 2017b), publicado em: **Jussara Belchior - Textos**. Disponível em: <<https://www.jussarabelchior.com/aos-meus-inimigos>>. Acesso em: 7 jul. 2020.

BELCHIOR SANTOS, Jussara. (Sem título). **Ebook Mostra Camaleoa**: mulheres escrevendo ocupando e compartilhando. Las Camaleoas, Balneário Camboriú, 2019b. Disponível em: <<https://www.lascamaleoas.com/ebook>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

BELCHIOR SANTOS, Jussara. *Breves relatos de uma bailarina gorda*. **DAPesquisa**, volume 15, Dossiê de Escrita Performativa, 2020a. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/18856>>. Acesso em: 20 out. 2020.

BELCHIOR SANTOS, Jussara. *Manada treme e faz tremer: ações coletivas em arte gorda*. (Org.) Baumgartel, Stephan Arnulf [et al.]. **Ruínas da cena**: intersecções entre imagens políticas e as teses sobre o conceito de história de Walter Benjamin – 1. ed. – Rio de Janeiro: Mórula, 2021a.

BELCHIOR SANTOS, Jussara. *Quem é gorda? Anais do IX Seminário de Pesquisa em Artes Cênicas* – Produção de conhecimento e relações de poder: e a arte com isso?, Florianópolis, 23 a 26 de abril 2019 / Tereza Mara Franzoni et al. (orgs.). – Florianópolis: UDESC, 2020b.

BELCHIOR SANTOS, Jussara. Entre narrativas, corpo, gordura e existência: construção de um saber gordo. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 12, 2021**: Florianópolis – Lugares de fala: direitos, diversidades, afetos: anais eletrônicos / Alessandra Soares Brandão ... [et al.] (org.). – Florianópolis: UFSC, 2021b. Disponível em: https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/fg2020/1612131074_ARQUIVO_8d95e523564c3b58f8c11d5f83224e92.pdf . Acesso em 27 jun. 2022.

BENJAMIN, Walter. *O narrador: sobre a obra de Nikolai Leskov*. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BOURCIER, Paul. **História da Dança no Ocidente**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 19 ago. 2022.

CAMPBELL, Fiona Kumari. Refusing Able(ness): *A Preliminary Conversation about Ableism*. **M/C Journal**, [S. l.], v. 11, n. 3, 2008. DOI: 10.5204/mcj.46. Disponível em: <<https://journal.media-culture.org.au/index.php/mcjjournal/article/view/46>>. Acesso em: 7 jan. 2021.

CHASTAIN, Ragen. *There are two kinds of fat people*. **Blog Dances With Fat**: life, liberty, and the pursuit of happiness are for all sizes, abril de 2014. Disponível em: <<https://danceswithfat.org/2014/04/01/there-are-two-kinds-of-fat-people/>>. Acesso em: 15 mar. 2020.

COLOSSI, Daniela. **Lesbian's Castle Bar - Uma experiência Artística**. Florianópolis, 08 dez. 2017. Facebook: @DanielaColossi. Disponível em: [https://www.facebook.com/events/1972008743062553/?acontext=%7B%22event_action_history%22%3A\[%7B%22mechanism%22%3A%22search_results%22%2C%22surface%22%3A%22search%22%7D\]%7D](https://www.facebook.com/events/1972008743062553/?acontext=%7B%22event_action_history%22%3A[%7B%22mechanism%22%3A%22search_results%22%2C%22surface%22%3A%22search%22%7D]%7D). Acesso em: 02 jun. 2022.

COOPER, Charlotte. **Fat Activist Vernacular**. Edição do Kindle, 2019.

COOPER, Charlotte. **Fat activism: a radical social movement**. Bristol, England: HammerOn Press, 2016.

DASCAL, Miriam. **Eutonia: o saber do corpo**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

DE LUCA, Fábio. *Gordofobia - A minha viagem*. @fabiodelucaa - Instagram, 09/06/2020. Disponível em: <<https://www.instagram.com/fabiodelucaa/channel/?hl=pt-br>>. Acesso em: 15 set. 2020.

DIOGO, Bruna P. P., BELCHIOR SANTOS, Jussara, ROCHA, Taynara Colzani e PUTTI, Thaís O. *Discussões sobre gordofobia a partir das artes cênicas em tempos de pandemia*. **Revista Mais que Amélias** – Gordofobia em tempos de covid-19 & Ativismo(s) gorde(s) desde Abya Yala, União da Vitória, n. 8, p. 04-28, 2021. Disponível em: https://8817bea9-051e-4071-aa02-bb0ea330c83e.filesusr.com/ugd/cafb5_fb2ed02bb3484d9baf521eaa0c60db54.pdf. Acesso em: 10 mar. 2022.

DIOGO, Bruna Puntel Pimenta. **DA OBESIDADE À GORDURA: teatro como caminho de criação de espaços para gordes**. (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Teatro). Florianópolis: Departamento de Artes Cênicas – CEART/UDESC, 2019.

DO CARMO, Anderson Luiz. **Sem título**. Florianópolis, 14 de fevereiro de 2017. Facebook @pesobruuto. Disponível em: <https://www.facebook.com/page/1356428037740702/search/?q=e%20a%20sa%C3%BAde>. Acesso em: 08 jun. 2022.

DO CARMO, Anderson Luiz e BELCHIOR SANTOS, Jussara. *pesar as palavras e estriar as hegemonias: autocuidado e fracasso em duas danças gordas*. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 1, n. 40, p. 1-31, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/19410>. Acesso em: 22 fev. 2022.

DO CARMO, Anderson Luiz e BELCHIOR SANTOS, Jussara. *Premissas para uma encarnação tecnológica / Exemplos de uma pulverização técnica*. XAVIER, Jussara Janninig (Org.). **Grupo Cena 11: dançar é conhecer**. São Paulo: Annablume, 2015.

DRINKWATER, Kelli Jean. *Enough with the fear of fat*. Canal **TEDx Talks**, Youtube, 2016. Disponível em: https://www.ted.com/talks/kelli_jean_drinkwater_enough_with_the_fear_of_fat?language=en. Acesso em 19 de maio de 2022.

FISCHLER, Claude. *La symbolique du gros*. **Persée - Communications: Papure Parure pudeur étiquette**, 46, 1987.

FLORES, Valeria. *Prólogo*. **La cerda punk: Ensayos desde un feminismo gordo, lésbico, antikapitalista & antiespecista**. Valparaíso, Chile: Trio Editorial, 2014.

FORTIN, Sylvie. *Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística*. Tradução de Helena Mello. **Cena n.7** - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas Instituto de Artes Universidade Federal do Rio Grande do Sul:

Porto Alegre, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes; 1987.

FRANCE, Lisa Respers. *Amy Schumer to Glamour: I'm not plus-size*. **CNN entertainment**. S/ local, 06 de Abril de 2016. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2016/04/05/entertainment/amy-schumer-glamour-body-shaming-feat/index.html>. Acesso em 24 de março de 2022.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2020.

HANISH, Carol. *The Personal Is Political*. **Writings by Carol Hanish** [publicado originalmente em *Notes from the Second Year: Women's Liberation*, 1970], 2009. Disponível em: <<http://carolhanisch.org/CHwritings/PIP.html>>. Acesso em: 29 jun. 2020.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. **Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos** (Tese de Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea). Cuiabá: Universidade Federal do Mato Grosso, 2020. Disponível em: <https://documentcloud.adobe.com/link/track?uri=urn%3Aaaid%3Aascds%3AUS%3A56c7b40e-031c-4a3e-ae94-452f721fa4b4#pageNum=3>. Acesso em: 30 jun. 2020.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. *Gordofobia: uma questão de perda de direitos*. **Todas Fridas: Blog**, março de 2018. Disponível em: <<http://www.todasfridas.com.br/2018/03/11/gordofobia-uma-questao-de-perda-de-direitos/>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. *Gordofobia na escola: lute como uma gordinha*. **Todas Fridas: Blog**, setembro de 2019. Disponível em: <<https://www.todasfridas.com.br/2019/09/20/gordofobia-na-escola-lute-como-uma-gordinha/>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. Tradução de Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

LAMM, NOMY. It's a Big Fat Revolution. In: **Listen Up: Voices From The Next Feminist Generation**. Organização: Barbara Findlen. Seal Press, 1995. Disponível em: <<http://tehomet.net/nomy.html>>. Acesso em: 04 nov. 2020.

LIMA, Fatima Costa de. *Poesia Bruta: a dança de Jussara Belchior em meu pensamento como intervenção*. **Opinião/Vozes**, Diário Catarinense: Florianópolis, 6 e 7 de maio de 2017.

LIMA, Fatima Costa de. *Corpus, corpo e corpa: da violência de Goody em Vinegar Tom*. **Revista Urdimento**, número 12, 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/13807-Texto%20do%20artigo-46210-1-10-20180927.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2020.

LIPOVETSKY, Gilles. **Da leveza: rumo a uma civilização sem peso**. Tradução de Idalina Lopes. Barueri, SP: Manole, 2016.

LUXUOSAS FICÇÕES PARA O FRACASSO. Criação e direção: Gabriel Machado, Gustavo Bitencourt, Jussara Belchior, Mari Paula, Princesa Ricardo Marinelli, Ricardo Nolasco e Rubia Romani, Curitiba, 2019.

MARTINS, Gal e Moura, Djalma. *Dança da indignação. A dança da indignação*. São Paulo: Papel Brasil, 2017.

MOMBAÇA, Jota. **Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência!** Oficina de Imaginação Política, São Paulo: Fundação Bial de São Paulo, 2016. Disponível em: <https://issuu.com/amilcarpacker/docs/rumo_a_uma_redistribuicao_a_o_da_vi>. Acesso em: 04 nov. 2020.

MONTEIRO, Marina. *Balé, tradição e ruptura*. PEREIRA, Roberto Pereira e SOTER, Sílvia (Orgs.). **Lições de Dança 1**. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 1998.

MOPP (manuseio operacional de produtos perigosos. Direção de Bruna Puntel, Florianópolis, 2018.

PASHALL, Jules. *thank god i'm fat: gifts from the underbelly*. Johnson, Don (Org.). *Diverse bodies, diverse practices: toward an inclusive somatics*. Berkeley, California: North Atlantic Books, 2018.

PESO BRUTO. Direção e Dança: Jussara Belchior. Florianópolis, 2017.

PUTTI, Thaís Ortigara. **Tem mais de mim aqui dentro**: narrativas de uma atriz gorda sobre o riso na f(r)icção entre o cotidiano e a cena. (Dissertação de Mestrado). Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Teatro da UDESC, 2021. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/00008e/00008e89.pdf>. Acesso em: 22 de março de 2022.

RANGEL, Natália F. de A.. **O ativismo gordo em campo**: política, identidade e construção de significados (Dissertação de Mestrado em Sociologia Política). UFSC: Florianópolis, 2018. Disponível em: <<https://nusec.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Nat%C3%A1lia-F.-A.-Rangel-Disserta%C3%A7%C3%A3o-de-Mestrado-07.10.18.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2020.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

ROCHA, Taynara (Gaia) Colzani. **Ressignificando as banhas**: reflexões sobre a corpa gorda a partir da experiência cênica SOB Medida (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Teatro). Florianópolis: Departamento de Artes Cênicas – CEART/UDESC, 2019. Disponível em: <<http://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/00007c/00007c70.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2020.

ROCHA, Taynara (Gaia) Colzani. **A gordura do ângulo político**: da cena para o debate de mesa, outras narrativas se desenham. (Dissertação de Mestrado). Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Teatro da UDESC, 2021. Disponível em: <<https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/00008b/00008b87.pdf>>, Acesso em: 14 fev 2022.

SABER DE MELLO, I.; AGUIAR, F. M. de; BELCHIOR SANTOS, J.; PEDROSO DE OLIVEIRA, L.; BITENCOURT, M. A. L. de; FRANZONI, T. *O que é escrita performativa?*. **DAPesquisa**, [S. l.], v. 15, n. esp., p. 01-24, 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/17922>>. Acesso em: 7 jan. 2021.

SANTIAGO, Spartakus. *Pantera Negra, Thiago Leifert e Representatividade*. Canal **spartakus**, Youtube, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AmvCdX4vvps&ab_channel=spartakus. Acesso em 24 fev. 2022.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Nada sobre nós, sem nós: Da integração à inclusão – Parte 2. **Revista Nacional de Reabilitação**, ano X, n. 58, set./out. 2007, p.20-30.

SOB MEDIDA. Direção: Gaia Colzani. Florianópolis, 2017.

SPINELLI, Miro. **Gordura Trans**. Sem local, 2014 – 2018. Website Miro Spinelli. Disponível em: <https://www.mirospinelli.com/gordura-trans-trans-fat>. Acesso em: 27 jun. 2022.

SPINELLI, Miro; NOLASCO, Ricardo. *Culpas, excessos, regulações e incômodos*. **Gordura Trans**, dezembro, 2014. Disponível em: <https://gordura-trans.tumblr.com/>. Acesso em 22 jun. 2022.

STRINGS, Sabrina. **Fearing the black body**: the racial origins of fat phobia. New York: New York University Press, 2019.

¡T.R.A! (trabalho remoto adiposo [ou] técnicas para retardar a antecipação). Dança e concepção: Jussara Belchior e Anderson do Carmo. Florianópolis, 2021.

VIANNA, Klauss. **A dança**. Em colaboração com Marco Antonio de Carvalho, São Paulo: Summus, 2005.

VIEIRA, Helena. *Protagonismo sem Máscaras*. Canal **TEDx Talks**, Youtube, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qBQMnwfnjIE&t=146s&ab_channel=TEDxTalks>. Acesso em: 23 fev. 2022.

VIEIRA, Helena. *Sobre lugar de fala*. Canal **Pausa para o Fim do Mundo**, Youtube, 2021a. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=t1uyvY0um_U&ab_channel=PausaParaoFimdoMundo. Acesso em 24 fev. 2022.

VIEIRA, Helena. *O diálogo anda impossível?* Canal **Pausa para o Fim do Mundo**, Youtube, 2021b. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yG5qehbmMBQ&ab_channel=PausaParaoFimdoMundo. |Acesso em 20 jun. 2022.